

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LUAN GABRIEL DE OLIVEIRA GARCIA

ENTRE A CONTINUIDADE E A DIVERSIDADE:
O regionalismo cultural presente na cerâmica plástica Guarani em Itapiranga, Santa
Catarina

São Leopoldo
2022

LUAN GABRIEL DE OLIVEIRA GARCIA

ENTRE A CONTINUIDADE E A DIVERSIDADE:

**O regionalismo cultural presente na cerâmica plástica Guarani em Itapiranga, Santa
Catarina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História, pelo Curso de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge

São Leopoldo

2022

Dedico este trabalho à minha mãe, Marisa de Oliveira Garcia, por ser minha guia durante toda a caminhada; e ao meu pai, Cidinei Rodrigues Garcia, por ser meu exemplo de resiliência. A eles devo a base que sempre me possibilitou alcançar voos maiores.

AGRADECIMENTOS

Cada pessoa com as quais conversei, cada grupo em que convivi, cada local pelos quais andei... muitos foram os indivíduos que tiveram influência crucial na minha formação como cidadão e historiador. Logo, difícil torna-se a tarefa de, a partir de algumas palavras, realizar os devidos agradecimentos.

Inicialmente, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge, por toda a atenção disponibilizada, dicas compartilhadas, referenciais indicados e conversas realizadas. Mesmo em tempos pandêmicos, sempre se mostrou disponível e aberto para provocar novas possibilidades de pesquisa. Em suma, por partilhar o horizonte da diversidade e pluralidade das populações pré-coloniais e que nosso passado possui muitas indagações a serem respondidas.

Aos integrantes do Instituto Anchieta de Pesquisas. Sou extremamente grato pela acolhida e suporte prestados desde o início de minha trajetória como bolsista da instituição. Em especial, ao Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz que, a fim de me aproximar da arqueologia e do conhecimento produzido acerca das populações indígenas, indicou uma série de publicações, livros e artigos que deram sustentação aos meus estudos.

Aos professores e professoras do curso de graduação em História da Unisinos. A todos, meus sinceros agradecimentos por mostrar o poder crítico, transformador, social e contra-hegemônico das humanidades. Sobretudo, por dividir o carinho que possuem com a História. Sinto que, atualmente, posso passar adiante essa paixão.

Aos meus amigos... tão diferentes, muitas vezes contraditórios, e de diferentes épocas. Embora há muito não fale com alguns, agradeço por fazerem parte de minha trajetória e por deixarem inúmeros sorrisos em meu rosto.

À escola Clodomir Vianna Moog por ser o primeiro espaço de socialização que frequentei. Aos professores por mostrar o poder da educação e, independentemente das condições estruturais, proporcionar a melhor base possível.

À Fundação Liberato por mostrar o poder da pesquisa, que há um mundo a ser explorado e que nossa sociedade é diversa culturalmente, socialmente e economicamente.

À minha família por toda a estrutura disponibilizada. Aos meus pais, Marisa de Oliveira Garcia e Cidinei Rodrigues Garcia, pelo afeto, amor, companheirismo e tempo de vida oferecido. Agradeço, imensamente, por sempre me incentivarem a seguir estudando, independentemente do caminho a ser trilhado. Sei que as oportunidades que tive, poucos tiveram. Agradeço por tudo, sempre.

*“Se hacen eternas cuando las quieren
Y siempre viven y nunca mueren
Cuando se duermen son indefensas y se despiertan cuando las piensas
Si las atacan y las defienden
Las más valiosas nunca se venden
Alcanzan todo lo que deseas
Así de grande son las ideas”*

Así de grandes son las ideas - Calle 13

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal verificar a presença de possíveis regionalismos culturais existentes na cerâmica plástica Guarani pertencentes à Coleção Itapiranga, oriunda da região sudoeste de Santa Catarina. Para isso, realizamos diálogos com os conceitos de tradição cerâmica Tupiguarani e cerâmica Guarani. Consagrado durante a década de 1960, consolidou-se, no cenário nacional de pesquisas arqueológicas, o conceito de Tradição cerâmica, entendido pela permanência temporal de determinadas técnicas e padrões normativos. Essa concepção, com o passar dos anos, passou por grandes divergências quanto à sua utilização e aplicação; autores como Francisco Silva Noelli (1993), enfatizaram a existência de uma *prescritividade* cultural no que tange às sociedades guaranis; em contrapartida, André Luis Ramos Soares (1997) discorre sobre a existência de um *ethos guarani* demarcado por relativa diversidade, sendo os vestígios materiais caracterizados por maior *performatividade*. Partindo desse pressuposto, propomos a aplicação do conceito de *Regionalismo Cultural*, compreendido pela valorização das particularidades culturais e sociais de determinados grupos, durante a análise dos fragmentos cerâmicos. A fim de alcançarmos o objetivo proposto, efetuamos, inicialmente, o levantamento bibliográfico exaustivo sobre a produção de conhecimento arqueológico, visando a compreensão dos aspectos normativos, morfológicos e funcionais da tradição arqueológica Tupiguarani e o debate acerca dos conceitos de tradição cerâmica e regionalismos culturais. Em posse das possibilidades de diálogo entre os termos, realizamos a análise e comparação de fragmentos cerâmicos pertencentes à Coleção Itapiranga em relação aos vestígios do sítio RS-LN-64, ambos salvaguardados na Reserva Técnica do Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS. Com esse estudo, esperamos expandir as possibilidades para a construção de um modelo arqueológico de ocupação regional dos grupos portadores da cerâmica guarani a partir de uma perspectiva que vise não apenas aprofundar as persistências culturais, mas, também, focalizar na variabilidade de seus aspectos morfológicos e acabamentos estéticos.

Palavras-chave: arqueologia; regionalismo cultural; tradição Tupiguarani; cerâmica Guarani; Santa Catarina;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A ocupação do território brasileiro conforme a ocorrência da tradição Tupiguarani	31
Figura 2 – As rotas de dispersão das populações da Família Tupi-Guarani.....	36
Figura 3 – Área de ocorrência dos conjuntos cerâmicos	40
Figura 4 – Partes integrantes da cerâmica	41
Figura 5 – Classes da cerâmica Guarani.....	46
Figura 6 - Setores e quadrículas do Sítio RS-LN-64 – Lagoa dos Índios	61
Figura 7 – Localização da origem dos objetos de análise	62
Figura 8 – Procedimento de verificação dos parâmetros métricos.....	67
Figura 9 – Variações das bordas.....	71
Figura 10 – Bordas classificadas como Grupo 1 – Coleção Itapiranga.....	96
Figura 11 – Grupo 1: reconstituição gráfica da borda 04 – Coleção Itapiranga.....	97
Figura 12 - Bordas classificadas como Grupo 2 – Coleção Itapiranga	98
Figura 13 - Grupo 2: reconstituição gráfica da borda 06 – Coleção Itapiranga	99
Figura 14 - Bordas classificadas como Grupo 3 – Coleção Itapiranga	100
Figura 15 - Grupo 3: reconstituição gráfica da borda 78 – Coleção Itapiranga	101
Figura 16 – Borda classificada como Grupo 05 – Coleção Itapiranga.....	102
Figura 17 - Borda classificada como Grupo 09 – Coleção Itapiranga.....	102
Figura 18 – Borda classificada como Grupo 10 – Coleção Itapiranga.....	103
Figura 19 – Bordas classificadas como Grupo 13 – Coleção Itapiranga.....	104
Figura 20 - Grupo 13: reconstituição gráfica da borda 01 – Coleção Itapiranga	105
Figura 21 – Borda classificada como Grupo P1 – Coleção Itapiranga.....	105
Figura 22 – Borda classificada como Grupo P2 – Coleção Itapiranga.....	106
Figura 23 – Borda classificada como Grupo P8 – Coleção Itapiranga.....	106
Figura 24 – Borda classificada como Grupo P9 – Coleção Itapiranga.....	107
Figura 25 – Bordas classificadas como Grupo 1 – RS-LN-64	127
Figura 26 – Grupo 1: reconstituição gráfica da borda 223 – RS-LN-64.....	128
Figura 27 – Bordas classificadas como Grupo 02 – RS-LN-64	129
Figura 28 – Grupo 02: reconstituição gráfica de borda 222 – RS-LN-64.....	130
Figura 29 – Bordas classificadas como Grupo 03 – RS-LN-64	131
Figura 30 – Grupo 03: reconstituição gráfica da borda 218 – RS-LN-64.....	132
Figura 31 – Bordas classificadas como Grupo 04 – RS-LN-64	133

Figura 32 – Grupo 04: reconstituição da borda 183 – RS-LN-64	134
Figura 33 – Bordas classificadas como Grupo 05 – RS-LN-64	136
Figura 34 – Grupo 05 – reconstituição gráfica da borda 05 – RS-LN-64	136
Figura 35 – Bordas classificadas como Grupo 07 – RS-LN-64	137
Figura 36 – Grupo 7: reconstituição gráfica da borda 193 – RS-LN-64	138
Figura 37 – Borda classificada como Grupo 10 – RS-LN-64	139
Figura 38 - Borda classificada como Grupo 11 – RS-LN-64	139
Figura 39 - Borda classificada como Grupo 12 – RS-LN-64	140
Figura 40 – Bordas classificadas como Grupo 13 – RS-LN-64	141
Figura 41 – Grupo 13: reconstituição gráfica da borda 131 – RS-LN-64	141
Figura 42 – Borda classificada como Grupo P1 – RS-LN-64	142

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Acabamento de superfície plástico	42
Fotografia 2 – Acabamento de superfície pintado	44
Fotografia 3 – Separação de fragmentos cerâmicos – Caixa pertencente à Coleção Itapiranga	64
Fotografia 4 - Separação de fragmentos cerâmicos – Caixa pertencente à Coleção Itapiranga	65
Fotografia 5 – Separação de fragmentos cerâmicos – Caixas pertencentes ao sítio RS-LN-64	65
Fotografia 6 – Fragmento cerâmico com expressão decorativa ungulada.....	68
Fotografia 7 – Fragmento cerâmico com expressão decorativa corrugada	69
Fotografia 8 - Fragmento cerâmico com expressão decorativa corrugada-ungulada.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Acabamentos de superfície – Coleção Itapiranga	76
Gráfico 2 – Expressões decorativas em relação ao acabamento plástico – Coleção Itapiranga	77
Gráfico 3 - Expressões decorativas presentes na superfície externa em relação ao acabamento misto – Coleção Itapiranga	77
Gráfico 4 – Decoração mista - Itapiranga.....	78
Gráfico 5 – Expressões decorativas – Coleção Itapiranga	79
Gráfico 6 – Diâmetros das bordas – Coleção Itapiranga.....	79
Gráfico 7 – Diâmetros em relação aos acabamentos de superfície – Coleção Itapiranga	80
Gráfico 8 – Diâmetro médio – Coleção Itapiranga.....	80
Gráfico 9 – Diâmetro médio em relação às expressões decorativas – Coleção Itapiranga	81
Gráfico 10 – Diâmetro médio em relação às bordas com decoração mista - Itapiranga	82
Gráfico 11 – Espessura máxima média (cm) – Coleção Itapiranga	82
Gráfico 12 – Espessura máxima média em relação às expressões decorativas – Coleção Itapiranga.....	83
Gráfico 13 – Espessura máxima média em relação aos fragmentos com acabamento misto – Coleção Itapiranga.....	84
Gráfico 14 – Lábios – Coleção Itapiranga.....	85
Gráfico 15 – Lábios em relação aos acabamentos de superfície – Coleção Itapiranga.....	85
Gráfico 16 – Lábios em relação às expressões decorativas – Coleção Itapiranga	86
Gráfico 17 – Lábios em relação ao acabamento misto – Coleção Itapiranga.....	86
Gráfico 18 – Variações de diâmetros em relação aos lábios – Coleção Itapiranga.....	87
Gráfico 19 – Lábios em relação às espessuras máximas média das paredes – Coleção Itapiranga.....	87
Gráfico 20 – Grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.....	88
Gráfico 21 – Acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos - Coleção Itapiranga.....	89
Gráfico 22 – Expressões decorativas em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga	89
Gráfico 23 – Decoração interna em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.....	90
Gráfico 24 – Diâmetro médio em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.....	91
Gráfico 25 – Diâmetros médios de acordo com os acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.....	91

Gráfico 26 – Espessura máxima média em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga	92
Gráfico 27 – Espessura máxima média de acordo com os acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.....	92
Gráfico 28 – Lábios em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.....	93
Gráfico 29 – Diâmetros médios de acordo com os lábios em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.....	93
Gráfico 30 – Espessuras máximas média de acordo com os lábios em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.....	94
Gráfico 31 – Acabamento de superfície – Sítio RS-LN-64.....	108
Gráfico 32 – Expressões decorativas em relação ao acabamento plástico – Sítio RS-LN-64	108
Gráfico 33 – Expressões decorativas presentes na superfície externa em relação ao acabamento misto – Sítio RS-LN-64.....	109
Gráfico 34 – Decoração mista – Sítio RS-LN-64.....	110
Gráfico 35 – Expressões decorativas – Sítio RS-LN-64	110
Gráfico 36 – Diâmetros das bordas – Sítio RS-LN-64.....	111
Gráfico 37 – Diâmetros em relação aos acabamentos de superfície – Sítio RS-LN-64.....	112
Gráfico 38 – Diâmetro médio – Sítio RS-LN-64	112
Gráfico 39 – Diâmetros médios em relação às expressões decorativas – RS-LN-64.....	113
Gráfico 40 – Diâmetro médio em relação aos fragmentos com decoração mista – RS-LN-64	113
Gráfico 41 – Espessura máxima média (cm) – RS-LN-64.....	114
Gráfico 42 – Espessura máxima média em relação às expressões decorativas – RS-LN-64 .	115
Gráfico 43 – Espessura máxima média em relação aos fragmentos com acabamento misto – RS-LN-64	115
Gráfico 44 – Lábios – RS-LN-64	116
Gráfico 45 – Lábios em relação aos acabamentos de superfície – RS-LN-64	117
Gráfico 46 – Lábios em relação às expressões decorativas – RS-LN-64.....	117
Gráfico 47 – Lábios em relação ao acabamento misto – RS-LN-64.....	118
Gráfico 48 – Variações de diâmetros em relação aos lábios – RS-LN-64	118
Gráfico 49 – Lábios em relação às espessuras máximas média das paredes – RS-LN-64.....	119
Gráfico 50 – Grupos cerâmicos – RS-LN-64	120
Gráfico 51 – Acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64.....	120
Gráfico 52 – Expressões decorativas em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64.....	121

Gráfico 53 – Decoração interna em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64	121
Gráfico 54 – Diâmetro médio em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64	122
Gráfico 55 – Diâmetros médios de acordo com os acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64	123
Gráfico 56 – Espessura máxima média em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64.....	123
Gráfico 57 – Espessura máxima média de acordo com os acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64	124
Gráfico 58 – Lábios em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64	124
Gráfico 59 – Diâmetros médios de acordo com lábio em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64	125
Gráfico 60 – Espessuras máximas média de acordo com os lábios em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64.	125
Gráfico 61 – Acabamentos de superfície relativos aos contextos arqueológicos.....	144
Gráfico 62 - Expressões decorativas relativas aos contextos arqueológicos.....	145
Gráfico 63 – Diâmetros médios relativos aos contextos arqueológicos.....	146
Gráfico 64 – Comparação das expressões decorativas relativa aos acabamentos mistos	147
Gráfico 65 – Comparação dos diâmetros relativos às expressões decorativas.....	148
Gráfico 66 – Comparações da variação do diâmetro em relação aos grupos cerâmicos.....	148
Gráfico 67 – Expressões decorativas relativas aos modelos cerâmicos – Coleção Itapiranga	149
Gráfico 68 – Expressões decorativas relativas aos modelos cerâmicos – RS-LN-64	149
Gráfico 69 – Comparações da decoração interna em relação aos grupos cerâmicos	151
Gráfico 70 – Lábios relativos aos contextos arqueológicos	151
Gráfico 71 – Dimensões dos lábios relativos aos contextos arqueológicos	152
Gráfico 72 – Comparações das variações de lábios relativas aos grupos cerâmicos	152
Gráfico 73 – Percentual de bordas com reforço externo – Grupos 01, 03 e 13.....	153

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Expressões decorativas das cerâmicas com decoração plástica	43
--	----

LISTA DE SIGLAS

IAP	Instituto Anchietano de Pesquisas
Pronapa	Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 POR UMA ARQUEOLOGIA GUARANI	23
2.1 Os passos iniciais da Arqueologia no Brasil.....	23
2.2 PRONAPA: bases teórico-metodológicas do programa.....	26
2.3 As rotas migratórias pronapianas: o uso de conceitos histórico-culturalistas na compreensão do povoamento do território brasileiro	30
2.4 Velhos vestígios, novas análises: as cerâmicas Guarani e Tupinambá.....	32
2.4.1 Revisando as antigas postulações: a problemática noção da tradição cerâmica tupiguarani	34
2.4.2 Percursos e trajetórias da população Tupi: uma atualização dos grandes modelos explicativos.....	37
2.5 Cerâmica Guarani: características, discussões e possibilidades	40
2.5.1 O acabamento de superfície das cerâmicas Guarani	41
2.5.2 A morfologia da cerâmica Guarani	45
2.5.2.1 Diferentes formas, distintos usos: as classes da cerâmica Guarani	47
2.6 O regionalismo cultural e a cerâmica Guarani.....	49
2.6.1 Francisco Noelli e o caráter prescritivo da cultura Guarani	49
2.6.1.1 A organização social e territorial Guarani	51
2.6.2 O ethos guarani e as parcialidades culturais	52
2.6.3 A cultura material e a noção de regionalismo cultural	55
3 CONHECENDO AS FONTES: UM OLHAR INICIAL AOS FRAGMENTOS	57
3.1 Coleção Itapiranga: informações, localização e características	57
3.1.1 A Coleção Itapiranga e a produção acadêmica.....	58
3.2 Sítio RS-LN-64: informações, localização e características.....	60
3.2.1 O sítio RS-LN-64 – Lagoa do Índio e a produção acadêmica.....	61
4 ANALISANDO A CERÂMICA GUARANI: ENTRE PADRÕES NORMATIVOS E SINGULARIDADES.....	63
4.1 Sobre a metodologia aplicada.....	63
4.1.1 Separação dos testemunhos cerâmicos com elementos mínimos para análise.....	63
4.1.2 Desenho das bordas cerâmicas	65
4.1.3 Verificação dos parâmetros métricos, estéticos e morfológicos.....	66
4.1.3.1 Parâmetros métricos	66

4.1.3.2 Parâmetros estéticos	67
4.1.3.3 Parâmetros morfológicos	70
4.1.4 Alimentação de planilha com as especificidades dos fragmentos	73
4.1.5 Transferência das bordas desenhadas para meios digitais e reconstituição gráfica dos grupos cerâmicos encontrados	75
4.2 Coleção Itapiranga: análise dos fragmentos	75
4.2.1 Parâmetros estéticos dos fragmentos cerâmicos pertencentes à Coleção Itapiranga.....	75
4.2.2 Parâmetros métricos dos fragmentos cerâmicos pertencentes à Coleção Itapiranga.....	79
4.2.3 Parâmetros morfológicos dos fragmentos cerâmicos pertencentes à Coleção Itapiranga.....	84
4.2.3.1 Grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga	88
4.2.3.1.1 Grupo 01 – Coleção Itapiranga.....	94
4.2.3.1.2 Grupo 02 – Coleção Itapiranga.....	97
4.2.3.1.3 Grupo 03 – Coleção Itapiranga.....	99
4.2.3.1.4 Grupo 05 – Coleção Itapiranga.....	101
4.2.3.1.5 Grupo 09 – Coleção Itapiranga.....	102
4.2.3.1.6 Grupo 10 – Coleção Itapiranga.....	102
4.2.3.1.7 Grupo 13 – Coleção Itapiranga.....	103
4.2.3.1.8 Grupo P1 – Coleção Itapiranga	105
4.2.3.1.9 Grupo P2 – Coleção Itapiranga	106
4.2.3.1.10 Grupo P8 – Coleção Itapiranga	106
4.2.3.1.11 Grupo P9 – Coleção Itapiranga	107
4.3 Sítio RS-LN-64: análise dos fragmentos.....	107
4.3.1 Parâmetros estéticos dos fragmentos cerâmicos pertencentes ao sítio RS-LN-64	107
4.3.2 Parâmetros métricos dos fragmentos pertencentes ao sítio RS-LN-64	111
4.3.3 Parâmetros morfológicos dos fragmentos cerâmicos pertencentes ao sítio RS-LN-64.....	116
4.3.3.1 Grupos cerâmicos – sítio RS-LN-64	119
4.2.3.1.1 Grupo 01 – RS-LN-64	126
4.2.3.1.2 Grupo 02 – RS-LN-64	128
4.2.3.1.3 Grupo 03 – RS-LN-64	130
4.2.3.1.4 Grupo 04 – RS-LN-64	133
4.2.3.1.5 Grupo 05 – RS-LN-64	135
4.2.3.1.6 Grupo 07 – RS-LN-64	137
4.2.3.1.7 Grupo 10 – RS-LN-64	138
4.2.3.1.8 Grupo 11 – RS-LN-64	139

4.2.3.1.9 Grupo 12 – RS-LN-64	139
4.2.3.1.10 Grupo 13 – RS-LN-64	140
4.2.3.1.11 Grupo P1 – RS-LN-64.....	142
4.4 Buscando os regionalismos culturais: possibilidades e discussão dos resultados	142
4.4.1 Cerâmica Guarani: diferentes cenários, muitos padrões, algumas rupturas	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
FONTES	158
REFERÊNCIAS	159
APÊNDICE A – PLANILHA COM AS ESPECIFICIDADES MÉTRICAS, ESTÉTICAS E MORFOLÓGICAS DOS FRAGMENTOS CERÂMICOS	163
APÊNDICE B – DESENHO DAS BORDAS ORIUNDAS DA COLEÇÃO ITAPIRANGA	166
APÊNDICE C – DESENHO DAS BORDAS ORIUNDAS DO SÍTIO RS-LN-64	172
ANEXO A – FICHA DE REGISTRO DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO RS-LN-64	194

1 INTRODUÇÃO

A arqueologia brasileira esteve, até meados da década de 1960, dispersa e incipiente, haja vista o baixo grau de profissionalização, a ausência de uma padronização de modelos teórico-metodológicos, a falta de uma rede de discussões e compartilhamento de pesquisas e a predominância de trabalhos pouco expressivos para o desenvolvimento da ciência na academia brasileira. Esse cenário passaria por importante alteração entre os anos de 1965 e 1970, pois, pela primeira vez, haveria a implementação de um projeto de pesquisas arqueológicas em âmbito nacional. Chamado de Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa), o projeto contou com o apoio de importantes instituições de amparo às pesquisas, além da participação de destacados profissionais de uma emergente arqueologia nacional (MARANCA, 2007). Coordenado pelos americanos Betty Jane Meggers (1921-2012) e Clifford Evans (1920-1981), o programa possuía arrojados objetivos: classificar as diversas indústrias cerâmicas, estabelecer cronologias relativas, determinar as possíveis rotas de dispersão e migração das populações pré-coloniais a partir da análise das culturas materiais (NOELLI, 1993, p. 37), compreender as dinâmicas do povoamento do território brasileiro e mapear a distribuição das populações pré-coloniais (PROUS, 1992, p. 6).

A fim de alcançar os objetivos propostos, os pesquisadores visaram o levantamento exaustivo de estruturas arqueológicas, dando preferência à coleta de vestígios e prospecção de sítios localizados nas proximidades dos cursos de rios. Em laboratório, as análises enfatizavam a descrição e classificação das decorações dos fragmentos cerâmicos. Dessa forma, o estabelecimento de normas técnicas, da padronização de metodologias e da uniformização dos termos técnicos (CHMYZ, 1976) tornaram-se fundamentais para o diálogo entre os pesquisadores. Portanto, muitas foram as benesses do Pronapa para o cenário da arqueologia nacional, uma vez que fomentou a profissionalização de arqueólogos, formou uma geração de novos pesquisadores, impulsionou o debate e a divulgação de trabalhos entre os pares, auxiliou na homogeneização de métodos de prospecção e de análise de fragmentos cerâmicos, catalogou, mapeou e datou sítios arqueológicos e, finalmente, deu margem à criação de hipóteses sobre as possíveis rotas de migração das antigas populações.

O programa teve seu objetivo inicial alcançado, visto que, em poucos anos, muitas foram as publicações. Contudo, novas necessidades foram surgindo aos pesquisadores: com o propósito de melhor dialogar e divulgar os resultados, fazia-se necessário uniformizar as terminologias empregadas. Dessa forma, cristalizou-se importantes convenções terminológicas utilizadas pelos arqueólogos. Entre os conceitos, ganha destaque as noções de

tradição e *fase*, a primeira concebida por um “grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal” (CHMYZ, 1976, p. 145), já a segunda compreendida por “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios” (CHMYZ, 1976, p. 131). Resumidamente, é possível conceber tais noções como “*caixas homogeneizadoras*”, visto que aproximavam diferentes vestígios, de distintas estruturas arqueológicas e temporalidades, em iguais *tradições* ou *fases*, haja vista a predileção dos *pronapianos*¹ às análises voltadas para as semelhanças das características físicas e estéticas dos vestígios materiais. Uma dessas “*caixas homogeneizadoras*” consagradas pelo Pronapa foi a tradição Tupiguarani, definida como

Uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedras polida, e, pelo uso de tembetás (CHMYZ, 1976, p. 146).

Passados alguns anos, novos debates surgiram no âmbito da arqueologia brasileira. José Joaquim Justiniano Proenza Brochado (1980), constatando uma grande abrangência dada à definição da tradição cerâmica Tupiguarani, sugeriu, levando em consideração marcantes aspectos da decoração externa dos vasilhames, sua divisão em subtradições: a *Pintada*, caracterizada pelo predomínio do tratamento de superfície pintado a partir das colorações preta e vermelha sobre um engobo branco, sendo predominante nas estruturas arqueológicas localizadas no nordeste e sudeste do território brasileiro; a *subtradição corrugada*, assinalada pela aplicação da técnica decorativa corrugada, caracterizada pela *expressão decorativa* da dobra, resultado da união externa de roletes², sendo corriqueira no Brasil meridional; por último, a *subtradição escovada*, com a presença de múltiplos sulcos visíveis, com datas cronológicas mais recentes que remontariam ao início do processo de influência europeia na forma de decorar as cerâmicas indígenas (BROCHADO *et al.*, 1969, 20-23). Como percebe-se, a construção dessas *caixas homogeneizantes* estava intrinsecamente relacionada à homogeneidade dos padrões normativos das indústrias cerâmicas, relegando ao esquecimento a compreensão daqueles que os produziram, assim como das funcionalidades e usos dos vasilhames.

A partir do contato com diferentes aportes teóricos-metodológicos, Brochado acabaria por rever suas antigas postulações. Almejando alcançar uma abordagem mais ampla, indo

¹ Como “pronapianos”, entendemos aqueles pesquisadores que utilizaram os referenciais teórico-metodológicos do Pronapa.

² Cordéis de argila (BROCHADO & LA SALVIA, 1989, p. 11).

além da análise e classificação dos fragmentos cerâmicos e de suas temporalidades, implementaria, nos trabalhos arqueológicos, referenciais históricos, linguísticos, antropológicos, etnográficos e biológicos, ou seja, ultrapassando a “simples” classificação de fragmentos cerâmicos. Assim sendo, verificou incongruências nas propostas *pronapianas* relacionadas à dispersão das populações relacionadas à tradição Tupiguarani, visto que

[...] o que impropriamente se descreve como “Tradição Tupiguarani” são na realidade duas extensões distintas da Tradição Policrômica Amazônica no leste da América do Sul e, portanto, deve ser dividida em duas subtradições que representam as cerâmicas produzidas por dois grupos distintos – os Guarani e os Tupinambá – os quais tiveram histórias totalmente separadas durante os últimos dois mil anos (BROCHADO, 1991, p. 85).

Ou seja, embora com elementos normativos semelhantes, a tradição Tupiguarani englobaria vestígios cerâmicos de diferentes populações, com distintas temporalidades e historicidades.

Desse modo, entrava em cena os estudos voltados ao caráter regional das culturas materiais, caso da *cerâmica Guarani*, distinta por suas decorações externas, expressões decorativas, dimensões, morfologias, funcionalidades e usos (panelas para cozinhar, caçarolas para cozinhar, pratos para assar, jarras para armazenar bebidas, pratos para comer e tigelas para beber) (BROCHADO & MONTICELLI, 1994; BROCHADO, 1980; BROCHADO, 1989; BROCHADO & LA SALVIA, 1989; NEUMANN, 2011; DIAS, 2012; DIAS, 2008). O redirecionamento dos estudos relacionados aos testemunhos arqueológicos seria acompanhado de uma série de pesquisas focalizadas nos grupos portadores dessas culturas materiais, expandindo as possibilidades de análise das estruturas arqueológicas a fim de melhor compreender os modos de vida das antigas populações.

Em trabalho que visava o diálogo entre a cultura material, domínio territorial e a subsistência dos grupos portadores da tradição Guarani, Francisco Silva Noelli (1993), citando o antropólogo estadunidense, Marshall David Sahlins (1990, p. 13), caracterizou a sociedade Guarani como altamente *prescritiva*, dado a reprodução, uniformidade e permanência de comportamentos nos últimos milhares de anos (NOELLI, 1993, p. 4). Segundo o autor, os Guarani históricos seguiriam rigidamente tradições e costumes, o que minimizaria, por exemplo, as possibilidades de inovações tecnológicas, estéticas e morfológicas em suas cerâmicas. Para Noelli, a cultura material só teria sofrido grandes “desestruturações e ressignificações” (1993, p. 18) a partir do contato com os europeus. Tal hipótese seria corroborada, principalmente, pelas datações radiocarbônicas, as quais mostravam a semelhança de vasilhames cerâmicos distantes temporalmente.

Indo de encontro a afirmação proposta por Noelli (1993), temos a dissertação de André Luís Ramos Soares (1997). Em pesquisa que almejava o aprofundamento dos estudos do sistema de parentesco dos Guaranis pré-cabralianos, Soares comenta que a cultura material característica dos Guaranis “pode apontar para uma sociedade não tão prescritiva materialmente, mas mantenedora de um ethos”, sendo os vestígios materiais “mais performativos” (1997, p. 08). Segundo Sahlins, uma *sociedade performativa* seria aquela que “tende a assimilar as circunstâncias contingentes” (1990, p. 11), ou seja, com maior protagonismo de ação dos sujeitos em relação às ordens e regras delimitadas por determinados grupos (SAHLINS, 1990, p. 47):

Os diferentes ambientes ocupados pelos Guaranis ao longo do tempo, bem como os diversos grupos aos quais se miscigenaram podem tê-los feito assimilar diversas características exógenas que provavelmente determinaram a existência das distintas parcialidades no período pré-contato (SOARES, 1997, p. 08).

Os estudos de Soares (1997) fomentariam o interesse de pesquisadores em aprofundar as análises dos vestígios cerâmicos, visando e reconhecendo sua variedade estilística, morfológica, funcional e social. Flexibilizava-se, assim, as amarras dos conceitos generalizantes consagrados pela Pronapa.

Merece destaque os trabalhos de Kelly de Oliveira (2008) e Silvana Zuse (2009). Para as autoras, as parcialidades étnicas dos Guaranis do Brasil meridional poderiam ser evidenciadas a partir da comparação tecnológica e estética dos vestígios materiais de diferentes contextos arqueológicos. Enquanto Oliveira (2008) se atém aos motivos decorativos presentes nas cerâmicas de tratamento de superfície pintado, analisando e comparando os motivos de três coleções distintas; Zuse (2009) parte do princípio de que os regionalismos estariam visíveis a partir da análise da cadeia operária, resultando variações de matérias-primas utilizadas e técnicas de confecção dos vasilhames. Dessa forma, as distinções encontradas representariam as singularidades identitárias de determinado grupo, bem como de sua região. Conforme descreve Oliveira:

Os regionalismos culturais seriam um modo encontrado, dentro dos padrões normativos da cultura, de um grupo se diferenciar de outro enquanto parcialidade étnica. Entretanto, apesar dessa parcialidade, ele continua se considerando pertencente e se autoreconhecendo como membro de uma mesma tradição cultural (2008, p. 19).

Diante do cenário descrito e partindo do pressuposto estabelecido por André Luís Ramos Soares (1997) que, durante o processo de dispersão, expansão e colonização dos

grupos portadores da tradição cerâmica guarani no Brasil meridional, ocorreu a assimilação e “*guaranização*” de diferentes grupos étnicos e, com isso, a incorporação de um *ethos*, um modo de ser tipicamente Guarani por parte dos últimos, e considerando que esses contatos foram permeados por diferentes fatores sociais, culturais, materiais e tecnológicos, seria possível afirmar que essas influências acarretaram quebras do modo normativo da tradição cerâmica guarani?

A fim de responder tal problemática, o presente trabalho tem como objetivo verificar os possíveis *regionalismos culturais* existentes na cerâmica plástica Guarani pertencente à Coleção Itapiranga, oriunda da região sudoeste de Santa Catarina. Para isso, a metodologia aplicada na pesquisa será dividida em duas diferentes etapas: a primeira, caracterizada pelo levantamento bibliográfico exaustivo a respeito da produção de conhecimento arqueológico referente à Tradição Tupiguarani e à Cerâmica Guarani; e, a segunda, alusiva à análise e comparação dos acabamentos de superfície, expressões decorativas, parâmetros estéticos e aspectos morfológicos de vestígios pertencentes à Coleção Itapiranga em relação aos vestígios do sítio RS-LN-64, localizado no Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul, ambos salvaguardados na Reserva Técnica do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), localizado no Campus de São Leopoldo da Unisinos. Dessa forma, visamos a comparação de fragmentos cerâmicos de uma mesma *caixa homogeneizante*, porém de distintas estruturas arqueológicas.

O capítulo intitulado “*Por uma arqueologia Guarani*” visa contextualizar o desenvolvimento da arqueologia no Brasil, dando destaque à criação e popularização do Propana, aos debates teórico-metodológicos e às hipóteses elaboradas acerca das movimentações das populações indígenas pré-coloniais. Esse recorte possibilitará a introdução das informações que envolvem a cerâmica Guarani, caso de suas especificidades, dimensões, funcionalidades e decorações. Por fim, introduziremos a possibilidade de entendermos o conceito de tradição cerâmica de forma menos rígida a partir da existência do *ethos guarani* (SOARES, 1997) e dos *Regionalismos Culturais* (OLIVEIRA, 2008).

No capítulo seguinte, “*Conhecendo as fontes: um olhar inicial aos fragmentos*”, são apresentadas as fontes analisadas pela presente pesquisa: a Coleção Itapiranga e os vestígios cerâmicos do sítio “Lagoa dos Índios”, RS-LN-64. Pincelaremos o histórico de coleta e prospecção desses testemunhos cerâmicos, as características gerais e o histórico de pesquisas envolvendo os contextos arqueológicos.

No capítulo “*Analisando a cerâmica Guarani: entre padrões normativos e singularidades*”, é informado a metodologia aplicada, os referenciais teórico-metodológicos utilizados e os aportes digitais empregados. O trabalho ganha sequência a partir da

amostragem dos resultados da pesquisa, focalizando, inicialmente, na discussão individual das coleções e, posteriormente, na comparação dos atributos métricos, estéticos e morfológicos encontrados nos diferentes contextos arqueológicos. Por último, discutiremos a presença dos *Regionalismos Culturais*, elencando as principais distinções dos elementos normativos presentes nos cenários averiguados.

Nas considerações finais, temos comentários sobre a elaboração da pesquisa, destacando as práticas exploradas no trabalho, bem como as lacunas e possíveis problemáticas a serem discutidas em posteriores pesquisas relacionadas à compreensão das estruturas arqueológicas de ocupação regional dos grupos portadores da cerâmica guarani.

2 POR UMA ARQUEOLOGIA GUARANI

Sendo objeto de estudo de pesquisas históricas, arqueológicas, etnográficas e antropológicas, as populações guaranis possuem um lugar de protagonismo no cenário acadêmico quando elencamos as populações indígenas. Conforme descreve Noelli, “[...] desde o período colonial, cronistas e, depois, os naturalistas viajantes vinham demonstrando que as populações indígenas históricas eram descendentes das representadas pelos testemunhos” (1993, p. 1), visto que, desde o início da exploração, os europeus “[...] observaram que línguas estreitamente relacionadas eram faladas sobre enormes áreas” (BROCHADO, 1989, p. 66). Sendo assim, rápida foi a correlação entre os grupos indígenas relatados nos documentos históricos e os vestígios materiais encontrados nas atividades iniciais da arqueologia brasileira. Destarte, o presente capítulo possui como enfoque retratar o desenvolvimento da arqueologia como ciência no Brasil, discutir os pressupostos teórico-metodológicos consagrados pelos pesquisadores e descrever as hipóteses elaboradas acerca da dispersão dos Guaranis no território. Ao fim, discutiremos as características da cultura material portada pelos referidos grupos e as possibilidades de diálogo com a noção de *Regionalismos Culturais*.

2.1 Os passos iniciais da Arqueologia no Brasil

Campo de inúmeros debates e questionamentos acerca de sua finalidade, filiações e particularidades científicas, o desenvolvimento da Arqueologia no Brasil é resultado direto da afirmação de influências internacionais conjugadas com as lacunas da academia brasileira em relação à produção e construção de um passado nacional que conglomerasse a participação indígena na formação da sociedade brasileira. Dessa forma, antes de iniciarmos a discussão sobre a cerâmica Guarani, faz necessário realizarmos uma breve síntese sobre o início da prática arqueológica em nosso país.

Caracterizada inicialmente pela iniciativa e curiosidade de pesquisadores amadores a respeito do passado indígena brasileiro e de uma suposta riqueza de suas culturas materiais (PROUS, 1992, p. 10), a atividade arqueológica ganharia destaque durante os anos finais do Brasil Império, haja vista a necessidade de aquisição de coleções e exemplares das culturas nativas a fim de compor as salas e galerias de museus, caso do Museu Nacional, Museu Paulista e do Museu Paraense de História Natural (PROUS, 1992, p. 7; SCHWARCZ, 1989, p. 29). Dessa forma, balizado no ideal de enaltecer o caráter evolucionista e positivista

das sociedades, a prática arqueológica¹ seria o meio encontrado para a obtenção desses objetos indígenas considerados “exóticos” (BARRETO, 2000, p. 37; MERGEN, 2021, p. 15).

A Arqueologia teria novos horizontes com o advento do século XX, uma vez que, através da popularização dos Institutos Históricos regionais, os vestígios materiais das populações pretéritas passariam a ser vistos como cruciais às iniciativas de construção de uma identidade nacional (MERGEN, 2021, p. 43). Escassos são os artigos em revistas que abordavam coleções arqueológicas, todavia, tais estudos versavam, principalmente, pela descrição das dimensões físicas dos achados arqueológicos, assim como a elaboração de hipóteses sobre as possíveis funcionalidades dos vestígios (MERGEN, 2021, p. 49-57). André Prous destaca a discussão que os *sambaquis*² estimulavam nesses pesquisadores, pois não raro eram os debates acerca de suas origens, sejam elas “artificiais” ou “naturais” (1992, p. 8)

Ficaria para a década de 1930 a aproximação da prática arqueológica com as faculdades, sendo resultado direto da atuação governamental através da implementação de legislações voltadas à proteção de patrimônios históricos no Brasil, caso dos vestígios materiais, naturais e das estruturas arqueológicas (BARRETO, 2000, p. 40). Tal medida fomentaria a fundação de centros de estudos localizados nos estados de São Paulo (*Comissão de Pré-História*), Rio de Janeiro (*Centro de Estudos Archeológicos*) e Paraná (*Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*). Nesse sentido, a formação de especialistas visava não apenas a preservação de sítios arqueológicos como tratava-se de uma clara oposição à atuação de pesquisadores “amadores”, considerados como agentes da destruição de estruturas arqueológicas (PROUS, 1992, p. 11-13). Contudo, esse cenário não alterava as estruturas teóricas da arqueologia nacional: com estudos descontextualizados, heterogêneos e voltados ao culto à propriedade e à catalogação de achados, as pesquisas arqueológicas denotavam a diminuta presença de profissionais, a carência de uma rede de compartilhamento de pesquisas e a ausência de métodos e técnicas padronizadas.

Com o passar dos anos, os centros de estudos brasileiros voltados à Arqueologia promoveriam a vinda de conceituados arqueólogos estrangeiros com a finalidade de implementar, atualizar e aprofundar questões teórico-metodológicas. Nos anos 1950, pesquisadores franceses viriam ao Brasil a fim de auxiliar a fundação de cursos das ciências sociais na Universidade de São Paulo (MASSI, 1989, *apud* BARRETO, 2000). Interessados na formulação de novos paradigmas, tendo como base a curiosidade acerca das singularidades

¹ Práticas caracterizadas pela ausência de metodologias rígidas em relação à coleta e estudo dos vestígios.

² “Acumulação artificial de conchas de moluscos, vestígios da alimentação de grupos humanos” (PROUS, 1992, p. 205).

históricas e sociais da América do Sul, a influência desses cientistas se daria, também, na arqueologia. Balizado, principalmente, pela análise de artefatos líticos e da arte rupestre, os franceses Joseph Empeaire (1912-1958) e Annete Laming (1917-1977) contribuiriam na introdução de métodos científicos mais rigorosos, na formação de arqueólogos brasileiros e na disseminação de centros de aprendizagem (BARRETO, 2000, p. 42).

Ficaria para os anos 1960 a grande mudança de rumo da Arqueologia no Brasil. Ao contrário da escola francesa, que primava por uma metodologia mais rigorosa, assinalada pela escavação de poucos - mas grandes - sítios arqueológicos e privilegiava os estudos daquelas populações mais longínquas, a influência da escola americana ganharia destaque na arqueologia nacional por seu protagonismo em um projeto de grande escala: o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), vigente entre os anos de 1965 e 1970.

Fruto de um seminário dirigido por Betty Meggers (1921-2012) e Clifford Evans (1920-1981), na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1964, o programa, promovido pelo *Smithsonian Institution* e patrocinado por importantes instituições de fomento à pesquisa, contava com a participação de jovens arqueólogos brasileiros. Com o intuito de estabelecer cronologias relativas, determinar rotas migratórias a partir da difusão cultural (NOELLI, 1993, p. 37), realizar um mapeamento nacional da distribuição de populações pré-coloniais e compreender suas dinâmicas de povoamento (PROUS, 1992, p. 6), a metodologia de campo aplicada pelos *pronapianos* visava o levantamento do maior número possível de sítios arqueológicos. Nesse caso, as prospecções tenderiam a produzir os mais significantes resultados nas proximidades dos cursos de rios (SOARES, 1997, p. 56). Em laboratório, a análise versaria pela descrição dos antiplásticos³, dos tratamentos de superfícies⁴ e outros aspectos físicos dos testemunhos, bem como do emprego do *Método Ford*, caracterizado pela classificação das decorações dos fragmentos cerâmicos a fim de facilitar a produção de sequências seriadas⁵, essenciais para o alcance dos resultados propostos pelo Pronapa. Para tal, o estabelecimento de normas técnicas precisas e padronizadas, assim como a afirmação de um vocabulário comum a todos os pesquisadores tornar-se-iam fundamentais.

Muitas foram as benesses do Pronapa para o cenário nacional, visto que fomentou a profissionalização de arqueólogos, formou uma geração de novos pesquisadores, impulsionou o debate e a divulgação de trabalhos entre os pares, auxiliou na homogeneização de métodos

³ “Matéria introduzida na pasta, para conseguir conduções técnicas propícias à uma boa secagem e queima, como: cacos triturados, areia, quartzo, conchas e ossos moídos, cauixi, cariapé, etc.” (CHMYZ, 1976, p. 144).

⁴ Acabamento externo dos vasilhames.

⁵ “Sequência cronológica das mudanças cerâmicas no complexo estudado” (MEGGERS & EVANS, 1970, p. 74).

de prospecção e de análise de fragmentos cerâmicos, padronizou terminologias, catalogou, mapeou e datou sítios arqueológicos e, finalmente, deu margem à criação de hipóteses sobre rotas de dispersão das antigas populações. Porém, com o transcorrer dos anos, e da diversificação da prática arqueológica no Brasil, outras tendências teórico-metodológicas ganhariam vez no Brasil, opondo-se, em muitas ocasiões, aos pressupostos cristalizados pelo programa, especialmente no que se refere à forma de conceber e analisar um vestígio arqueológico. Antes de expormos esses embates teóricos, discorreremos um pouco mais sobre o Pronapa.

2.2 PRONAPA: bases teórico-metodológicas do programa

Como explanado anteriormente, o Pronapa foi fruto da relação entre a escola de arqueologia americana e as instituições nacionais de amparo à pesquisa. Em um contexto de diminutos debates teóricos e de porosa atividade profissional, devemos conceber que os treinamentos e projetos aqui realizados acabariam por importar conceitos, métodos e vertentes que criariam raízes na academia brasileira.

Dito isso, podemos inserir o Pronapa diante do paradigma formal do *histórico-culturalismo*⁶ (DIAS, 2007, p. 60), visto que enfatizava o estudo e resgate do maior número possível de evidências arqueológicas, bem como primava pela exploração exaustiva de técnicas para identificá-las, classificá-las e interpretá-las. Assim, um importante artifício utilizado por esses pesquisadores foi a padronização de métodos de prospecção e convenções terminológicas a fim de ordenar, em tipologias e seriações, as semelhanças físicas, químicas e estilísticas dos fragmentos da cultura material (LIMA, 2011, p. 14).

Para exemplificar o referido processo, em *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica* (1970), manual elaborado com o intuito de compartilhar metodologias de análise de fragmentos cerâmicos e de práticas arqueológicas, Betty Meggers e Clifford Evans destacam que “frente a uma amostra de cacos cerâmicos, ele [arqueólogo] não procura diferenças, mas pelo contrário, semelhanças” (1970, p. 8); tal excerto corrobora com os comentários de André Luis Ramos Soares que, ao argumentar acerca dos procedimentos *pronapianos*, ressalta que aqueles vestígios singulares presentes em uma escavação eram considerados como “elementos alienígenas” (SOARES, 1997, p. 11), sendo, portanto, negligenciados das análises e estudos

⁶ Popular abordagem teórica da arqueologia norte-americana a partir da década de 1920 (DIAS, 2007). Conforme Tania Andrade Lima, a “[...] homogeneidade na cultura material se tornou a assinatura de um grupo étnico no registro arqueológico, enquanto variações se tornaram marcadores de diferenciação” (2011, p. 13), pois, para esse paradigma, “as coisas materiais mudam porque as pessoas mudam” (2011, p. 13).

dos contextos arqueológicos. No subcapítulo intitulado “*Os diálogos entre a cerâmica Guarani e os regionalismos culturais*”, retomaremos essa discussão.

Essa vertente, fortemente relacionada à descrição de artefatos, considerava que a homogeneidade de traços e características presentes nos achados representava, igualmente, uma persistência étnica. Destarte, as semelhanças materiais eram rapidamente equiparadas a prováveis afinidades identitárias, sendo a persistência geográfica dos vestígios resultado de difusões e migrações dessas etnias (LIMA, 2011, p. 13). Esse recorte é fundamental para compreendermos a importância das características normativas dos fragmentos cerâmicos para o paradigma histórico-cultural, uma vez que grandes incongruências nos padrões dos testemunhos refletiriam, igualmente, em divergências de grupos sociais e, em contrapartida, a persistência de semelhanças das culturas materiais retratariam a presença de um certo grupo, em um determinado período, em um dado local, o que facilitaria a criação de hipóteses acerca do povoamento do território estudado. Ou seja, umas das principais finalidades dos histórico-culturalistas era enquadrar os vestígios materiais naquilo que denomino por “*caixas homogeneizadoras*”, conhecidas como *Tradições e Fases*.

Durante 1965 e 1970, período que vigorava o Pronapa, muitas foram as pesquisas realizadas, sítios arqueológicos prospectados, ensaios publicados e seminários organizados; dentre os últimos, alguns com singular importância, pois influenciariam a criação, organização e desenvolvimento de uma uniformização de termos técnicos que seriam imprescindíveis para o alcance dos objetivos propostos pelo projeto. Disso, originou-se a *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*, manual organizado por Igor Chmyz (1976), arqueólogo paranaense. Consequência do debate, participação e envio de verbetes de pesquisadores brasileiros (sendo, boa parte, de integrantes do Pronapa), o documento sinaliza e oficializa a influência do histórico-culturalismo na arqueologia brasileira. Muitos são os verbetes utilizados com o intuito de auxiliar a metodologia de análise de artefatos cerâmicos, destacando, por exemplo, termos passíveis de classificação através das características métricas, estéticas, químicas e morfológicas dos vestígios. No manual, é possível encontrar conceitos generalizantes, caso dos já citados *Tradição e Fase*.

Elaborado na década de 1930, por William McKern, e incorporado, em 1958, nos estudos de Gordon Willy e Philip Philips, o termo *tradição* era visto como crucial ao corpus teórico-metodológico do histórico-culturalismo, pois permitiria e facilitaria a articulação de três importantes aspectos de análise dos vestígios materiais: o espaço, as formas e o tempo (LOURES OLIVEIRA, 2012, p. 104). De caráter metodológico, ampararia o trabalho de enquadrar e classificar grandes unidades arqueológicas, as já citadas “*caixas*

homogeneizadoras”. Concebia-se o conceito de *tradição* como uma *unidade integradora*, caracterizada por uma “continuidade temporal representada por configurações persistentes em tecnologias únicas ou outros sistemas de formas” (DIAS, 2007, p 62). Já as *fases* seriam conhecidas como *unidades básicas*, constituídas por determinada seriação cronológica dos tratamentos de superfície dos vestígios arqueológicos relacionados a uma determinada região. Dessa forma, as *fases* seriam definidas em relação a uma sequência de ocupação regional (DIAS, 2007, p. 61).

Retornando ao manual produzido pelos pesquisadores do Pronapa, os conceitos acima comentados foram transportados de maneira mais simplificada, sendo *Tradição* compreendida como um “grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal” (CHMYZ, 1976, p. 145), ao passo que *Fase* seria “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc, relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios” (CHMYZ, 1976, p. 131). Dessa forma, cada sequência seriada em uma determina região formaria uma *unidade básica* conhecida como *fase*, que, agrupadas com outras unidades arqueológicas, com semelhança de características normativas de outras regiões e temporalidades, formariam as *unidades integradoras*, conhecidas *tradições*. A formulação desses conceitos e sua aplicação pelos *pronapianos* possibilitaria elaboração de mapas que representariam a presença espacial das unidades integradoras facilitando, portanto, a construção de rotas de migração.

No Brasil, a busca pela identificação e classificação dos artefatos em “*caixas homogeneizadoras*” acabaria por ganhar primazia no fazer arqueológico. Em 1969, os integrantes do Pronapa utilizaram-se de um relatório preliminar a fim de informar o andamento das pesquisas efetuadas pelo programa: até aquele momento, oito eram as *tradições* ceramistas identificadas, incluindo a unidade integrativa que protagonizará a presente monografia, a *Tradição cerâmica Tupiguarani* (BROCHADO *et al.*, 1969).

No verbete presente no manual de *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica* (CHMYZ, 1976), temos a descrição da *Tradição Tupiguarani* como sendo:

Uma tradição cultural caracterizada principalmente pela cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pelo, e, pelo uso de tembetás (CHMYZ, 1976, p. 146).

Sendo ela, naquele período, composta por 27 fases arqueológicas, com ocorrência majoritária na costa do litoral atlântico e nas margens dos grandes rios, distinta pelas estruturas arqueológicas superficiais e situadas em pequenas elevações, caracterizada pela produção a partir da técnica de sobreposição de roletes, queima incompleta e agrupada em três

subtradições destacadas, principalmente, pelas distinções de técnicas decorativas (BROCHADO *et al.*, 1969, p. 18-19).

Antes de dialogarmos acerca desses subgrupos, chama-nos a atenção a escolha do nome da *tradição* cerâmica por *Tupiguarani*. Aqui, necessitamos realizar alguns adendos: embora um dos princípios do Pronapa não fosse estabelecer continuidades diretas entre contextos arqueológicos e grupos historicamente reconhecidos (NOELLI, 2008, p. 15), isto é, buscavam distanciar-se das possíveis associações étnicas⁷, tratando as culturas materiais à parte daqueles que os produziram (CORRÊA, 2014, p. 58-59), o programa optou por convencionar a nomenclatura *Tupiguarani*, sem hífen. Tal escolha teria ocorrido por questões de praticidade, haja vista a longa construção histórica do termo (CORRÊA, 2014, p. 26-78), sua popularidade na bibliografia brasileira e pela fácil aplicação por parte dos *pronapianos*, dado que os testemunhos arqueológicos que portavam seus padrões normativos eram corriqueiramente encontrados nas localidades territoriais sabidamente ocupada pelos falantes da família linguística Tupi-Guarani (BROCHADO *et al.*, 1969, p. 10; BROCHADO, 1973, p. 09). Como visto, embora o Pronapa evitasse comparações, indiretamente elas viriam a ocorrer, resultando, inclusive na consagração de um conceito que acabara por englobar grupos com processos histórico-culturais distintos.

Retornando à questão das *caixas homogeneizadoras*, três *subgrupos* integrariam a *tradição tupiguarani*: a *Pintada*, caracterizada pelo predomínio do tratamento de superfície pintado a partir das colorações preta e vermelha sobre um engobo branco, sendo predominante nas estruturas arqueológicas localizadas no nordeste e sudeste do território brasileiro; a subtradição *corrugada*, assinalada pela aplicação da técnica decorativa corrugada, caracterizada pela expressão decorativa da dobra, resultado da união externa de roletes, sendo corriqueira no Brasil meridional; por último, a subtradição *escovada*, com a presença de múltiplos sulcos visíveis, com datas cronológicas mais recentes que representaria o início do processo de influência europeia na forma de decorar as cerâmicas indígenas (BROCHADO *et al.*, 1969, 20-23).

⁷ Ao passo que os *histórico-culturalistas* – no qual vimos que o Pronapa é enquadrado – entendiam que a homogeneidade de atributos estéticos e técnicos dos testemunhos materiais representariam a persistência de um determinado grupo portador, os *pronapianos* evitavam relacionar as tradições cerâmicas com etnias historicamente reconhecidas.

2.3 As rotas migratórias pronapianas: o uso de conceitos histórico-culturalistas na compreensão do povoamento do território brasileiro

De posse das pesquisas realizadas, tal como da delimitação e classificação dos vestígios conforme *unidades básicas* (fases) e *integradoras* (tradições e subtradições) baseadas em datações de C¹⁴, os pesquisadores do Pronapa buscaram alcançar as possíveis rotas de migração das populações pretéritas a partir da difusão dos vestígios cerâmicos no território nacional. A homogeneização dos procedimentos aplicados pelos *pronapianos* foram de grande valia, visto que, durante o período de financiamento dos estudos, cerca de 1500 estruturas arqueológicas foram analisadas conforme critérios semelhantes, passíveis de comparações e diálogos (NOELLI, 2008, p. 15). Em 1973, Brochado publicaria o artigo intitulado de *Migraciones que difundieron la Tradición Tupiguarani* (1973), no documento, a partir da temporalidade das estruturas arqueológicas averiguadas pelo Pronapa, destaca as possíveis rotas de migração e ocupação territorial dos portadores das tradições cerâmicas no Brasil.

Baseado indiretamente nas hipóteses de centros de origem dos Tupi, propostas no século XIX por Karl von Martius (NOELLI, 1996, p. 15); oficialmente no *determinismo ecológico* de Julian Steward, que relacionava as migrações com limitações climáticas e ambientais de um determinado território; e nas teorias de Betty Meggers, que vislumbrava uma origem andina como localidade de dispersão social e material das populações pré-coloniais sulamericanas e entendia as diferenças culturais como resultado de um “empobrecimento” estético e tecnológico dos vasilhames (NOELLI, 2008, p. 19); Brochado propôs a atual região entre o Paraguai e o Alto Paraná como o centro de dispersão cultural dos portadores da tradição Tupiguarani (1973, p. 10). Dela, duas seriam as ondas migratórias: uma mais antiga, dirigindo-se ao leste, até a costa do litoral atlântico, local onde ramificar-se-ia, resultando em levas em direção à costa nordeste e sudeste brasileiro, propagando-se nas regiões em um período entre 300 e 400 anos a partir dos anos 500 e 700 d.C. (BROCHADO, 1973, p. 18); já a segunda onda, iniciada 800 anos após a primeira (BROCHADO, 1973, p. 28), seria caracterizada pela exploração da Bacia Platina, tendo sua proliferação realizada de maneira mais rápida, difundindo-se em, aproximadamente, 200 anos (BROCHADO, 1973, p. 10-15). Em síntese, para Brochado (1973), as populações pertencentes a segunda onda migratória teriam colonizado a região platina pouco tempo antes da chegada das primeiras embarcações europeias no continente americano.

2.4 Velhos vestígios, novas análises: as cerâmicas Guarani e Tupinambá

Em meados dos anos 1970, Brochado entraria em contato com novas postulações teórico-metodológicas; muitas delas opostas aos pressupostos consagrados pelo Pronapa. Brochado almejava alcançar uma abordagem mais ampla, indo além da análise e classificação dos fragmentos cerâmicos, dado que notava a urgência de considerar e implementar, nos trabalhos arqueológicos, os estudos históricos, linguísticos, antropológicos, etnográficos, biológicos, entre outros (NOELLI, 2008, p. 17). Em resumo, queria explorar informações sobre a sociedade daqueles que outrora, na arqueologia brasileira, eram conhecidos e tratados exclusivamente como portadores culturais.

A “ponte” perpassada durante esse período transitório foram os livros e teorias de Donald Lathrap (1927-1990), arqueólogo americano conhecido por seus trabalhos sobre a ocupação do interior da Amazônia e por sua divergência em relação aos estudos de Betty Meggers e Clifford Evans. Assim como os colegas pesquisadores, considerava credível a existência de um centro de origem comum para as tradições cerâmicas sul-americanas, contudo questionava o centro de origem andino por eles sugerido. Ao contrário de Meggers, que entendia a *tradição Tupiguarani* como consequência de um “empobrecimento” das culturas materiais de origem andina, Lathrap (1970) via as diferenças técnicas e estéticas dos vestígios arqueológicos como consequência das relações sociais e da criatividade humana na adaptação das novas áreas ocupadas (NOELLI, 2008, p. 19). Além disso, baseado em estudos linguísticos, considerava a zona de confluência dos rios Amazonas e Madeira como o local mais propício para origem das famílias do Tronco Tupi, assim como para o desenvolvimento de tradições cerâmicas (LATHRAP, 1970, p. 78-79), haja vista o grande registro de famílias linguísticas localizadas na região central da Amazônia.

O modelo imaginado por Lathrap ganharia estrutura a partir das pesquisas desenvolvidas por Brochado. No lugar da formulação de hipóteses sobre supostas “ondas migratórias” entravam em cena as “rotas de dispersão”. Sendo assim, os processos anteriormente entendidos por fenômenos de mudanças territoriais acabaram sendo compreendidos como frequentes movimentos de colonização de novas regiões, os quais teriam dinâmicas semelhantes a “enxameamentos”⁹ ocasionados pela pressão demográfica,

⁹ Comportamento de dominação territorial semelhante ao comportamento das abelhas. Conforme Rafael Guedes Milheira (2010, p. 173), “na sociedade das abelhas, quando uma determinada colmeia esgota sua capacidade demográfica, surge a necessidade de que outra colmeia seja criada. Assim, um grupo de abelhas coordenadas por uma abelha-rainha cria uma nova aldeia e começa o trabalho de produção de alimentos e, novamente, ocorre o crescimento populacional”.

ecológica, climática ou social de determinada região, uma vez que o sistema “de adjudicação e a vida cerimonial dos grupos Tupi só eram efetivos para manter a coesão até um certo tamanho da população” (BROCHADO, 1989, 80). Em outras palavras, a expansão das “fronteiras” ocorria a partir da conquista de novas áreas, da domesticação do território, da manutenção do controle e contato com as zonas de origem e, por fim, da perpetuação dos modos de organização social característicos das populações Tupi.

Para o redimensionamento das hipóteses das rotas de dispersão, os pesquisadores contaram com a interpretação de datações radiocarbônicas de vasilhas arqueológicas relacionadas à tradição cerâmica *Tupiguarani* e da *tradição policrômica Amazônica*, suas localizações geográficas, os estudos do Pronapa e a distribuição geográfica histórica dos falantes do Tronco Tupi (BROCHADO, 1989, p. 65-66). Como resultado, em 1984, Brochado defenderia sua tese de doutorado, intitulada de *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into South America*¹⁰, documento em que, embora conflitante com as teorias e metodologias *pronapianas*, utilizava-se de importantes aparatos metodológicos do programa, caso dos conceitos de *fase e tradições*, esses últimos reinterpretados, dando ênfase a uma investigação que visava aprofundar a compreensão dos contextos sociais a partir dos vestígios arqueológicos. Tal posicionamento não era novidade para o pesquisador, visto que, em artigos anteriores, havia desmembrado a tradição cerâmica *Tupiguarani* em vertentes regionais (BROCHADO, 1980), sinalizando, posteriormente, que as distinções estéticas e morfológicas seriam diretamente conexas com suas funcionalidades e usos (LA SALVIA e BROCHADO, 1989; BROCHADO, MONTICELLI e NEUMANN, 1990).

Além de enfatizar rupturas acadêmicas, o deslocamento teórico realizado por Brochado ressalta algumas lacunas do conhecimento arqueológico brasileiro sobre as populações pré-coloniais: inicialmente, destaca o papel secundário relegado pelo Pronapa aos estudos das formas e funções das vasilhas em detrimento ao protagonismo da análise dos fragmentos cerâmicos; segundo, denota uma clara oposição à Meggers, pois enaltecia que as diferenças encontradas nas tradições cerâmicas não seriam frutos de um “decaimento” cultural e tecnológico.

¹⁰ Um modelo ecológico da difusão da cerâmica e da agricultura na América do Sul.

2.4.1 Revisando as antigas postulações: a problemática noção da tradição cerâmica tupiguarani

Desde os tempos da invasão europeia e da interiorização e exploração do território brasileiro, notava-se uma clara semelhança nas línguas faladas pelos povos nativos em uma larga extensão e distribuição geográfica. Tal processo fomentaria, séculos depois, pesquisas que visavam a reconstrução de árvores filogenéticas das populações do tronco Tupi. Conforme visto anteriormente, imaginava-se, inicialmente, que as semelhanças culturais eram fruto de uma recente dispersão dos grupos portadores das tradições cerâmicas, porém, tal afirmação ampliava os questionamentos quanto a viabilidade de uma rápida e profunda colonização territorial, haja vista as singularidades ecológicas e a extensão do território brasileiro.

Embebidos de pesquisas destinadas à comparação de vocábulos, mudanças fonéticas, fenológicas e comparação de cognatos (RODRIGUES, 2013a; RODRIGUES, 2013b) que indicariam que as línguas Guarani e Tupinambá, compreendidas outrora como semelhantes, seriam, na verdade, oriundas de uma mesma família linguística, a Tupi-Guarani, e que suas populações teriam dispersões distintas e muito mais antigas do que anteriormente imaginado (BROCHADO, 1973), Brochado e Lathrap repensariam as antigas hipóteses, visto que analisariam a temporalidade e dispersão dos falantes da família Tupi-Guarani, conforme estudos da linguística, concomitantemente com a disseminação dos seus vestígios cerâmicos.

No que se refere às difusões, o centro de origem proposto por Brochado seria o sudoeste da Amazônia, localidade em que se originariam duas principais rotas de dispersão cultural. A primeira, relativa aos ancestrais dos Guarani, transcorrendo-se no sentido Norte para Sul, a partir da bacia do rio Madeira, passando pelo rio Paraguai e Paraná, até chegar à foz do Rio da Prata (BROCHADO, 1989, p. 74). Tal recorte assinalaria a ocupação historicamente reconhecida dos Guarani no Brasil Meridional, na Argentina, Uruguai e Paraguai. A outra rota, dos falantes da língua Tupinambá (NOELLI, 2008, p. 27), teria se dirigido para o Leste da Amazônia, seguindo em direção ao litoral brasileiro, local onde iniciaria a colonização em sentido Norte para o Sul (NOELLI, 1993, p. 73-74). Essa dispersão, em questão, confronta diretamente os postulados de 1973, uma vez que, em suas hipóteses iniciais, considerava que a colonização da costa brasileira teria ocorrido a partir da região sudeste em uma bifurcação que direcionaria grupos portadores culturais para o litoral sul e, principalmente, para o litoral nordeste.

Partindo do princípio de que, tal como as famílias linguísticas, o desenvolvimento das culturas cerâmicas também aconteceria no interior da Amazônia, a tradição *Polícroma Amazônica* ganhou especial destaque nas teorias de Brochado e Lathrap, pois acompanharia os movimentos iniciais de colonização dos falantes Tupi, espalhando-se pelo interior do território brasileiro, sendo uma espécie de antecessora da tradição cerâmica *tupiguarani*.

Dessa forma, encontramos um cenário no qual temos as hipóteses dos percursos das populações Tupi, além da correlação com suas prováveis culturas materiais, caso das generalizações teórico-metodológicas *pronapianas* (tradições e subtradições, por exemplo). É através desse ensejo que Brochado opõe-se à consagrada noção da *tradição tupiguarani*, pois os portadores culturais teriam se desenvolvido em compasso com o desenvolvimento das línguas da família Tupi-Guarani, ou seja, possuíam grandes dissonâncias históricas. Conforme descreve Brochado:

[...] o que impropriamente se descreve como ‘Tradição Tupiguarani’ são na realidade duas extensões distintas da Tradição Policrômica Amazônica no leste da América do Sul e, portanto, deve ser dividida em duas subtradições que representam as cerâmicas produzidas por dois grupos distintos – os Guarani e os Tupinambá – os quais tiveram histórias totalmente separadas durante os últimos dois mil anos (BROCHADO, 1991, p. 85).

Para exemplificar, a cerâmica característica dos Tupinambá teria sido fruto da difusão da cerâmica policrômica, originando uma subtradição denominada *Miracanguera*, desenvolvida no início da era cristã, no baixo Amazonas, localidade em que teria atingido sua complexidade: vasilhas de bojo saliente, pescoços cilíndricos ou conoidais, técnicas decorativas complexas, pintura policrômica e engobo nas cores branco ou vermelha. Durante o processo de dispersão de seus portadores em direção ao litoral nordestino, haveria a conservação das cerâmicas abertas, com decoração simplificada, mas mantendo o tratamento de superfície pintado. Seria essa a tradição cerâmica portada pelos proto-Tupinambás durante sua onda colonizadora da costa brasileira, que teria alcançado a atual região de São Paulo nos anos 1000 de nossa era (BROCHADO, 1989, p. 75).

A cerâmica Guarani, por seu lado, teria sido fruto de uma divisão dos portadores da subtradição denominada por *Guarita* - com origens igualmente na *tradição policrômica Amazônica* - desenvolvida entre os anos 400 e 500 a.C. O processo de pressão demográfica teria influenciado a saída dos grupos portadores dessa cultura material da região central da Amazônia, ocasionando um desmembramento em diferentes famílias linguísticas, assim como um desenvolvimento cerâmico a partir do contato com portadores de outras tradições cerâmicas durante o processo de colonização, refletindo na perda de técnicas decorativas e a

adoção de novos acabamentos externos e formas de vasilhas “caracterizadas pelo amplo desenvolvimento do bojo e/ou pela segmentação horizontal, as quais eram corrugadas ou pintadas e foram usadas secundariamente como urnas funerárias” (BROCHADO, 1989, p. 72-73). A *subtradição Guarita* teria se transformado na cerâmica Guarani no século II a.C., visto que as características materiais desses últimos se encontravam espalhada em algumas localidades da região sul do Brasil já nos séculos II e III d.C. (BROCHADO, 1989).

Figura 2 – As rotas de dispersão das populações da Família Tupi-Guarani



Fonte: Noelli (1996, p. 38).

Em linhas gerais, o autor distanciava-se do uso exclusivo dos vestígios materiais para elaboração de rotas de dispersão, conforme protagonizado pelos *histórico-culturalistas*, além disso, relacionava diretamente os falantes do tronco linguístico Tupi-guarani com os portadores daquilo que os *pronapianos* chamavam de *tradição tupiguarani*. A crítica, assim, baseava-se no enquadramento de uma mesma “*caixa homogeneizadora*” para dois distintos grupos que teriam longo distanciamento histórico e cultural. Tal vertente não tardaria muito para possuir seguidores, resultando em importantes pesquisas direcionadas exclusivamente às cerâmicas Tupinambá e Guarani. A última delas, discutida nos tópicos seguintes da presente monografia.

2.4.2 Percursos e trajetórias da população Tupi: uma atualização dos grandes modelos explicativos

Como destacado, muitos foram os acadêmicos que se utilizaram das bases teórico-metodológicas, hipóteses e trabalhos realizados pelos *pronapianos* e por pesquisadores como Brochado. Entre esses, encontra-se Ângelo Alves Corrêa que, durante seu mestrado¹¹, buscou, através de registros arqueológicos originários da região de Juiz de Fora, Minas Gerais, estabelecer relações entre os vestígios e a ocupação do território por parte dos grupos Tupi. Nesse âmbito, ao comparar a cerâmica de Juiz de Fora com estruturas arqueológicas do Nordeste brasileiro notou, nesses últimos, grandes divergências nas morfologias e acabamentos de superfície dos fragmentos cerâmicos (2014, p. 209). Tal cenário fez com que Corrêa realizasse questionamentos sobre os possíveis percursos das populações Tupinambá, bem como conjecturas sobre as origens das diferenças da cultura material desses grupos.

Diante desse ensejo, em sua tese intitulada *Pindorama de Mboîa e Îakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi* (2014), almejou, por meio da concatenação de modelos arqueológicos, dados bibliográficos, etnográficos e linguísticos, elaborar uma história de longa duração da população Tupi (2014, p. 250). Para isso, analisou as morfologias e os diferentes acabamentos de superfície de vasilhas cerâmicas inteiras, localizadas em dezessete estados da Federação brasileira, acompanhadas, em sua maioria, por datações, com o intuito de verificar as possíveis continuidades e rupturas nos padrões normativos das cerâmicas (2014, p. 272). Como destaca Corrêa, trata-se de “uma tese oriunda da síntese dos pontos positivos do trabalho de Meggers [...] e da tese de Brochado” (2014, p. 250) com o objetivo de “refinar e ampliar os modelos explicativos” (2014, p. 17) acerca da movimentação e ocupação do território brasileiro pelas populações da família Tupi-Guarani.

No que se refere ao centro de origem das populações Tupi, os resultados da pesquisa confirmaram a região de Rondônia como centro de origem do tronco linguístico Tupi (CORRÊA, 2014, p. 252). Sendo uma região propícia para fixação e desenvolvimento de um modo de vida característico dos Proto-Tupi, tal local, através do crescimento populacional, seria centro de diferentes movimentos de longa distância, acarretando a divisão das populações, a domesticação de novas regiões e, conseqüentemente, a distinção de suas cerâmicas (CORRÊA, 2014, p. 253) através da ruptura de padrões e na diversificação de

¹¹ CORRÊA, Ângelo Alves. **Tetama nas matas mineiras: sítios Tupi na microrregião de Juiz de Fora - MG.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

morfologias. Todavia, Corrêa expõe que as cerâmicas analisadas da região entre os rios Guaporé-Madeira e Tocantins, não apresentam muitas das características¹² marcantes da cerâmica pertencente à família Tupi-Guarani (2014, p. 252). Dessa forma, balizado nos registros arqueológicos e nas pesquisas dos linguistas Antônio Augusto Souza Mello e Andreas Kneip (2005), propõe uma diferenciação dos centros de origem do tronco linguístico Tupi e da família Tupi-Guarani (2014, p. 207).

Ao dialogar com a tese de Brochado (1984), Corrêa destaca que o centro de origem da família Tupi-Guarani não seria na Amazônia Central, mas, sim na região entre os rios Tapajós e Tocantins (2014, p. 255), isto é, em uma faixa mais central do território brasileiro. Para o pesquisador, essa região marcou o desenvolvimento dos traços características da cultura material Tupi-Guarani, sendo local de gradativa dispersão dos Proto-Tupinambá e Proto-Guarani¹³.

Nesse âmbito, concorda com a hipótese elaborada por Brochado acerca das rotas de dispersão dos Proto-Tupinambá, uma vez que os movimentos realizados pelas populações que portavam elementos culturais amazônicos teriam ocorrido da bacia do Tocantins para o leste, em direção ao nordeste brasileiro, porém, não ocorrendo pelo litoral, mas, sim, ao sul do paralelo 3° (2014, p. 257). Tal hipótese é reforçada uma vez que as cerâmicas litorâneas analisadas apresentaram traços distintivos da cerâmica Tupinambá, ao passo que os sítios instalados no sertão nordestino carregam traços típicos do leste amazônico. Dessa forma, a dispersão Proto-Tupinambá teria originado os Tupinambá e os Tupi-Guarani do nordeste (2014, p. 259), acarretando a formação de diferentes centros regionais, cada qual com suas singularidades nos aspectos normativos das cerâmicas. Os primeiros, através de novos movimentos de longa distância, estabelecer-se-iam no litoral nordestino; já, ao sul, seguiriam a partir da calha do rio São Francisco (2014, p. 261) resultando a ocupação e domesticação do sudeste brasileiro.

Em síntese, Corrêa, respondendo as dúvidas oriundas de seu mestrado sobre distinção da cerâmica Tupinambá, destaca a presença de três centros regionais: sendo o primeiro localizado no centro norte baiano, o segundo envolvendo os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais e o último no nordeste paulista (2014, p. 263). Essas diferenças estariam relacionadas com o contato com diferentes grupos étnicos e às próprias movimentações de longa duração e rápida dispersão que acarretariam a ruptura de elementos distintivos.

¹² “[...] morfologias mais complexas com estrutura formada por pontos de inflexão e ângulos, padrões de pintura mais típicos e bordas com reforços, expansões, cambagens, dentre outros” (CORRÊA, 2014, p. 252).

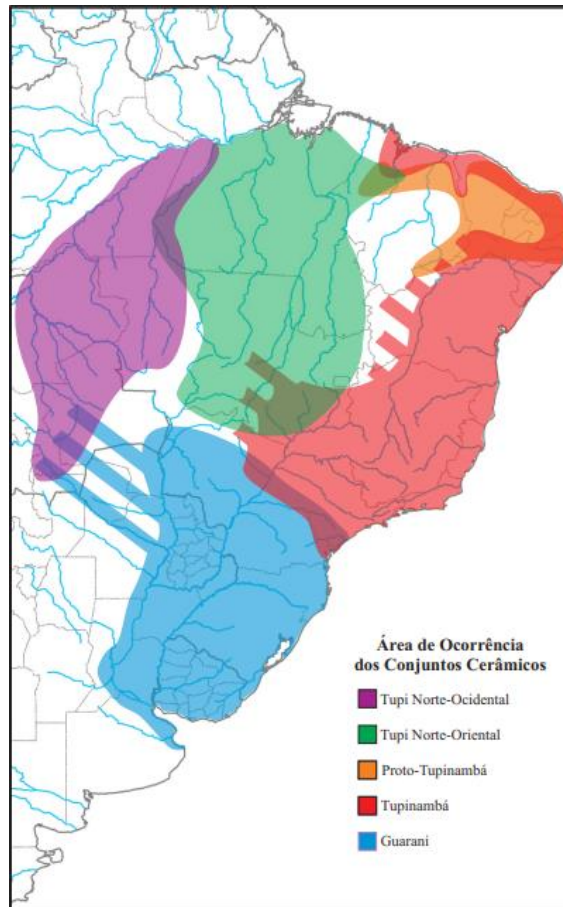
¹³ Como “Proto”, Corrêa refere-se às línguas ancestrais, bem como às populações que as falavam e deram origem a determinados elementos culturais (2014, p. 215).

Os Guarani também teriam sua origem na já citada região entre os rios Tapajós e Tocantins, haja vista que as semelhanças culturais e linguísticas entre os Tupinambá e os Guarani sugerem que ambos tenham um mesmo centro de origem (2014, p. 263). Ao passo que os Proto-Tupinambás rumaram ao leste, os Proto-Guaranis teriam acompanhado a rota das bacias Tocantins-Araguaia (2014, p. 265). Tal posicionamento é enfatizado por Côrrea pois os conjuntos cerâmicos localizados no sudeste do Pará apresentaram grandes semelhanças com a cerâmica Guarani (2014, p. 264). Esse recorte vai de encontro a Brochado (1884), pois questiona a expansão Guarani através do território boliviano, dado a inexistência de vestígios arqueológicos no oeste amazônico com características e elementos semelhantes às cerâmicas Guarani (2014, p. 256).

Para o pesquisador, do altiplano dos rios Tocantins e Araguaia, os Proto-Gurani seguiram ao sul acompanhando as bacias e interflúvios dos rios Lourenço-Paraguai e Parnaíba-Paraná, o que entraria em conformidade com a ocupação Guarani no Centro-Oeste brasileiro e no Paraguai, bem como a expansão, através de movimento de curta distância¹⁴, rumo ao domínio da região sul do Brasil, Argentina e Uruguai (CORRÊA, 2014, p. 266). Outrossim, uma das novidades da pesquisa foi o desmembramento dos conjuntos cerâmicos pertencentes aos falantes do tronco Tupi localizados no Norte do Brasil. Conforme descreve Corrêa, aqueles assinalados como “Tupi Norte-Oriental”, encontradas a leste da bacia do rio Tapajós (2014, p. 213), apresentariam elementos normativos com grande consonância aos conjuntos cerâmicos Guarani (2014, p. 183).

¹⁴ Movimentos de curta distância seriam caracterizados pela persistência de elementos e escolhas técnicas na cultura material (CORRÊA, 2014, p. 144).

Figura 3 – Área de ocorrência dos conjuntos cerâmicos



Fonte: Corrêa (2014, p. 214).

Em resumo, a metodologia aplicada por Corrêa o permitiu verificar as variações dos conjuntos regionais através da variabilidade, permanência e ruptura de elementos normativos presentes nos artefatos cerâmicos. No que se refere aos principais modelos explicativos de ocupação das populações da família Tupi-Guarani, vai ao encontro de Betty Meggers no que tange à proposta de centro de origem do tronco Tupi, porém, destaca a necessidade de pesquisas arqueológicas mais aprofundadas que confirmem a expansão conjunta dos Tupinambá e Guarani (2014, p. 272). Quanto às teorias de Brochado, confirma a dispersão Proto-Tupinambá ao leste, contudo, discorda, através dos dados disponíveis nas últimas décadas, da expansão Guarani pelo rio Guaporé (2014, p. 273).

2.5 Cerâmica Guarani: características, discussões e possibilidades

A partir do final dos anos 1980, a arqueologia brasileira acabaria por popularizar pesquisas regionalizadas. No caso do Brasil meridional, ganhava destaque os estudos voltados à cerâmica Guarani, privilegiando não mais a construção de sequências seriadas, mas, sim, a

discussão e construção de modelos arqueológicos de ocupação regional daqueles grupos portavam consigo determinada cultura material. Dessa forma, no presente tópico, descreveremos as singularidades das estruturas arqueológicas e da cerâmica Guarani, assim como destacaremos as possibilidades de análise desses testemunhos.

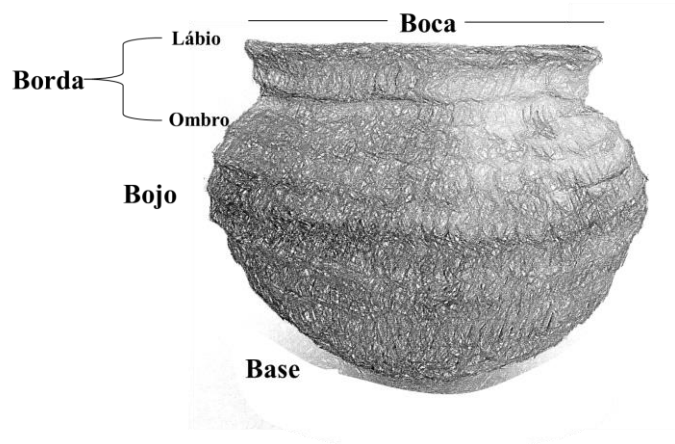
2.5.1 O acabamento de superfície das cerâmicas Guarani

Confeccionada pelas mulheres (PROUS, 1992, p. 387), a cerâmica Guarani é caracterizada por sua produção a partir da técnica *acordelada*, realizada através da sobreposição de cordéis de pasta, esses, por sua vez, compostos pela junção de material argiloso com antiplásticos (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 11).

Em livro direcionado às singularidades da cultura material das populações guaranis, intitulado *Cerâmica Guarani*, Fernando La Salvia e Brochado (1989) destacam que os maiores meios distintivos da indústria cerâmica desses portadores culturais se encontram na variedade da decoração externa e na morfologia dos vasilhames. Contudo, antes de iniciarmos a explanação dos acabamentos de superfície, faz necessário a descrição das partes integrantes de uma cerâmica, para isso, utilizo-me dos comentários de Prous (1992):

[...] chama-se base ao fundo, que pode ser plano, arredondado, com pés ou pedestal, etc. A parte central é chamada de bojo; quando o seu diâmetro maior apresenta uma brusca inflexão unguilar, diz-se que o bojo é carenado. A borda é a parte terminal do pote, junto à boca. A extremidade da borda, por onde corre o conteúdo quando a vasilha fica inclinada, é chamada de lábio (PROUS, 1992, p. 95).

Figura 4 – Partes integrantes da cerâmica



Fonte: Elaborada pelo autor.

No que se refere às técnicas de acabamento aplicadas na superfície externa das paredes da cerâmica Guarani, três são os tratamentos recorrentes: a decoração *alisada*, a *plástica* e a *pintada*.

Ao passo que o tratamento de superfície alisado se caracteriza por uma nivelção harmônica da superfície da vasilha, ou seja, em que a parede da cerâmica não apresenta rugosidades (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 41); o tratamento de superfície plástico, distinguido pela modificação física da parede externa da cerâmica quando da *pasta* ainda moldável, isto é, antes da queima (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 35), possui uma vasta variedade de *expressões decorativas*¹⁵, sendo, entre elas, a *corrugada* a de maior replicação entre os vasilhames produzidos pelas populações guaranis pré-coloniais (BROCHADO, 1980, p. 48).

Importante destacar que as cerâmicas com tratamento plástico manifestam, nas paredes de seu corpo, a aplicação contínua e recorrente de determinada expressão decorativa. Como veremos no decorrer do texto, tais técnicas possuem finalidades não apenas decorativas, mas funcionais. Na fotografia a seguir, é possível identificar um vasilhame com a ocorrência da decoração corrugada:

Fotografia 1 – Acabamento de superfície plástico



Fonte: Registrada pelo autor.

Abaixo, segue quadro com as características das expressões decorativas presentes nas cerâmicas guaranis com acabamento plástico:

¹⁵ “[...] é o elemento unitário que compõe uma decoração” (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 35).

Quadro 1 – Expressões decorativas das cerâmicas com decoração plástica

Expressão decorativa	Característica da expressão decorativa
Acanalado	Canelura
Beliscado	Belisco
Corrugado	Dobra
Digitado	Depressão
Digitado-ungulado	Depressão estocada
Escovado	Sulco
Espatulado	Cavidade
Estampado	Estampa
Estocado	Estocada
Estriado	Estria
Exciso	Excisão
Imbricado	Carquilha
Nodulado	Nódulo
Ponteadado	Ponto
Roletado	Rolete
Serrungulado	Cordoame
Ungulado	Ungulação

Fonte: Elaborada pelo autor, com base em La Salvia & Brochado (1989, p. 35-36).

As *expressões decorativas* elencadas podem apresentar variações no que se refere ao tamanho, profundidade, desgaste, intensidade de aplicação, distância entre as decorações, direção e variação angular; além disso, um mesmo vasilhame pode apresentar mais de uma *expressão decorativa* (LA SALVIA & BROCHADO, 1989). Dessa forma, é possível encontrar *corrugados* com grandes diferenças, contudo, sempre mantendo a característica da dobra.

Por último, temos a decoração pintada que, como incita o nome, é sinalizada pela presença de motivos (presença de símbolos, imagens, figuras) decorados em linhas e faixas em tons de vermelho, marrom e preto, desenhados sobre um fundo claro, nos tons branco, bege e colorações cinzentas. Elas podem estar situadas tanto externamente quanto internamente e, em alguns casos, em ambas as superfícies, visto que, em algumas morfologias, as duas áreas encontram-se visíveis (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 96). Segundo descreve Prous, os desenhos – também chamados de motivos - são compostos

por pontos e linhas onduladas ou retas, a partir da formação de feixes paralelos que formam padrões geométricos caracterizados por traços, triângulos, ziguezagues, círculos, semicírculos e cruces (2009, p. 14). As faixas tendem a possuir variações na sua largura, assim como na sua distribuição nas diferentes áreas integrantes da cerâmica. Sobre a decoração pintada, Brochado e La Salvia salientam que “a pintura não é uma simples manifestação de vontades, mas algo que está ligado ao processo de origem do grupo” (1989, p. 95)¹⁶.

Fotografia 2 – Acabamento de superfície pintado



Fonte: Registrada pelo autor.

Cabe ressaltar que diferentes acabamentos de superfície podem estar combinados em uma mesma vasilha: sendo denominado de “superposto” aquele que apresenta ações e técnicas distintas cobrindo uma mesma seção do corpo da cerâmica; “dupla face”, a cerâmica que possui as paredes interna e externa manifestando o mesmo tratamento de superfície; “acabamento duplo” aquele que apresenta ações distintas em áreas diferentes da vasilha; “acabamento misto” aqueles vasilhames com acabamento plástico e pintado, seja na mesma face ou em faces distintas (LA SALVIA & BROCHADO 1989, p. 41).

Quanto à aplicação do processo decorativo, Brochado e La Salvia aproximam-no com diferentes finalidades, distanciando as expressões de simples “ocorrências fortuitas” (1989, p. 27), dessa forma, dando protagonismo ao contexto social e à ação da artesã. Para tal, descrevem quatro influências no processo de decoração dos vasilhames: 1) *tradicional*, que seria a propagação de um modo de decoração a partir das exigências, costumes e tradições postulados por um grupo; 2) *modal*, que destacaria a individualidade – intensidade e variação

¹⁶ Autores como Kelly de Oliveira (2008), André Prous (2003; 2004; 2005; 2009) e Fernanda Bordin Tocchetto (1996), estudaram as variedades dos padrões iconográficos presentes na cerâmica pintada Guarani.

na aplicação da técnica - da artesã presente nos elementos decorativos consagrados pelo grupo; 3) *grupal*, relacionada às variações diretamente ligadas às condições ambientais, todavia, não alterando os sentidos tradicionais da decoração; 4) *utilitária*, aquela que por suas características comuns não necessitaria de elementos decorativos (1989, p. 27).

Nesse ensejo, teríamos que as diferentes técnicas e elementos presentes na superfície das vasilhas cerâmicas estariam intrinsecamente relacionadas aos costumes e tradições de um certo grupo; ao processo de transmissão de saberes às novas gerações de oleiras; às aspirações individuais da artesã; às funcionalidade, uso e descarte das cerâmicas; às singularidades ambientais do território explorado e, por fim, às necessidades sociais para manutenção de um *ethos guarani*. Tal assunto será retomado e discutido ao fim do presente capítulo.

2.5.2 A morfologia da cerâmica Guarani

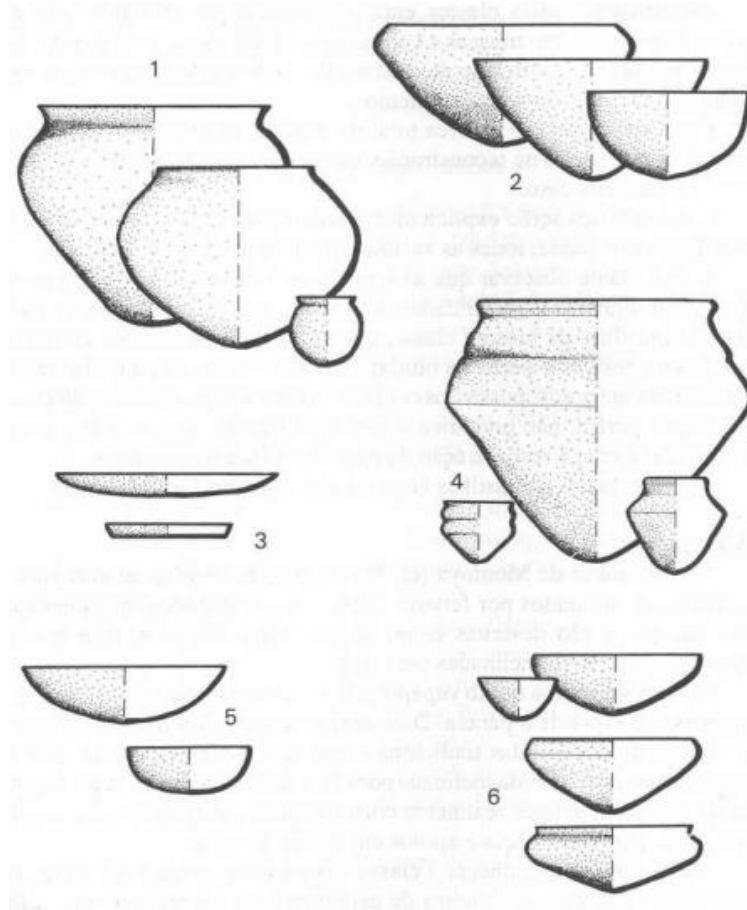
Ao recorrer aos estudos linguísticos, registros históricos e documentos etnográficos, os trabalhos arqueológicos aprofundaram os conhecimentos acerca da história das populações indígenas brasileiras. No caso da cerâmica Guarani, a metodologia, inicialmente aplicada por Brochado, ampliaria as formas de análise dos vestígios materiais, uma vez que os estudos buscariam informar mais sobre as possíveis funções e usos das cerâmicas para aquelas sociedades, explorando seus possíveis modos de vida, costumes e manejos em relação aos contextos arqueológicos analisados.

A partir da análise de verbetes e glossários presentes em um dicionário do Guarani Antigo (clássico) para o Espanhol, intitulado de *Tesoro de la lengva gvarani* (1640), obra de Antonio Ruiz de Montoya (1585-1682), Brochado e equipe viriam a destrinchar múltiplas informações acerca das funcionalidades e morfologias dos utensílios cerâmicos utilizados pelos Guaranis históricos. Na obra original, Montoya, a partir da formação de um inventário da etnografia Guarani, sinaliza a presença de distintas finalidades e características físicas dos vasilhames elaborados e utilizados pelos guaranis, indicando, inclusive, diferentes classes de utensílios.

Em *Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica guarani a partir dos fragmentos* (1994), Brochado e Gislene Monticelli descrevem, através da análise de coleções cerâmicas e de excertos encontrados na obra de Montoya, seis classes de vasilhames pertencentes à cerâmica Guarani, sendo elas: 1) painéis para cozinhar, denominadas de *yapepó*; 2) caçarolas para cozinhar, denominadas de *ñaetá*; 3) pratos para assar, chamadas de *ñamõpyu* ou *ñamypiu*; 4) jarras para armazenar bebidas, conhecidas por *cambuchí*; 5) pratos

para comer, *ñaembé* ou *teembirú*; e 6) tigelas para beber, conhecidas por *cambuchí caguãbá* (1994, p. 108-109).

Figura 5 – Classes da cerâmica Guarani



Fonte: Brochado & Monticelli (1994, p. 110).

Na referida obra, Brochado e Monticelli (1994), de posse das variações funcionais apontadas por Montoya, realizam correspondências com as coleções e fragmentos cerâmicos analisados. O objetivo dos autores foi estabelecer rígidos critérios para a análise em laboratório da cerâmica Guarani a partir da descrição dos parâmetros métricos (diâmetro máximo da vasilha, do diâmetro da boca da cerâmica, da espessura da parede, e da relação profundidade-altura), estéticos (acabamentos de superfície e técnicas decorativas) e das características físicas (tipos de base, das formas do corpo e das diferentes bordas e lábios dos vasilhames) em relação às diferentes funcionalidades e classes dos artefatos. Para eles, questões morfológicas e estéticas não estariam separadas das tecnológicas, ou seja, acabamentos de superfície estariam estritamente relacionadas com as suas funcionalidades, maneiras de uso e descarte das cerâmicas para as sociedades Guarani.

2.5.2.1 Diferentes formas, distintos usos: as classes da cerâmica Guarani

Descrito por Montoya como vasilhas utilizadas para a fervura de alimentos (MONTROYA, 1640 *apud* BROCHADO & MONTICELLI, 1994, p. 110), ou seja, com funções semelhantes à das panelas, as *yapepó* teriam bojo saliente (seja carenado ou arredondado); bordas côncavas, verticais ou inclinadas para fora; base conoidal ou arredondada; cujas dimensões do diâmetro da boca variam entre 12 cm e superiores a 32 cm (BROCHADO & MONTICELLI, 1994, p. 111-112). Quanto aos tratamentos de superfície, predominam os acabamentos plásticos e suas variadas *expressões decorativas*, com destaque ao corrugado e ungulado (BROCHADO; MONTICELLI & NEUMANN, 1990, p. 732).

Comparadas com caçarolas, utilizadas tanto como tampas para outros vasilhames ou para cozinhar alimentos, as *ñæetã* seriam recipientes abertos; com formas troncocônicas; paredes externas manifestando acabamentos decorativos de cunho plásticos; bordas diretas (contínuas com a parede do vasilhame); de base aplanada ou levemente arredondada e aberturas de boca superiores a 30 cm (BROCHADO & MONTICELLI, 1994, p. 112). No que se refere à relação diâmetro-altura, as *ñæetã* teriam um coeficiente entre 0,9 e 2,6 (BROCHADO; MONTICELLI & NEUMANN, 1990, p. 737).

Já os *ñamõpyu* teriam funções equivalentes à de tostadores, ou seja, pratos rasos com bordas convexas e diâmetro de boca superior a 18 cm (BROCHADO & MONTICELLI, 1994, p. 113). Com tratamento plástico, apresentam uma relação diâmetro-altura maior que 4,5 (BROCHADO; MONTICELLI & NEUMANN, 1990, p. 737), o que denota a baixa profundidade dessa classe da cerâmica guarani.

Os *cambuchí*, por sua vez, seriam vasilhas utilizadas para armazenar líquidos, exercendo, assim, a função de jarros ou talhas. O maior diâmetro encontrar-se-ia no bojo, situado acima da metade da altura total da vasilha; sua base seria conoidal, arredondada ou aplanada; borda carenada¹⁷ ou reforçada externamente (com aplicação de pasta extra) e pescoço restringido. Ao contrário das cerâmicas que iam entravam em contato com fogo, os *cambuchí* tendem a apresentar acabamento de superfície pintado ou alisado, denotando uma direta relação entre funcionalidade e o seu acabamento externo. De acordo com as análises dos fragmentos cerâmicos, os diâmetros da boca seriam superiores a 18 cm (BROCHADO & MONTICELLI, 1994, p. 114-115).

Equiparáveis com tigelas ou pratos abertos, os *ñæembé* apresentam bordas diretas e convexas; bases arredondadas ou aplanadas e diâmetros superiores a 12 cm. Brochado

¹⁷ Borda que apresenta um ângulo agudo (CHMYZ, 1976, p. 126).

relaciona o diâmetro das bocas dos vasilhames a diferentes finalidades; dessa forma, os *ñaembé* com diâmetros entre 12 e 16 cm seriam pratos individuais, aqueles entre 18 e 26 cm seriam utilizados como pratos coletivos para pequenos grupos e, por fim, aqueles com aberturas de boca entre 28 e 34 cm seriam os pratos comunais, utilizados em práticas sociais (BROCHADO & MONTICELLI, 1994, p. 116). A relação diâmetro-profundidade varia entre 2,5 e 4,5 (BROCHADO; MONTICELLI & NEUMANN, 1990, p. 734-737); além disso, suas paredes podem apresentar distintos acabamentos de superfície, inclusive o “acabamento misto” (LA SALVIA & BROCHADO 1989, p. 41), ou seja, paredes internas pintadas e superfície externa plástica,

Por último, temos os *cambuchí caquâbá*, recipientes utilizados para servir e ingerir líquidos. Tendo formatos relativamente semelhantes aos *ñaembé*, a maior distinção encontraria-se na relação diâmetro-profundidade, entre 0,5 e 2,5, isto é, possuem altura maior. Quanto às formas, podem ser esferoidais, elipsoidais ou conoidais (BROCHADO; MONTICELLI & NEUMANN, 1990, p. 734). Essa classe apresenta, em grande medida, cerâmicas com tratamento de superfície pintado, sinalizando que os vasilhames não iriam ao fogo (BROCHADO & MONTICELLI, 1994, p. 116-117).

Importante destacar a existência de vasilhames em versão “miniatura”. Com dimensões inferiores e acabamentos menos precisos, elas seriam, segundo Mariana Araújo Neumann (2008, p. 34), relacionadas ao processo de aprendizagem de jovens oleiras na prática de confecção cerâmica. Tal recorte estaria intrinsecamente ligado à manutenção dos costumes dos grupos portadores da cerâmica Guarani, sendo importante vetor para a replicação dos padrões normativos dessa cultura material.

Como vimos nos últimos subcapítulos, a cerâmica Guarani estaria imersa em uma série de distinções morfológicas e estéticas, porém, seguindo algumas diretrizes, caso da cadeia operatória, da aplicação de determinados tratamentos de superfície e da manutenção de alguns parâmetros métricos. Todavia, o ensejo aqui retratado nos faz questionar até que ponto uma *tradição cerâmica* se mantém atuante e vigente, visto que, conforme discutimos, elas passaram um longo período temporal e geográfico. Dessa forma, fica o questionamento acerca da possibilidade de distinção da cultura material entre grupos de uma mesma linhagem étnica. Qual seria a fronteira das *caixas homogeneizadoras*? Haveria a possibilidade de ruptura ou regionalização de alguns dos parâmetros normativos? No próximo tópico discutiremos a questão do *Regionalismo Cultural* e suas possibilidades de diálogo com a cerâmica Guarani.

2.6 O regionalismo cultural e a cerâmica Guarani

A revisão bibliográfica até aqui realizada destaca algumas características marcantes da prática e do desenvolvimento teórico-metodológico da arqueologia no território brasileiro: com a popularização da arqueologia através de programas como o Pronapa, muitos foram as coletas e escavações realizadas, resultando recorrentes pesquisas com a finalidade de enquadrar sítios arqueológicos - e seus vestígios – em conceitos classificatórios. Tal cenário, conforme descreve Klaus Hilbert, relegou papel secundário às populações, visto que as “pessoas eram vistas apenas como portadoras de culturas” (2007, p. 129), ou seja, pouco buscava-se compreender os contextos originais dos vestígios e, conseqüentemente, dos comportamentos, interesses e motivos daqueles que produziram os artefatos e utensílios rigidamente analisados em laboratório pelos pesquisadores.

Dessa forma, os estudos arqueológicos ancorados na História, Antropologia, Linguística e Etnologia, ampliariam os horizontes e problemáticas, além de revelar lacunas do conhecimento sobre as populações pretéritas do território brasileiro. Tais trabalhos abarcariam a discussão das semelhanças culturais, expandindo as possibilidades de análise das estruturas arqueológicas e indo de encontro à simples inserção de vestígios materiais em *blocos homogeneizantes*. Os seguintes tópicos irão discorrer acerca de alguns desses trabalhos no âmbito da cerâmica Guarani, dando destaque à relação sociedade-cultura material.

2.6.1 Francisco Noelli e o caráter prescritivo da cultura Guarani

Em dissertação de mestrado intitulada de *Sem tekohá não há tekó – Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e de subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí*, defendida em 1993, Noelli explora estudos etnográficos, etnohistóricos e arqueológicos a fim de organizar ensaios que sejam úteis no diálogo entre cultura material, domínio territorial e da subsistência dos Guarani pré-contato (1993, p. 2).

Baseado nas áreas supracitadas, Noelli, utilizando-se das noções empregadas pelo antropólogo norte-americano Marshall Sahlins (1990, p. 13), caracteriza a cultura Guarani como altamente *prescritiva*¹⁸, dado a reprodução, uniformidade e permanência de

¹⁸ Para Marshall Sahlins, a cultura de determinada sociedade é reproduzida na ação (1990, p. 7), sendo assim, culturas diferentes possuiriam historicidades diferentes (1990, p. 11). Nesse ensejo, Sahlins projeta dois modelos de reprodução das culturas: as *performativas* e as *prescritivas*. Ao passo que as primeiras tendem “a assimilar-se as circunstâncias contingentes” (1990, p. 13), isto é, que buscam assimilar os acontecimentos e as novidades, as *prescritivas* “tendem a assimilar as circunstâncias a elas mesmas, por um tipo de negação de

comportamentos nos últimos milhares de anos (NOELLI, 1993, p. 4). Dessa forma, a persistência temporal das semelhanças da cultura material Guarani, caso dos testemunhos arqueológicos cerâmicos, tornar-se-iam, a partir das datações radiocarbônicas, os grandes balizadores da hipótese proposta. Segundo o autor, tal cultura material só teria sofrido grandes “desestruturações e ressignificações” (1993, p. 18) a partir do contato com os europeus.

A chave encontrada para justificar sua abordagem encontra-se na busca pela reprodução do *ñande reko*, o modo de ser característico dos Guarani pré-coloniais, que englobaria não apenas a reprodução de sua cultura material, mas, também, o domínio e ocupação territorial, além das práticas sociais cotidianas. Para Noelli, esse modo de ser seria mais nítido quando dos momentos de contato com grupos rivais ou durante eventos de disputa interna, visto que estaria em jogo a (re)afirmação das tradições e dos costumes (1993, p. 20). Assim sendo, os Guarani historicamente reconhecidos seriam difusores de costumes sociais e materiais (MÉTRAUX, 1928 *apud* NOELLI, 1993, p. 20), sendo representantes de um grupo colonizador que imporia suas tradições e conquistaria novos territórios (SUSNIK, 1975 *apud* NOELLI, 1993, p. 20). Tal recorte conversaria com as hipóteses de rotas de difusão dos Tupi conforme proposto por Brochado (1984), além disso destaca que os Guarani não apenas dominariam novas regiões, como “colonizariam” outros grupos indígenas, destacando, assim, seu poderio de organização social. Essa característica é comumente encontrada nas produções como *guaranização* (BROCHADO, 1989; SOARES, 1997) ou como ato de *guaranizar* (ZUSE, 2009).

Em resumo, teríamos que uma das características marcantes das sociedades Guarani seria a manutenção da ordem vigente, valorizando a repetição de comportamentos, em detrimento da inovação ou mudança. Assim, a educação tornar-se-ia um dos elementos cruciais para a propagação do *ethos guarani* (MELIÁ, 1979, p. 11-12); exemplo disso é o processo de ensino-aprendizagem através da introdução da prática da indústria cerâmica na vida das jovens por meio da elaboração de vasilhames miniaturas e do treinamento direcionado à repetição das técnicas das *expressões decorativas* e dos grafismos pintados (NEUMANN, 2008).

O recorte aqui descrito justifica a permanência temporal e geográfica dos elementos normativos encontrados na cerâmica Guarani, logo, a cultura material iria muito além de sua funcionalidade, carregando consigo elementos culturais socialmente aceitos e almejados pelos grupos portadores, ressaltando barreiras criativas no momento da confecção dos vasilhames,

seu caráter contingente e eventual” (1990, p. 13), ou seja, que transformam os acontecimentos em algo similar ao seu sistema, ou nas palavras de Sahlins, que projetam a ordem vigente (1990, p. 13).

bem como características identitárias. Fica-nos pendente compreender quais os limites, lacunas e imposições que as oleiras possuíam na reprodução da cerâmica Guarani. Haveria espaço para mudanças e singularidades?

2.6.1.1 A organização social e territorial Guarani

Muito além da discussão dos Guarani como sociedades *prescritivas*, Noelli debruça sua atenção na organização social, ocupação e manejo territorial. Para isso, compreende cada sítio arqueológico como a formação de unidades habitacionais das populações pretéritas, uma vez que os contextos arqueológicos, caracterizados pelas “manchas pretas”¹⁹, poderiam ser traduzidos tanto como estruturas de habitação quanto como estruturas anexas²⁰ (1993, p. 81). Utilizando-se novamente das comparações entre os contextos arqueológicos e as descrições de cronistas e etnógrafos, Noelli considera que cada estrutura habitacional abrigava uma família extensa, denominada de *teii*, sendo uma aldeia, nas palavras do pesquisador, “formada pelo agrupamento de alguns *teii* unidos por laços de parentesco e reciprocidade” (NOELLI, 1993, p. 85). Assim, quanto maior o contexto arqueológico, maior seria a unidade habitacional, a demografia da família extensa e o prestígio do grupo e, conseqüentemente, de seu “líder”.

Baseando-se nas observações de Bartomeu Melià (MELIÀ, 1990), Noelli insere os *teii* nas estratégias de subsistência e manutenção do modo de ser característico dos *Guarani* a partir do domínio territorial, dessa forma, o *tekohá*, definido por Branislava Susnik (1982) como o local de aglomeração de aldeias ordenadas pela existência de laços de parentesco, seria composto, além da aldeia, por roças e vegetação circundante. Esse conjunto de espaços possibilitaria, além da produção de alimentos, a prática do manejo ambiental através da introdução de novos vegetais e coleta de matéria primas, essas relacionadas diretamente às possibilidades ecológicas da região. Por fim, a última delimitação territorial dos Guarani seria o *guâra*, região delimitada por barreiras geográficas, caso de rios, serras e campos, que daria o direito ao usufruto exclusivo da terra por parte de seus habitantes (SUSNIK, 1982, p. 24).

Em linhas gerais, os *guâra* seriam formados por alianças de unidades socioeconômicas definidas por laços de parentesco, com territórios denominados por *tekohá*, esses, por sua vez, compostos por aldeias, conhecidas por *amundá*, desenvolvidos por diferentes famílias extensas, as já citadas *teii*. O elemento unificante seria o *tekó*, “o modo de ser, o sistema, a cultura, a lei e os costumes” (NOELLI, 1993, p. 253). Dessa forma, seria possível enquadrar

¹⁹ Resultado da decomposição “de madeiras, fibras e palhas que constituíam as construções e os objetos perecíveis” (NOELLI, 1993, p. 90/91)

²⁰ Locais de práticas de atividades cotidiano, caso da preparação de alimentos, ferramentas e utensílios.

os padrões normativos da cerâmica guarani como parte integrante desse modo ser característico das populações guaranis, uma vez que, mesmo aqueles grupos que se diferenciavam por laços de parentesco, possuíam elementos culturais semelhantes, caso dos vasilhames cerâmicos.

Nas palavras de Melià, “[...] a vida Guarani nunca se liberta, nem se abstrai da questão da terra” (1990, p. 34), sendo a terra o local em que “se dão as condições de possibilidades do modo de ser guarani” (1990, p. 36), isto é, indo além de questões unicamente econômicas, mas, principalmente, sociopolíticas, religiosas e culturais.

2.6.2 O ethos guarani e as parcialidades culturais

As bases descritas por Noelli possibilitam questionar a presença de parcialidades culturais, mesmo que o pesquisador tenha definido as sociedades Guaranis como altamente *prescritivas*. Essa ponderação pode ser ancorada tanto na possibilidade de existência de diferentes *guâra*, cada qual com suas relações de parentesco, quanto pelos dizeres de Brochado (1973, p. 32-33) que, ao comentar a relação dos Guarani com a terra, discorre que tanto o território impõe condições ao modo de viver característico dessa população, quanto os Guarani acabavam por adaptá-lo a fim de melhor manipular as variedades do solo, as vegetações e as influências geográficas.

Assim como Noelli (1993), Soares (1997), em *Guarani: organização social e arqueologia*, considera estreita a relação entre a cultura material e a organização social dos Guarani, porém, ao contrário do primeiro, seu trabalho versa pelo aprofundamento dos estudos no sistema de parentesco. Novamente, vemos o interesse em relacionar os contextos arqueológicos com as atividades sociais, ultrapassando a “barreira” exclusiva e final da análise material.

Pincelando o debate acerca das sociedades *prescritivas*, Soares comenta que “[...] os Guarani responderiam a um estímulo novo com uma resposta velha, já conhecida” (1997, p. 07), legitimando, assim, a hipótese de Noelli (1993) que, quando de frente ao diferente ou da disputa com o semelhante, buscariam reafirmar sua tradição e o seu modo de ser, viver e estar, aqui denominado pelo pesquisador como *ethos*. Porém, Soares traz ao debate a ideia de que, durante o processo das rotas de dispersão, ocasionadas pelas pressões demográficas e insuficiência produtiva das terras inicialmente colonizadas, os proto-Guarani acabaram por dialogar, conviver e colonizar, ou seja, *guaranizar*, outras sociedades não-Guarani. Dessa

forma, citando o conceito de *habitus*²¹ proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, discorre que, quando do contato com os diferentes, os grupos Guarani responderiam com ações tradicionais, remetendo ao *ethos guarani*, todavia, com comportamentos adequados à nova situação ou ao novo ambiente (1997, p. 08).

Trazendo à arqueologia, a proposta de Soares responderia a presença de elementos “alienígenas”²² em estruturas arqueológicas guarani, assim como balizaria a hipótese de existência de distinções regionais na cultura material. Conforme descreve o autor, a cerâmica guarani “pode apontar para uma sociedade não tão prescritiva materialmente, mas mantenedora de um *ethos*”, assim, utilizando-se das noções empregadas por Sahlins, conclui sua ideia com a hipótese de que os vestígios materiais poderiam ser “mais performativos” (1997, p. 08), isto é, com maior protagonismo dos sujeitos, seja por iniciativa da oleira ou do grupo, no ato de confeccionar, utilizar e descartar o utensílio cerâmico:

Os diferentes ambientes ocupados pelos Guarani ao longo do tempo, bem como os diversos grupos aos quais se miscigenaram podem tê-los feito assimilar diversas características exógenas que provavelmente determinaram a existência das distintas parcialidades no período pré-contato (SOARES, 1997, p. 08).

Indiretamente, os postulados por Soares vão de encontro das metodologias aplicadas pelo Pronapa, visto que, para alcançar os objetivos almejados pelo projeto, os pesquisadores arqueólogos fizeram uso do emprego dos postulados *histórico-culturalistas*, isto é, classificando e enquadrando os testemunhos arqueológicos em *fases e tradições*. Conforme discutido, tais conceitos são passíveis de lacunas, visto que os portadores culturais não eram tão “genéricos” quanto se imaginavam, mas sociedades complexas, dinâmicas, com distintas historicidades e temporalidades envolvendo a ocupação territorial.

Com o intuito de justificar o caráter *performativo* da cultura material guarani, Soares, tendo como base a instituição das famílias extensas – *teii* – e a noção de prestígio, estabelece que determinadas linhagens possuíam preponderância frente às demais, refletindo, inclusive, na diferenciação da cultura material (1997, p. 22-23).

Nesse cenário, o prestígio de determinada família extensa, aldeia ou *guâra*, seria adquirido no decorrer da vida, sendo conquistado através da atuação na guerra, pelas alianças de reciprocidade, ocupação territorial, festividades e pela grandeza/alcance de suas alianças.

²¹ Conforme Pierre Bourdieu, podemos compreender o conceito de *habitus* como um “[...] sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (2007, p. 191).

²² Vestígios presentes em estruturas arqueológicas que não compactuavam com os padrões normativos de determinada indústria ou tradição cerâmica.

Por consequência, o prestígio iria além das relações sanguíneas, visto que as redes de parentesco e as relações políticas incluiriam o sistema *guâra-tekohá*, descrito por Noelli (1993). Tal recorte seria inerente ao *ethos guarani* (1997, p. 28), sinalizando o convívio de diferentes aldeias em ações de afirmação dos costumes e o intercâmbio social, econômico e religioso.

Os casamentos entre integrantes de parcialidades Guarani seriam, para Soares, uma maneira de manutenção da ordem vigente, tanto pela reprodução de novos integrantes da família extensa quanto pela continuidade de costumes, possibilitando a afirmação ou criação de redes de reciprocidade. Assim, a prática do casamento atua como elenco central na busca do prestígio, pois além de “aumentar o potencial econômico, social, biológico ou político” (SOARES, 1997, p. 33), facilitaria o processo de avanço territorial e conquista de novas regiões e de grupos não-Guaranis, seja através de conflitos, manejos ambientais ou formação de alianças com outras parcialidades. No que se refere à última ação, teríamos o percurso à *guaranização*, resultando na incorporação de novos integrantes às famílias extensas, caso de mulheres e crianças, e, conseqüentemente, na introdução de novos costumes sociais e técnicas relacionadas à cultura material (1997, p. 33). A cultura material, nesse sistema, não estaria estanque, mas exposta à diferentes visões e dinâmicas sociais; possibilitando, assim, a ruptura ou reinterpretação dos padrões normativos da cerâmica guarani.

Para Soares (1997, p. 37), os *guâra* seriam compreendidos pelos antigos Guarani como local de consciência quanto a unidade e identidade “sociocultural-regional”, reafirmada constantemente pelos ritos acima discutidos: casamentos, laços de reciprocidade, guerras e festividade. Partindo do princípio de que o *guâra*, definido por uma porção territorial delimitada por barreiras geográficas, representa o elemento unificador e identitário a uma sociedade, é possível deduzir que outros *guâras* eram identificados como distintos, seja socialmente como culturalmente. Sobre esse assunto Soares comenta que “o respeito mútuo entre os *guâras* pode ter sido uma forma de manter uma identidade regional que se manifestava por pequenas diferenças culturais” (1997, p. 44). Tal recorte possibilitaria a criação de analogias com *regionalismos culturais* no âmbito da cerâmica Guarani, assim como a distinção do prestígio social de determinado contexto arqueológico a partir das análises de parâmetros físicos, estéticos e morfológicos dos vestígios materiais.

2.6.3 A cultura material e a noção de regionalismo cultural

De posse das propriedades da cerâmica Guarani (LA SALVIA & BROCHADO, 1989), das regras práticas para reconstituição das cerâmicas dessa indústria (BROCHADO & MONTICELLI, 1994), das hipóteses de dispersão das populações (BROCHADO, 1973; BROCHADO, 1984; BROCHADO, 1989; CORRÊA, 2014) e dos trabalhos de Noelli (1993) e Soares (1997) acerca da organização econômica e político-social dos grupos portadores de um modo de ser característico dos Guarani, torna-se possível a discussão acerca das possibilidades de análise da cultura material através de um viés mais plural, que possibilite flexibilizar as amarras dos conceitos generalizantes consagrados pela arqueologia brasileira e, assim, verificar, nas semelhanças, repetições e rupturas de padrões normativos da tecnologia cerâmica, as singularidades regionais e identitárias presentes nos testemunhos de diferentes estruturas arqueológicas.

Para isso, utilizamos a noção de *regionalismo cultural*, explorado por Kelly de Oliveira (2008) e Silvana Zuse (2009). Para as autoras, as parcialidades étnicas dos Guarani poderiam ser evidenciadas a partir da comparação tecnológica e estética de vestígios materiais de diferentes contextos arqueológicos. Enquanto Oliveira (2008) se atém aos motivos decorativos presentes nas cerâmicas de tratamento de superfície pintado, analisando e comparando os grafismos de três coleções distintas; Zuse (2009) parte do princípio de que os *regionalismos* estariam visíveis através da análise da cadeia operária da indústria cerâmica, sendo possível constatar variações na utilização de matérias-primas, bem como das técnicas para confecção dos vasilhames. Dessa forma, as distinções encontradas representariam as singularidades de determinado grupo. Conforme descreve Oliveira:

Os regionalismos culturais seriam um modo encontrado, dentro dos padrões normativos da cultura, de um grupo se diferenciar de outro enquanto parcialidade étnica. Entretanto, apesar dessa parcialidade, ele continua se considerando pertencente e se autoreconhecendo como membro de uma mesma tradição cultural (2008, p. 19).

Tais distinções culturais poderiam ser aceitas pelo grupo a partir da iniciativa de determinado integrante da sociedade ou por intermédio de trocas ou dos fenômenos das *zonas de fronteira*²³ (OLIVEIRA, 2008, p. 123). Nesse cenário, poderíamos correlacionar os

²³ Jairo Henrique Rogge (2005) analisa os processos de interação e contato de populações portadoras de diferentes tradições arqueológicas cerâmicas no território do atual estado do Rio Grande do Sul. Conforme Rogge, “[...] se a fronteira pode ser um fator de separação e disputa, que pode gerar situações de conflito, a zona de fronteira é, em geral, um espaço marcado por atitudes e ações que podem levar ao desenvolvimento

regionalismos presentes na cerâmica com a presença de marcas de distinções socioculturais entre diferentes *guâra*, buscando afirmar, por exemplo, elementos identitários de cada parcialidade. Concatenando com Soares (1997), essas variações seriam resultado do longo processo histórico de manejo dos territórios, do contato e da *guaranização* de diferentes grupos étnicos, isto é, resultado do distanciamento histórico, temporal e territorial dos deslocamentos das populações guaranis, contudo, mantendo presente um *ethos* característico desses grupos, ou seja, os elementos normativos inerentes à tradição econômica, sociopolítica e religiosa dos Guarani.

Destarte, partimos do pressuposto que durante o processo de dispersão e colonização dos grupos portadores da cerâmica guarani no Brasil meridional ocorreu a assimilação de diferentes grupos étnicos. Dessa forma, consideramos que esses contatos foram permeados por diferentes fatores sociais, culturais, materiais e tecnológicos, sendo possível dizer, conforme explora Soares (1997, p. 08), que tenha ocorrido uma reafirmação do *ethos guarani*, porém com novas respostas dado a singularidade das situações. Sendo assim, faz necessário verificarmos se essas influências acarretaram quebras do modo normativo da cerâmica guarani, para isso, a análise de testemunhos cerâmicos oriundos de diferentes contextos arqueológicos torna-se uma importante ferramenta para a verificação e compreensão dos possíveis regionalismos presentes na cultura material.

de processos de interação que se caracterizaram pela integração e cooperação entre as diferentes populações que a compartilham” (2005, p. 21).

3 CONHECENDO AS FONTES: UM OLHAR INICIAL AOS FRAGMENTOS

No capítulo que se inicia, optou-se por apresentar informações das fontes de pesquisa averiguadas no presente trabalho: os fragmentos cerâmicos da Coleção Itapiranga e do sítio RS-LN-64. Dessa forma, dados relativos às características geográficas do contexto original dos vestígios, bem como da metodologia aplicada quando da prospecção dos fragmentos ganharão destaque. Com o intuito de aprofundar o leitor acerca do histórico das produções acadêmicas envolvendo os testemunhos cerâmicos, será discutido, brevemente, as pesquisas que fizeram uso dessas fontes, enfatizando seus objetivos e resultados.

3.1 Coleção Itapiranga: informações, localização e características

Durante muitas décadas a arqueologia brasileira fora protagonizada por atividades capitaneadas por pesquisadores amadores, seja relacionada à coleta de vestígios, ao armazenamento de exemplares em coleções particulares ou à realização de estudos preliminares que visavam, em grande medida, a descrição dos artefatos. Em muitos dos casos, tais intervenções não seguiam rígidos métodos científicos, dando preferência ao “resgate” dos testemunhos em detrimento à observação e preservação do contexto original dos fragmentos, impossibilitando, assim, estudos voltados ao manejo territorial e padrões de assentamentos daqueles grupos que outrora produziram os vestígios materiais. É possível enquadrar a Coleção Itapiranga nesse cenário, uma vez que se trata

[...] de uma grande coleção de cerâmica Tupiguarani, reunida nas décadas de 1940/1950 pelos estudantes da escola agrícola de Itapiranga, sudoeste do Estado de Santa Catarina. Esta cerâmica era recolhida na propriedade de suas famílias, que havia pouco se tinham instalado na floresta virgem do alto rio Uruguai, para desenvolver uma agricultura de subsistência (SCHMITZ, 2010, p. 14).

Logo, temos aqui uma coleção formada através da junção de testemunhos cerâmicos oriundos de diversos contextos e diferentes estruturas habitacionais. Sendo assim, os vestígios materiais da Coleção Itapiranga não possuem um registro informativo contemplando dados relativos aos elementos geográficos e ecológicos das estruturas. Inexistente também é a presença de materiais auxiliares, caso de fotografias e croquis contendo as dimensões das estruturas arqueológicas e a área de ocorrência das possíveis coletas. Contudo, conforme descreve Pedro Ignácio Schmitz (2010), trata-se de uma coleção regional representativa (2010, p. 14), dado o elevado número de fragmentos cerâmicos que a compõem, e, principalmente, o preservado estado dos vestígios, facilitando assim a análise dos parâmetros

métricos, morfológicos e estéticos da cerâmica Guarani proveniente da região sudoeste de Santa Catarina. Nas palavras de Oliveira,

Mesmo se uma coleção não pode mostrar mais nenhuma informação sobre o contexto original das peças, enquanto cultura material pode revelar importantes informações quanto às pessoas responsáveis pela criação desses artefatos (OLIVEIRA, 2008, p. 34).

Nesse ensejo, a Coleção Itapiranga possibilita a descrição dos padrões normativos da cerâmica Guarani, de tratamento de superfície plástica, uma vez que seus fragmentos possuem elevada conservação dos acabamentos de superfície, possibilitando a análise das formas dos vasilhames, bem como das singularidades relacionadas às bordas, lábios e espessura das paredes. Além disso, permite aprofundar os estudos voltados ao regionalismo cultural da cerâmica Guarani no Sudoeste de Santa Catarina.

3.1.1 A Coleção Itapiranga e a produção acadêmica

Salvaguardada na reserva técnica do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, a Coleção Itapiranga, catalogada com a numeração “86 – *Itapiranga, SC. Cerâmica*”, foi alvo de diferentes estudos interessados na discussão de problemáticas relacionadas ao conhecimento acerca da tradição Tupiguarani, da cerâmica Guarani e da cultura material das populações que habitaram a região.

Em *A decoração plástica na cerâmica da tradição Tupiguarani*, Pedro Ignácio Schmitz (2010) discorre sobre as especificidades do acabamento de superfície plástico da tradição Tupiguarani. Para isso, através da revisão bibliográfica e de sua atuação como pesquisador em trabalhos de campo e em laboratório, comenta as características e ocorrência das cerâmicas com tratamento de superfície plástico na *subtradição pintada*, encontrada nas florestas tropicais do litoral atlântico e bacia do rio São Francisco, e na *subtradição corrugada*, identificada nas florestas subtropicais da bacia do Rio da Prata (2010, p. 08). A fim de retratar as diferentes expressões decorativas e suas variações, bem como as possíveis correlações entre as morfologias e os acabamentos plásticos, Schmitz recorre à Coleção Itapiranga, uma vez tratava-se de uma coleção inédita¹ e que era “composta por fragmentos grandes que permitiam combinar forma, tamanho, acabamento da superfície e representatividade no conjunto recolhido” (2010, p. 10). Ao analisar mais de 700 bordas

¹ Análise inicialmente apresentada no XII Congresso de Arqueologia Brasileira, ocorrido em 2003, em apresentação intitulada “Painéis para o fogo” (SCHMITZ, 2003).

grandes, Schmitz verificou a preponderância da expressão decorativa *corrugada*, destacando que a maioria das bordas representavam painéis e grandes vasos (2010, p. 14). Tal cenário fez com que Schmitz concluísse que, pelas características métricas e pela decoração externa das cerâmicas, as vasilhas seriam, majoritariamente, utilizadas para o preparo de alimentos sobre o fogo (2010, p. 16).

Ismael da Silva Raupp (2014), em *Cerâmica Guarani – análise do processo construtivo na Coleção de Itapiranga, SC*, averigua a cadeia operatória da indústria cerâmica pertencente à Coleção Itapiranga com o intuito de verificar a existência de um padrão normativo no modo construtivo desses utensílios. Para tal propósito, selecionou cerca de 150 fragmentos cerâmicos que representavam bordas de vasilhames com funções de servir e consumir alimentos (2014, p. 239). Levando em consideração parâmetros métricos e os tratamentos de superfície, Raupp constatou que a maioria dos testemunhos pertenciam às cerâmicas com formatos abertos, possuindo bordas diretas e contornos simples, isto é, sem inflexão angular. Além disso, verificou que a maioria das extremidades denotavam lábios arredondados, com o predomínio do tratamento de superfície alisado, sendo seguido pelo *corrugado* (2014, p. 244-246).

Enfatizando uma análise qualitativa dos fragmentos cerâmicos pertencentes à Coleção Itapiranga, Fabiane Maria Rizzardo e Jairo Henrique Rogge (2014), em *Estudo sobre a individualidade da mulher indígena na produção de vasilhas cerâmicas da tradição Guarani*, buscaram identificar a individualidade da artesã, quando da confecção da cerâmica com decoração plástica, a partir da análise dos gestos técnicos empregados na manufatura e decoração dos vasilhames (2014, p. 87). Através da observação dos parâmetros estéticos e desenho de cerca de 60 fragmentos cerâmicos, foi possível identificar a presença da individualidade e protagonismo das oleiras durante o manejo e confecção dos utensílios. Como exemplos, são destacadas certas irregularidades e imprecisões na decoração; a presença de elementos atípicos, caso da “costura” de roletes representados por marcas de unha em determinadas variações dos corrugados; a mudança do sentido, intensidade e distância das expressões decorativas (2014, p. 89-90).

Em 2008, Kelly de Oliveira, em *Estudando a cerâmica pintada da tradição Tupiguarani: a coleção Itapiranga, Santa Catarina*, demonstra, a partir do estudo de cerâmicas com tratamento de superfície pintada, a presença de variações dos motivos decorativos de fragmentos oriundos de diferentes contextos originais, entre esses, a Coleção Itapiranga. Utilizando-se da noção de regionalismos culturais, Oliveira observou que “[...] essa tradição cultural não é tão rígida e inflexível que não possa apontar para certas doses de

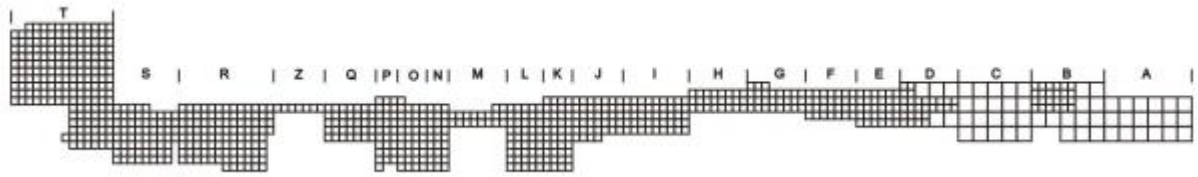
liberdade” (2008, p. 125), sendo assim, concluiu que, ao passo que os elementos mínimos encontrados nos diferentes contextos assinalam a persistência cultural da cerâmica Guarani, as variações podem configurar parcialidades étnicas (2008, p. 126). Ao trazer à pauta das pesquisas voltadas à cerâmica Guarani a comparação de vestígios de diferentes contextos, Oliveira afrouxou as “amarras” dos conceitos classificatórios, que igualavam em uma mesma *caixa homogeneizadora* vestígios oriundos de diferentes grupos pretéritos. Como se nota, trata-se de uma das principais influências da presente pesquisa, não apenas pelas amostras analisadas, mas pela metodologia e referencial aplicado.

3.2 Sítio RS-LN-64: informações, localização e características

Situado na planície costeira do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, no atual município de Osório, o material cerâmico proveniente do sítio arqueológico “RS-LN-64 – Lagoa do Índio” foi recolhido pelos profissionais Jussara Louzada Ferrari e Maximiliano Becker, entre novembro de 1984 e fevereiro de 1985. Caracterizado pelo solo argiloso-arenoso, localizado a seis metros ao nível do mar, distante aproximadamente 18 km do oceano Atlântico e por apresentar cultura material da tradição cerâmica Tupiguarani, o sítio ocupa parcela da margem ocidental da Lagoa do Índio (SANDRIN & SCHMITZ, 2009, p. 90-91).

Através da ação constante da erosão eólica e pluvial, grande parte dos testemunhos tornaram-se visíveis, outros, soterrados, fator que possibilitou a coleta superficial e sistemática da maioria dos vestígios. A fim de manter rigorosa metodologia de coleta dos fragmentos cerâmicos e lascas, Ferrari e Becker dividiram a estrutura em 20 setores, de tamanhos variados, assinalados por letras do alfabeto; estes foram divididos, dependendo das dimensões dos setores, em quadrículas de 16m² ou 4m², sendo identificadas por números arábicos. Tal atividade, além de informar o possível contexto original dos testemunhos na estrutura arqueológica, possibilitou aprofundar, como veremos no tópico seguinte, os estudos do manejo territorial dos grupos pretéritos localizados no Litoral Norte do Rio Grande do Sul a partir de estudos voltados às estruturas habitacionais das populações guaranis. Abaixo, segue croqui que elucida o trabalho em campo realizado pelos pesquisadores:

Figura 6 - Setores e quadrículas do Sítio RS-LN-64 – Lagoa dos Índios



Fonte: Sandrin & Schmitz (2009, p. 95).

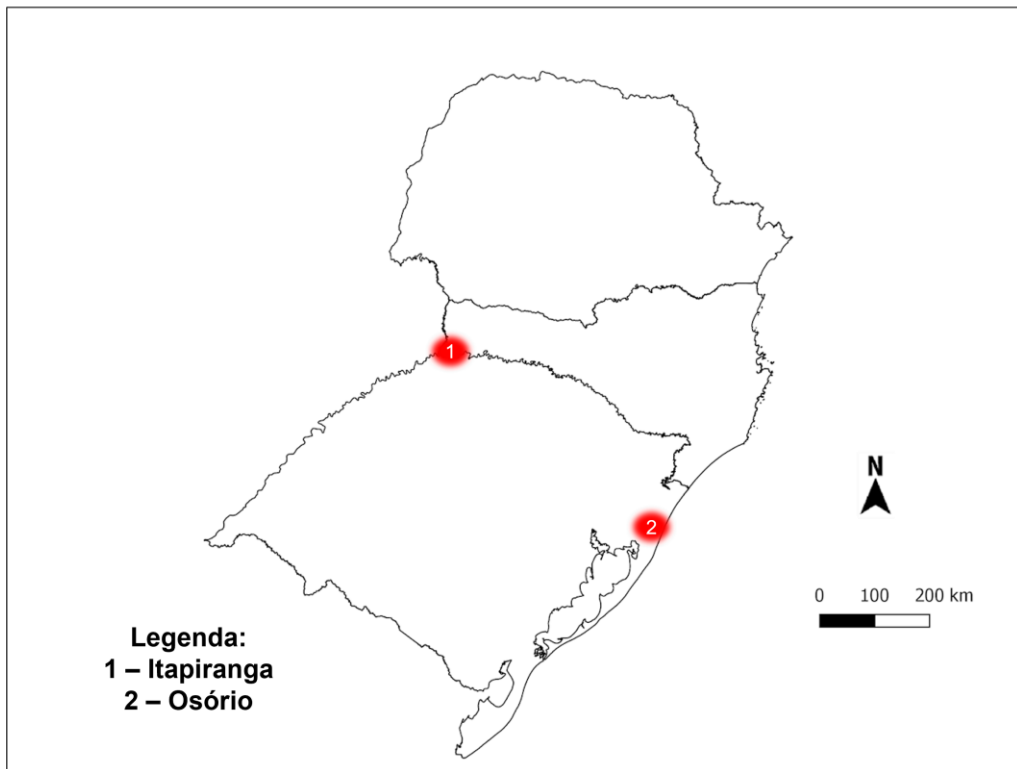
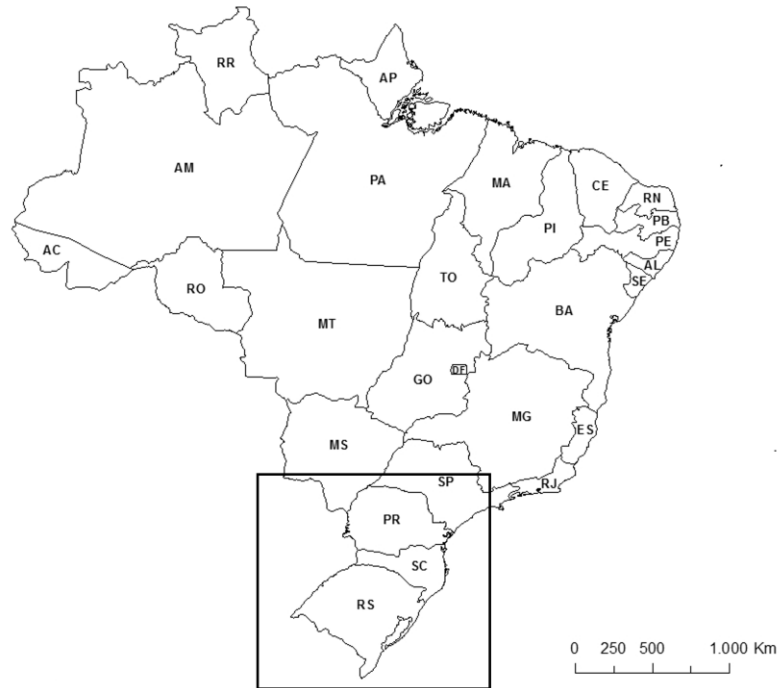
Conforme relatam Camila Sandrin e Schmitz (2009), o material foi catalogado e documentado segundo os procedimentos do IAP, sendo inicialmente salvaguardado no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), em Taquara, e posteriormente encaminhado à reserva técnica do IAP, em São Leopoldo.

3.2.1 O sítio RS-LN-64 – Lagoa do Índio e a produção acadêmica

No que se refere à produção acadêmica pertinente ao sítio “Lagoa do Índio” e aos testemunhos arqueológicos dessa estrutura, é possível citar a pesquisa realizada por Sandrin e Schmitz (2009), intitulada de *O sítio Lagoa dos Índios e o povoamento Guarani da planície costeira do Rio Grande do Sul*. Por meio da classificação e separação de 24780 fragmentos cerâmicos, Sandrin e Schmitz (2009) identificaram o predomínio das expressões decorativas do corrugado, alisado e ungulado. Ganha destaque o estudo da densidade de fragmentos cerâmicos por m², resultando no desmembramento da estrutura arqueológica em setores habitacionais a partir da dispersão e aglomeração dos testemunhos. O referido processo evidenciou a presença de três grandes estruturas e outras duas de menor tamanho (2009, p. 101).

Em linhas gerais, o sítio RS-LN-64 – Lagoa do Índio apresenta significativo número de fragmentos cerâmicos com tratamento de superfície plástico, indo ao encontro dos objetivos almejados no presente trabalho. Além disso, sua distante localização do Sudoeste de Santa Catarina permite, quando da comparação dos parâmetros estéticos, morfológicos e métricos, traçar e aprofundar importantes debates acerca da presença de regionalismos culturais presentes na cerâmica Guarani.

Figura 7 – Localização da origem dos objetos de análise



Fonte: Elaborada pelo autor.

4 ANALISANDO A CERÂMICA GUARANI: ENTRE PADRÕES NORMATIVOS E SINGULARIDADES

Através da apresentação das características e padrões normativos da cerâmica Guarani, dos debates presentes na academia brasileira e de um breve recorte acerca dos testemunhos a serem estudados, torna-se possível realizar a crítica das fontes. Logo, no presente capítulo, privilegiou-se, inicialmente, a apresentação da metodologia empregada na análise dos fragmentos cerâmicos. Para tal finalidade, elenca-se os aportes teórico-metodológicos, os materiais de apoio e os recursos digitais utilizados durante a prática em laboratório. Na sequência, a partir do apontamento quantitativo dos parâmetros métricos, estéticos e morfológicos dos testemunhos cerâmicos, inicia-se a discussão e análise dos resultados encontrados em cada coleção para que, em segundo momento, tenha-se os subsídios necessários para contrastar e assim encontrar as decorrências dos regionalismos culturais na cerâmica plástica Guarani.

4.1 Sobre a metodologia aplicada

A fim de alcançarmos os objetivos propostos, a metodologia aplicada durante a análise dos fragmentos cerâmicos foi dividida em diferentes etapas, a saber: 1) separação dos testemunhos cerâmicos com elementos mínimos para a análise; 2) desenho das bordas cerâmicas; 3) verificação dos parâmetros métricos, estéticos e morfológicos; 4) alimentação de planilha com as especificidades dos fragmentos; 5) transferência das bordas para meios digitais e reconstituição gráfica dos grupos cerâmicos encontrados. A análise dos fragmentos foi balizada em consagradas obras que perpassam a análise, interpretação e reconstituição de vestígios cerâmicos.

4.1.1 Separação dos testemunhos cerâmicos com elementos mínimos para análise

Conforme delimitação da pesquisa, o presente estudo se dá através da análise de fragmentos cerâmicos com tratamento de superfície plástico, pertencentes à cerâmica Guarani. Como vimos, vasilhames com decoração plástica são aqueles que resultam “[...] da modificação tridimensional da superfície da parede de uma vasilha com a argila ainda moldável e anterior a queima” (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p.35), ou seja, cerâmicas que não possuem superfície externa alisada ou com grafismos pintados. Em *Como interpretar*

a linguagem da cerâmica – manual para arqueólogos, Betty Meggers e Clifford Evans (1970), então representantes da escola americana de arqueologia durante o desenvolvimento do Pronapa, introduzem aos leitores alguns métodos para a coleta e análise de vestígios arqueológicos cerâmicos. Conforme destacam, trata-se de um manual “[...] com vistas a facilitar o treinamento de estudantes e auxiliar na uniformização da metodologia” (MEGGERS & EVANS, 1970, p. 3). No que se refere à análise de cacos, Meggers e Evans ressaltam a importância do estudo detalhado das bordas pertencentes às amostras, uma vez que são indicadores cruciais para o estudo de padrões normativos, visto que propiciam os elementos necessários para a análise dos lábios, dos parâmetros métricos e, principalmente, possibilitam a reconstituição das possíveis formas e perfis dos vasilhames (1970, p. 48-49).

Destarte, para a separação dos testemunhos, escolhemos caixas, entre aquelas que integravam as amostras da Coleção Itapiranga e do sítio RS-LN-64, que possuíssem elevado número de fragmentos que representassem bordas de vasilhas cerâmicas com visível predominância do acabamento de superfície plástica. Isto é, embora o trabalho seja direcionado à cerâmica Guarani com decoração plástica, foram separadas, identificadas, analisadas e planilhadas todas as bordas encontradas nas caixas, inclusive aquelas com superfície alisada ou pintada; sendo essas, como veremos nas páginas seguintes, com diminuta presença. No que se refere à Coleção Itapiranga, recorreremos aos fragmentos armazenados em apenas um caixote, totalizando 101 bordas analisadas; no sítio Lagoa dos Índios duas caixas foram manuseadas, resultando 122 bordas. Em resumo, 223 testemunhos cerâmicos passaram pelo crivo metodológico.

Fotografia 3 – Separação de fragmentos cerâmicos – Caixa pertencente à Coleção Itapiranga



Fonte: Registrada pelo autor.

Fotografia 4 - Separação de fragmentos cerâmicos – Caixa pertencente à Coleção Itapiranga



Fonte: Registrada pelo autor.

Fotografia 5 – Separação de fragmentos cerâmicos – Caixas pertencentes ao sítio RS-LN-64



Fonte: Registrada pelo autor.

4.1.2 Desenho das bordas cerâmicas

Com a separação das bordas, foi realizado o desenho à mão livre das bordas a fim de verificar os parâmetros métricos dos testemunhos, facilitar a comparação dos elementos morfológicos e, em um segundo momento, realizar a possível reconstituição gráfica das cerâmicas. No que se refere ao procedimento necessário, Meggers e Evans (1970) descrevem que

[...] as bordas devem sempre ser desenhadas na posição que teriam tomado quando no vasilhame completo [...] seu perfil deve ser transferido ao papel de tal modo que o plano horizontal representando o diâmetro da borda seja paralelo à margem superior da folha (1970, p. 49).

Além disso, “todos os perfis [...] devem ser desenhados no tamanho natural” (MEGGERS & EVANS, 1970, p. 49). O referido processo foi realizado em todas as amostras, sendo cada fragmento analisado, identificado por números arábicos. No caso dos testemunhos pertencentes ao sítio RS-LN-64 – Lagoa dos Índios, além da identificação por número, foi realizada a organização de bordas desenhadas conforme quadrículas e identificações de catálogo¹.

4.1.3 Verificação dos parâmetros métricos, estéticos e morfológicos

4.1.3.1 Parâmetros métricos

Concomitantemente ao desenho das bordas, ocorreu a verificação dos parâmetros métricos dos fragmentos cerâmicos. Além das espessuras das paredes, as bordas possibilitam a verificação do diâmetro da boca dos vasilhames, bem como o ângulo externo do contorno das cerâmicas. Foram mensurados, em milímetros, as espessuras máximas e mínimas dos fragmentos a fim de verificar as possíveis persistências culturais na indústria da cerâmica Guarani, bem como ampliar as correlações com os demais elementos avaliados.

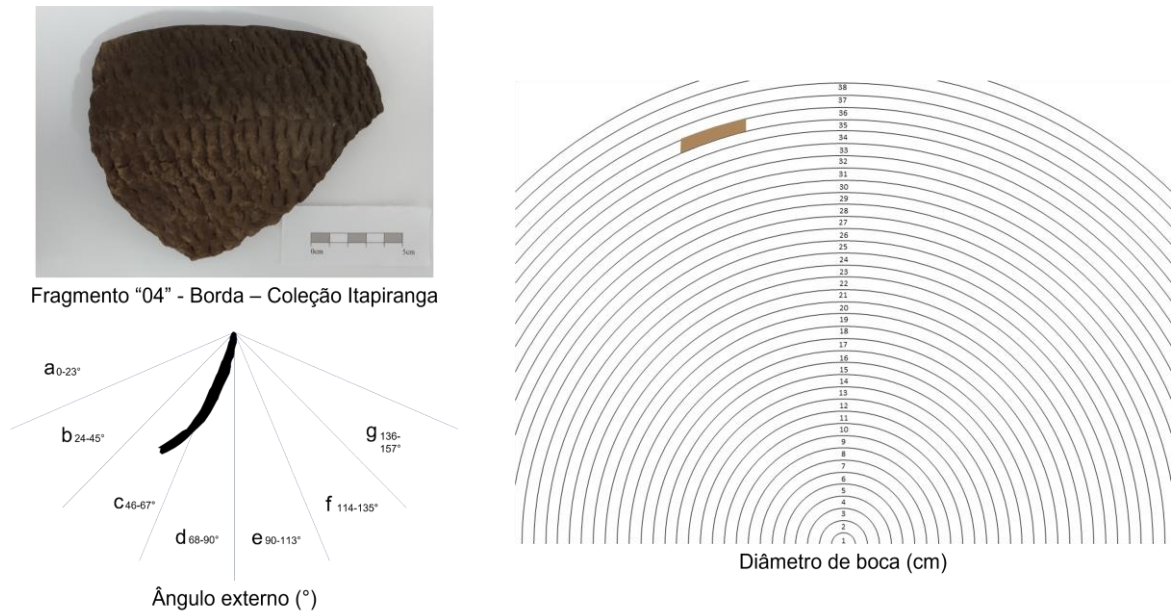
Através da orientação correta das bordas, isto é, do alinhamento da borda com o plano horizontal na posição com maior área de contato com lábio dos vasilhames, é possível verificar o ângulo externo da cerâmica. A partir da elaboração de um medidor angular, tal qual um transferidor, e baseado na metodologia utilizada em Schmitz *et al.* (1990), dividimos os ângulos externos em oito distintos grupos, a saber: a (0-23°); b (24-45°); c (46-67°); d (68-90°); e (90-113°); f (114-135°) e g (136-157°). Tais distinções, além de propiciar informações sobre as possíveis formas dos vasilhames, são imprescindíveis para a reconstituição gráfica dos mesmos, haja a vista os estudos que envolvem a relação diâmetro-altura-função (BROCHADO, MONTICELLI & NEUMANN, 1990).

A abertura da boca da cerâmica pode ser medida através de um ábaco de semicírculos concêntricos (MEGGERS & EVANS, 1970, p. 50). Para isso, torna-se crucial o posicionamento correto da borda. No que se refere à presente pesquisa, produzimos um ábaco de semicírculos, com intervalos de 1 cm, com diâmetros até 41 cm. Os fragmentos cerâmicos com dimensões superiores foram classificados, em planilha, com a descrição “> 41”, outros,

¹ Como destacado no capítulo anterior, os fragmentos cerâmicos do sítio RS-LN-64 foram identificados conforme quadrículas quando da coleta superficial dos vestígios. As cerâmicas analisadas no presente trabalho são oriundas das seguintes áreas: D7, D8, D9, D10, D11, D12, D13, D14, D15, D16, D17, J33, J34, J35, J36, K38, K3, K4, K6, K7 e K8.

pela irregularidade de suas bordas ou pelo pequeno arco de circunferência foram identificados como “NI”, sigla para “não identificados”. Abaixo, segue imagem elucidativa do processo de verificação dos parâmetros métricos. Como exemplo, o fragmento “04”, oriundo da coleção Itapiranga.

Figura 8 – Procedimento de verificação dos parâmetros métricos



Fonte: Elaborada pelo autor.

4.1.3.2 Parâmetros estéticos

Para a averiguação dos parâmetros estéticos, as definições aplicadas no presente trabalho seguem os seguintes referenciais teóricos: *Terminologia Arqueológica Brasileira para cerâmica* (CHYMZ, 1976) e *Cerâmica Guarani* (LA SALVIA & BROCHADO, 1989).

Visto que, durante a análise dos elementos decorativos, encontramos fragmentos cerâmicos com mais de um acabamento de superfície, geralmente em faces distintas, classificamos os testemunhos conforme seus diferentes tratamentos internos e externos. Na face interna, desconsideramos o registro dos fragmentos que detinham acabamento alisado, pois a maioria das amostras denotava tal característica. Abaixo segue a relação dos termos adotados no trabalho:

- *Plástico*: fragmentos cerâmicos que apresentavam acabamento apenas na superfície externa, manifestando expressões decorativas de cunho plástico. Retomando La Salvia e

Brochado, o tratamento plástico é aquele que “resulta da modificação tridimensional da superfície da parede cerâmica com a pasta ainda moldável e anterior à queima” (1989, p. 35).

- *Pintado*: fragmentos cerâmicos que apresentavam acabamento apenas na superfície externa, manifestando grafismos e motivos pintados.

- *Alisado*: fragmentos cerâmicos que apresentavam superfície externa com ausência de rugosidades e de grafismos pintados.

- *Acabamento misto*: aqueles fragmentos cerâmicos que possuem ocorrência de acabamento plástico e pintado numa mesma vasilha, seja na mesma face ou em nas diferentes faces (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 41).

- *Acabamento duplo*: ações decorativas distintas em diferentes áreas de uma mesma face (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 41).

- *Pintado-alisado*: noção elaborada para a presente pesquisa a fim de enquadrar as bordas cerâmicas que denotavam a decoração alisada na face externa, mas, internamente, manifestavam a presença de grafismos pintados ou banho.

Nas decorações de superfície plástica, situadas nas faces externas das cerâmicas, ressaltamos as seguintes expressões decorativas:

- *Ungulado*: tipo de decoração que consiste em imprimir marcas, que remetem ao formato de arco característico da ação frontal da unha, agrupadas em diversas posições na superfície do vasilhame (CHYMZ, 1976, p. 146).

Fotografia 6 – Fragmento cerâmico com expressão decorativa ungulada



Fonte: Registrada pelo autor.

- *Corrugado*: ação lateral do dedo sobre a superfície cerâmica, pressionando uma parte da argila, por arraste, e formando uma crista de forma semilunar (LA SALVIA &

BROCHADO, 1989, p. 35). É um tipo de decoração resultante do rejuntamento externo dos roletes pela sobreposição da parte inferior de uns, sobre a superior de outros (CHYMZ, 1976). Dado a grande presença do corrugado nas cerâmicas Guarani, destacamos abaixo as diferentes variações, encontradas durante a análise, dessa expressão decorativa:

- *Corrugado assimétrico*: as dobras oriundas da sobreposição dos roletes não possuem simetria (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 48).

- *Corrugado clássico*: sobreposição dos roletes no sentido transversal resulta cristas (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 47).

- *Corrugado grosseiro*: as dobras oriundas da sobreposição dos roletes são feitas desordenadamente com falhas, sobreposições e sem ritmo (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 48).

- *Corrugado oblíquo*: as dobras oriundas da sobreposição dos roletes formam uma linha contínua inclinada em relação à borda (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 48).

- *Corrugado perpendicular*: as dobras oriundas da sobreposição dos roletes formam cristas no sentido perpendicular (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 47).

- *Corrugado simples*: a sobreposição de roletes caracteriza-se pela ausência de dobras (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 48).

Fotografia 7 – Fragmento cerâmico com expressão decorativa corrugada



Fonte: Registrada pelo autor.

- *Corrugado-ungulado*: destaca-se pela presença, em concomitância, de duas expressões decorativas. Trata-se de uma decoração em que se associam unguilações às corrugações (CHYMZ, 1976, p. 127).

Fotografia 8 - Fragmento cerâmico com expressão decorativa corrugada-ungulada



Fonte: Registrada pelo autor.

Quanto às técnicas decorações não plásticas, encontramos e adotamos as seguintes expressões:

- *Alisado*: eliminação da rugosidade das paredes através do aplanamento da superfície (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 41).

- *Banho*: consiste na aplicação, antes da queima, de uma camada superficial de pigmentos minerais na superfície do vasilhame (CHYMZ, 1976, p. 41). Na pesquisa, distinguimos os banhos de superfície em “branco” e “vermelho”.

Os testemunhos cerâmicos que manifestaram intenso desgaste nas faces externas ou internas dos vasilhames, impossibilitando uma assertiva análise, foram classificados como “NC”, sigla utilizada para “não classificados”.

4.1.3.3 Parâmetros morfológicos

Para os parâmetros morfológicos, classificamos os testemunhos cerâmicos conforme as obras *Terminologia Arqueológica Brasileira para cerâmica* (CHYMZ, 1976) e *Uma Aldeia Guarani: Projeto Candelária, RS* (SCHMITZ *et al.*, 1990). Foram analisados os seguintes critérios: parte integrante do vasilhame, tipo de lábio, características da borda e modelos de formas cerâmicas.

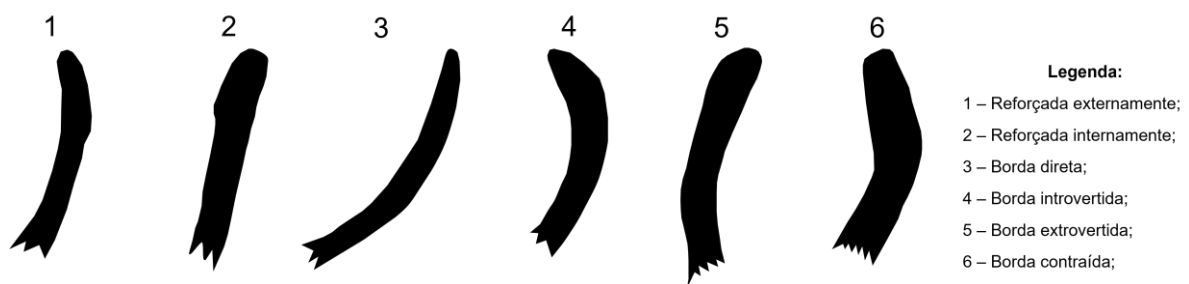
Como já destacado, selecionamos os fragmentos cerâmicos pertencentes a parte terminal da parede, junto a boca do vasilhame. Tais fragmentos são denominados de “bordas” (CHYMZ, 1976, p. 123). Através do posicionamento correto das bordas em relação a um

plano horizontal, é possível verificar, além dos elementos métricos, seus atributos e especificidades. No presente trabalho, distinguimos as bordas em:

- *Reforçada externamente*: que possuem acréscimo de pasta na parte externa da borda.
- *Reforçada internamente*: que possuem acréscimo de pasta na parte interna da borda.
- *Direta*: parte terminal do vasilhame segue contorno angular da parede.
- *Extrovertida*: possui inflexão angular para fora do contorno do vasilhame.
- *Introvertida*: inflexão angular para dentro do contorno do vasilhame.
- *Contraída*: apresenta um ângulo agudo para dentro do contorno do vasilhame.

As bordas podem apresentar mais de uma dessas características, desde que não sejam contraditórias, caso das bordas introvertidas e extrovertidas. Bordas que possuem reforço externo ou interno geralmente acompanham outro atributo citado.

Figura 9 – Variações das bordas



Fonte: Elaborada pelo autor.

Inerente à extremidade das bordas, classificamos os lábios (CHYMZ, 1976, p. 134) em aplanado, arredondado, apontado e serrilhado.

A fim de distinguir os grupos cerâmicos, fizemos uso de Schmitz *et al.* (1990, p. 43-44). No trabalho, os pesquisadores destacam distintos modelos cerâmicos a partir do agrupamento de testemunhos a partir da organização de elementos comuns, caso das especificidades das bordas, dos parâmetros métricos e dos contornos dos vasilhames (tipo de base, bojo e gargalo das cerâmicas), ou seja, indo ao encontro dos parâmetros analisados no presente trabalho. Abaixo, segue breve recorte com as características de cada grupo encontrado nas análises:

- *Grupo 01*: cerâmicas com borda direta e contorno simples. Possui variações relacionadas ao ângulo externo, sendo “1a” aquelas entre 0-23°, “1b” entre 23-45°, “1c” entre 45-67°, “1d” entre 67-90°, “1e” entre 90-113°, “1f” entre 113-135° e “1g” entre 135-157°.

Além disso, o “Grupo 01” pode apresentar extremidades com reforço externo, tal atributo é indicado pela presença de um segundo número arábico. Por exemplo, uma vasilha “1d.1” é aquela que possui borda direta, com reforço externo e ângulo externo entre 67 e 90°. No que se refere aos diâmetros de boca, possuem ampla abrangência, sendo recorrente entre 12 e 42cm.

- *Grupo 02*: cerâmicas com bojo ovoide e borda introvertida ou contraída, sendo respectivamente classificadas como “2” e “2.1”. Suas dimensões, no entanto, são inferiores ao “Grupo 01”, entre 12 e 30 cm.

- *Grupo 03*: os vasilhames pertencentes ao “Grupo 03” possuem gargalo angular, tronco cônico e extremidades com reforço externo ou contraídas. As primeiras são classificadas como “3a” e a segunda variação como “3a’”. Embora as bordas desse grupo sejam semelhantes ao “Grupo 02”, suas aberturas de boca são maiores, entre 18 e 36 cm. Conforme Schmitz *et al.* (1990, p. 43), esse modelo possui distinções relacionadas ao ângulo externo, contudo, como propomos analisar as bordas dos vasilhames, tal análise não seria possível em todos os fragmentos pertencentes a esse grupo.

- *Grupo 04*: com bordas reforçadas externamente, extrovertidas ou levemente introvertidas, as cerâmicas desse grupo apresentam gargalos infletidos, isto é, diâmetro da boca do vasilhame inferior ao do bojo. No que se refere às aberturas, são corriqueiras entre 18 e 36 cm.

- *Grupo 05*: possuem diâmetro de boca entre 18 e 30 cm, gargalo angular ou multiangular e extremidades sem reforço e extrovertidas.

- *Grupo 07*: denotam gargalo infletido-angular (7a) ou multiangular (7b) e bordas sem reforços e extrovertidas ou simplesmente introvertidas (7c). Tal qual o “Grupo 05”, apresentam diâmetros de boca entre 18 e 30cm.

- *Grupo 09*: com bojo elipsoide, bordas introvertidas e gargalo infletido-angular (9a) ou multiangular (9b), apresentam aberturas entre 12 e 24 cm.

- *Grupo 10*: bordas introvertidas, gargalo multiangular/infletido-angular (10a) ou angular (10b), apresentam aberturas entre 12 e 24 cm.

- *Grupo 11*: cerâmicas com bojo ovoide, gargalo angular e bordas com reforço externo e extrovertidas. Possuem diâmetro de boca relativamente pequenos, entre 6 e 18 cm.

- *Grupo 12*: bojo esferoide ou ovoide, gargalo angular e bordas com reforço externo. Aberturas recorrentes entre 18 e 30cm.

- *Grupo 13*: semelhantes ao “Grupo 1”, contudo, com bordas levemente extrovertidas – podendo apresentar reforço externo - e dimensões que variam entre 12 e 42 cm. Possuem

variações no ângulo externo, a saber: “13a”, entre 23-45°; “13b”, entre 45-67° e “13c”, entre 67-90°.

Schmitz *et al.* (1990) também relata os modelos cerâmicos com decoração pintada em uma das superfícies. Destaca-se que tais modelos podem manifestar superfície externa com acabamento plástico. No presente trabalho adotamos os seguintes grupos:

- *Grupo P1*: apresentam gargalo infletido, borda direta e sem reforço e diâmetros que variam entre 18 e 36 cm.

- *Grupo P2*: gargalo infletido, borda reforçada externamente e extrovertida. Aberturas entre 18 e 36 cm.

- *Grupo P4*: com bojo ovoide, gargalo multiangular e borda sem reforço extrovertida, manifestam aberturas entre 12 e 30 cm.

- *Grupo P5*: com bojo elipsoide, gargalo angular e extremidade contraídas, possuem diâmetros de boca entre 12 e 24 cm.

- *Grupo P6*: denotam bordas introvertidas e gargalos infletido-angular (P6) ou infletido (P6.1). No que se refere às aberturas de boca, possuem grande variação, entre 06 e 4 cm.

- *Grupo P8*: possuem ângulo externo entre 45 e 67°, bojo elipsoide, gargalo infletido e extremidades extrovertidas. Suas aberturas encontram-se, majoritariamente, entre 12 e 24 cm.

- *Grupo P9*: com ângulo externo entre 67 e 90°, bojo elipsoide, bordas extrovertidas e gargalos infletidos (P9) ou infletidos-angular (P9.1), apresentam diâmetros de boca entre 18 e 36 cm.

Como visto, alguns grupos não foram adotados durante análise uma vez que suas distinções, em relação a outros grupos, estavam circunscritas a partes da morfologia cerâmica que não convergem com os testemunhos aqui estudados, caso das bases.

Os parâmetros métricos destacados por Schmitz *et al.* (1990) vão ao encontro das dimensões corriqueiramente encontradas, o que não impossibilita a presença de cerâmicas com tamanhos inferiores ou superiores.

4.1.4 Alimentação de planilha com as especificidades dos fragmentos

Visando indicadores que possibilitem a constatação de regionalismos culturais, quebras no padrão normativo da cerâmica Guarani, bem como o cruzamento dos diferentes

elementos explorados, os dados métricos, morfológicos e estéticos de cada testemunho cerâmico classificado para a análise alimentaram uma planilha. O catálogo elaborado contém os seguintes campos:

- *Coleção/Sítio*: estrutura arqueológica de origem do testemunho cerâmico. Nesse campo foram registrados os valores “Coleção Itapiranga”, referente à Coleção Itapiranga, e “RS-LN-64”, referente ao sítio Lagoa do Índio.

- *Caixa/Numeração*: registro da caixa salvaguardada na reserva técnica do IAP/Unisinos.

- *Quadrícula*: campo destinado aos fragmentos cerâmicos pertencentes ao sítio Lagoa dos Índios. Qual a quadrícula de origem dos testemunhos?

- *Fragmento*: identificação do fragmento cerâmico analisado no trabalho.

- *Foto*: identificação das fotos pertencentes ao fragmento.

- *Parte*: com base na morfologia da cerâmica Guarani, e no objetivo do presente trabalho, foram contabilizados apenas os fragmentos pertencentes às bordas.

- *Borda*: quais as características da borda? Campos disponíveis: reforço interno, reforço externo, borda direta, extrovertida, introvertida e contraída.

- *Lábio*: qual a característica do lábio do vasilhame? Campos disponíveis: arredondado, apontado, aplanado e serrilhado.

- *Diâmetro da boca do vasilhame (cm)*: abertura de boca do fragmento cerâmico conforme metodologia aplicada no trabalho.

- *Espessura mínima (cm)*: a espessura mínima do fragmento analisado.

- *Espessura máxima (cm)*: a espessura máxima do fragmento analisado.

- *Ângulo externo (°)*: ângulo externo do fragmento cerâmico conforme metodologia aplicada no trabalho.

- *Grupo cerâmico*: modelo de forma cerâmica guarani baseado nos parâmetros métricos, estéticos e morfológicos.

- *Acabamento*: qual o acabamento de superfície do fragmento cerâmico? Campos disponíveis: alisado, alisado-pintado, misto (pintado-plástico), pintado e plástico.

- *Tratamento de superfície externo*: expressão decorativa presente na face externa do fragmento.

- *Tratamento de superfície interno*: expressão decorativa na face interna do fragmento.

Através da planilha, realizamos a comparação dos diferentes parâmetros e verificamos as consonâncias e dissonâncias existentes no padrão normativo dos vestígios arqueológicos

oriundos dos diferentes contextos analisados. Outrossim, o uso desse recurso digital possibilitou a elaboração de gráficos que figurarão as páginas seguintes da monografia.

4.1.5 Transferência das bordas desenhadas para meios digitais e reconstituição gráfica dos grupos cerâmicos encontrados

Com o propósito de reconstituir graficamente os modelos cerâmicos, fez-se necessário transferir as bordas desenhadas para os meios digitais. Para isso, realizamos a digitalização, aplicação e redesenho das bordas, respeitando as escalas originais dos testemunhos cerâmicos, em programa utilizado para criação, edição e exibição de modelos gráficos, caso do *Microsoft PowerPoint*.

A organização das bordas por semelhança de elementos e características, conforme Schmitz *et al.* (1990), propiciou a correlação dos grupos cerâmicos identificados com outras consagradas obras, caso de *Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos* (BROCHADO & MONTICELLI, 1994) e *Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas* (BROCHADO, MONTINCELLI & NEUMANN, 1990), uma vez que ambas perpassam parâmetros métricos e morfológicos. A primeira, utilizada para a verificação das possíveis funcionalidades dos utensílios, já, a segunda, que permite aprofundar as relações entre funções, diâmetros e profundidade das cerâmicas.

Baseado nos referidos referenciais, identificamos, primeiramente, os modelos cerâmicos de cada testemunho averiguado, agrupamos aqueles com elementos comuns e realizamos a reconstituição gráfica dos grupos que tiveram maior ocorrência nos contextos arqueológicos estudados a fim de expandir as noções acerca dos modos de vida das populações pretéritas guarani com base na cultura material oriunda da Coleção Itapiranga e do sítio Lagoa do Índio.

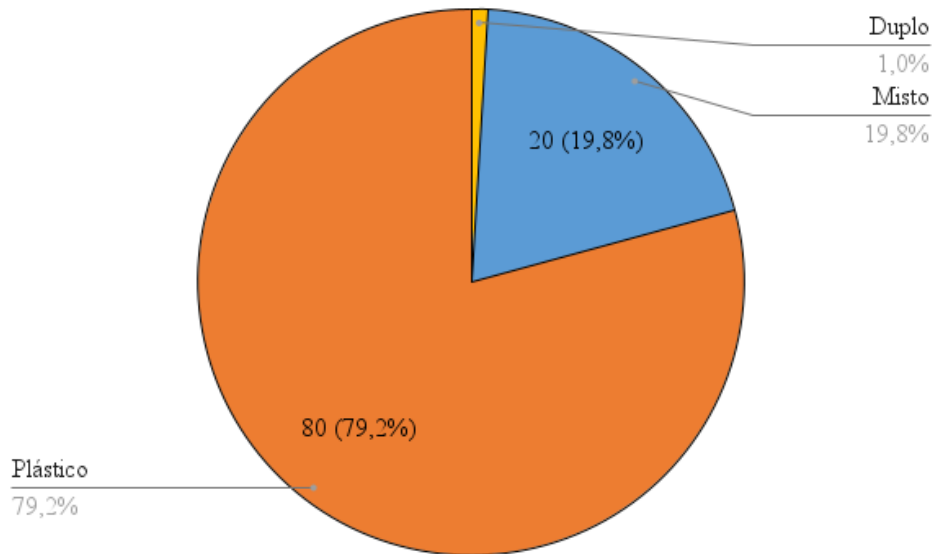
4.2 Coleção Itapiranga: análise dos fragmentos

4.2.1 Parâmetros estéticos dos fragmentos cerâmicos pertencentes à Coleção Itapiranga

Foram analisados 101 fragmentos cerâmicos pertencentes à Coleção Itapiranga, todos apresentavam elementos identitários de bordas, isto é, tratava-se das partes terminais dos vasilhames cerâmicos. Dos vestígios estudados, 80 apresentaram acabamento de superfície

plástico, 20 fragmentos denotaram acabamento misto (decoreção externa plástica e interna pintada) e 01 apresentou decoreção dupla na superfície externa. Lembrando que, a fim de alcançar o objetivo proposto pela pesquisa, separamos caixas que manifestavam, majoritariamente, testemunhos cerâmicos com tratamento de superfície plástica. Sendo assim, embora as bordas manifestem distintos acabamentos, todas apresentavam, em sua superfície externa, expressões decorativas de cunho plástico.

Gráfico 1 – Acabamentos de superfície – Coleção Itapiranga

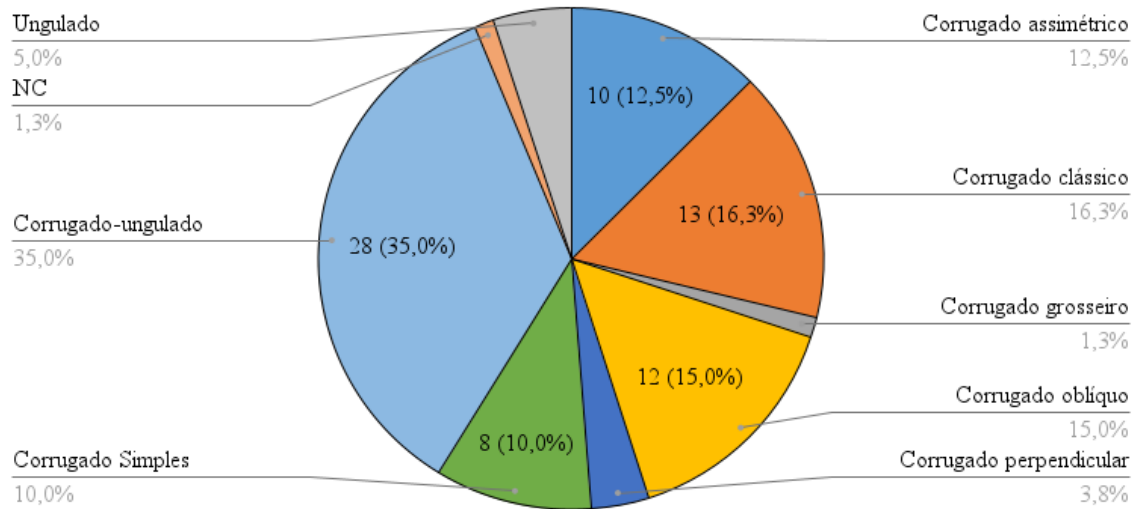


Fonte: Elaborado pelo autor.

A amostra identificada com acabamento duplo apresenta, na face externa, os tratamentos alisado e plástico sendo, esse último, identificado pela expressão decorativa do corrugado simples.

Dentre os 80 testemunhos cerâmicos com tratamento de superfície plástico, ocorreu grande recorrência das variações do corrugado, sendo identificado o corrugado assimétrico, clássico, grosseiro, oblíquo, perpendicular e simples; com um somatório igual a 47 cacos cerâmicos, ou seja, equivalente a 58,9% das amostras com decoreção plástica. Com grande frequência, em 35% das amostras, aparece a decoreção corrugado-ungulado, caracterizada pela presença das expressões decorativas do corrugado e ungulado em concomitância. O ungulado ocorre em 5%, totalizando 04 unidades. Não foi possível identificar a expressão decorativa de uma amostra, haja vista o desgaste externo do fragmento; todavia, ficou clarividente que se tratava de uma decoreção plástica.

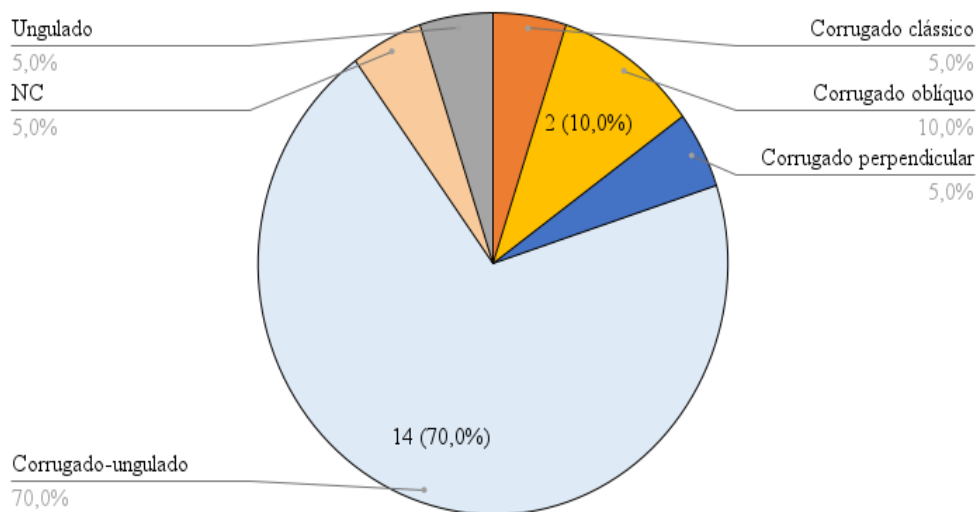
Gráfico 2 – Expressões decorativas em relação ao acabamento plástico – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

No que tange aos 20 fragmentos com decoração mista, identificamos as seguintes expressões decorativas nas faces externas: 14 amostras caracterizadas pelo corrugado-ungulado, 4 fragmentos representando as variações do corrugado, 01 fragmento com decoração ungulada e outro não classificado. Nota-se que, ao contrário dos testemunhos com decoração plástica, as bordas com decoração mista manifestaram menor ocorrência do corrugado, haja vista a presença em 20% dos fragmentos. Nesse cenário, a expressão decorativa predominante foi o corrugado-ungulado, presente em 70% das amostras.

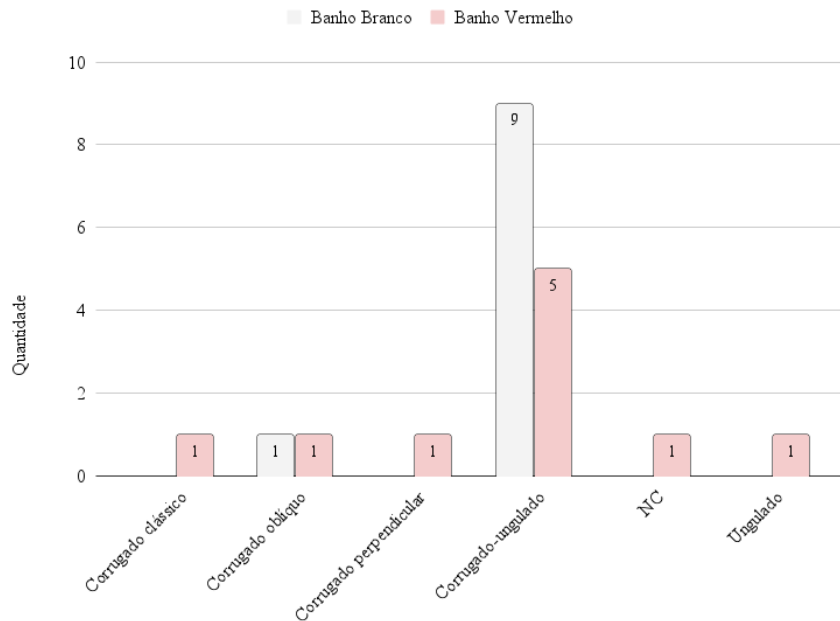
Gráfico 3 - Expressões decorativas presentes na superfície externa em relação ao acabamento misto – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto aos testemunhos com decoração mista, 10 apresentaram, em sua superfície interna, banho na coloração vermelha; outros 10, banho branco. Concatenando os dados observados nas diferentes faces dos fragmentos com decoração mista, encontramos a seguinte relação:

Gráfico 4 – Decoração mista - Itapiranga

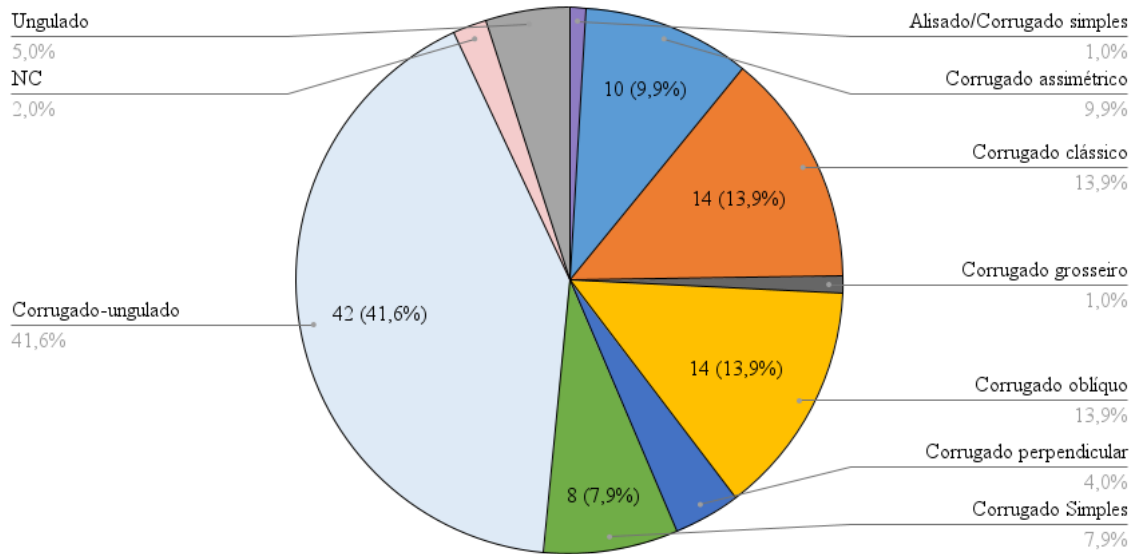


Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se que aqueles fragmentos com banho interno na coloração branca estiveram, predominantemente, relacionados com o corrugado-ungulado. As amostras com banho vermelho apresentaram maior variedade de expressões decorativas externas, contudo, o corrugado-ungulado manteve-se preponderante.

Tendo em vista que todos os fragmentos cerâmicos possuíam decoração plástica na superfície externa das cerâmicas, ao direcionarmos o estudo à ocorrência das expressões decorativas, desconsiderando as distinções de acabamentos, verifica-se que o corrugado – e suas variações – esteve presente em 50,6% das amostras de Itapiranga. O corrugado-ungulado aparece em 41,6% dos testemunhos. Interessante notar a diminuta persistência da expressão decorativa do unguado nos diferentes cenários analisados: 5% das bordas avaliadas:

Gráfico 5 – Expressões decorativas – Coleção Itapiranga

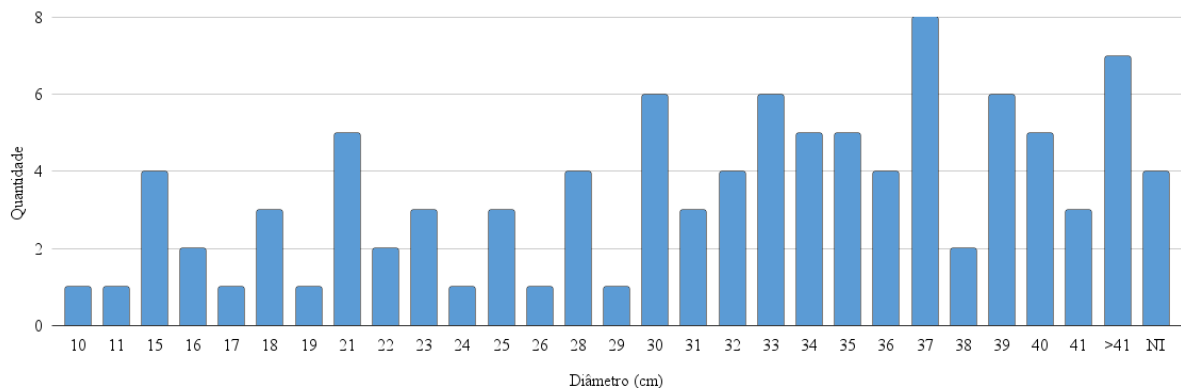


Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2.2 Parâmetros métricos dos fragmentos cerâmicos pertencentes à Coleção Itapiranga

Suprimindo as distinções estéticas e morfológicas das amostras, ao analisarmos o diâmetro das bordas da Coleção Itapiranga, constata-se maior recorrência de vasilhas cerâmicas com aberturas entre 30 cm e 40 cm, visto que esse intervalo concentrou 53 dos 101 fragmentos avaliados, valor equivalente a 52,48%. Não foi possível definir os diâmetros de 04 testemunhos cerâmicos, enquanto sete amostras apresentaram dimensões superiores a 41 cm.

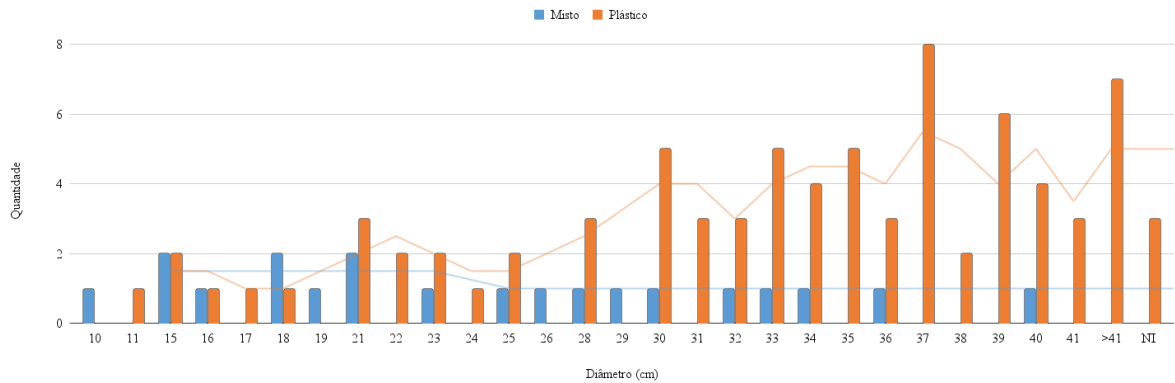
Gráfico 6 – Diâmetros das bordas – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao concatenar a recorrência dos diâmetros com os acabamentos de superfície identificados na Coleção Itapiranga (plástico, misto e duplo), encontramos o seguinte cenário:

Gráfico 7 – Diâmetros em relação aos acabamentos de superfície – Coleção Itapiranga

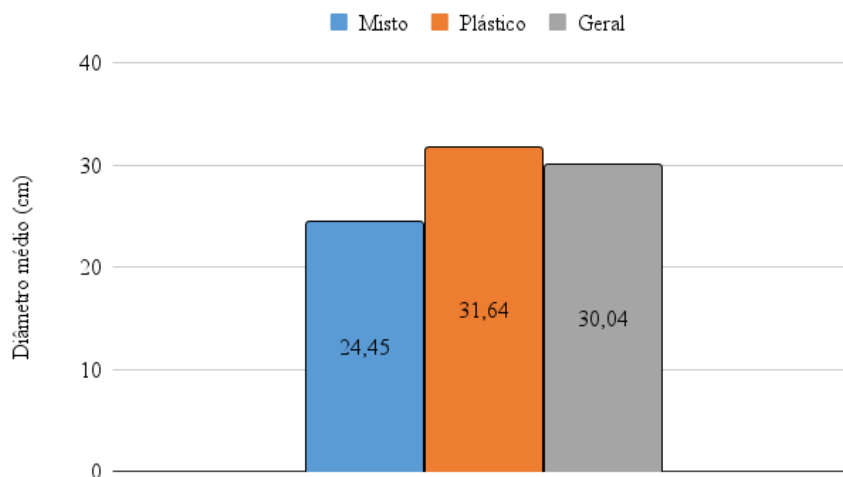


Fonte: Elaborado pelo autor.

Observando as linhas de tendência das médias móveis, verifica-se que aqueles fragmentos com acabamento de superfície plástico apresentam diâmetros de boca superiores em contraste às bordas com decoração mista. Esse panorama fica mais nítido quando notamos que os 07 testemunhos cerâmicos identificados com dimensões superiores a 41 cm enquadram-se como fragmentos com tratamento plástico. No que se refere ao fragmento com acabamento duplo, não foi possível verificar seu diâmetro.

Levando em consideração apenas os testemunhos cerâmicos com identificação completa dos diâmetros, isso é, desconsiderando os cacos não identificados ou com dimensões superiores a 41 cm, realizamos a análise das aberturas. Como esperado, as vasilhas plásticas exibiram maior diâmetro médio, com dimensões de 31,64 cm, enquanto as mistas manifestaram uma média de 24,45 cm. Como média geral da Coleção, temos 30,04 cm.

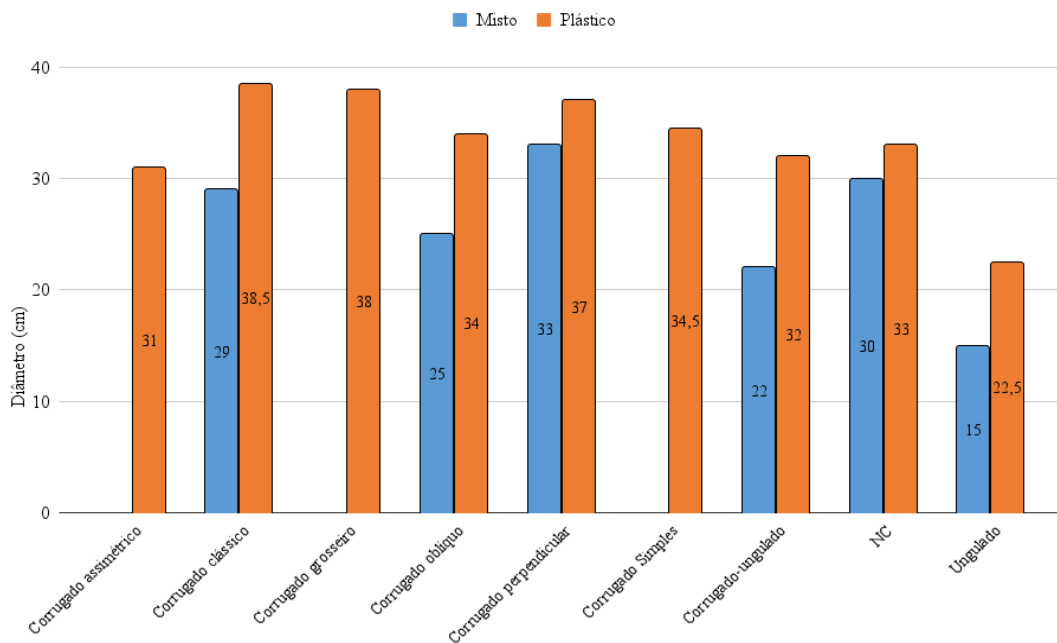
Gráfico 8 – Diâmetro médio – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

No que diz respeito às expressões decorativas situadas na superfície externa das cerâmicas, apura-se que o ungulado denota as menores dimensões nas diferentes situações averiguadas e que o diâmetro médio das variações do corrugado caracteriza-se por tamanho superior ao corrugado-ungulado. Nos diferentes casos, as bordas com decoração plástica manifestaram maiores aberturas de boca em relação àquelas com acabamento misto:

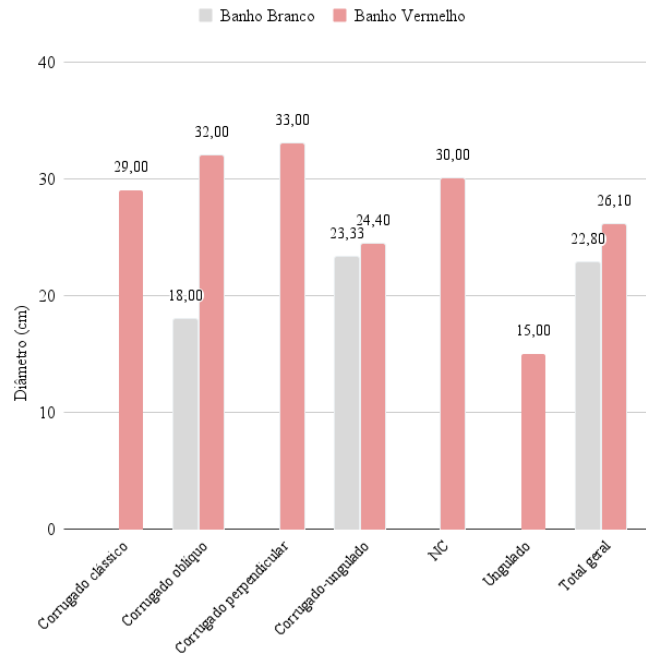
Gráfico 9 – Diâmetro médio em relação às expressões decorativas – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisando os elementos métricos dos fragmentos com decoração mista percebe-se que as cerâmicas com maiores diâmetros eram aquelas com pigmentos na coloração vermelha:

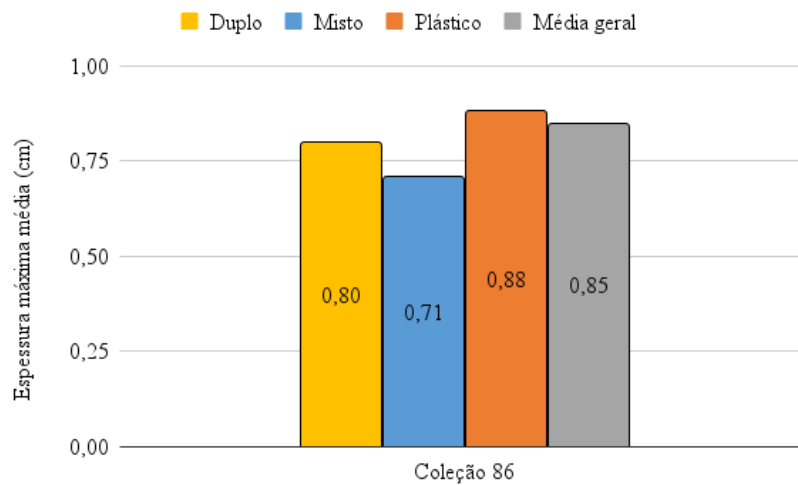
Gráfico 10 – Diâmetro médio em relação às bordas com decoração mista - Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Tal qual constatado nos diâmetros médios, os testemunhos com decoração plástica expressaram as maiores dimensões médias relativas às espessuras máximas das paredes. No que se refere à amostra única com acabamento duplo, denotou a expressão decorativa do corrugado simples junto ao alisado, com espessura máxima de 0,80 cm:

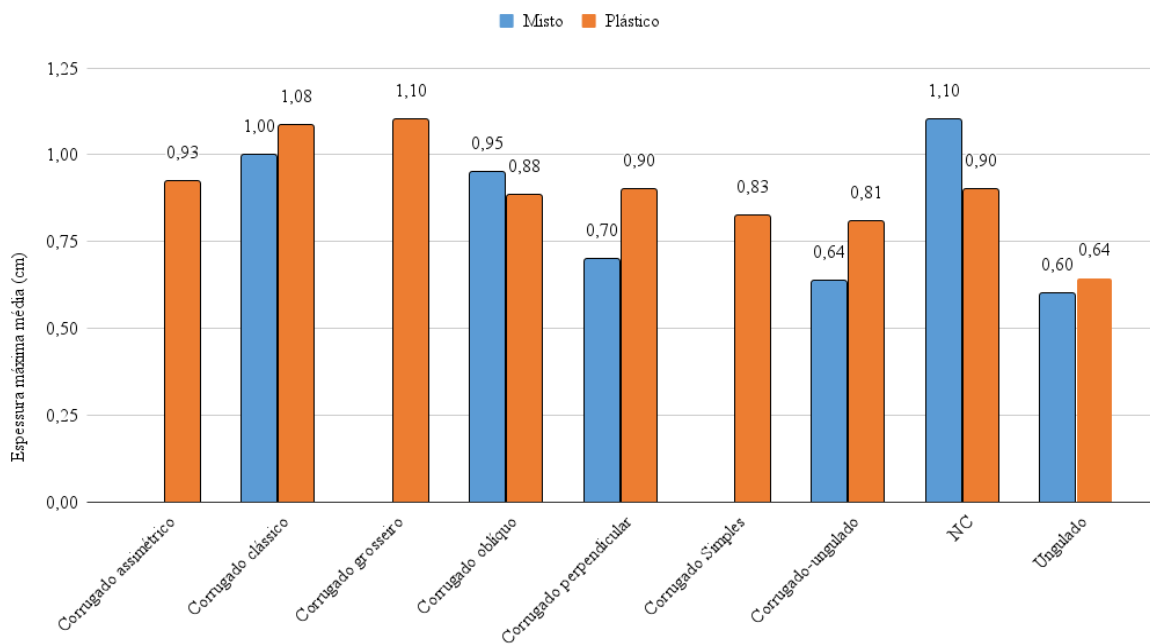
Gráfico 11 – Espessura máxima média (cm) – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Esmiunçando os gráficos seguintes, constata-se que as informações obtidas para o unglado vão ao encontro dos resultados alcançados nos diâmetros, visto que, em ambas as situações, denotam os menores índices em comparação com as demais expressões decorativas. Todavia, não há a mesma preponderância dos acabamentos plásticos em relação ao misto, pois, em dois dos cenários (não classificados e corrugado oblíquo), os últimos manifestam valores superior:

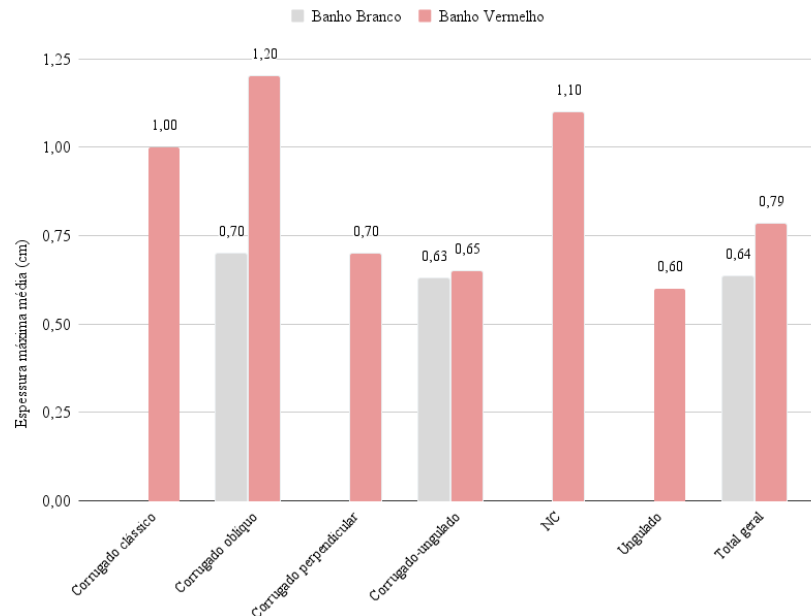
Gráfico 12 – Espessura máxima média em relação às expressões decorativas – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação aos fragmentos com acabamento misto, percebe-se que as amostras com banho vermelho denotam valores superiores em comparação aos fragmentos com banho branco: 0,79 cm aos primeiros e 0,64 cm para os segundos. O unglado, presente em amostras com banho vermelho, denota as menores espessuras, com dimensões de 0,60 cm:

Gráfico 13 – Espessura máxima média em relação aos fragmentos com acabamento misto –
Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

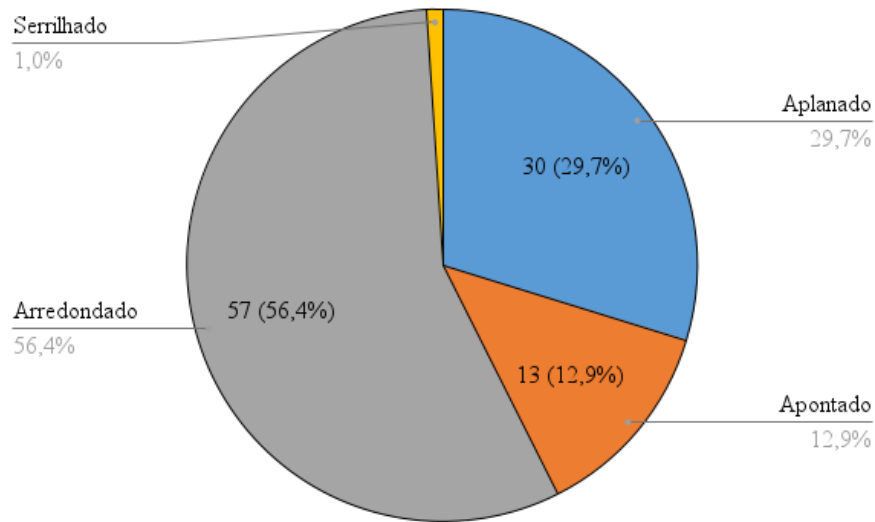
Os dados divulgados nos últimos gráficos enfatizam uma distinção presente na relação dimensão-decoração, haja vista que as cerâmicas com acabamento decorativo plástico apresentaram os maiores índices na maioria dos cenários examinados. Ao direcionarmos o estudo para as diferentes expressões decorativas de cunho plástico, notamos que, quanto mais corrugada for as paredes dos vasilhames, maiores são seus parâmetros métricos, caso dos diâmetros e espessura das paredes. Na contramão, quanto mais unguilações presentes nas superfícies externas das cerâmicas, menores são as dimensões. No que se refere exclusivamente às cerâmicas com decoração mista, nota-se que as maiores dimensões estão relacionadas à coloração vermelha.

As situações retratadas por meio do cruzamento das informações métricas e estéticas pode sinalizar distintas funcionalidades e usos dos utensílios cerâmicos Guarani. Para aprofundar essa possibilidade, resta-nos discutirmos as características morfológicas da Coleção Itapiranga.

4.2.3 Parâmetros morfológicos dos fragmentos cerâmicos pertencentes à Coleção Itapiranga

Das 101 bordas analisadas oriundas da Coleção Itapiranga, 57 possuíam lábios arredondados, 30 aplanados, 13 apontados e 01 serrilhado:

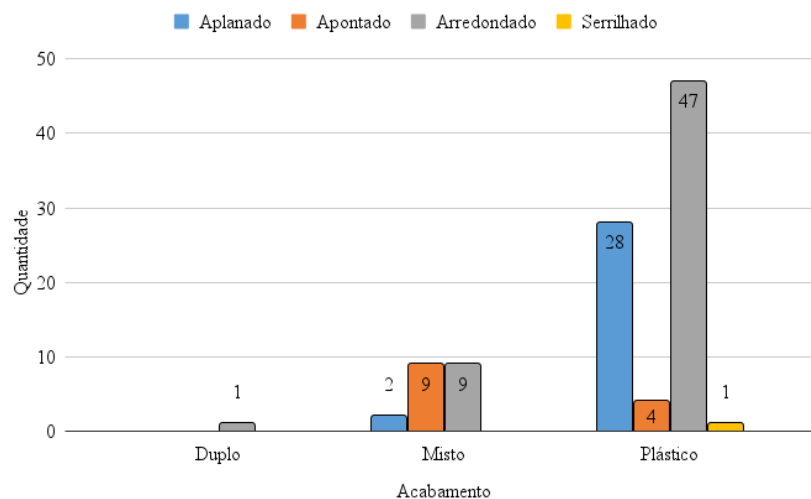
Gráfico 14 – Lábios – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao associarmos as variações dos lábios com os acabamentos de superfície, verificamos que os lábios arredondados são predominantes nas decorações plásticas, sendo recorrentes em 47 dos 80 fragmentos analisados, seguido pelo aplanado (28), pelo apontado (4) e serrilhado (1). Quando consideramos o referido cenário nas cerâmicas com decoração mista, chama-nos a atenção a equiparação dos lábios arredondados e apontados, haja vista que, das 13 bordas apontadas encontradas na Coleção Itapiranga, 09 são encontradas nesse tipo de acabamento. Além disso, percebe-se a diminuta presença dos lábios aplanados nos vasilhames com decoração mista:

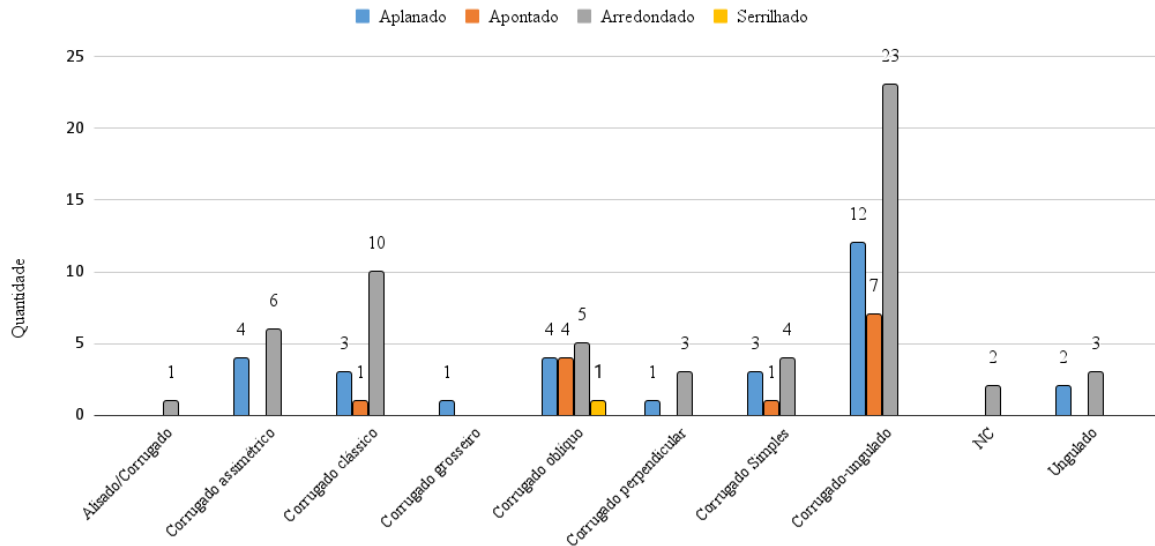
Gráfico 15 – Lábios em relação aos acabamentos de superfície – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Relativo às expressões decorativas presentes na superfície externa dos vasilhames, o corrugado-ungulado concentra os maiores índices dos lábios arredondados, apontados e aplanados:

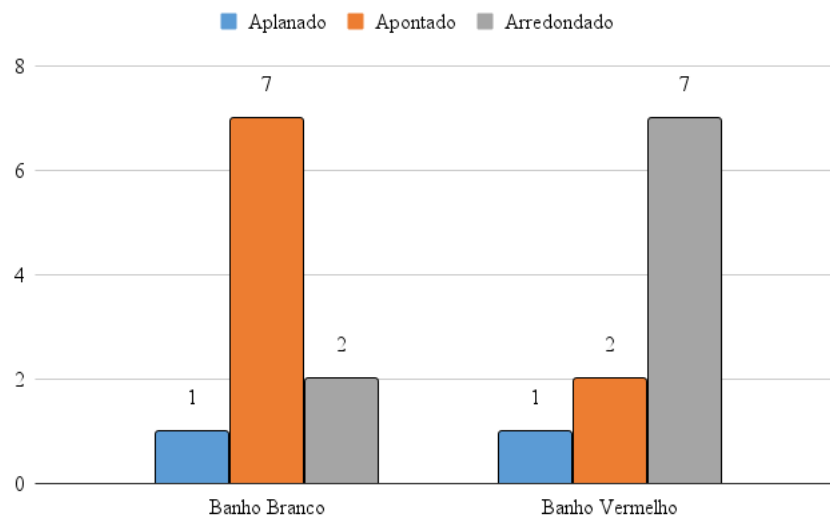
Gráfico 16 – Lábios em relação às expressões decorativas – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos 20 fragmentos com decoração mista, nota-se que os lábios são majoritariamente apontados entre aqueles com banho interno branco, em contrapartida, nas cerâmicas com banho vermelho, há o predomínio dos lábios arredondados:

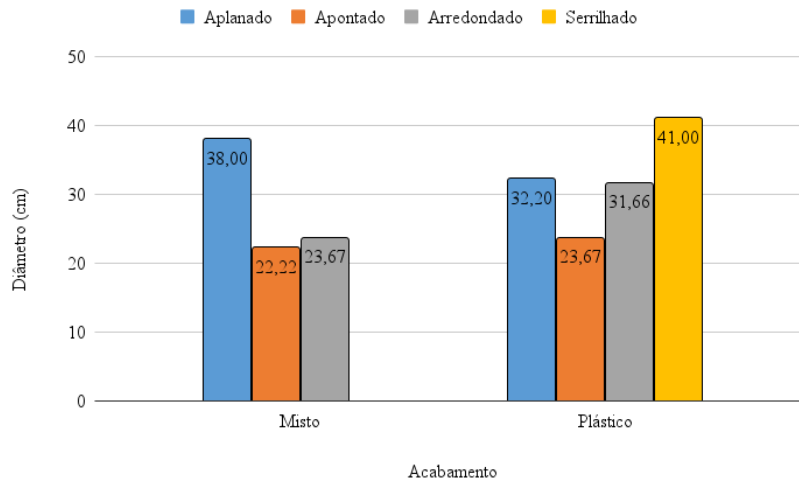
Gráfico 17 – Lábios em relação ao acabamento misto – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

No que concerne aos diâmetros médios, verifica-se que, entre os lábios com recorrência nas cerâmicas com acabamento misto e plástico, aqueles classificados como aplanados denotam as maiores dimensões. Em ambos os cenários, os lábios apontados apresentam as menores aberturas de boca:

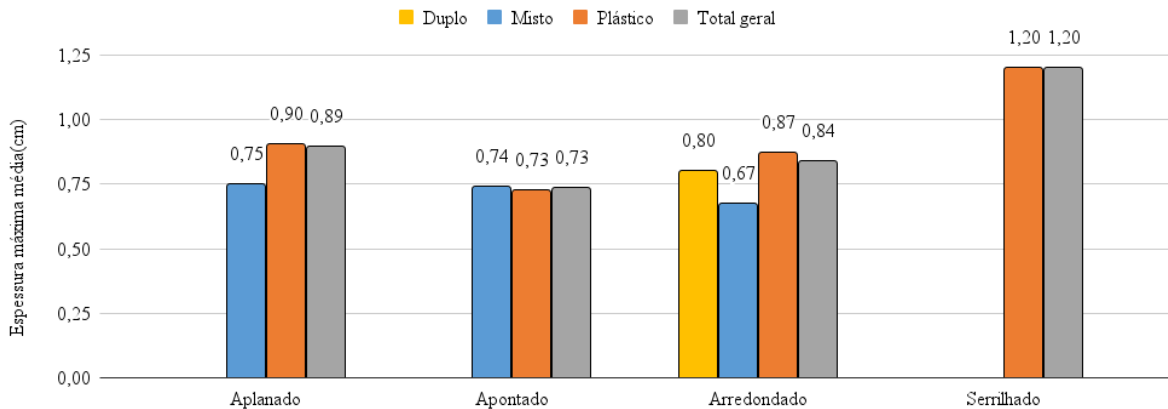
Gráfico 18 – Variações de diâmetros em relação aos lábios – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Relativo às espessuras, nota-se que o lábio classificado como serrilhado apresentou o maior parâmetro, com 1,20 cm; em contrapartida, os lábios apontados estão situados nas cerâmicas com menor espessura de parede:

Gráfico 19 – Lábios em relação às espessuras máximas média das paredes – Coleção Itapiranga



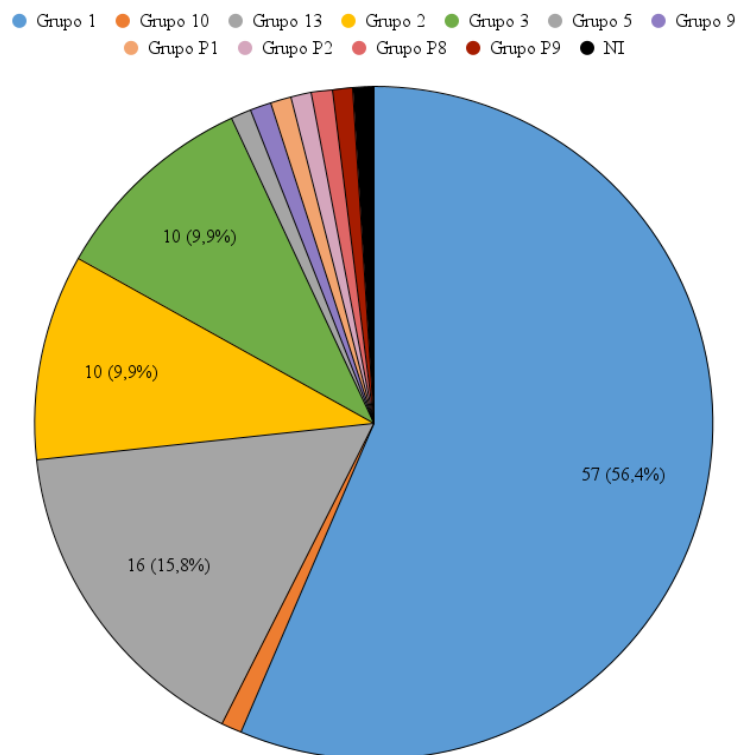
Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2.3.1 Grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga

Tendo em vista que as bordas podem apresentar mais de uma das características² elencadas anteriormente, os gráficos exibidos nas próximas páginas dirão a respeito dos grupos cerâmicos discutidos no subcapítulo *4.1.3.3 Parâmetros morfológicos*.

Dos 101 testemunhos analisados pertencentes à Coleção Itapiranga, 57 apresentaram bordas características do “Grupo 01”; 16 do “Grupo 13”; 10 do “Grupo 02”; 10 do “Grupo 03”. Os demais grupos classificados (Grupo 05, 09, 10, P1, P2, P8 e P9) foram identificados em apenas uma amostra. Não foi possível identificar o grupo de um dos fragmentos estudados.

Gráfico 20 – Grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga



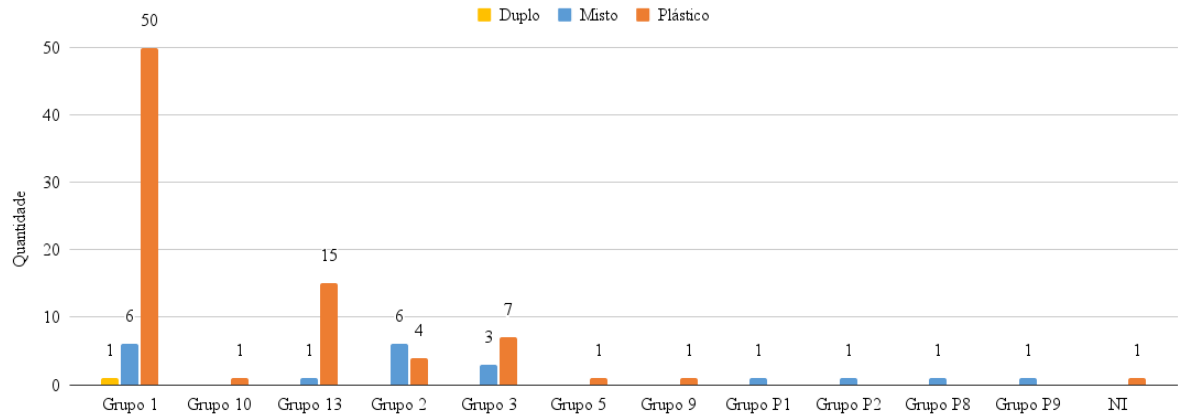
Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto aos acabamentos de superfície, nota-se grande predomínio das decorações plásticas nos grupos 01, 03 e 13. Embora tenha ocorrido em menor escala nas amostras

² A saber: bordas reforçadas externamente, reforçada internamente, diretas, introvertidas, extrovertidas e contraídas.

analisadas, a decoração mista fez-se presente em oito dos modelos adotados, obtendo a maioria em cinco desses:

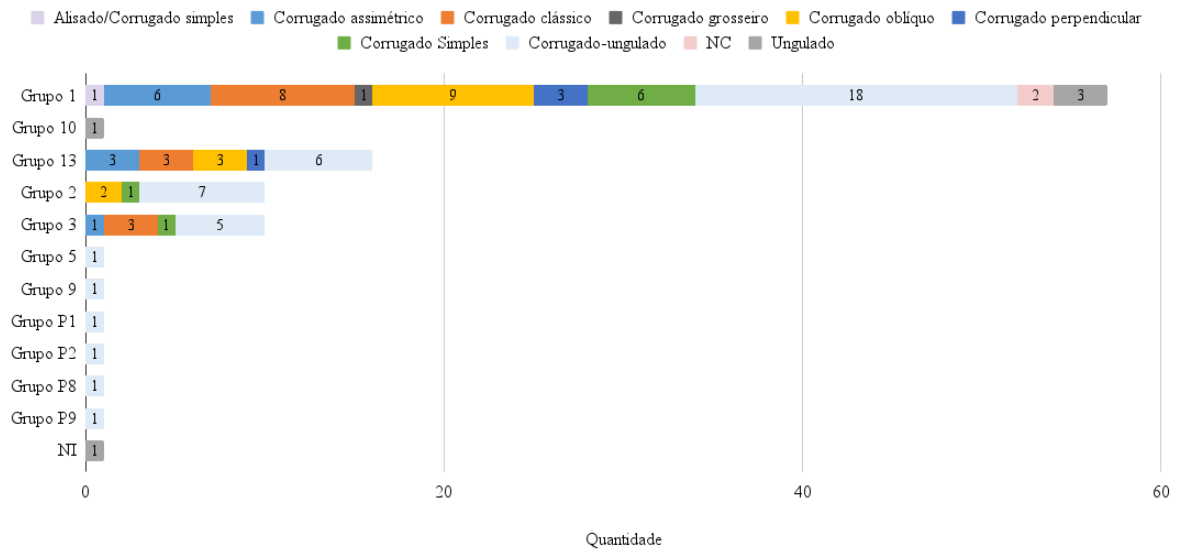
Gráfico 21 – Acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos - Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao dirigirmos a análise dos modelos cerâmicos em relação aos tratamentos de superfície externa, verifica-se que os grupos denotam grande variabilidade de técnicas decorativas. Dos sete grupos com apenas uma ocorrência, cinco (Grupo 05, 09, 10, P1, P2, P8 e P9) manifestaram a expressão decorativa corrugado-ungulado. O ungulado, por sua vez, fez-se presente apenas nos grupos 01 e 10:

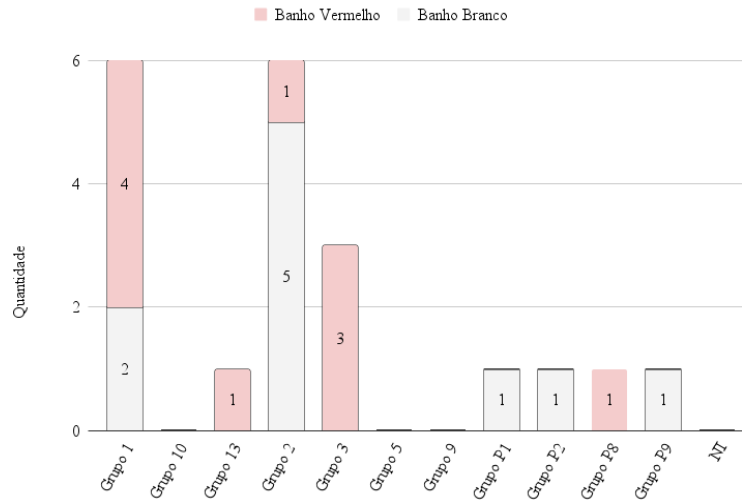
Gráfico 22 – Expressões decorativas em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando apenas as amostras com decoração interna, isto é, no que se refere à Coleção Itapiranga aquelas que apresentaram decoração mista, nota-se que a coloração avermelhada esteve majoritariamente relacionada aos grupos 01, 03, 13 e P8, enquanto o banho branco marcou maior presença nos grupos 02, P1, P2 e P9:

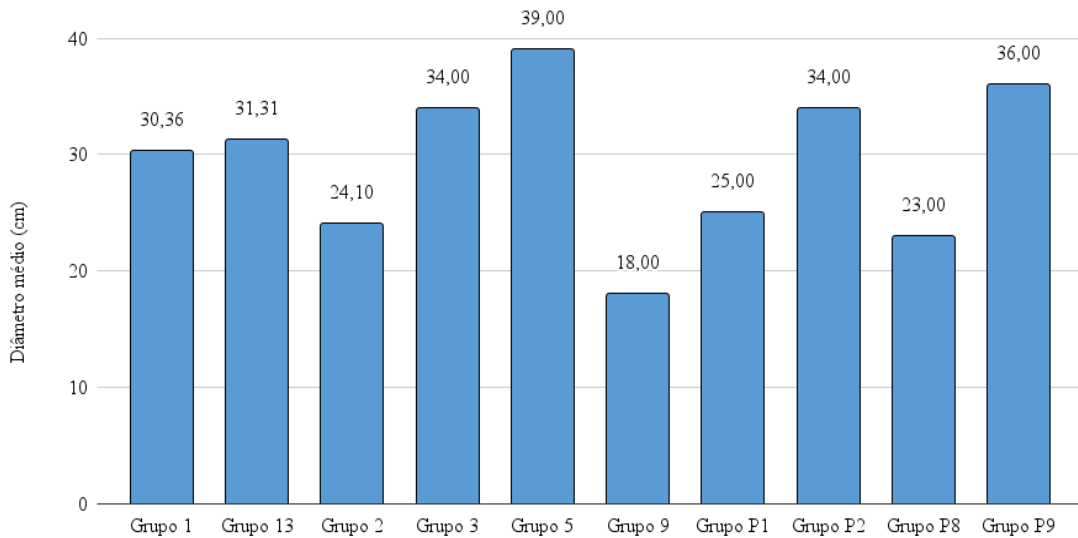
Gráfico 23 – Decoração interna em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.



Fonte: Elaborado pelo autor.

No que diz respeito aos parâmetros métricos, levando em consideração os grupos com mais de uma borda classificada, destaque ao “Grupo 03”, com diâmetro médio de 34 cm. Em seguida, temos o “Grupo 13”, com média de 31,31 cm e o “Grupo 01”, com 30,36 cm de média. Por outro lado, o “Grupo 02” apresentou a menor média, com 24,10 cm. O diâmetro do “Grupo 10” não foi identificado. Os demais tiveram apenas um testemunho analisado.

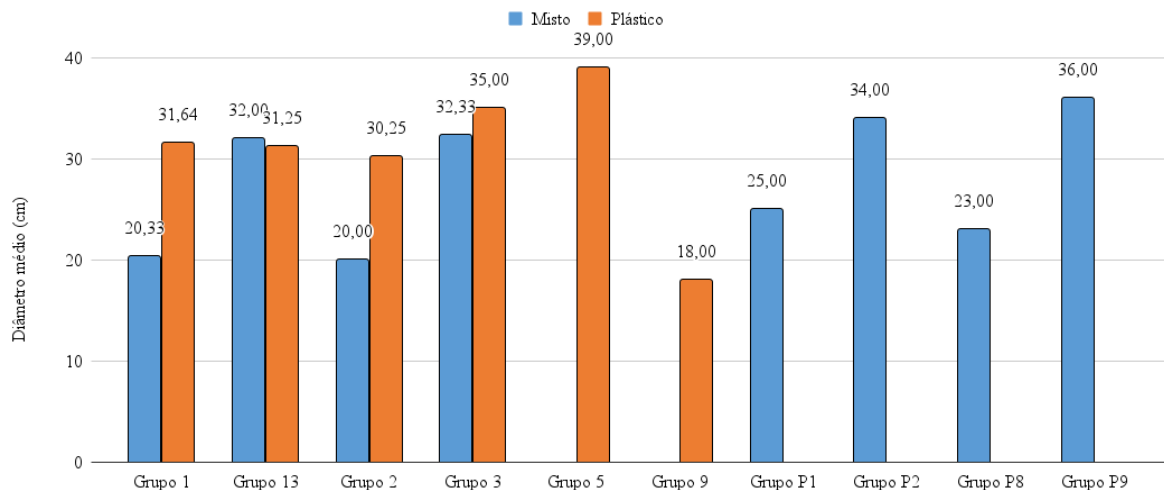
Gráfico 24 – Diâmetro médio em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos grupos com ocorrência dos acabamentos plástico e misto, apenas no “Grupo 13” os testemunhos cerâmicos mistos apresentaram diâmetro médio superior em relação àqueles com decoração plástica. Nos grupos 01 e 02 a diferença foi superior a 10 cm para aquelas bordas com decoração em apenas uma das faces:

Gráfico 25 – Diâmetros médios de acordo com os acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga

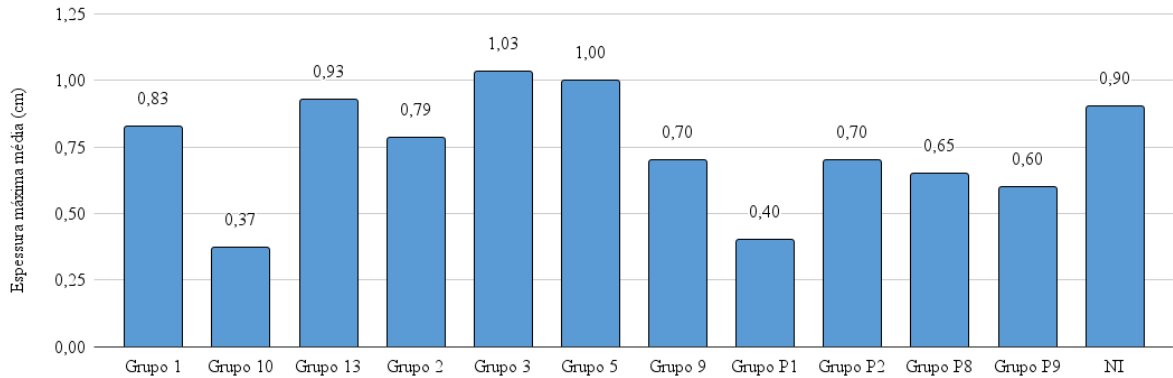


Fonte: Elaborado pelo autor.

Além de deter os maiores índices de abertura de boca, o “Grupo 03” obteve os maiores índices relativos à espessura máxima média dos testemunhos cerâmicos da Coleção

Itapiranga. Os grupos 10 e P1 manifestaram bordas com as menores espessuras, com 0,37 e 0,40 cm respectivamente:

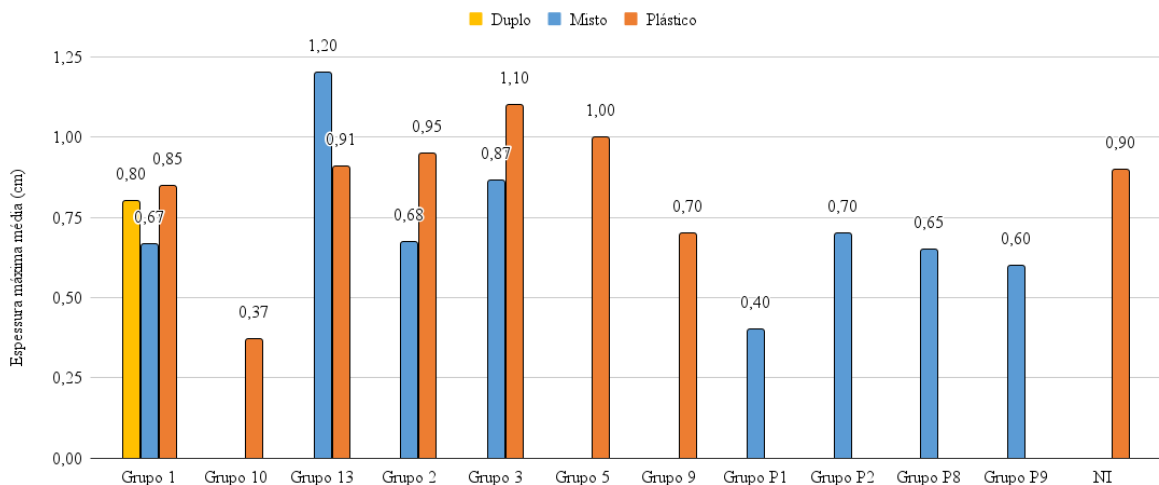
Gráfico 26 – Espessura máxima média em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao filtrarmos as espessuras das paredes em referência aos acabamentos de superfície, nota-se que os testemunhos plásticos apresentam, mais uma vez, índices superiores aos fragmentos com decoração mista. O “Grupo 13” é a exceção, haja vista que a única amostra com decoração mista possui paredes com cerca de 1,2 cm:

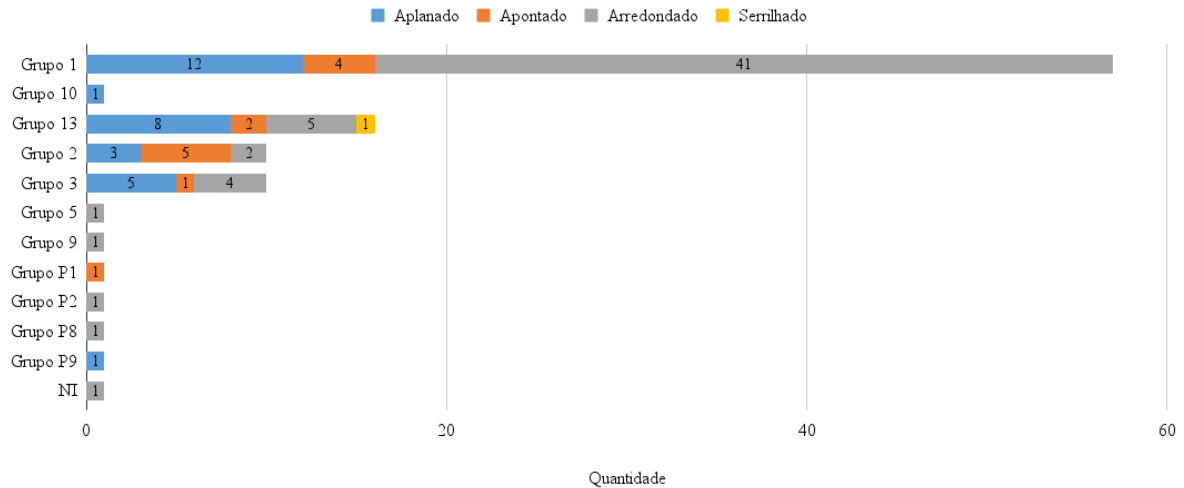
Gráfico 27 – Espessura máxima média de acordo com os acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto aos lábios, nota-se que 41 dos 57 lábios arredondados encontram-se classificados como pertencentes aos “Grupo 01”. Os lábios aplanados foram maioria nos grupos 03, 13 e 10, enquanto o apontado obteve maioria nos grupos 02 e P1:

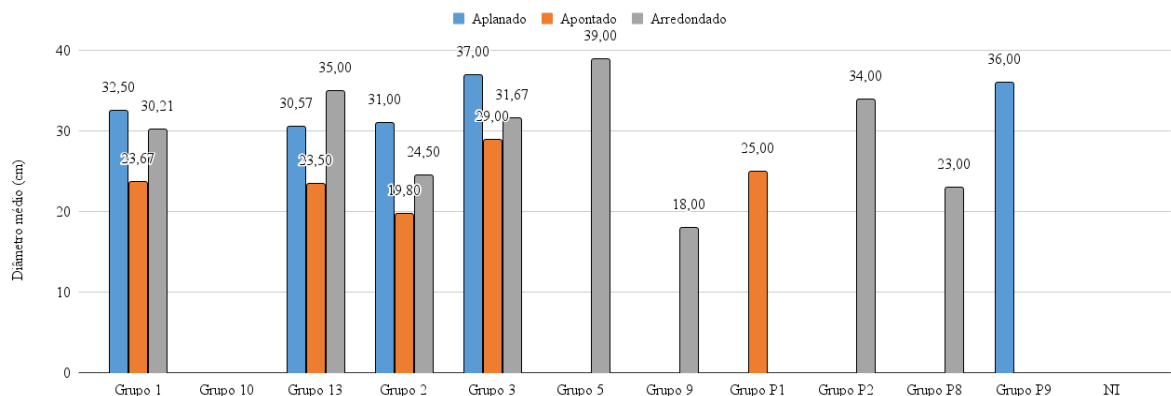
Gráfico 28 – Lábios em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Novamente, infere-se que os lábios apontados estão relacionados às menores dimensões de diâmetro ao passo que os lábios aplanados estão relacionados aos maiores parâmetros métricos:

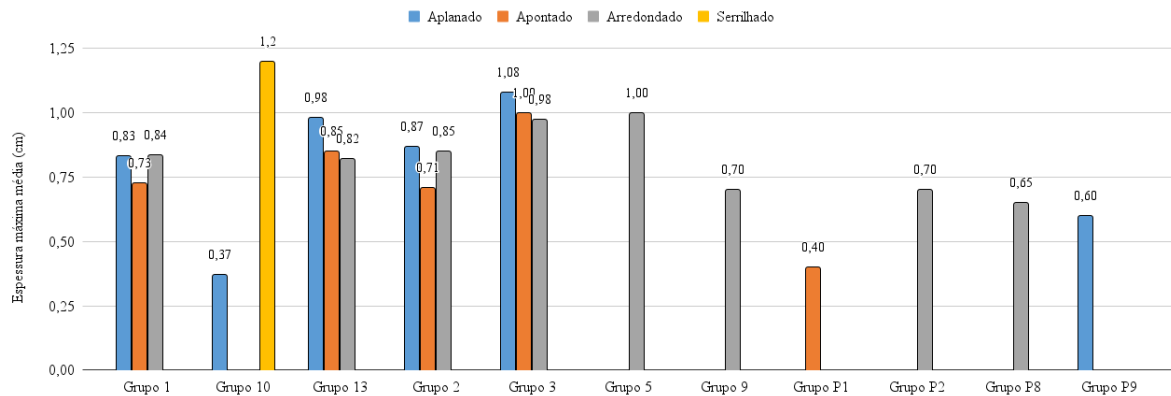
Gráfico 29 – Diâmetros médios de acordo com os lábios em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre os grupos com mais de um tipo de lábio identificado, nota-se que os aplanados apresentam as maiores espessuras das paredes; a exceção é o “Grupo 10”:

Gráfico 30 – Espessuras máximas média de acordo com os lábios em relação aos grupos cerâmicos – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo.

Em linhas gerais, percebe-se alguns padrões entre os elementos estéticos, métricos e morfológicos da cerâmica Guarani oriunda da Coleção Itapiranga. Embora os modelos cerâmicos adotados tenham apresentado grande variedade de expressões decorativas na superfície externa dos vasilhames, nota-se, por exemplo, que o “Grupo 02” caracteriza-se por parâmetros métricos menores em relação aos grupos 01, 03 e 13 (modelos que tiveram, no mínimo, 10 amostras), sendo, inclusive, assinalado pela grande ocorrência de lábios apontados. O “Grupo 03”, em comparação com os outros modelos cerâmicos com maior amostragem, denotou os maiores índices métricos, possuindo, em grande parcela, lábios aplanados.

Nos tópicos seguintes, aprofundaremos as discussões acerca das características obtidas em cada modelo cerâmico identificado. Os dados descritos referem-se aos recortes dos diferentes gráficos e resultados pertinente à Coleção Itapiranga.

4.2.3.1.1 Grupo 01 – Coleção Itapiranga

Como constatado nos gráficos pertinentes à Coleção Itapiranga, das 57 bordas classificadas como pertencentes ao “Grupo 01”, 50 testemunhos apresentaram acabamento de superfície plástica (87,72%), 06 manifestaram tratamento de superfície misto (10,53%) e 1 fragmento denotou acabamento duplo (1,75%). Na decoração de superfície externa percebe-se grande variedade de expressões decorativas, haja vista que 31,58% das amostras eram

corrugado-unguladas, 57,89% manifestaram o corrugado em suas distintas variações³, 5,26% apresentaram o ungulado e 1,75% denotaram o acabamento duplo alisado/corrugado simples. Dos 06 testemunhos com decoração mista, 04 cerâmicas possuíam pigmentos na coloração vermelha na superfície interna e outros 02 manifestaram banho branco.

Quanto aos parâmetros métricos, o modelo apresentou abertura média geral de 30,36 cm e espessura máxima média das paredes em 0,83 cm. As bordas com decoração plástica apresentaram as maiores dimensões, com diâmetros médios de 31,64 cm e espessuras médias de 0,85. Os fragmentos mistos apresentaram índices inferiores: aberturas médias de 20,33 cm e espessuras de 0,67 cm. Não foi possível mensurar o diâmetro do testemunho com acabamento duplo, apesar disso, apresentou espessura máxima de 0,80 cm.

Nas características morfológicas, os lábios arredondados foram maioria, presentes em 41 amostras (71,93%), sendo seguido pelo aplanado, com 12 (21,05%), e apontado, presente em 04 bordas (7,02%). Ao relacionarmos com as dimensões⁴, percebe-se que as bordas com lábios apontados manifestavam os menores valores nos diferentes cenários averiguados.

O “Grupo 01” possui variações de acordo com o ângulo externo do vasilhame. Dentre as amostras classificadas, temos o predomínio do modelo “1c”, caracterizado pelo ângulo externo entre 45-67°, identificado em 19 testemunhos. Com grande ocorrência há o modelo “1b”, com ângulo externo entre 23-45°, presente em 09 amostras; e o modelo “1d”, com ângulo externo entre 68-90°, identificado em 10 fragmentos. Das 57 bordas, 17 manifestaram reforço em superfície externa.

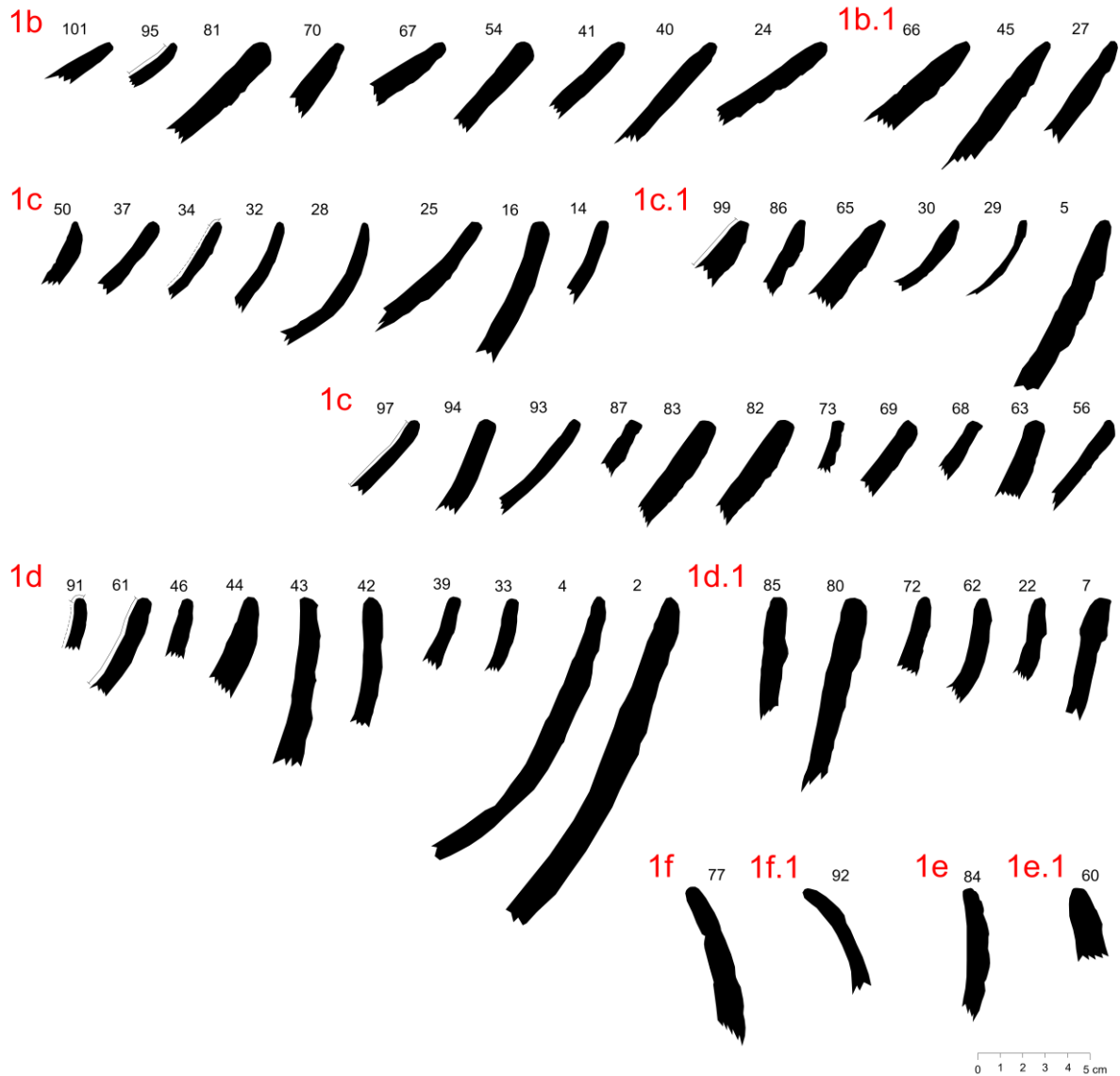
Em resumo, temos um modelo cerâmico caracterizado por bordas diretas, tratamentos de superfície corrugados ou corrugado-ungulados, extremidades arredondadas e dimensões médias de 30 cm de diâmetro de boca. Aquelas com decoração na superfície interna apresentam, em grande medida, banho na coloração vermelha.

Abaixo, segue reprodução digital das bordas da Coleção Itapiranga que foram classificadas como representantes do “Grupo 1”. Para melhor compreensão e distinção das variações angulares, as amostras foram agrupadas conforme subgrupos:

³ A saber: corrugado oblíquo (09), corrugado clássico (08), corrugado assimétrico (06), corrugado simples (06), corrugado perpendicular (03) e corrugado grosseiro (01).

⁴ Ver gráficos 29 e 30.

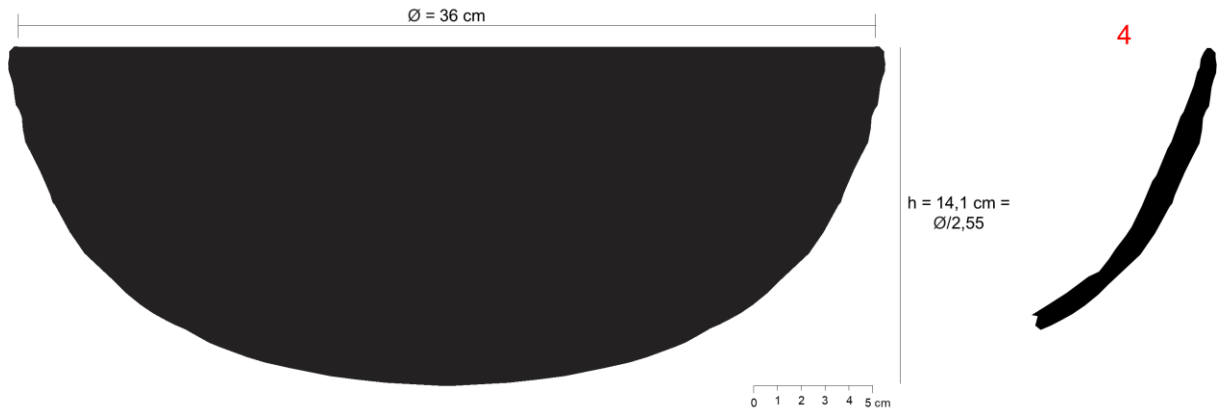
Figura 10 – Bordas classificadas como Grupo 1 – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborada pelo autor.

Quanto à reconstituição da forma cerâmica, utilizamos como exemplo a borda identificada pela numeração 04, pois tratava-se de um testemunho com elevada conservação dos acabamentos de superfície além de contemplar boa parte do contorno do vasilhame. Classificada como “1d”, ou seja, com ângulo externo entre 68-90°, a amostra possui acabamento de superfície plástico, denota a expressão decorativa do corrugado-ungulado, espessura máxima de 0,9 cm e apresenta um diâmetro de 36 cm.

Figura 11 – Grupo 1: reconstituição gráfica da borda 04 – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborada pelo autor.

Seguindo Brochado e Monticelli (1994), foi possível enquadrar a cerâmica na funcionalidade de uma *ñaetá* (caçarola), visto que possui uma forma aberta (conoidal ou elipsoidal), borda direta e base levemente arredondada. Ou seja, trata-se de uma cerâmica com função de cozinhar alimentos. Conforme descreve Schmitz (2010), a expressão decorativa do corrugado desempenharia a função de, quando em contato com o fogo, “captar um pouco mais o calor para aquecer o conteúdo do recipiente” (2010, p. 10), ou seja, não se trata de uma técnica com finalidade apenas decorativa, mas, também, utilitária.

Os parâmetros métricos corroboram essa classificação, pois as *ñaetá* de tamanhos considerados médios possuem aberturas entre 30 e 48 cm (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112). Além disso, a reconstituição realizada está em consonância com os parâmetros estabelecidos por Brochado, Monticelli e Neumann (1990), pois a relação diâmetro-altura de uma *ñaetá* deve estar entre 0,9 e 2,9 (p. 737). No exemplo acima, a relação é de 2,55.

4.2.3.1.2 Grupo 02 – Coleção Itapiranga

Dos 10 fragmentos cerâmicos que manifestavam elementos característicos do “Grupo 02”, 06 testemunhos possuíam tratamento de superfície misto, enquanto 04 bordas apresentavam decoração plástica. Nas expressões decorativas situadas na face externa das cerâmicas, há grande ocorrência do corrugado-ungulado, presente em 07 bordas; o corrugado oblíquo ocorre em 02 fragmentos e o corrugado simples em apenas uma amostra. Não foram identificadas bordas com decoração ungulada. Entre aqueles com decoração mista, 05 cerâmicas denotavam banho interno na coloração branca, ao passo que uma borda apresentava

banho vermelho. Ou seja, no que se refere à Coleção Itapiranga, esse modelo cerâmico, quando denota decorações internas, está geralmente relacionado à coloração branca.

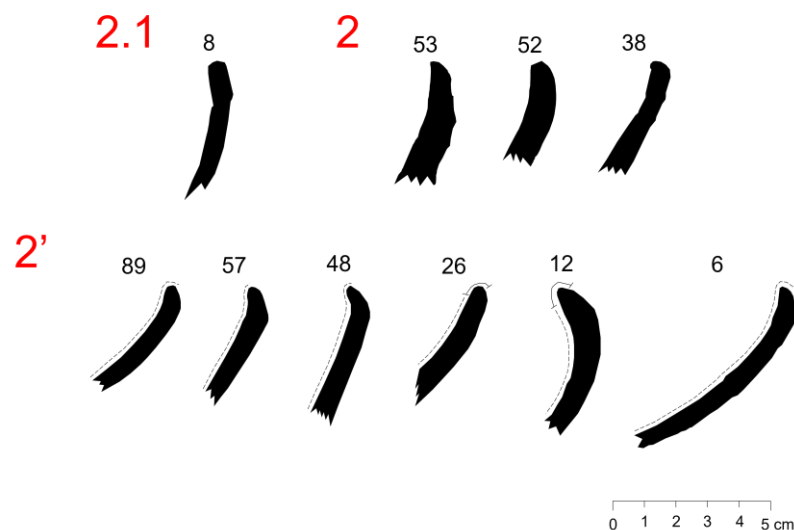
No que se refere aos parâmetros métricos, obteve diâmetro médio geral de 21,10 cm e espessura máxima média de 0,79 cm. Nota-se que aquelas bordas com acabamento plástico apresentaram dimensões maiores: 30,25 cm de diâmetro médio e 0,95 cm de espessura das paredes, enquanto os testemunhos mistos manifestaram índices médios de 20 cm de diâmetro e 0,68 cm de espessura. Ao compararmos com os outros modelos cerâmicos com mais de uma amostra averiguada, percebe-se que o presente grupo apresenta os menores parâmetros métricos.

Quanto aos lábios, foram identificados 05 apontados, 03 aplanados e 02 arredondados. Como constatado nos *gráficos 29 e 30*, as bordas com lábios aplanados possuem os maiores valores, ao passo que aqueles apontados apresentaram os menores índices.

Em linhas gerais, as bordas classificadas como pertencentes ao “Grupo 02” manifestaram, majoritariamente, o corrugado-ungulado na superfície externa da cerâmica, extremidades arredondadas e diâmetros médios abaixo dos 25 cm. No que se refere às bordas com decoração interna, constata-se o predomínio do banho na coloração branca.

Dentre as 10 amostras pertencentes a esse modelo cerâmico, 06 eram introvertidas com decoração interna (2'), 03 eram introvertidas sem decoração interna (2) e uma era contraída sem decoração na face interna (2.1). Abaixo, segue reprodução digital das bordas correspondentes ao grupo. Para melhor compreensão e distinção das variações, as amostras foram agrupadas conforme semelhanças:

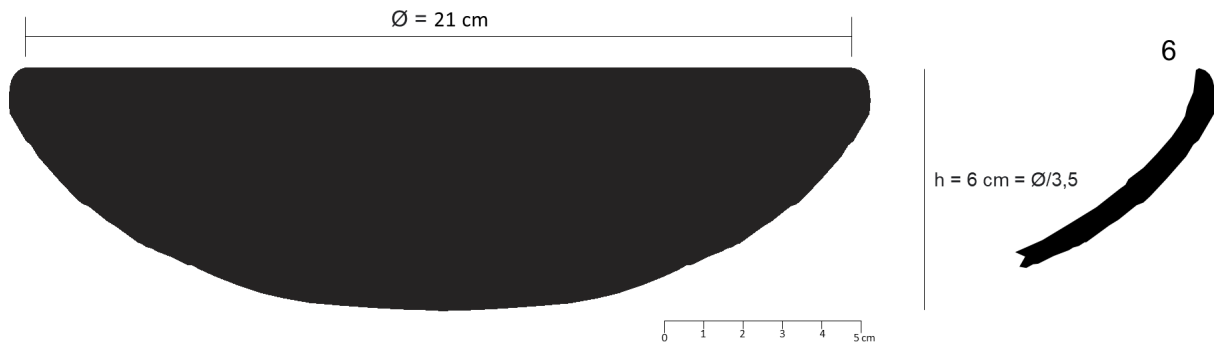
Figura 12 - Bordas classificadas como Grupo 2 – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborada pelo autor.

Quanto à reconstituição, utilizamos como modelo a borda identificada pela numeração 06. Classificada como “2”, o testemunho possui acabamento misto, sendo sua face interna caracterizada pelo banho branco e, externamente, expressando a decoração do corrugado-ungulado. Possui lábio apontado, abertura de boca de 21 cm e paredes com espessuras máximas de 0,7 cm.

Figura 13 - Grupo 2: reconstituição gráfica da borda 06 – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborada pelo autor.

Segundo Brochado e Monticelli (1994), a reconstituição gráfica apresentou elementos estéticos e morfológicos identitários de um *tembiiru* (pratos para comer/servir), visto que se trata uma tigela aberta, com borda convexa, ligeiramente inclinadas para dentro, pintadas interna ou externamente (1994, p. 115-116). Ao contrário dos *ñaetá*, os *tembiiru* não teriam contato direto com o fogo.

O diâmetro de boca, de 21 cm, enquadra a vasilha como um *tembiiru* de dimensões médias⁵ (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 116). Além disso, a relação diâmetro-altura proposta pela reconstituição está de acordo com os estudos de Brochado, Monticelli e Neumann (1990), pois a relação diâmetro-altura de um *tembiiru* deve estar entre 2,4 e 4,5 (p. 734). No exemplo acima, a relação é de 3,5.

4.2.3.1.3 Grupo 03 – Coleção Itapiranga

Dentre as 101 bordas averiguadas oriundas da Coleção Itapiranga, 10 exibiram elementos característicos do modelo cerâmico 03. Destas, 07 fragmentos manifestaram acabamento plástico e 03 denotaram tratamento de superfície misto. No que se refere às expressões decorativas, 05 cerâmicas eram corrugadas-unguladas, 03 apresentavam o

⁵ Conforme Brochado e Monticelli (1994, p. 116), os *tembiiru* de dimensões médias teriam diâmetros entre 18 e 26 cm.

corrugado clássico, uma era corrugada assimétrica e outra era corrugada simples; isto é, houve igualdade de ocorrência entre as variações do corrugado e o corrugado-ungulado. As três amostras com tratamento de superfície misto possuíam, nas faces internas, banho vermelho.

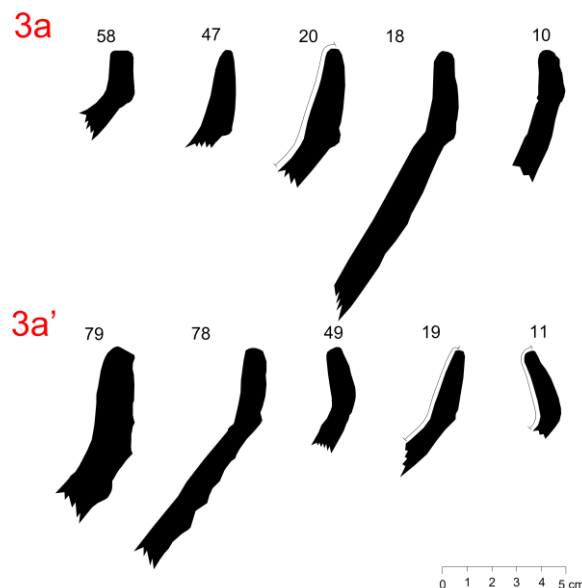
Apresentando diâmetro médio geral de 34 cm e espessura máxima das paredes de 1,03 cm, nota-se que aquelas bordas com acabamento plástico manifestam os maiores parâmetros métricos, a saber: aberturas de boca média de 35 cm e espessura média de 1,1. Os testemunhos com acabamento misto manifestaram diâmetro médio de 32,33 cm e espessura média de 0,87 cm. O “Grupo 03”, entre os modelos com mais de uma borda constatada, caracterizou-se por apresentar os maiores parâmetros métricos.

Entre os lábios, apenas uma amostra possuía extremidade apontada, 05 eram aplanadas e 04 eram arredondadas. Ao analisarmos as dimensões relativas às variedades dos lábios, percebe-se que aqueles aplanados possuíam as maiores dimensões.

Em resumo, temos um modelo caracterizado por bordas contraídas e/ou com reforço externo, com predomínio de tratamentos de superfície corrugado-ungulados e corrugados, extremidades aplanadas ou arredondadas e diâmetros acima dos 30 cm. Quando há a ocorrência de decoração mista, há, internamente, a presença de banho na coloração vermelha.

Dentre as 10 amostras, 05 manifestaram bordas reforçadas externamente (3a) e 05 (3a') eram contraídas. Não foi possível verificar as variações angulares desse grupo cerâmico, uma vez que, para tal, necessitar-se-iam fragmentos que apresentassem partes do corpo do vasilhame. Abaixo, segue reprodução gráfica das bordas representantes do “Grupo 03”:

Figura 14 - Bordas classificadas como Grupo 3 – Coleção Itapiranga



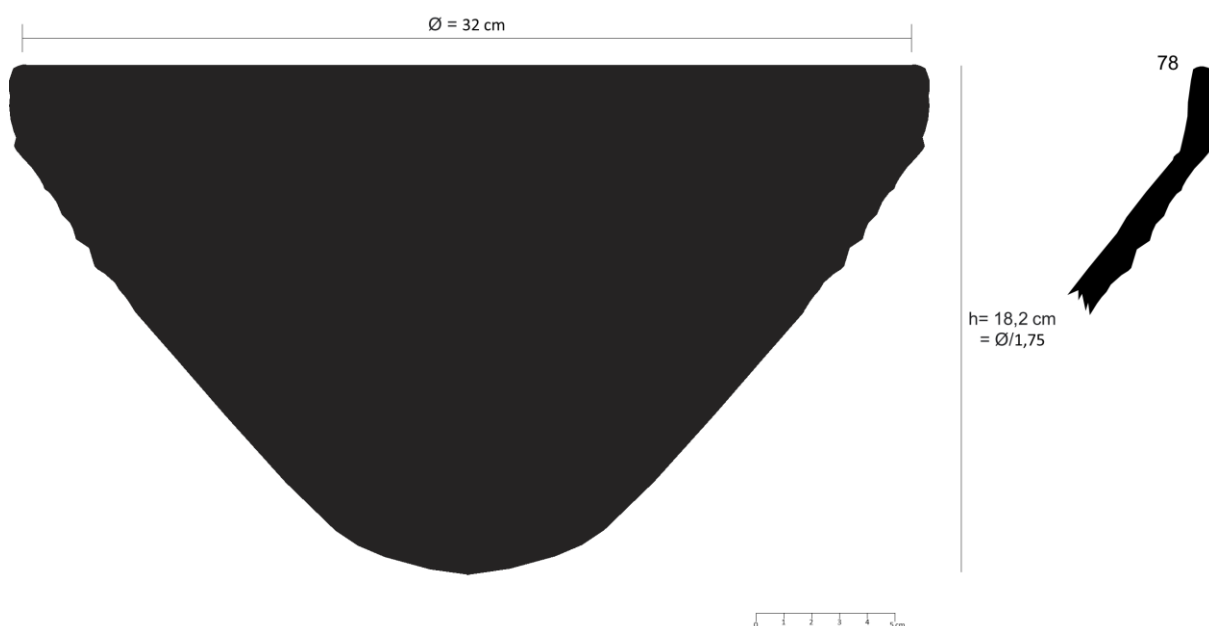
Fonte: Elaborada pelo autor.

Quanto à reconstituição, fizemos uso da amostra identificada pela numeração 78. Classificada como “3a”, apresentou borda contraída, acabamento plástico, expressão decorativa do corrugado-ungulado, extremidades aplanadas, abertura de boca de 32 cm e espessura máxima de 0,9 cm.

Embora possua bordas inclinadas para dentro, a reconstituição abaixo apresentou características morfológicas de uma *ñaetá* (caçarola): forma troncocônica, base levemente arredondada, tratamento de superfície plástico e diâmetro de boca considerado de tamanho médio (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112).

Com diâmetro de 32 cm, a vasilha manifesta tamanho médio estabelecido para as caçarolas, pois situa-se entre o intervalo de 30 a 48 cm (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112). Além disso, a reconstituição está em consonância com os valores estabelecidos por Brochado, Monticelli e Neumann (1990), pois a relação diâmetro-altura de um *ñaetá* deve estar entre 0,9 e 2,9 (p. 737). O exemplo abaixo apresenta relação de 1,75:

Figura 15 - Grupo 3: reconstituição gráfica da borda 78 – Coleção Itapiranga

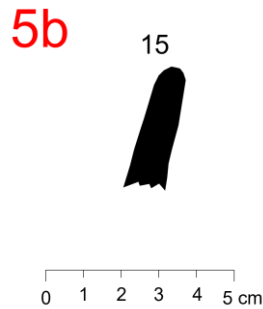


Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.4 Grupo 05 – Coleção Itapiranga

O fragmento cerâmico que apresentou elementos identitários do “Grupo 05” manifestava acabamento plástico, expressão decorativa do corrugado-ungulado e lábio arredondado. Quanto aos elementos métricos, possui abertura de boca de 39 cm e espessura máxima de 1 cm.

Figura 16 – Borda classificada como Grupo 05 – Coleção Itapiranga

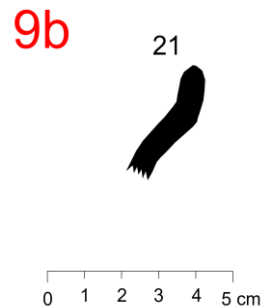


Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.5 Grupo 09 – Coleção Itapiranga

O testemunho cerâmico classificado como pertencente ao “Grupo 09” denotava acabamento de superfície plástico, decoração corrugada-ungulada, lábio arredondado, diâmetro de boca igual a 18 cm e parede com espessura máxima de 0,70 cm.

Figura 17 - Borda classificada como Grupo 09 – Coleção Itapiranga

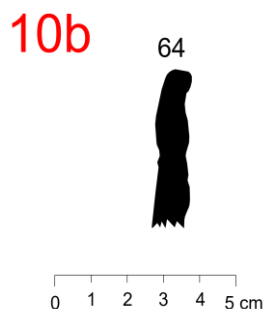


Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.6 Grupo 10 – Coleção Itapiranga

Apenas uma borda denotou as características do “Grupo 10”. Tal fragmento, com acabamento plástico, manifestava a expressão decorativa do ungulado, extremidade aplanada e espessura máxima de 0,37. Devido a borda conter um pequeno arco de círculo, não foi possível mensurar o diâmetro.

Figura 18 – Borda classificada como Grupo 10 – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.7 Grupo 13 – Coleção Itapiranga

Das 17 amostras classificadas, 15 fragmentos apresentavam tratamento de superfície plástico (93,75%), enquanto uma amostra era mista (6,25%). No que se refere às expressões decorativas, 10 bordas apresentavam variações do corrugado⁶ (62,25%) e 06 eram corrugadas-anguladas (37,5%). Não houve a ocorrência do unglado. Quanto ao testemunho com decoração interna, constatou-se o banho vermelho.

Relativo aos parâmetros métricos, o “Grupo 13” expressou diâmetro médio geral de 31,25 cm e espessura máxima média de 0,93 cm. Desconsiderando aqueles modelos com apenas uma amostra classificada, o presente grupo manifestou os segundos maiores elementos métricos. O fragmento cerâmico com decoração mista exibiu as maiores dimensões: diâmetro de 32 cm e espessura de 1,2. As bordas plásticas, por sua vez, demonstraram diâmetro médio de 31,31 cm e espessura das paredes de 0,91 cm.

Dentre os lábios identificados, percebe-se grande variedade: 08 eram aplanados (50%), 5 eram arredondados (31,25%), 02 eram apontados (12,5%) e 01 serrilhado (6,25%). Como se nota nos *gráficos 29 e 30*, os parâmetros métricos relativos às bordas com lábios aplanados mostraram-se superiores em comparação àquelas com lábios apontados e arredondados.

Como síntese, temos um modelo cerâmico assinalado por bordas levemente extrovertidas, com aberturas de boca superiores a 30 cm, extremidades aplanadas e predomínio das expressões decorativas corrugadas em relação ao corrugado-ungulado.

Dentre as amostras classificadas nesse grupo, uma manifestava reforço externo e ângulo externo entre 23-45° (13a.1); 09 apresentavam bordas, sem reforço externo, com ângulo externo entre 47-67° (13b); uma manifestava reforço externo e ângulo entre 47-67°

⁶ A saber: corrugado assimétrico (03), corrugado clássico (03), corrugado oblíquo (03) e corrugado perpendicular (01).

(13b.1) e, por fim, 05 denotavam ângulo externo entre 67-90° (13c). Abaixo, segue reprodução gráfica das bordas oriundas da Coleção Itapiranga que manifestaram os elementos identitários do Grupo 03:

Figura 19 – Bordas classificadas como Grupo 13 – Coleção Itapiranga

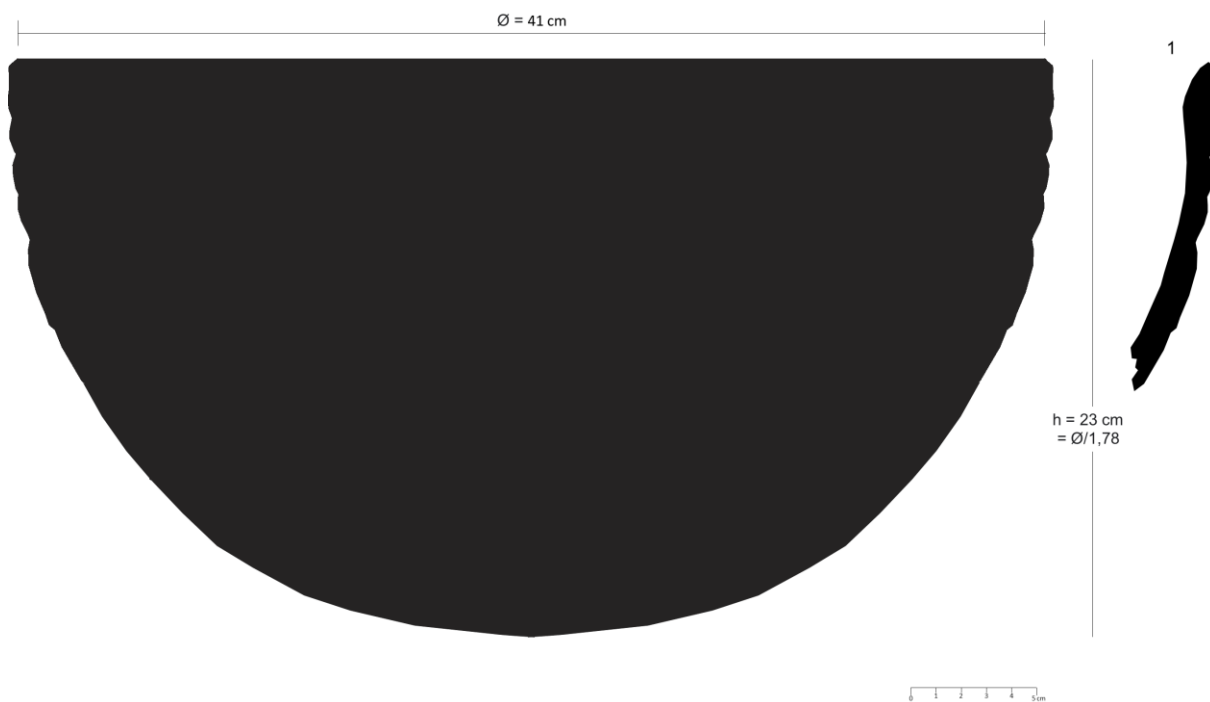


Fonte: Elaborada pelo autor.

No que se refere à reconstituição, utilizamos como exemplo a amostra identificada pela numeração 01. Classificada como “13c” por apresentar ângulo externo entre 68-90°, a borda possui acabamento plástico, denota a expressão decorativa do corrugado clássico, espessura máxima de 1,2 cm e diâmetro de 39 cm.

Com borda ligeiramente inclinada para fora, contínua com a parede, base levemente arredondada e tratamento de superfície plástico, a reconstituição possui características morfológicas identitárias de uma *ñæetá* (caçarola). A abertura de boca de 39 cm enquadra a vasilha como um *ñæetá* de dimensões médias, visto que se situa entre 30 e 48 cm (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112). Ademais, está em consonância com os parâmetros estabelecidos para a relação diâmetro-altura de um *ñæetá*, pois está entre 0,9 e 2,9 (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990, p. 737). No exemplo abaixo, a relação é de 1,78:

Figura 20 - Grupo 13: reconstituição gráfica da borda 01 – Coleção Itapiranga

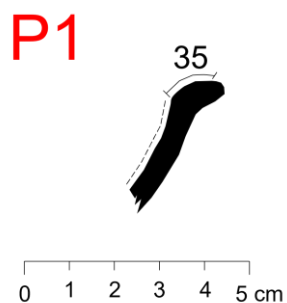


Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.8 Grupo P1 – Coleção Itapiranga

A borda identificada possui acabamento misto, superfície externa corrugada-ungulada e banho interno branco; a extremidade da borda é apontada. Quanto aos parâmetros métricos, possui abertura de boca de 25 cm e espessura de 0,40 cm.

Figura 21 – Borda classificada como Grupo P1 – Coleção Itapiranga

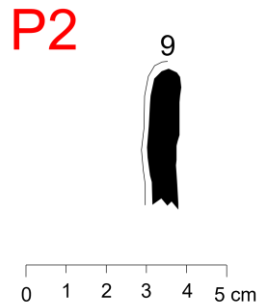


Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.9 Grupo P2 – Coleção Itapiranga

Apenas uma amostra foi identificada. Detendo reforço externo, tratamento de superfície misto, superfície externa corrugada-ungulada, banho branco na superfície interna e lábio arredondado, o testemunho cerâmico manifesta diâmetro de 34 cm e espessura de 0,7.

Figura 22 – Borda classificada como Grupo P2 – Coleção Itapiranga

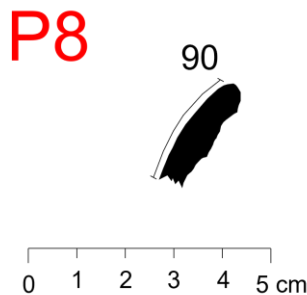


Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.10 Grupo P8 – Coleção Itapiranga

A amostra identificada apresenta tratamento de superfície misto, decoração externa corrugada-ungulada e, internamente, banho na coloração vermelha. Com lábio arredondado, possui 23 cm de diâmetro e parede com 0,65 cm de espessura.

Figura 23 – Borda classificada como Grupo P8 – Coleção Itapiranga

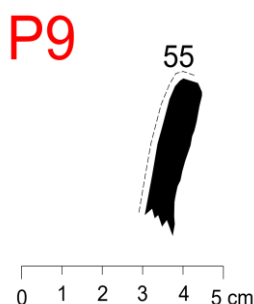


Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.11 Grupo P9 – Coleção Itapiranga

Com acabamento misto, a borda classificada apresenta, em sua face externa, a expressão decorativa do corrugado-ungulado e, internamente, banho branco. Com abertura de boca de 36 cm e espessura de 0,60 cm, manifesta lábio aplanado

Figura 24 – Borda classificada como Grupo P9 – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborada pelo autor.

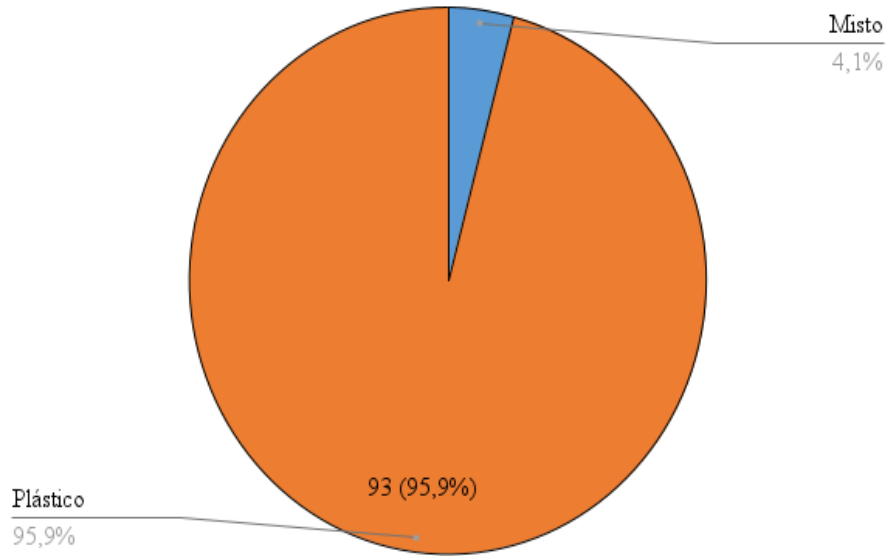
4.3 Sítio RS-LN-64: análise dos fragmentos

4.3.1 Parâmetros estéticos dos fragmentos cerâmicos pertencentes ao sítio RS-LN-64

Separámos, inicialmente, 122 bordas cerâmicas oriundas de duas caixas pertencentes às coletas realizadas no sítio Lagoa do Índio. Das amostras, 04 fragmentos eram totalmente alisados, 06 denotavam decoração interna pintada e externa alisada e 15 manifestavam acabamento externo pintado, ou seja, 25 amostras não apresentavam tratamento de cunho plástico nas faces externas. Sendo assim, a fim de corroborar com a proposta da pesquisa, realizamos a análise dos 97 testemunhos cerâmicos restantes. Para fins de controle e organização, todos os 121 fragmentos foram classificados numericamente, tabelados e desenhados.

Dos 97 vestígios avaliados, 93 apresentaram acabamento de superfície plástico e 04 manifestaram acabamento misto (expressões decorativas plásticas na face externa e, internamente, grafismos pintados). Tal qual a Coleção Itapiranga, todos os testemunhos com decoração mista denotaram decoração externa plástica. Não houve ocorrência do tratamento de superfície duplo.

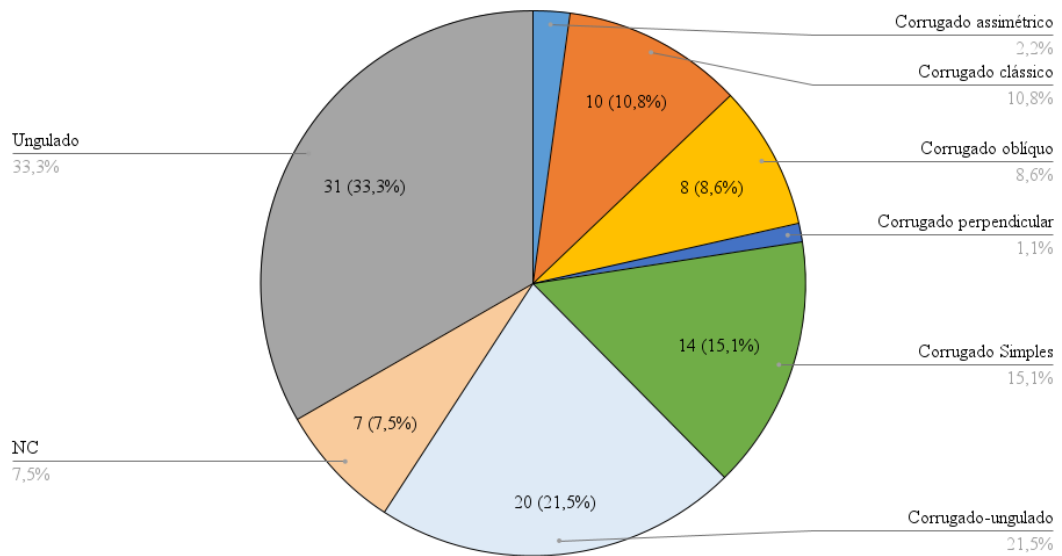
Gráfico 31 – Acabamento de superfície – Sítio RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dentre os 93 testemunhos cerâmicos com acabamento plástico, constata-se grande ocorrência do corrugado, presente em 35 bordas (37,7%). Entre suas variações, destaque para o corrugado simples, responsável por 40% dos testemunhos classificados como corrugados. Em seguida, 31 amostras (33,3%) manifestaram o ungulado como expressão decorativa predominante. O corrugado-ungulado ocorre em 21,5%, totalizando 20 unidades. Devido grande desgaste externo das paredes das cerâmicas, 07 fragmentos não foram classificados:

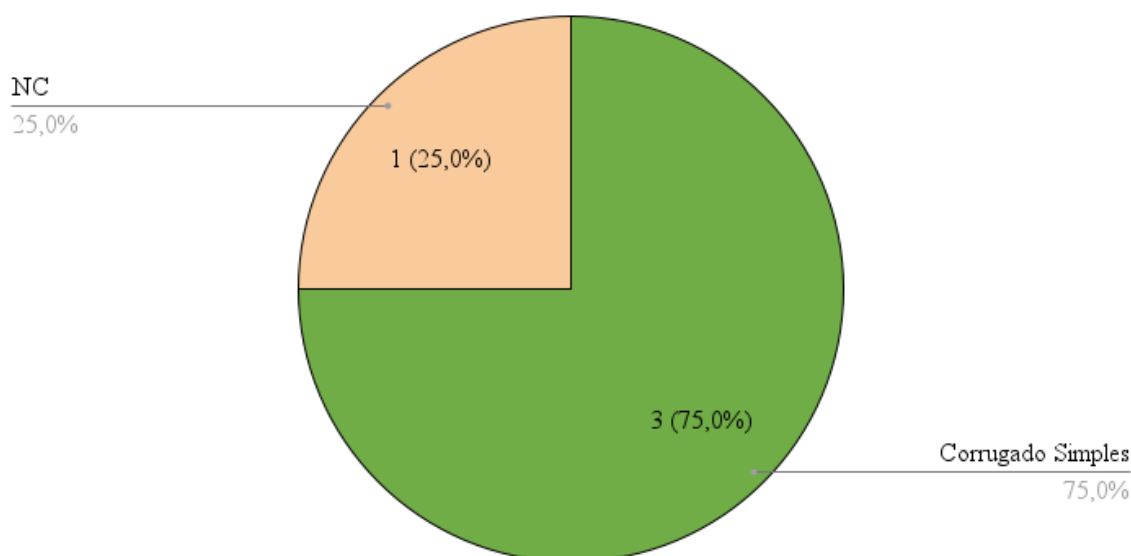
Gráfico 32 – Expressões decorativas em relação ao acabamento plástico – Sítio RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação aos 04 fragmentos com decoração mista, verifica-se o predomínio do corrugado simples, encontrado em 03 amostras. Não foi possível identificar a expressão decorativa da face externa de um testemunho cerâmico. As expressões decorativas do ungulado e do corrugado-ungulado não foram identificadas nas cerâmicas com decoração mista:

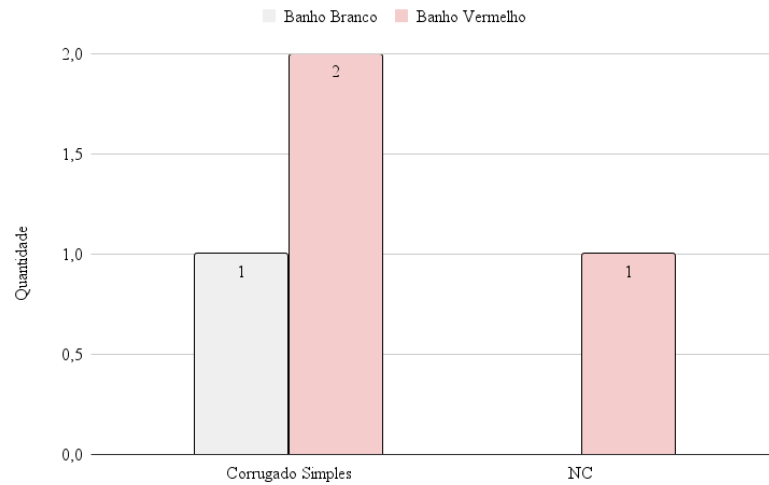
Gráfico 33 – Expressões decorativas presentes na superfície externa em relação ao acabamento misto – Sítio RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao dirigirmos a análise das bordas mistas em relação às superfícies internas, verifica-se que 03 testemunhos apresentaram banho interno na coloração vermelha, enquanto uma borda manifestou banho branco. Associando os dados obtidos nas diferentes faces dos fragmentos com acabamento misto percebe-se que não é possível fazer vinculações diretas entre o corrugado simples e o banho vermelho, visto que o vestígio não classificado denotava pigmentos avermelhados em sua superfície interna:

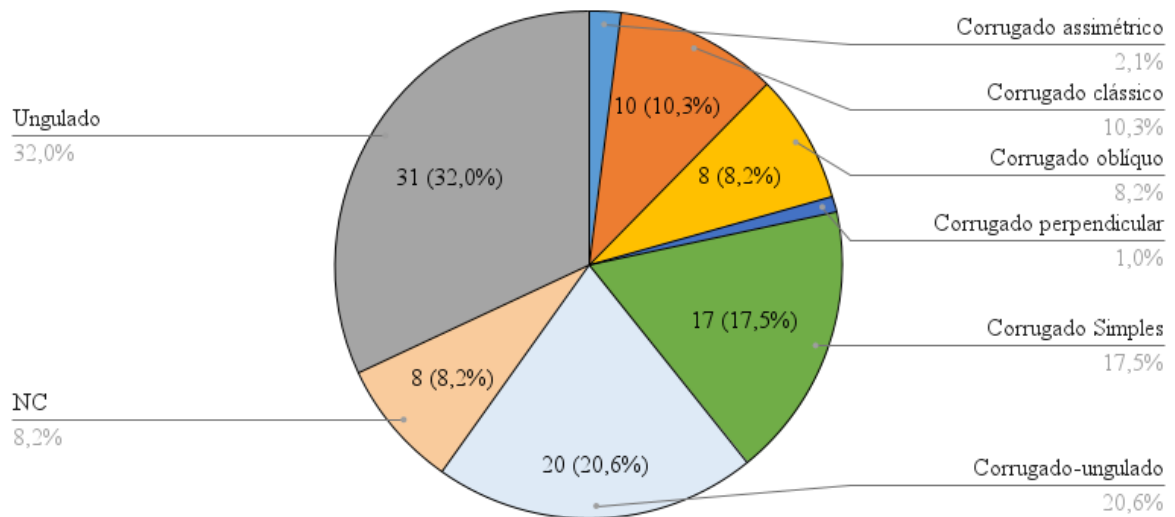
Gráfico 34 – Decoração mista – Sítio RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ampliando as análises acerca das expressões decorativas situadas na superfície externa das bordas classificadas, contudo, desconsiderando as distinções por acabamento, percebe-se a manutenção do predomínio do corrugado a partir da ampliação do corrugado simples no universo das amostras analisadas:

Gráfico 35 – Expressões decorativas – Sítio RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

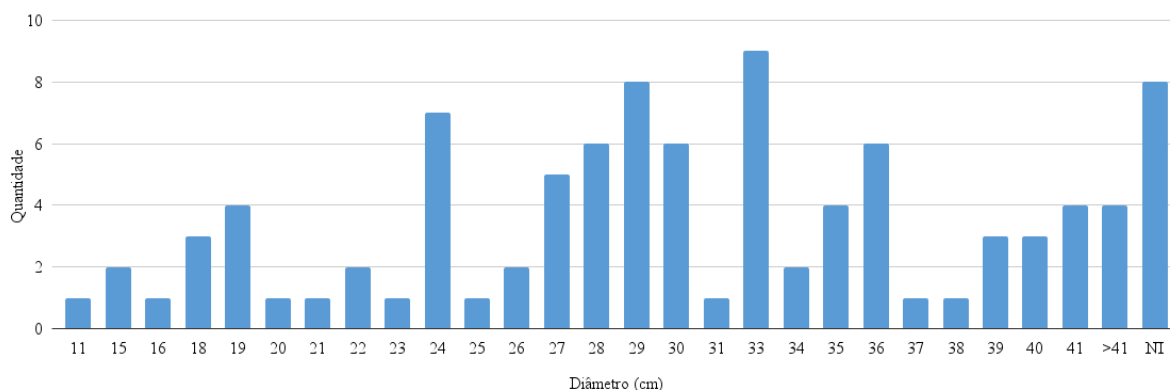
Os gráficos dos parâmetros estéticos dos testemunhos cerâmicos pertencentes ao sítio Lagoa do Índios denotam que, embora haja o destaque ao corrugado, consideráveis parcelas das amostras expressam outras expressões decorativas: caso do ungulado, presente em 31

amostras (32%); e do corrugado-ungulado, identificado em 20 bordas (20,6%). Os dados que seguirão versarão pelos parâmetros métricos. Afinal, no contexto do sítio RS-LN-64, é possível apontar alguma relação entre as dimensões e as decorações?

4.3.2 Parâmetros métricos dos fragmentos pertencentes ao sítio RS-LN-64

No que se refere às aberturas de boca com maior recorrência no sítio RS-LN-64, percebe-se que 08 bordas possuíam diâmetros de 33 cm. O intervalo situado entre 27 e 30 cm englobou 25 fragmentos, valor equivalente à 25,77% das amostras averiguadas. Quatro testemunhos apresentaram aberturas superiores a 41 cm. Não foi possível identificar dimensões de 08 fragmentos, visto que se tratavam de cacos com pequeno arco de círculo, impossibilitando, assim, a assertiva verificação dos diâmetros.

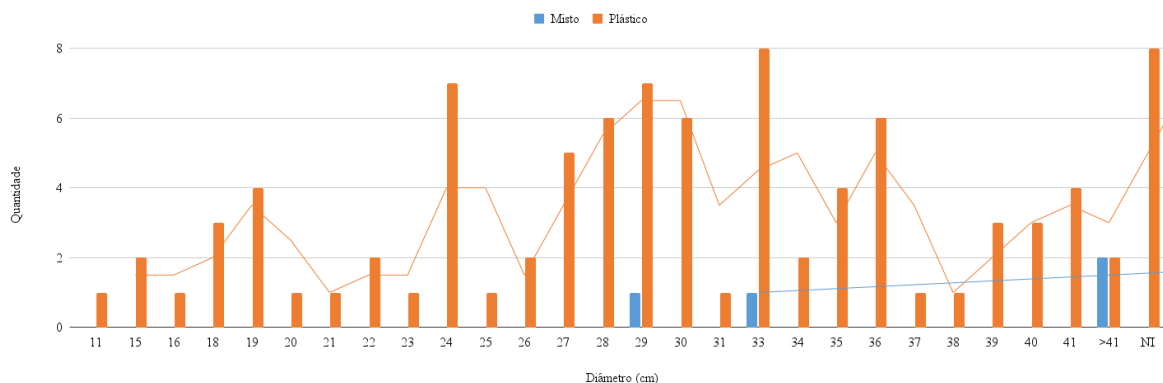
Gráfico 36 – Diâmetros das bordas – Sítio RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao concatenar a recorrência dos diâmetros com os acabamentos de superfície encontrados no sítio RS-LN-64, verifica-se que as amostras com decoração mista apresentaram diâmetros superiores a 29 cm, sendo duas delas com dimensões superiores a 41 cm. As bordas com acabamento plástico, por sua vez, foram identificadas a partir dos 10 cm; entretanto, apresentam grande recorrência naqueles fragmentos com aberturas entre 27 e 30 cm. No que se refere aos testemunhos com dimensões não identificadas, todos possuíam acabamento plástico:

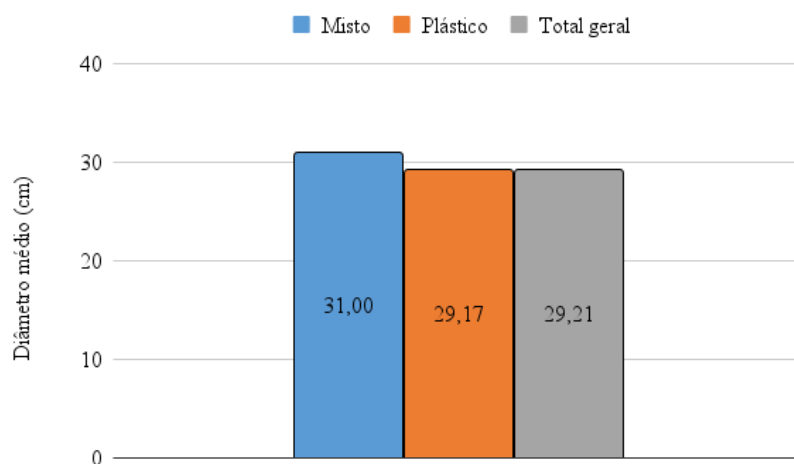
Gráfico 37 – Diâmetros em relação aos acabamentos de superfície – Sítio RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Excluindo as bordas com dimensões não identificadas, bem como aquelas com aberturas superiores a 41 cm, foi possível verificar os diâmetros médios das amostras pertencentes ao sítio Lagoa do Índio. Apresentando apenas duas bordas com dimensões averiguadas, o acabamento misto apresentou diâmetro médio de 31 cm, enquanto os fragmentos plásticos manifestaram dimensão de 29,17 cm. Como média geral, temos 29,21 cm.

Gráfico 38 – Diâmetro médio – Sítio RS-LN-64

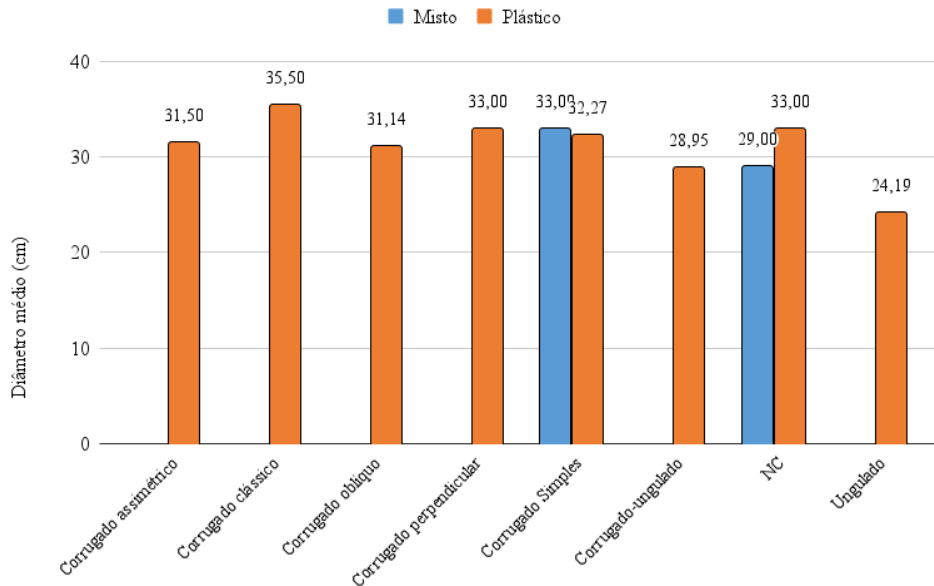


Fonte: Elaborado pelo autor.

No que diz respeito aos parâmetros métricos das expressões decorativas, apura-se que o unglado manifestou os menores diâmetros médios, com 24,19 cm. O corrugado-ungulado, expressão decorativa que denota corrugações e unglagens em concomitância, obteve a segunda menor média, com 28,95 cm. O corrugado clássico, por sua vez, apresentou as

maiores dimensões, com 35,50 cm. Isto é, temos um cenário em que as cerâmicas com corrugações denotam os maiores diâmetros ao passo que aquelas com unguiações apresentam as menores aberturas de boca.

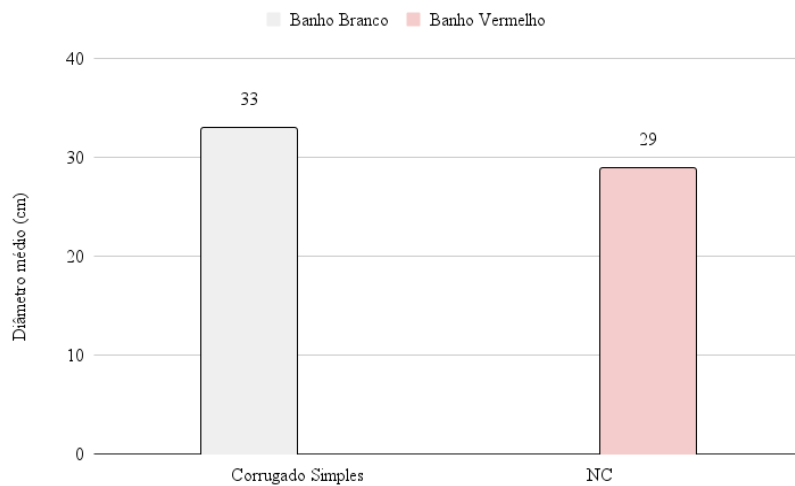
Gráfico 39 – Diâmetros médios em relação às expressões decorativas – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Duas das amostras com decoração mista denotavam aberturas de boca superiores a 41 cm, ambas, corrugadas simples com banho interno na coloração avermelhada. Os outros dois testemunhos manifestaram as seguintes dimensões:

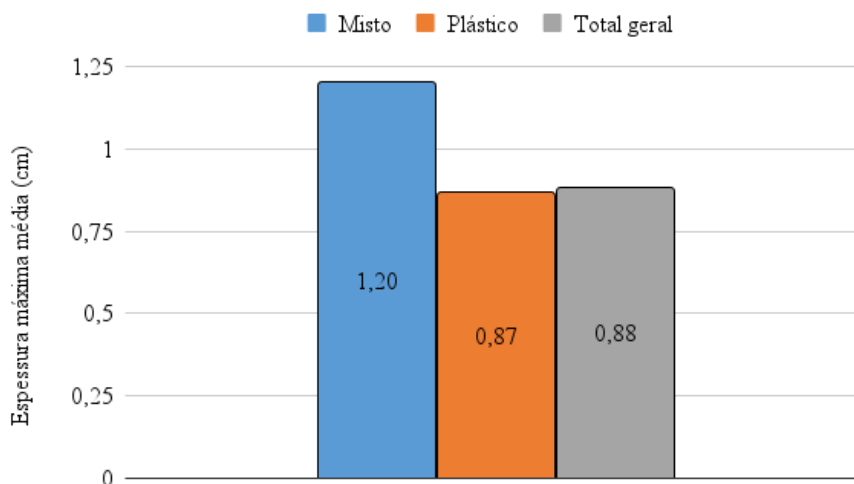
Gráfico 40 – Diâmetro médio em relação aos fragmentos com decoração mista – RS-LN-64



Fonte: Elaborados pelo autor.

Quanto às espessuras máximas das paredes, os testemunhos com acabamento misto denotaram as maiores médias:

Gráfico 41 – Espessura máxima média (cm) – RS-LN-64

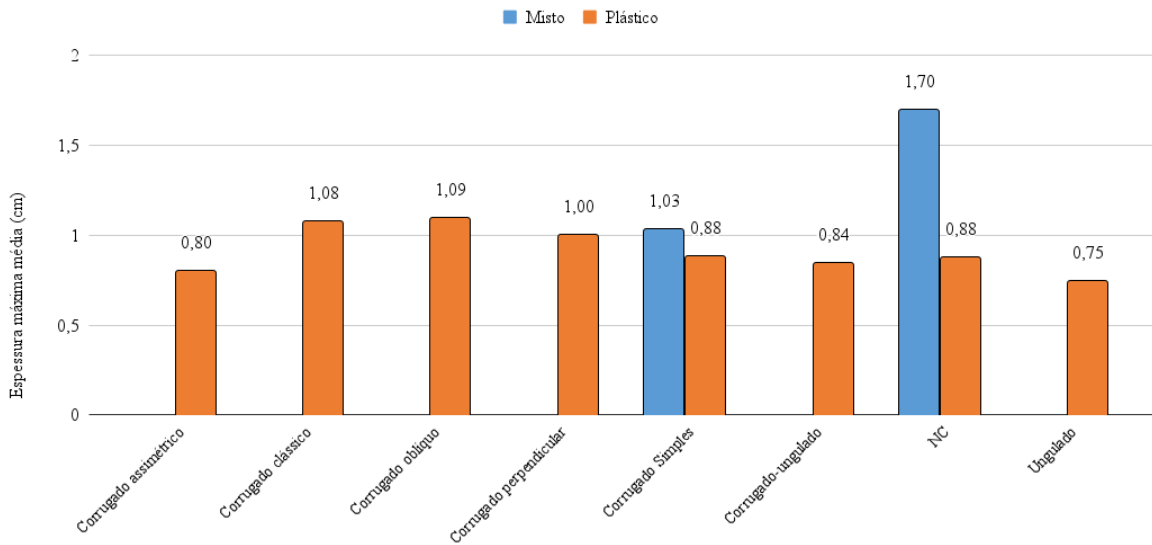


Fonte: Elaborado pelo autor.

Importante relembrar que, das 97 bordas analisadas do sítio RS-LN-64, apenas 04 foram identificadas com o acabamento misto, ou seja, trata-se de um universo de estudo bastante diminuto em comparação aos 93 fragmentos com acabamento plástico.

Aos dirigirmos a análise das espessuras dos fragmentos em relação às expressões decorativas, observa-se que o unglado, com espessura média de 0,75 cm, apresenta os menores parâmetros, indo ao encontro ao cenário constatado no estudo dos diâmetros médios. No que se refere às cerâmicas com tratamento plástico, o corrugado oblíquo demonstrou as maiores dimensões, com 1,09 cm, sendo seguido por outras variações do corrugado, caso do corrugado clássico, com média de 1,08 cm, e pelo corrugado perpendicular, com espessura máxima média de 1,00 cm.

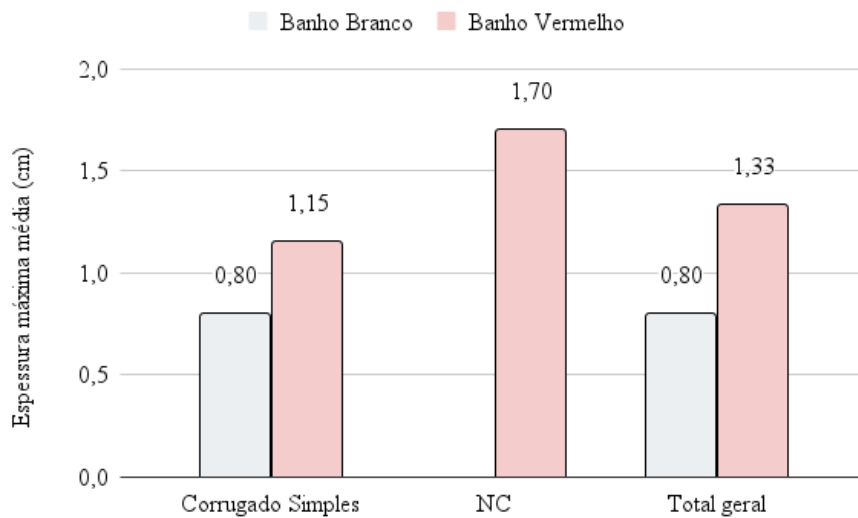
Gráfico 42 – Espessura máxima média em relação às expressões decorativas – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

No tocante às amostras com acabamento misto, as bordas com banho interno na coloração vermelha manifestaram maiores espessuras máxima quando em comparação com o fragmento único identificado com banho branco. Importante ressaltar que o caco cerâmico com expressão decorativa não identificada possuía paredes com 1,70 cm; tal valor tende a justificar as dimensões médias superiores dos fragmentos mistos quando em comparação com os plásticos.

Gráfico 43 – Espessura máxima média em relação aos fragmentos com acabamento misto – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

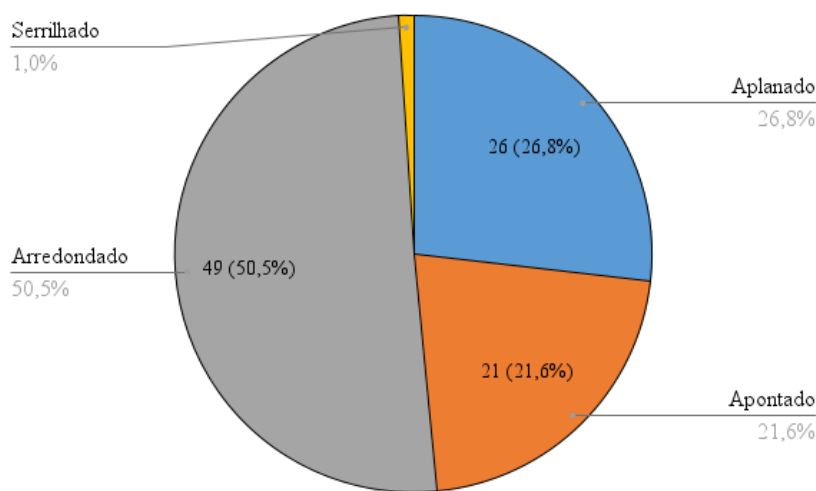
Os gráficos apresentados na presente seção demonstram que os testemunhos cerâmicos com acabamento misto apresentam maiores parâmetros métricos quando conferidos em relação ao restante das amostras. Contudo, faz-se necessário destacar que apenas 04 bordas manifestavam esse acabamento, ou seja, qualquer amostra analisada que apresentasse grandes dimensões acarretaria a elevação dos valores médios. Em relação aos fragmentos plásticos, constata-se que as variações do corrugado apresentam os maiores diâmetros e espessuras médias; o ungulado, por sua vez, manifesta os menores índices métricos.

O subcapítulo seguinte versará pela discussão dos elementos morfológicos das bordas oriundas do sítio Lagoa dos Índios a fim de verificar as possíveis conexões com os demais parâmetros averiguados.

4.3.3 Parâmetros morfológicos dos fragmentos cerâmicos pertencentes ao sítio RS-LN-64

Das 97 bordas analisadas, 49 possuíam lábios arredondados (50,5%), 26 aplanados (26,8%), 21 lábios apontados (21,6%) e 01 fragmento manifestava extremidade serrilhada (1,1%):

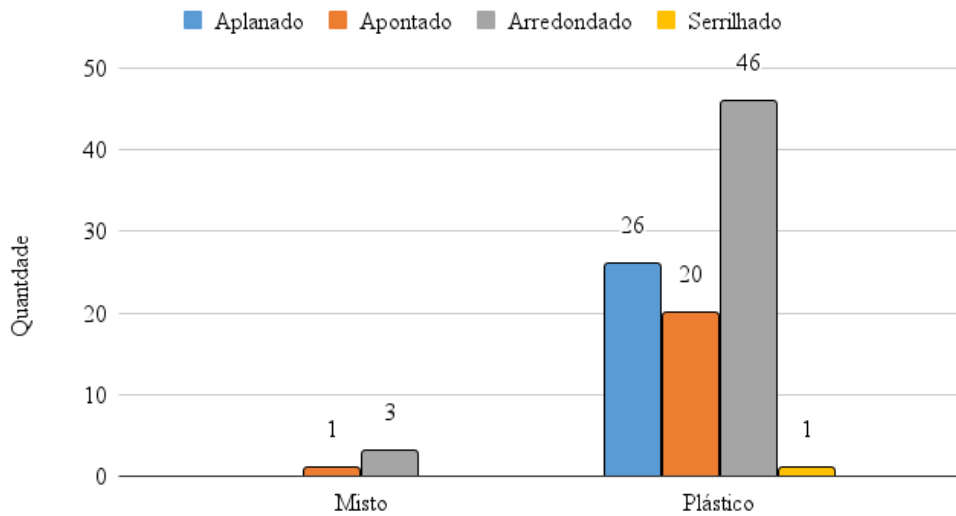
Gráfico 44 – Lábios – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nas amostras com tratamento de superfície plástico, os lábios arredondados foram predominantes, sendo constatados em 46 dos 93 fragmentos analisados; seguido pelo aplanado (26), apontado (20) e serrilhado (1). Nos fragmentos com decoração mista, fizeram-se presente os lábios arredondados (3) e apontado (1):

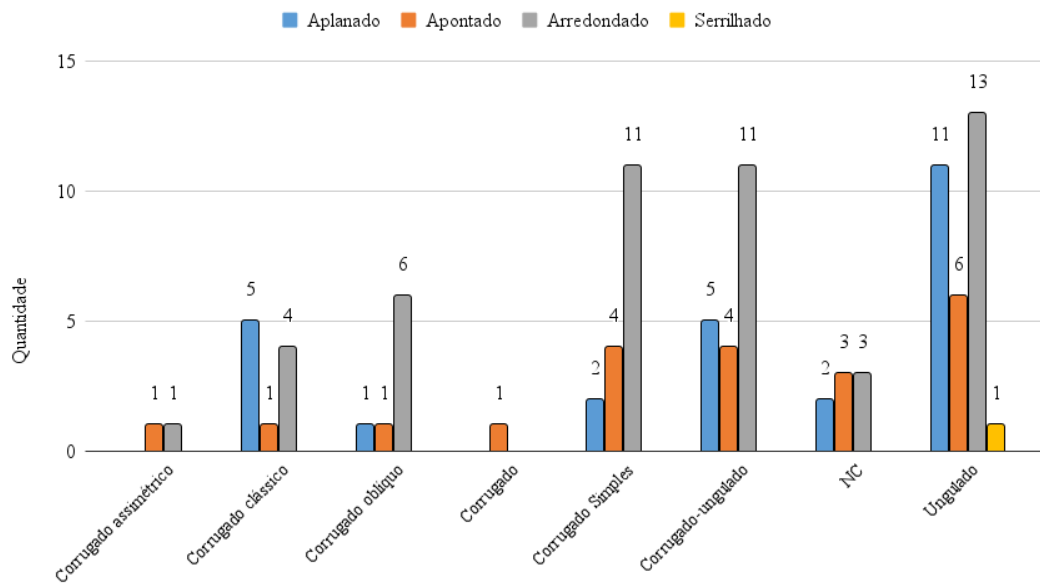
Gráfico 45 – Lábios em relação aos acabamentos de superfície – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Relativo às expressões decorativas situadas na superfície externa dos vasilhames, verifica-se que os lábios arredondados são preponderantes no corrugado clássico, corrugado simples, corrugado-ungulado e unguulado. Por sua vez, os lábios aplanados tiveram maioria no corrugado clássico, além de possuir elevada presença no unguulado. Embora com menor frequência, os lábios apontados fizeram-se presentes em todas as expressões decorativas identificadas nas amostras do sítio Lagoa do Índio:

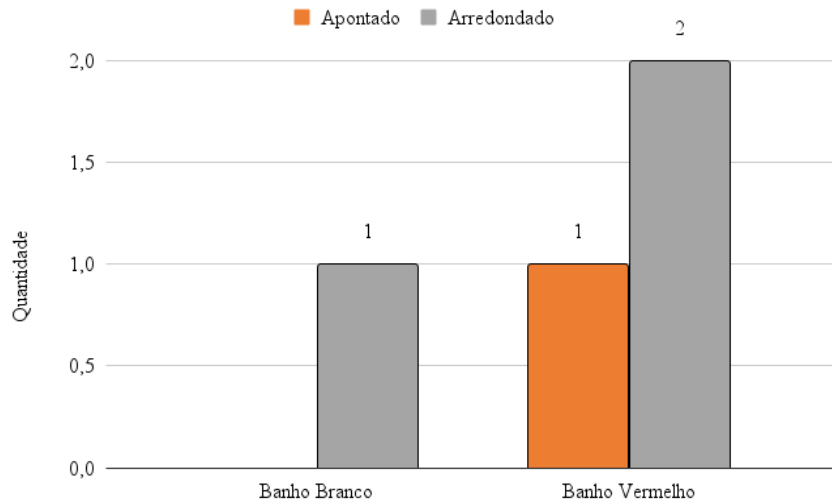
Gráfico 46 – Lábios em relação às expressões decorativas – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos 04 fragmentos classificados como mistos, nota-se que aquele com banho interno na coloração branca manifestou a extremidade arredondada. Importante ressaltar a ausência de lábios aplanados e serrilhados:

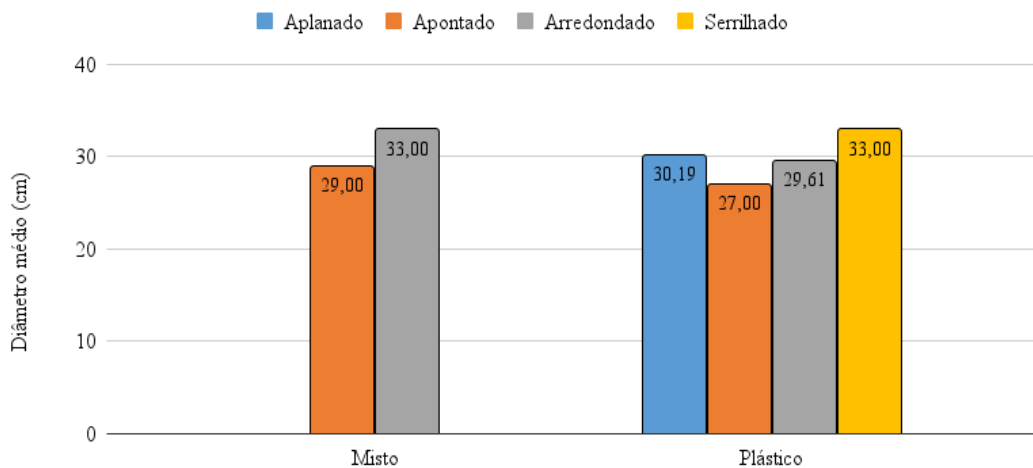
Gráfico 47 – Lábios em relação ao acabamento misto – RS-LN-64.



Fonte: Elaborado pelo autor.

No que se refere aos diâmetros médios, verifica-se que, entre amostras com acabamento misto, as cerâmicas com lábios arredondados obtiveram as maiores dimensões; já nos plásticos, o fragmento com o lábio serrilhado obteve a maior abertura de boca. Em ambos os cenários, os fragmentos com os lábios apontados manifestaram os menores diâmetros médios:

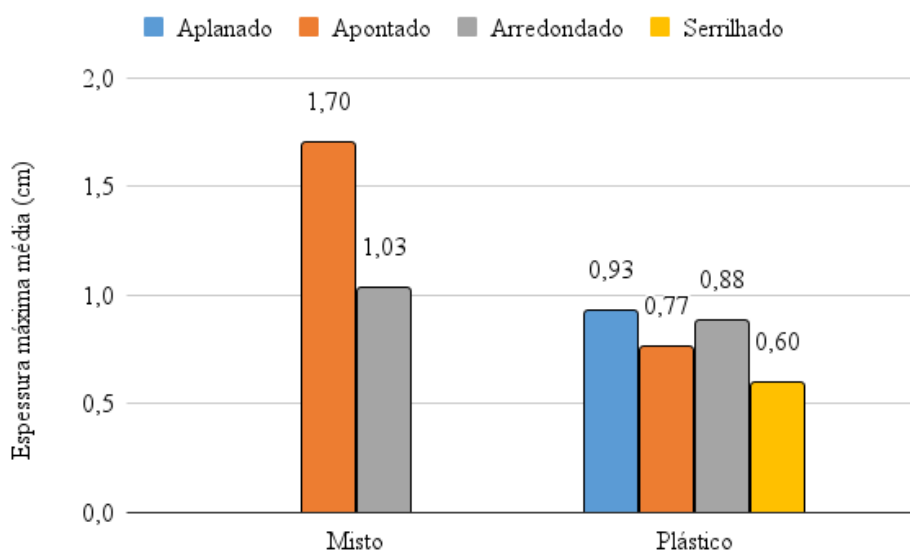
Gráfico 48 – Variações de diâmetros em relação aos lábios – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto às espessuras máximas das paredes, verifica-se que, nos fragmentos com tratamento de superfície misto, a cerâmica com o lábio apontado manifestou as maiores dimensões, com 1,70 cm. Ao analisarmos o cenário relativo aos fragmentos plásticos, constata-se que aquele que exibiu o maior diâmetro médio, o serrilhado, denotou as menores espessuras, com 0,60 cm; nesse recorte, os lábios aplanados manifestaram as maiores espessuras médias, com 0,93 cm:

Gráfico 49 – Lábios em relação às espessuras máximas média das paredes – RS-LN-64

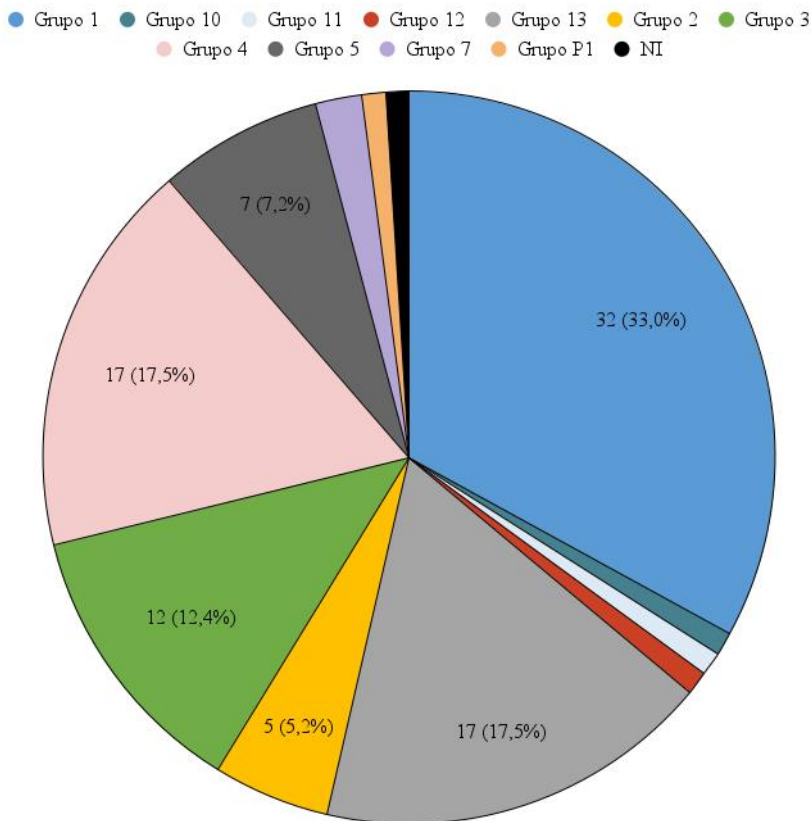


Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3.3.1 Grupos cerâmicos – sítio RS-LN-64

Tal qual efetuado nas amostras pertencentes à Coleção Itapiranga, realizamos o recorte dos grupos cerâmicos identificados através das bordas oriundas do sítio Lagoa dos Índios. Das 97 bordas analisadas, 32 apresentaram elementos característicos do “Grupo 01” (33%), 17 do “Grupo 04” (17,5%), 17 do “Grupo 13” (17,5%), 12 do “Grupo 3” (12,4%), 7 do “Grupo 05” (7,2%), 5 do “Grupo 02” (5,2%), 2 do “Grupo 07” (2,06%). Os atributos relativos às bordas dos grupos 10, 11, 12 e P1 foram identificados em apenas um testemunho cada. Não foi possível identificar o modelo de um dos fragmentos estudados:

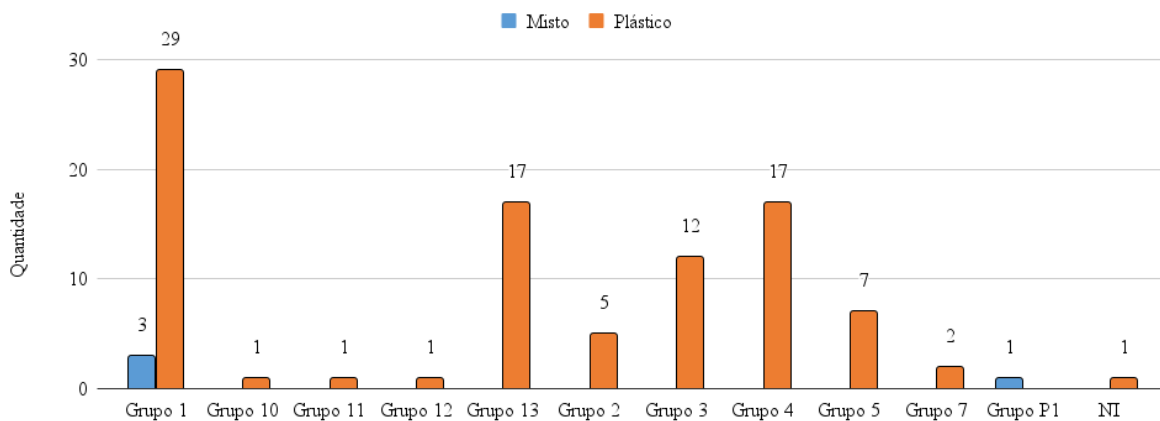
Gráfico 50 – Grupos cerâmicos – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao conduzirmos a apreciação dos modelos cerâmicos em relação aos acabamentos de superfície, nota-se que o tratamento misto se fez presente nos grupos 02 e P1:

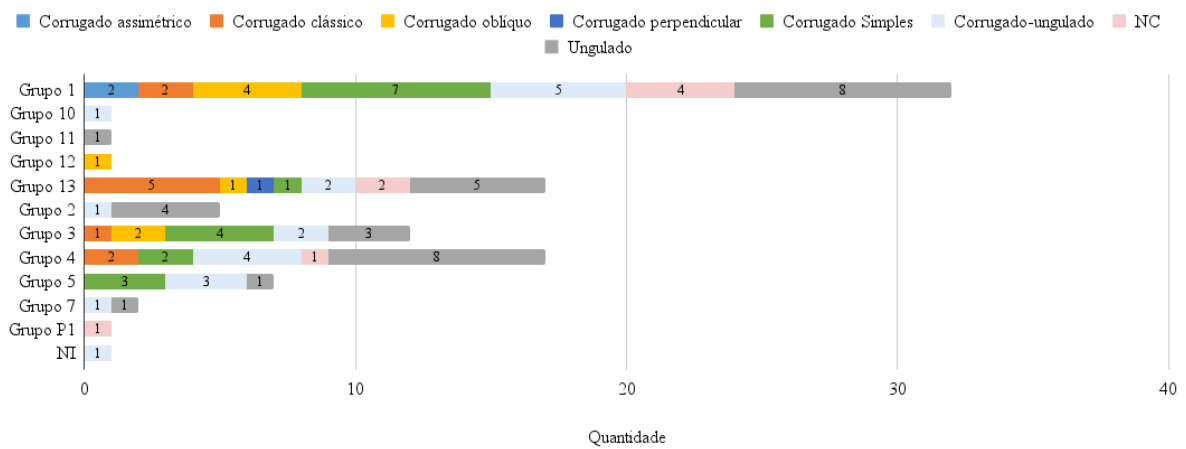
Gráfico 51 – Acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao verificarmos a ocorrência das expressões decorativas situadas na superfície externa das bordas cerâmicas em relação aos grupos adotados, constata-se grande variabilidade de decorações empregadas. O unglulado foi a expressão decorativa preponderante nos grupos 01, 02 e 04; já nos grupos 07 e 13, o unglulado obteve igualdade com o corrugado-ungulado e o corrugado clássico. Interessante ressaltar que, entre aqueles modelos com mais de uma amostra identificada, os grupos 02 e 07 denotam apenas as técnicas decorativas do unglulado e corrugado-ungulado, isto é, não há ocorrência das variações legítimas do corrugado.

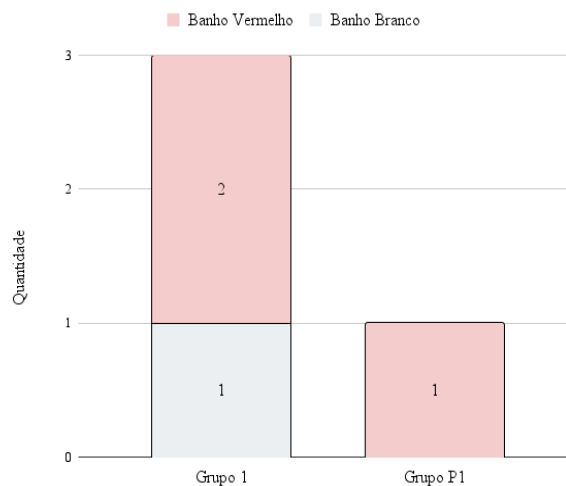
Gráfico 52 – Expressões decorativas em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando apenas as amostras com decoração na face interna da borda, percebe-se que o banho vermelho se fez presente nos grupos 01 e P1, enquanto o banho branco foi constatado no “Grupo 01”:

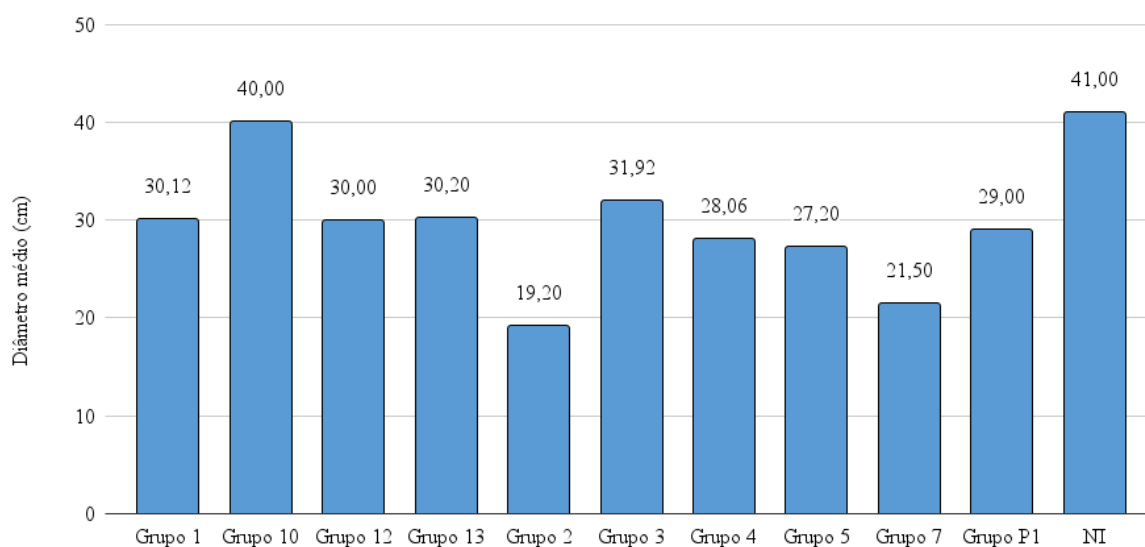
Gráfico 53 – Decoração interna em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Concatenando os parâmetros métricos no que diz respeito aos modelos cerâmicos, verifica-se que o “Grupo 02” apresentou os menores valores de diâmetro, com média de 19,20 cm; o “Grupo 07” vem logo em seguida, com abertura média de 21,50 cm. Por outro lado, o “Grupo 10”, representado por apenas uma amostra, manifestou a maior dimensão, com diâmetro de 40 cm. Levando em consideração os modelos com mais de um testemunho considerado, ganha destaque o “Grupo 03”, com média de 31,92 cm. Não foi possível mensurar o diâmetro da amostra classificada como pertencente ao “Grupo 11”.

Gráfico 54 – Diâmetro médio em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64

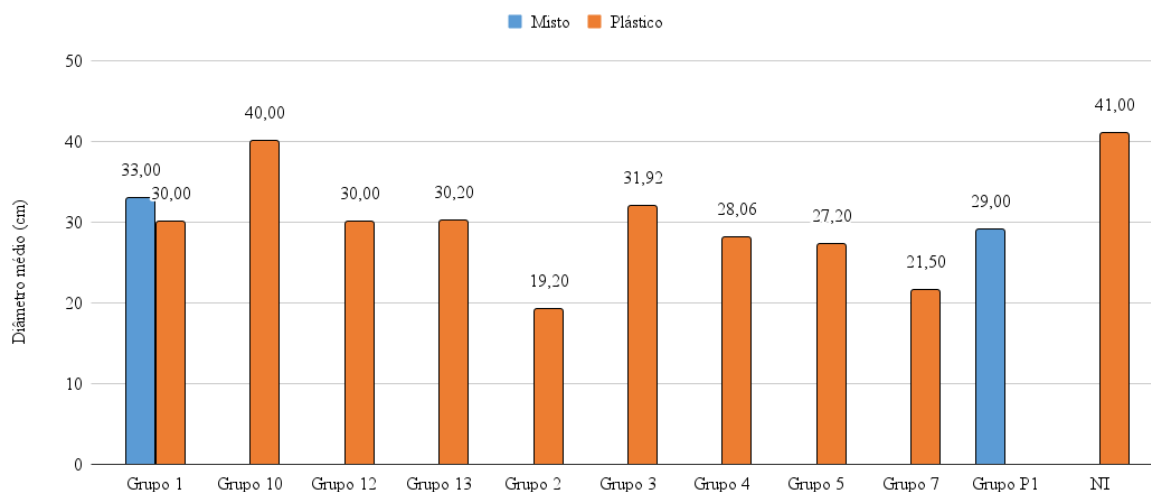


Fonte: Elaborado pelo autor.

Os gráficos anteriores, relativos às expressões decorativas e aos diâmetros dos grupos cerâmicos, denotam, mais uma vez, a afinidade entre o unglado e aquelas cerâmicas com menores parâmetros métricos. Em contrapartida, as formas que manifestaram predomínio das variações do corrugado, caso dos grupos 01, 03 e 13, apresentaram as maiores dimensões.

Ao analisarmos os diâmetros médios pertinentes aos diferentes acabamentos, percebe-se que o tratamento de superfície plástico manifestou maiores índices no “Grupo 01”:

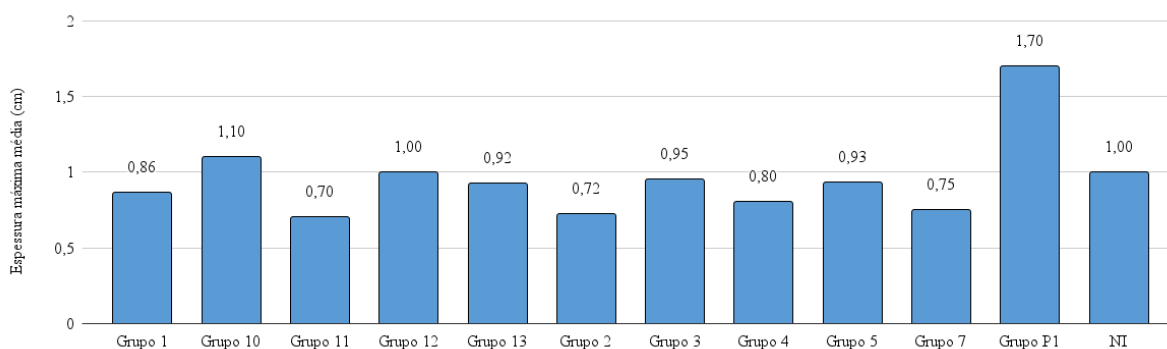
Gráfico 55 – Diâmetros médios de acordo com os acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Representado por apenas uma amostra, o “Grupo P1” denotou a maior espessura máxima, com 1,70 cm. Entre aqueles modelos com mais de um testemunho cerâmico averiguado, o “Grupo 03” exibiu os maiores parâmetros, com espessura máxima média de 0,95 cm; por outro lado, o “Grupo 02” manifestou as menores espessuras, com média de 0,72 cm.

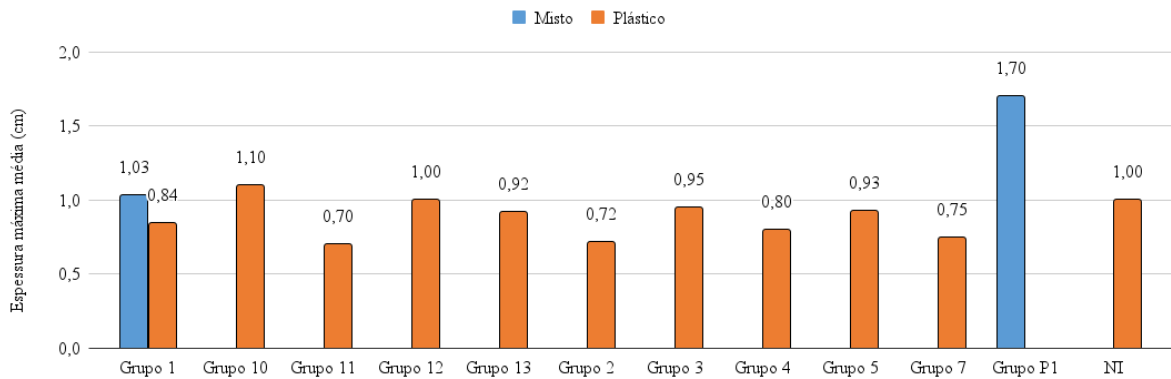
Gráfico 56 – Espessura máxima média em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao considerarmos as espessuras máximas médias concernentes aos acabamentos de superfície, percebe-se, mais uma vez, uma consonância com os resultados encontrados nas aberturas de boca. Isto é, nos diferentes cenários relativos aos parâmetros métricos, os dados apresentados denotam familiaridade entre os diâmetros e as espessuras das paredes, haja vista que, quanto maiores os primeiros, mais espessas serão as segundas:

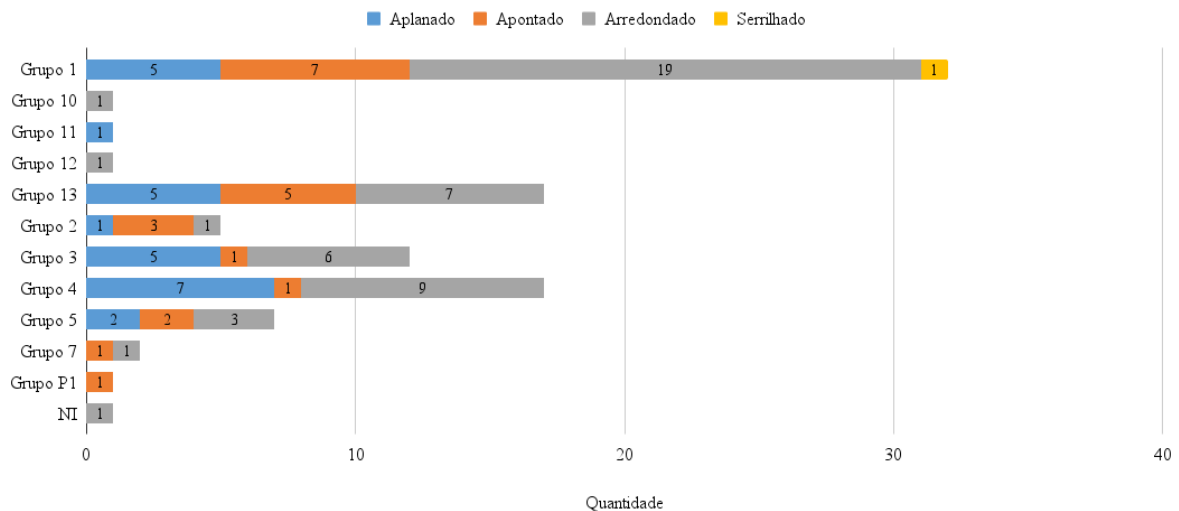
Gráfico 57 – Espessura máxima média de acordo com os acabamentos de superfície em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

De posse dos grupos cerâmicos identificados, percebe-se que aquelas bordas com lábios arredondados se fizeram maioria nos grupos 01, 03, 04, 05, 10, 11 e 13. O lábio apontado foi frequentemente identificado nos testemunhos cerâmicos pertencentes ao “Grupo 02”. Quanto ao “Grupo 07”, foram identificados os lábios apontados e aplanados. Embora não tenha obtido maioria em nenhum grupo cerâmicos adotado, os lábios aplanados tiveram grande recorrência nos grupos 03, 04 e 13:

Gráfico 58 – Lábios em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64

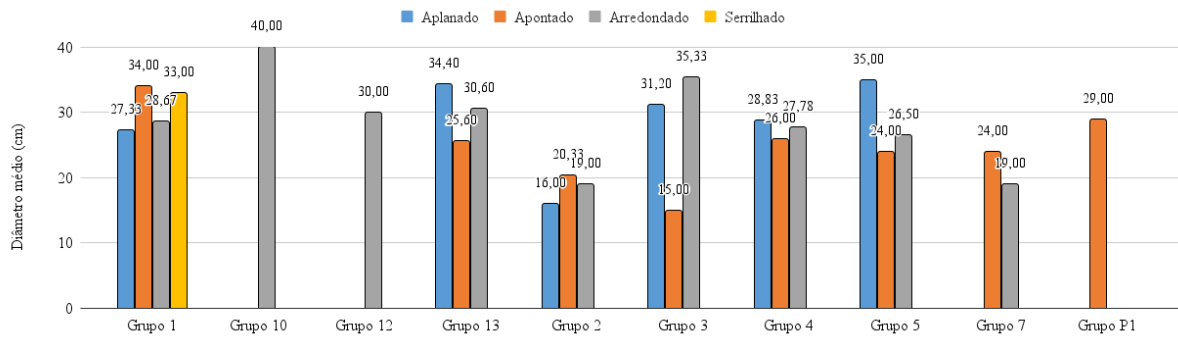


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisarmos os diâmetros de acordo com os diferentes lábios e modelos cerâmicos, verifica-se grande variação dos resultados, visto que não é possível verificar uma preponderância das dimensões de um determinado tipo de lábio nos diferentes modelos

cerâmicos averiguados. Contudo, nota-se que há uma clara distinção entre os lábios apontados e os aplanados e arredondados, visto que o primeiro ou apresenta os maiores índices, caso dos grupos 01, 02 e 07, ou denota os menores, como se verifica nos modelos 03, 04, 05 e 13:

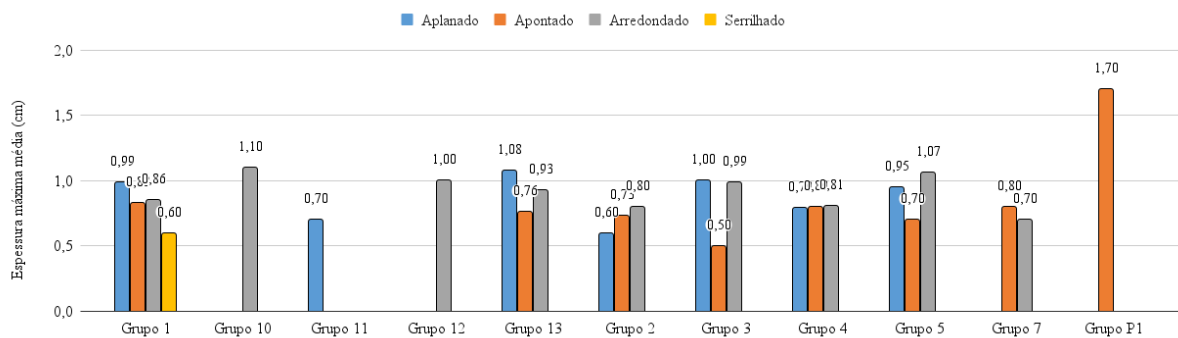
Gráfico 59 – Diâmetros médios de acordo com lábio em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

A relação acima descrita não se configura ao dirigirmos a análise às espessuras das paredes, pois tanto no “Grupo 02” quanto no “Grupo 04”, as dimensões pertinentes aos lábios apontados encontram-se em posição intermediária. Chama a atenção o “Grupo 03”, visto que visto que as extremidades apontadas são nitidamente inferiores às demais:

Gráfico 60 – Espessuras máximas média de acordo com os lábios em relação aos grupos cerâmicos – RS-LN-64.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em resumo, percebe-se algumas conexões entre os parâmetros estéticos, métricos e morfológicos dos fragmentos cerâmicos pertencentes ao sítio RS-LN-64. Como vimos, o ungueado, expressão decorativa com grande recorrência entre as amostras averiguadas,

manifesta os menores valores métricos em comparação às demais técnicas decorativas. Em contrapartida, as variações do corrugado denotam os maiores índices.

Ao dirigirmos o comentário aos grupos cerâmicos com mais de uma amostra qualificada, percebe-se que os grupos 01, 03 e 13 apresentam as maiores dimensões; os grupos 04 e 05 denotam dimensões intermediárias; e os grupos 02 e 07 manifestam os menores índices. Encadeando os resultados obtidos, verifica-se a preponderância do corrugado para o primeiro conjunto de grupos e do unglado aos últimos. Situação semelhante ocorre entre os lábios, haja vista que os apontados manifestaram os menores parâmetros métricos e, curiosamente, são majoritários no “Grupo 02”.

A seguir, segue um breve resumo dos dados obtidos para cada grupo identificado, bem como o desenho das bordas classificadas e a reconstituição gráfica de algumas amostras averiguadas.

4.2.3.1.1 Grupo 01 – RS-LN-64

Dentre os modelos cerâmicos identificados nas amostras pertencentes ao sítio Lagoa do Índio, o “Grupo 01” foi aquele com mais bordas constatadas: 32 testemunhos manifestavam os elementos identitários do modelo. Desses, 29 apresentavam acabamento de superfície plástico (90,62%), enquanto apenas 03 eram mistas (9,38%). Quanto às expressões decorativas, o unglado se fez presente em 08 testemunhos (25%), o corrugado-unglado em 05 (15,63%), as variações do corrugado em 15 (46,87%)⁷. Não foi possível identificar as técnicas decorativas de 04 bordas (12,5%). Das 03 amostras com tratamento de superfície misto, duas denotavam banho interno na coloração vermelha, enquanto 01 fragmento possuía banho branco. Apenas dois fragmentos eram reforçados externamente.

Quanto aos parâmetros métricos, apresentou diâmetro médio geral de 30,12 cm e espessura máxima média de 0,86 cm. No que se refere à análise restrita àqueles com acabamento plástico, o diâmetro médio foi de 30 cm e a espessura de 0,84 cm. Já os fragmentos mistos manifestaram dimensões superiores: abertura de boca média de 33 cm e espessura das paredes de 1,03 cm.

No que diz respeito aos lábios, destaque aos arredondados, constatados em 19 amostras (59,37%). Em seguida, temos o apontado, presente em 07 bordas (21,87%); o aplanado, encontrado em 05 (15,63%) e o serrilhado, encontrado em 01 fragmento (3,13%). Como percebe-se nos gráficos 59 e 60, os fragmentos com lábios apontados manifestaram as

⁷ A saber: corrugado simples (7), corrugado oblíquo (4), corrugado assimétrico (2) e corrugado clássico (2).

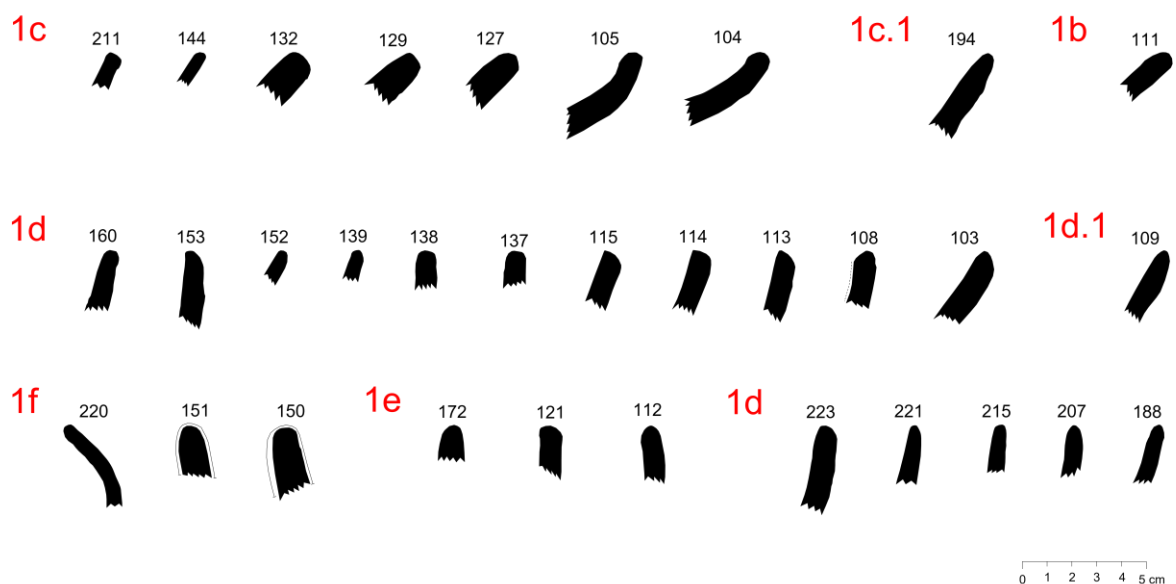
maiores dimensões de diâmetro de boca, ao passo que aqueles com extremidades aplanadas apresentaram as maiores espessuras.

No que se refere ao sítio Lagoa do Índio, temos um modelo cerâmico caracterizado pelas bordas diretas, com tratamento de superfície plástico, pelas expressões decorativas do corrugado, ungulado e corrugado-ungulado e por extremidades arredondadas. Quanto às aberturas de boca, são, majoritariamente, próximas aos 30 cm. Escassas são as amostras com decoração interna e/ou reforço externo.

Dentre as 32 amostras, foi possível verificar as distinções de acordo com os ângulos externos, a saber: 16 amostras eram pertencentes ao modelo “1d”, caracterizado pelo ângulo entre 68-90°; uma amostra era “1d.1”, ou seja, possuía as mesmas características do grupo “1d”, porém com reforço externo; 07 amostras eram “1c”, modelo sem reforço externo e com ângulo de 45-67°; uma amostra era “1c.1”, isto é, mesma inclinação do grupo “1c”, mas com reforço externo; 03 bordas eram “1e”, com ângulo entre 90-113°; outras 03 amostras foram classificadas como “1f”, por apresentar inclinação entre 114-134° e, por fim, uma amostra apresentou ângulo externo característico do subgrupo “1b”, isto é, entre 23-45°.

Abaixo, segue reprodução gráfica das bordas do “Grupo 01” pertencentes ao sítio RS-LN-64:

Figura 25 – Bordas classificadas como Grupo 1 – RS-LN-64

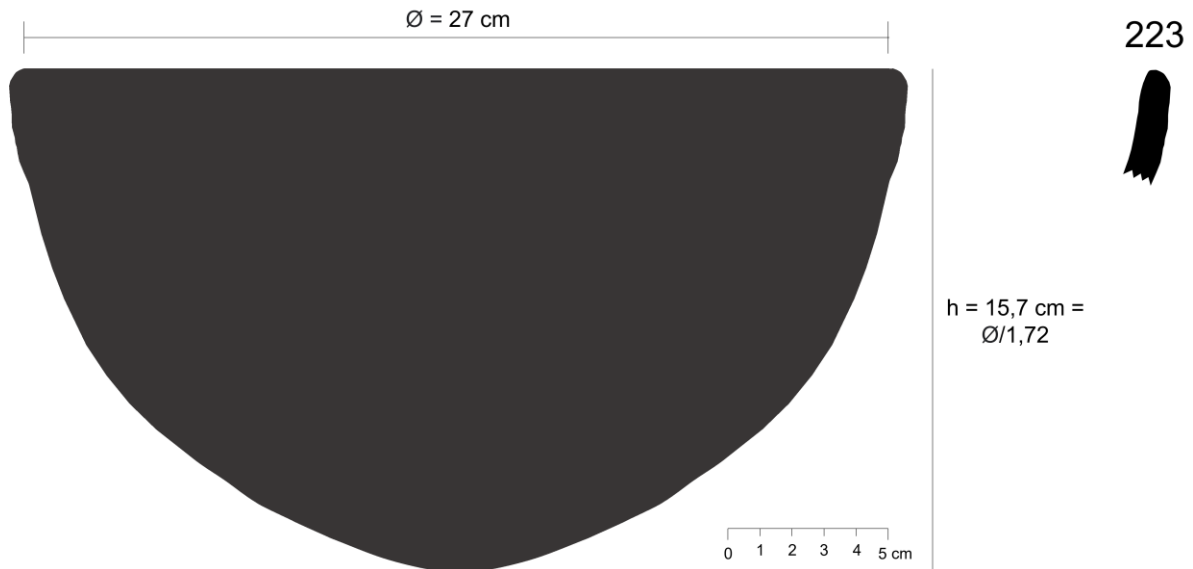


Fonte: Elaborada pelo autor.

Quanto à reconstituição da forma cerâmica, utilizamos como exemplo a borda identificada pela numeração 223, pois tratava-se de um testemunho com elevada conservação

dos acabamentos de superfície. Classificada como “1d”, o testemunho manifesta acabamento plástico, a expressão decorativa do corrugado simples, diâmetro de 27 cm e espessura máxima da parede de 0,9 cm:

Figura 26 – Grupo 1: reconstituição gráfica da borda 223 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

Embora Brochado e Monticelli (1994, p. 112) destaquem que as *ñaetá* apresentam aberturas de boca superiores a 30 cm - o fragmento reconstituído possui dimensão levemente inferior (27 cm) -, a reconstituição acima apresentou grande parte das características das caçarolas para cozinhar. A saber: borda direta, contínua com a parede, contorno simples, tratamento de superfície plástico e forma elipsoidal.

Quanto à relação diâmetro-altura, considerando que a borda cerâmica se refere à uma *ñaetá*, o modelo está de acordo com os parâmetros esperados, pois a relação diâmetro-altura situa-se entre 0,9 e 2,9 (BROCHADO; MONTICELLI & NEUMANN, 1990, p. 737). No exemplo acima, a relação é de 1,72.

4.2.3.1.2 Grupo 02 – RS-LN-64

Todas as 05 bordas observadas com as características do “Grupo 02” detinham acabamento de superfície plástico, isto é, não apresentavam técnicas decorativas nas faces internas da cerâmica. Dentre as expressões decorativas, não houve ocorrência das variações do corrugado, haja vista que 04 amostras manifestavam o ungulado (80%) e uma borda apresentava o corrugado-ungulado (20%).

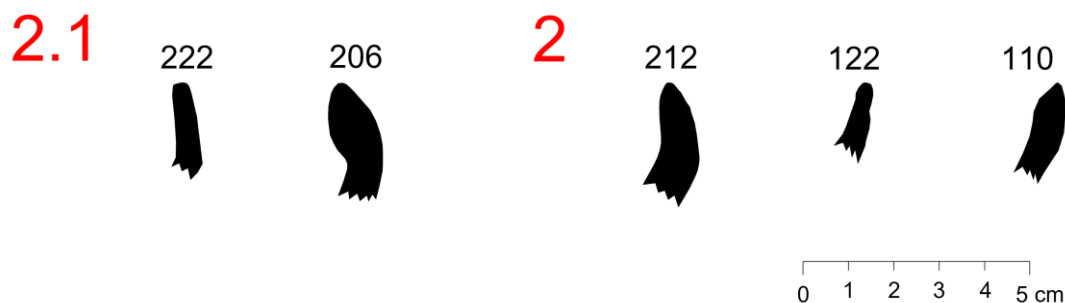
Em relação aos parâmetros métricos, foram encontrados 19,2 cm de diâmetro médio geral e espessuras médias de 0,72 cm. Tais valores fazem do “Grupo 02” aquele com as menores dimensões métricas entre os modelos cerâmicos identificados nas amostras oriundas do sítio Lagoa do Índio.

Nas características morfológicas, 03 bordas apresentavam lábios apontados (60%), enquanto o aplanado e o arredondado fizeram-se presentes em uma borda. Os fragmentos com lábios apontados caracterizaram-se pelas maiores dimensões métricas, ao passo que o testemunho com extremidade aplanada denotou os menores índices.

Em resumo, temos um modelo cerâmico identificado pelas bordas introvertidas ou contraídas, diâmetros de boca inferiores a 20 cm, lábios apontados e pela expressão decorativa do unglado. Ao contrário de Itapiranga, não foram identificadas amostras com decoração interna.

Entre as bordas, constatamos que 03 eram introvertidas (2), enquanto dois fragmentos possuíam bordas contraídas (2.1). Abaixo, segue reprodução digital das amostras identificadas como representantes do “Grupo 2”:

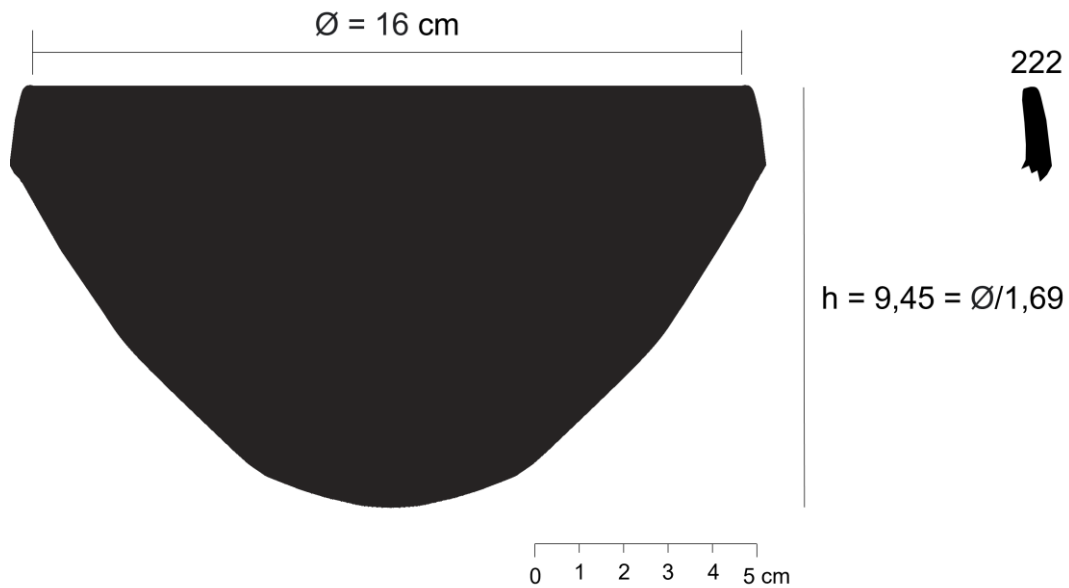
Figura 27 – Bordas classificadas como Grupo 02 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

Para reconstituição, utilizamos como exemplo a borda identificada pela numeração 222. Contraída, a amostra caracteriza-se pela expressão decorativa do unglado, pela extremidade aplanada, por parede com espessura máxima de 0,6 cm e abertura de boca de 16 cm:

Figura 28 – Grupo 02: reconstituição gráfica de borda 222 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

É possível enquadrar a reconstituição gráfica como um cambuchí caguâba (tigelas para beber). Com muitas similaridades com os teembiru (pratos para comer), os cambuchí caguâba (tigelas para beber) são tigelas abertas e levemente restringidas, apresentam base conoidal ou elipsoidal (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 116). Sua decoração pode ser alisada, corrugada ou ungulada, como é o caso da borda analisada (BROCHADO; MONTICELLI & NEUMANN, 1990, p. 734).

No que se refere às dimensões, a reconstituição acima apresenta valores pertinentes aos *cambuchí caguâba* de dimensões pequenas, visto que a abertura de boca se situa entre 12 e 16 cm (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 116). A grande diferença dessa funcionalidade em relação aos *teembiru* encontra-se na relação diâmetro-profundidade, haja vista que os pratos para comer apresentam menor profundidade em relação às tigelas para beber. Conforme Brochado, Monticelli e Neumann (1990, p. 734), os *cambuchí caguâba* devem apresentar relação diâmetro-profundidade entre 0,5 e 2,5. No exemplo acima, a relação é de 1,69.

4.2.3.1.3 Grupo 03 – RS-LN-64

No universo de 97 bordas cerâmicas averiguadas, 12 (12,37%) apresentavam elementos identitários do “Grupo 03”; todas, com acabamento de superfície plástico. Dentre

as decorações plásticas situadas na parede externa das cerâmicas, 07 eram corrugadas⁸ (58,33%), 03 unguladas (25%) e 02 corrugadas-unguladas (16,67%).

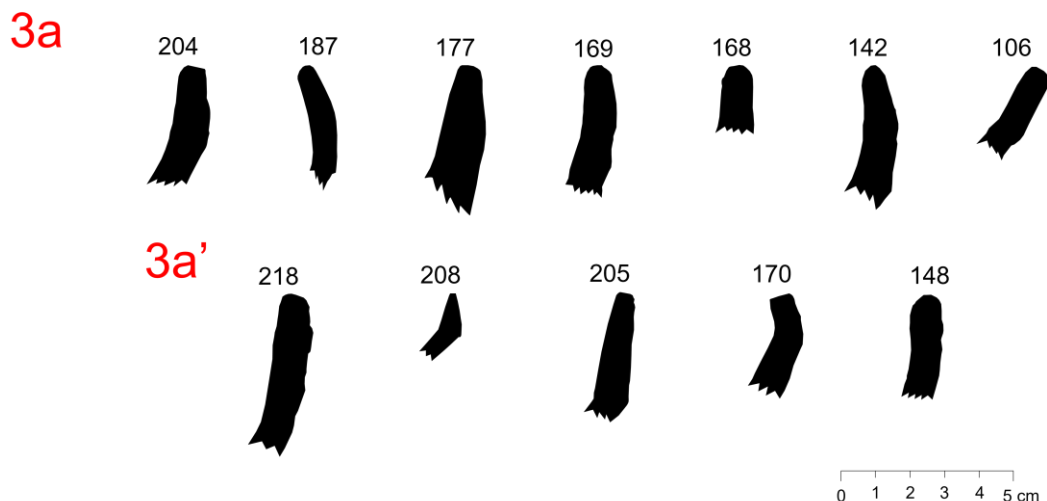
Com 31,92 cm de diâmetro médio geral e paredes com espessuras de 0,95 cm, o presente modelo cerâmico, dentre os grupos com mais de uma amostra averiguada, apresentou os maiores parâmetros métricos.

No que compete aos tipos lábios, nota-se a diminuta presença do apontado: 06 amostras com extremidades arredondadas (50%), 05 aplanadas (33,33%) e 01 apontado (8,33%). Ao direcionarmos a análise das dimensões métricas em relação às variações dos lábios, percebe-se que aqueles com lábios arredondados manifestaram os maiores diâmetros médios, com 35,33 cm; o apontado, por sua vez, o menor, com 15 cm.

Em síntese, trata-se de um modelo assinalado por bordas reforçadas externamente ou contraídas, com diâmetros superiores ao 30 cm, tratamento plástico, lábios aplanados ou arredondados, e pelas expressões decorativas do corrugado, sendo recorrente, em menor escala, o ungulado e corrugado ungulado. Não se fez presente amostras com decoração mista.

Dentre as 12 amostras, 07 manifestaram bordas reforçadas externamente (3a), enquanto 05 eram contraídas (3a'). Tal qual descrito anteriormente, não foi possível verificar as variações angulares dos testemunhos desse grupo devido às condições dos cacos cerâmicos. A seguir, segue representação gráfica das bordas classificadas no presente grupo:

Figura 29 – Bordas classificadas como Grupo 03 – RS-LN-64

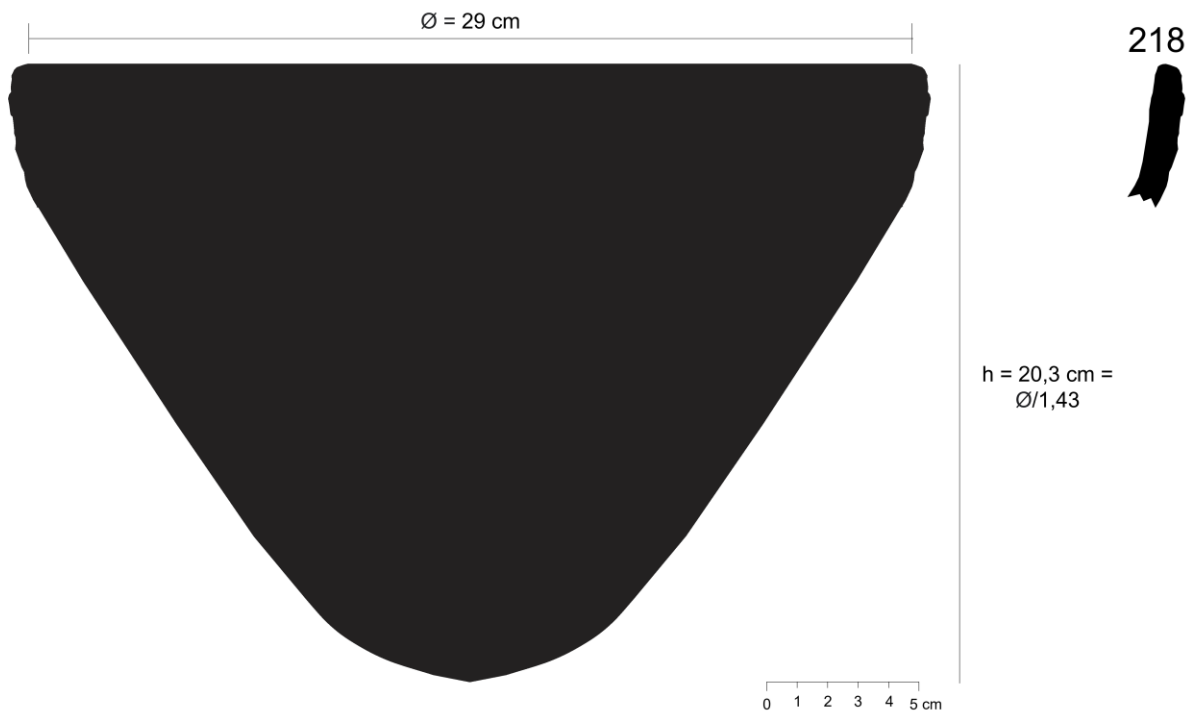


Fonte: Elaborada pelo autor.

⁸ A saber: corrugado simples (4), corrugado oblíquo (2) e corrugado clássica (1).

No que confere à reconstituição gráfica, utilizamos como exemplo a borda identificada pela numeração 218. Apresentando extremidade contraída (3a'), lábio arredondado, acabamento plástico, expressão decorativa do corrugado oblíquo e diâmetro de 29 cm, deparamo-nos com a seguinte representação:

Figura 30 – Grupo 03: reconstituição gráfica da borda 218 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

A reconstituição acima manifesta elementos morfológicos e métricos de uma *ñaetá* (caçarola para cozinhar), visto que, conforme Brochado e Monticelli (p. 112, 1994), as caçarolas devem apresentar formas abertas, corpo troncocônico, decoração plástica, base levemente arredondada. Quanto às extremidades, há grande variedade de possibilidades: embora as bordas diretas sejam as mais recorrentes, aquelas inclinadas para fora, inclinadas para dentro ou levemente infletidas também podem ser classificadas como caçarolas, contudo, desde que manifestem as dimensões necessárias.

Os parâmetros métricos corroboram essa classificação, pois as *ñaetá* de dimensões médias apresentam aberturas entre 30 e 48 cm (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112) e relação diâmetro-profundidade entre 0,9 e 2,9 (BROCHADO; MONTICELLI & NEUMAN, 1990, p. 737).

4.2.3.1.4 Grupo 04 – RS-LN-64

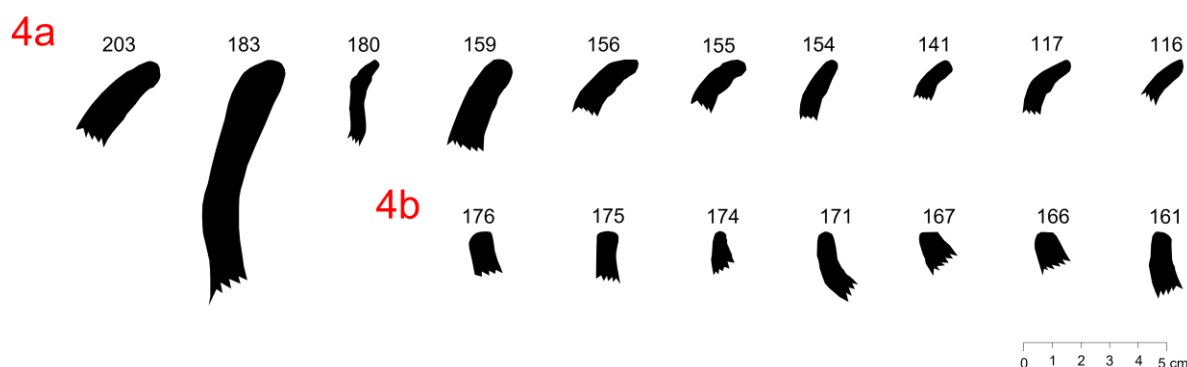
Juntamente ao “Grupo 13”, esse modelo cerâmico foi o segundo com maior presença entre as bordas analisadas do sítio RS-LN-64: 17 amostras. Todas manifestando tratamento de superfície plástico. No que se refere às expressões decorativas, destaque para o unglado, presente em 08 testemunhos (47,06%). O corrugado-ungulado, por sua vez, foi encontrado em 04 amostras (23,53%). Tanto o corrugado clássico quanto o corrugado simples foram identificadas em duas bordas. Não foi possível identificar a técnica decorativa de um vestígio.

Com diâmetro médio de 28,06 cm e espessura das paredes de 0,80 cm, o “Grupo 04” apresentou os seguintes lábios: 09 arredondados (52,94%), 07 aplanados (41,18%) e 01 apontado (5,88%). Conforme exposto no *gráfico 60*, nota-se que não houve drástica alteração das espessuras das paredes em relação às variações dos lábios; contudo, no que se refere às aberturas de boca, aqueles com lábios aplanados manifestaram as maiores dimensões.

Com bordas inclinadas para fora e contorno composto, os testemunhos desse modelo cerâmico caracterizam-se pelo acabamento plástico, pelo domínio das decorações ungladas e, em menor presença, corrugado-ungulado e corrugado, pelas extremidades arredondas e aplanadas e por aberturas de boca próximas aos 30 cm. No caso do sítio Lago do Índio, não identificamos amostras com decoração interna.

Dentre as 17 bordas identificadas, 09 eram extrovertidas (4a) e 08 eram levemente extrovertidas (4b). Abaixo, segue representação gráfica dos testemunhos cerâmicos identificados:

Figura 31 – Bordas classificadas como Grupo 04 – RS-LN-64

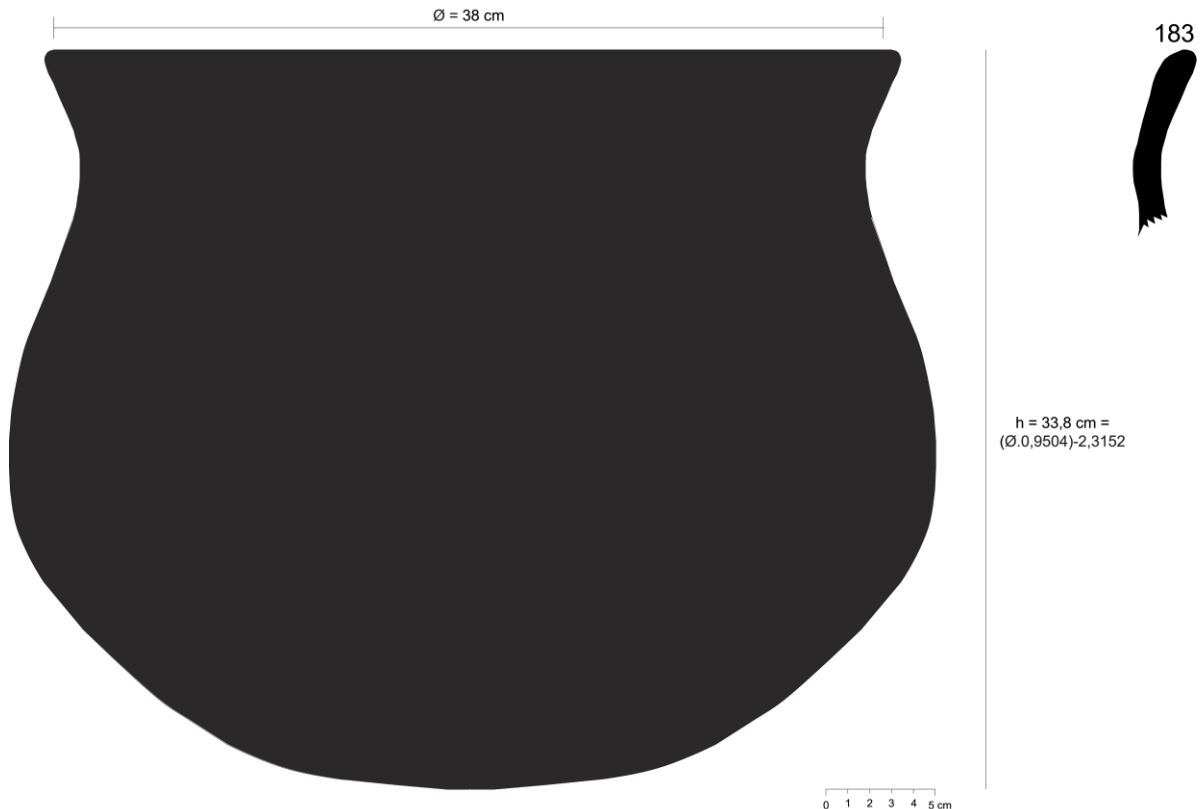


Fonte: Elaborada pelo autor.

Quanto à reconstituição da forma cerâmica, utilizamos como exemplo a borda identificada pela numeração 183, pois tratava-se de um testemunho que contemplava boa

parte do contorno da parte superior do vasilhame. Classificada como “4a” por ser extrovertida, a amostra manifestava a decoração do corrugado clássico, lábio aplanado, parede com espessura de 1 cm e diâmetro de 38 cm:

Figura 32 – Grupo 04: reconstituição da borda 183 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

A reconstituição apresentou elementos característicos de uma *yapepó* (panela para cozinhar), uma vez que se trata de uma cerâmica com borda vertical ou inclinada para fora, base conoidal ou arredondada e bojo com diâmetro superior em relação à abertura de boca (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 111). Assim como às *ñaetá*, as *yapepó* entram em contato com o fogo, logo, possuem superfície externa com decoração plástica, caso do ungulado.

Os parâmetros métricos corroboram essa classificação, pois as *yapepós* de tamanhos considerados grandes possuem aberturas maiores de 32 cm (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112).

Ao contrário das demais funcionalidades, Brochado, Monticelli e Neumann (1990, p. 739) encontraram uma clara regressão linear entre diâmetro e profundidade para aquelas cerâmicas classificadas como panelas, em que a altura das vasilhas segue a seguinte equação:

$$h = [(0,95504 * \varnothing) - 2,5519]$$

Onde:

h = profundidade aproximada do vasilhame;

0,95504 = valor correspondente à relação diâmetro-profundidade das *yapepós*;

\varnothing = diâmetro da boca do vasilhame;

2,5519 = margem de erro;

Na reconstituição gráfica, a altura encontrada possui pequena variação em relação à fórmula anterior, visto que corresponde a seguinte expressão:

$$h = [(0,95504 * \varnothing) - 2,3152]$$

Ou seja, variação mínima de 0,2367 cm, dentro da margem de erro proposta por Brochado, Monticelli e Neumann (1990, p. 739).

4.2.3.1.5 Grupo 05 – RS-LN-64

Todas as 07 bordas que apresentaram elementos distintivos do “Grupo 05” portavam acabamento plástico. Dentre as expressões decorativas, 03 (42,88%) eram corrugada-unguladas (42,88%), 03 denotavam o corrugado simples (42,88%) e um testemunho era ungulada (14,28%).

No que se refere aos parâmetros métricos, constatou-se diâmetro médio de 27,20 cm e paredes com espessuras de 0,93 cm. Dentre os lábios, percebe-se ocorrência de três tipos: arredondado, presente em 03 bordas (42,88%); aplanado, duas bordas (28,57%); e o apontado, identificado em 02 testemunhos (28,57%). Embora os vestígios com extremidades aplanadas tenham manifestado as maiores aberturas de boca, os fragmentos com lábios arredondados apresentaram as maiores espessuras das paredes; em ambos os cenários aqueles com extremidades apontadas manifestaram os menores parâmetros métricos.

Em âmbito geral, temos um modelo cerâmico distinto com bordas verticais ou levemente inclinada para fora; com predomínio da expressão decorativa do corrugado-ungulado e do corrugado; lábios arredondados, aplanados e apontados; e, por fim, diâmetros inferiores a 30 cm.

Entre as 07 amostras, 06 bordas eram extrovertidas com gargalo angular (5b), enquanto uma amostra era extrovertida com gargalo multiangular. Abaixo, segue

representação gráfica dos testemunhos cerâmicos classificados como pertencentes ao Grupo 05:

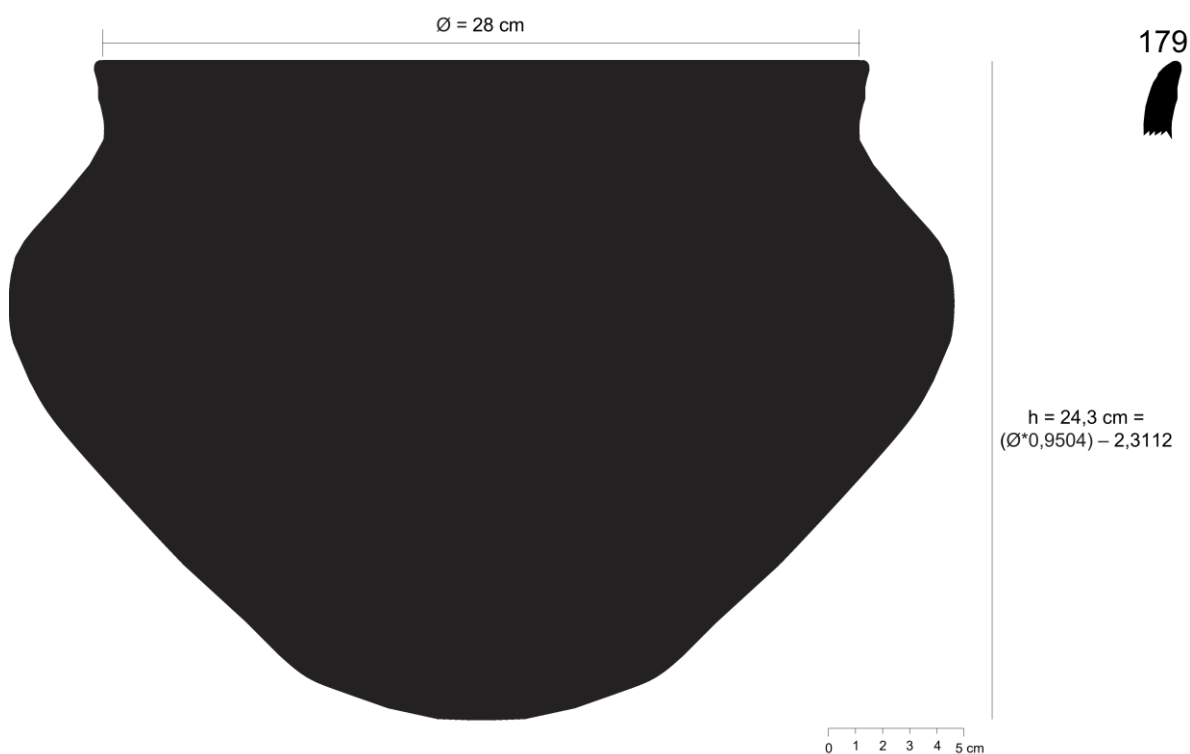
Figura 33 – Bordas classificadas como Grupo 05 – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para reconstituição, utilizamos como exemplo a borda identificada pela numeração 179. Levemente extrovertida, a borda apresenta diâmetro de 28 cm, espessura máxima de 1,1 cm, lábio arredondado e decoração corrugada-ungulada.

Figura 34 – Grupo 05 – reconstituição gráfica da borda 05 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

A reconstituição apresentou traços de uma *yapepó* (panela para cozinhar), pois trata-se de uma funcionalidade caracterizada por vasilhames com borda vertical ou inclinada para

fora, base conoidal ou arredondada e bojo com diâmetro superior em relação à abertura de boca (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 111). Por ter sua função relacionada ao fogo, apresenta acabamento plástico a fim de reter o calor por maior tempo.

Os parâmetros métricos corroboram essa classificação, pois as *yapepó*, de tamanhos médios, possuem aberturas entre 18 e 30 cm (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112). No que refere à relação diâmetro-profundidade, a reconstituição manifestou altura muito próxima a linha de regressão apontada por Brochado, Monticelli e Neumann (1990, p. 739), apresentando pequena variação de 0,2407 cm.

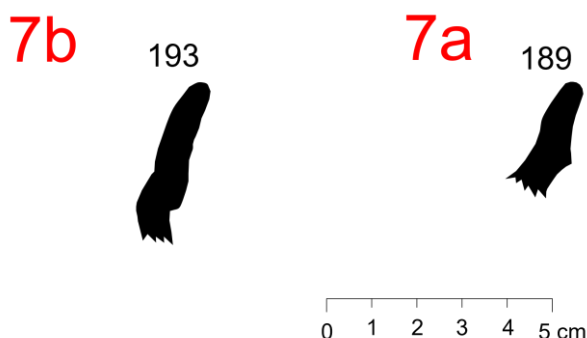
4.2.3.1.6 Grupo 07 – RS-LN-64

Dois fragmentos foram identificados como pertencentes ao “Grupo 07”, ambos com acabamento de superfície plástico. Quanto às expressões decorativas, fizeram-se presentes as técnicas decorativas do ungulado e corrugado-ungulado, cada qual presente em uma amostra.

Com valores médios de aberturas de boca de 21,5 cm e espessuras máximas de 0,75 cm, o “Grupo 07” obteve parâmetros métricos superiores apenas ao Grupo 02. Fizeram-se presentes os lábios apontado e arredondado; o primeiro com diâmetro e espessuras superiores em relação ao último.

Dentre as amostras, um fragmento denotava gargalo infletido-angular (7a), enquanto outro denotava gargalo multiangular. Abaixo, segue reprodução gráfica das amostras:

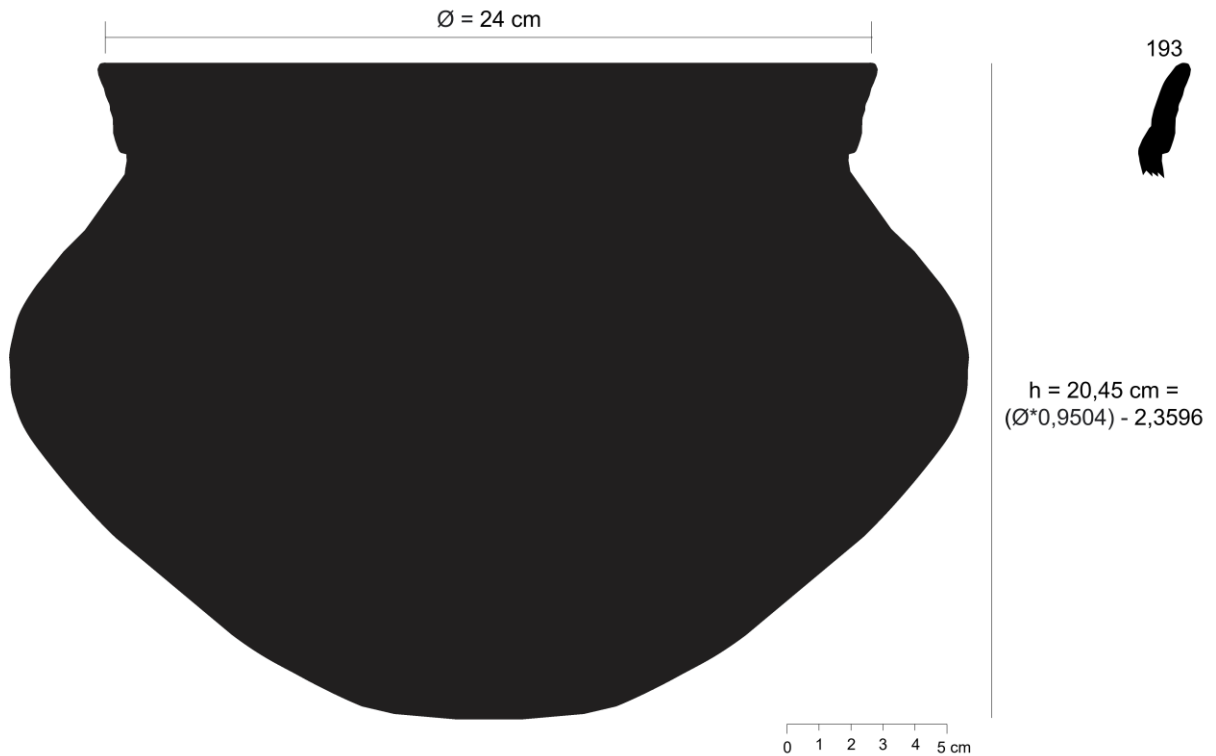
Figura 35 – Bordas classificadas como Grupo 07 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

Para a reconstituição da forma cerâmica, utilizamos como exemplo o testemunho identificado pela numeração 193. A amostra manifestava lábio apontado, diâmetro de 24 cm, espessura máxima da parede de 0,8 cm e decoração corrugada-ungulada.

Figura 36 – Grupo 7: reconstituição gráfica da borda 193 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

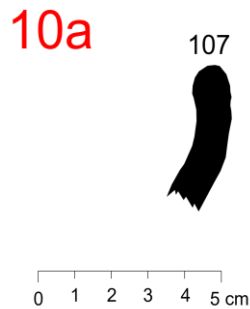
A reconstituição mostrou características de uma panela para cozinhar (*yapepó*), pois apresentou borda inclinada para fora, bojo arredondado com diâmetro superior em relação à abertura de boca, decoração plástica e base arredondada (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 111-112).

Os parâmetros métricos corroboram essa classificação, pois os *yapepó* com diâmetros entre 18 e 30 cm são convencionados como panelas com dimensões médias (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 111). Quanto à relação diâmetro-altura, a profundidade adotada (20,45 cm) está próxima à linha de regressão citada por Brochado, Monticelli e Neumann (1990, p. 739), apresentando variação mínima de 0,1923 cm.

4.2.3.1.7 Grupo 10 – RS-LN-64

O fragmento identificado obtinha acabamento plástico, apresentava a expressão decorativa do corrugado-ungulado e sua extremidade era arredondada. Relativo aos parâmetros métricos, manifestou 40 cm de diâmetros e espessura máxima de 1,1 cm.

Figura 37 – Borda classificada como Grupo 10 – RS-LN-64

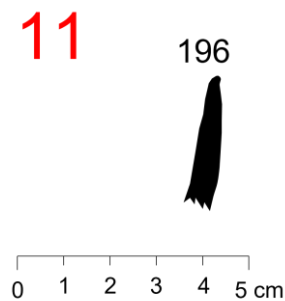


Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.8 Grupo 11 – RS-LN-64

A borda identificada apresentou tratamento plástico, decoração ungluada, lábio aplanado e espessura de 0,7 cm. Devido irregularidade do fragmento cerâmico, não foi possível mensurar sua abertura de boca.

Figura 38 - Borda classificada como Grupo 11 – RS-LN-64

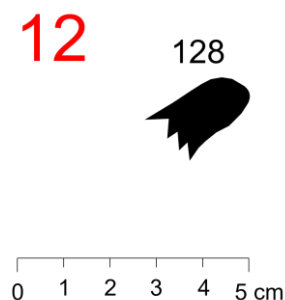


Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.9 Grupo 12 – RS-LN-64

A borda identificada possuía reforço externo, tratamento de superfície plástico, expressava a decoração do corrugado oblíquo, lábio arredondado, diâmetro de 30 cm e espessura máxima da parede de 1 cm.

Figura 39 - Borda classificada como Grupo 12 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.3.1.10 Grupo 13 – RS-LN-64

Todas as 17 amostras classificadas possuíam acabamento plástico. No que se refere às expressões decorativas, percebe-se grande variedade de técnicas aplicadas: 08 amostras eram variações do corrugado⁹ (47,06%), 05 eram unguladas (29,41%) e duas bordas manifestavam o corrugado-ungulado (11,77%). Não foi possível identificar a decoração de duas amostras.

Quanto aos parâmetros métricos, o modelo possui diâmetro médio de 30,2 cm e espessura máxima de 0,92 cm. Dentre os lábios, 07 (41,17%) eram arredondados, 05 (29,41%) aplanados e 05 (29,41%) apontados. Ao verificar os gráficos relativos às dimensões métricas em contraste com as variações dos lábios, constata-se que aqueles fragmentos com extremidades apontadas manifestaram as menores dimensões métricas, ao passo que o aplanado denotou os maiores índices.

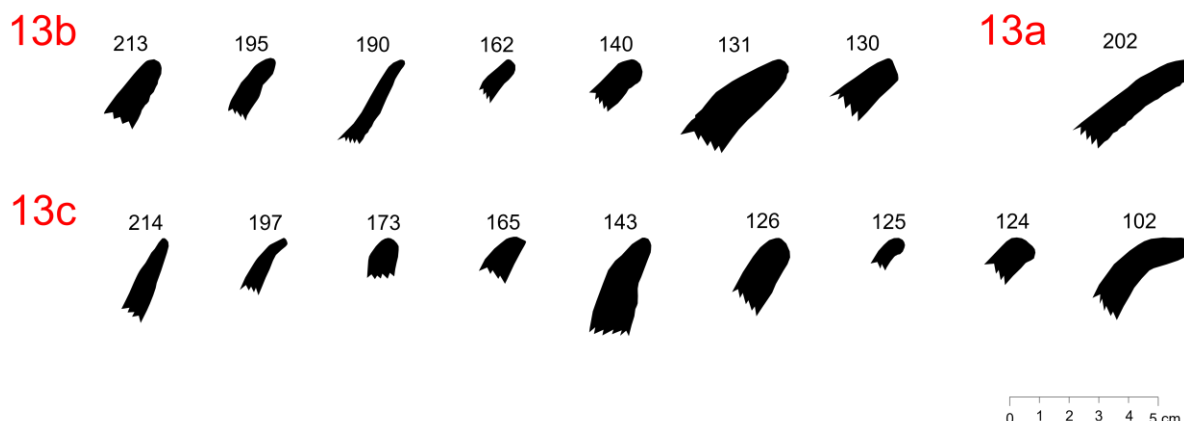
Em resumo, temos um modelo cerâmico caracterizado por bordas levemente extrovertidas, com acabamento plástico, decoração corrugada-ungulada ou corrugada, lábios aplanados e diâmetros superiores a 30 cm.

Ao analisarmos as bordas classificadas, foi possível verificar divergências relacionadas ao ângulo externo: uma amostra, identificada como “13a”, manifestava ângulo entre 23-45°; 07 testemunhos são “13b”, ou seja, denotam ângulo externo entre 46-67°; e 09 bordas possuem ângulo entre 68-90°, sendo classificadas como “13c”. Nenhum dos fragmentos manifestou reforço na face externa.

Abaixo, segue reprodução gráfica dos fragmentos cerâmicos:

⁹ A saber: corrugado clássico (5), corrugado oblíquo (1), corrugado perpendicular (1) e corrugado simples (1).

Figura 40 – Bordas classificadas como Grupo 13 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

Quanto à reconstituição da forma do vasilhame, utilizamos como exemplo a borda identificada pela numeração 131. Manifestando a decoração do corrugado clássico, lábio aplanado, ângulo externo entre 46-67°, abertura de boca igual a 39 cm e espessura máxima de 1 cm, adotamos o seguinte modelo:

Figura 41 – Grupo 13: reconstituição gráfica da borda 131 – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

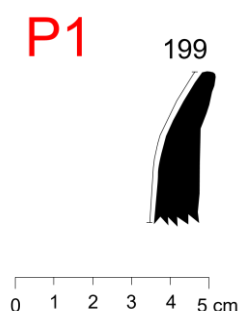
Com borda ligeiramente extrovertida, contínua com a parede, base levemente arredondada e tratamento de superfície plástico, a reconstituição possui características morfológicas identitárias de uma *ñaetá* (caçarola) (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112).

A abertura de boca de 39 cm enquadra a vasilha como uma caçarola de dimensões médias, visto que se situa entre 30 e 48 cm (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112). Ademais, a reconstituição está em consonância com os parâmetros estabelecidos para a relação diâmetro-altura de um *ñaetá*, pois está entre 0,9 e 2,9 (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, p. 737). No exemplo acima, a relação é de 2.

4.2.3.1.11 Grupo P1 – RS-LN-64

Com diâmetro de 29 cm e espessura da parede de 1,7 cm, a amostra identificada manifestava acabamento misto, com banho interno vermelho e lábio apontado. Devido desgaste externo da cerâmica, não foi possível classificar a técnica decorativa.

Figura 42 – Borda classificada como Grupo P1 – RS-LN-64



Fonte: Elaborada pelo autor.

4.4 Buscando os regionalismos culturais: possibilidades e discussão dos resultados

Conforme menciona Gislene Monticelli (2007), um dos grandes desafios das pesquisas direcionadas à cultura material dos Guaranis pré-coloniais refere-se à compreensão da diversidade dos testemunhos em meio a singularidade e estabilidade dos padrões normativos. Afinal, para “extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani” (MONTICELLI, 2007) – constatada e discutida nos capítulos iniciais da presente pesquisa - devemos “[...] estabelecer diferenças sutis ou até mesmo consideráveis, entre regiões, intra e inter-sítios, entre ceramistas, ao longo do tempo [...]” (2007, p. 208).

É possível correlacionar a sugestão metodológica de Monticelli (2007) com os dizeres de Soares (1997), visto que, para o último, a cultura material dos Guaranis tenderia a ser mais performativa com o decorrer dos anos, contudo mantenedora de um *ethos*. Em outros termos, embora ocorra a notável persistência de elementos socialmente aceitos, reconhecidos e

reproduzidos pelas diferentes parcialidades étnicas, a partir do contato com outros grupos, da ocupação e manejo de diferentes ambientes e das múltiplas historicidades, seria possível encontrar rupturas, quebras e variações relacionadas tanto à cultura material quanto à organização social dos Guaranis. Nesse ensejo, Oliveira (2008) propõe a utilização da noção de regionalismos culturais, entendido como “[...] um modo encontrado, dentro dos padrões normativos da cultura, de um grupo se diferenciar de outro enquanto parcialidade étnica” (2008, p. 19), a fim de compreender as possíveis distinções existentes em determinada indústria cerâmica.

Nos parágrafos anteriores, temos a crítica e proposta realizada por Monticelli (2007) acerca das amarras conceituais fomentadas pela arqueologia brasileira; a visão de Soares (1997) que vai de encontro às noções homogeneizantes da cultura material das populações pré-coloniais e, por último, a pesquisa de Oliveira (2008), que nos dá os subsídios conceituais e metodológicos necessários para constatar as rupturas dos padrões normativos da indústria cerâmica Guarani.

Dessa forma, as seguintes páginas versarão pela busca dos regionalismos culturais existentes na Coleção Itapiranga em relação ao sítio Lagoa do Índio. Para isso, iremos comparar alguns dos resultados obtidos nos diferentes contextos averiguados, destacar as persistências observadas e ressaltar as diferenças encontradas.

Saliento que não houve paridade no número de amostras analisadas nos contextos, por consequência, os dados presentes nos gráficos serão representados pelo referido percentual. Outra limitação a ser destacada refere-se à formação da Coleção Itapiranga, uma vez que seus vestígios não são frutos de rígido trabalho arqueológico, logo, temos amostras oriundas de diferentes contextos, porém, relacionados ao sudoeste catarinense. Por fim, não será possível aferir conclusões relativas às temporalidades definitas dos testemunhos, haja vista a inexistência de datações nos diferentes cenários. Apesar disso, problematizaremos os resultados encontrados com o intuito de verificar possíveis conexões entre os contextos e a ocupação das populações guaranis no Brasil meridional.

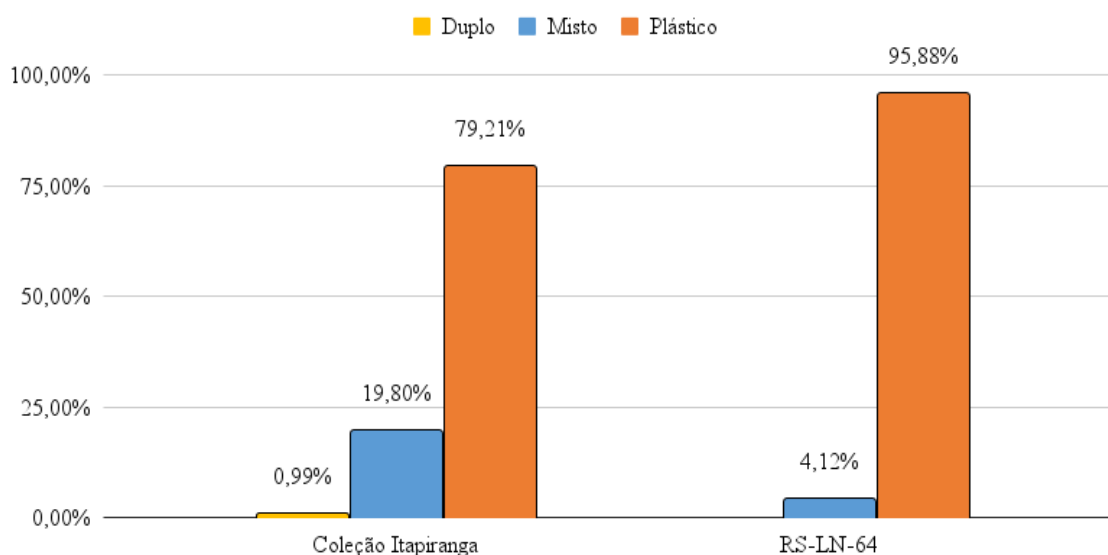
4.4.1 Cerâmica Guarani: diferentes cenários, muitos padrões, algumas rupturas

Embora almejássemos problematizar apenas as cerâmicas com decoração plástica, identificamos, durante a análise dos testemunhos, distinções e variações pertinentes aos tratamentos de superfície, haja vista que recorrentes foram os exemplares com decorações nas diferentes faces das amostras. Ou seja, se fez necessário avaliar aqueles fragmentos que, além

de manifestar o acabamento plástico na superfície externa, denotavam alguma expressão decorativa na face interna das bordas, caso da presença de grafismos, pinturas e banhos nas colorações branca e vermelha.

Tal cenário foi uma das principais distinções dos vestígios oriundos da Coleção Itapiranga, pois, 19,80% das amostras examinadas apresentavam acabamento misto. No que se refere à singularidade das cerâmicas, apenas uma borda, dentre as 198 estudadas, demonstrava acabamento de superfície duplo. As amostras do sítio RS-LN-64, por sua vez, destacaram-se pelo predomínio da decoração em apenas uma das faces¹⁰, logo, diminuta foi a presença dos fragmentos com tratamento decorativo misto: apenas 04 bordas evidenciavam banho interno (4,12%).

Gráfico 61 – Acabamentos de superfície relativos aos contextos arqueológicos



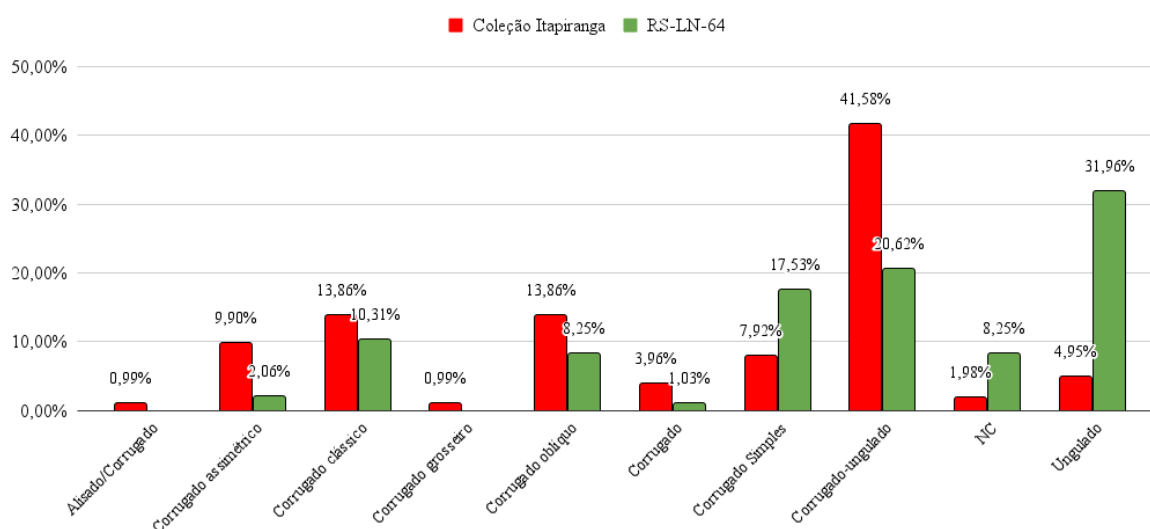
Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao prosseguirmos a análise das expressões decorativas presentes na superfície externa dos fragmentos, isto é, ao ponderarmos os resultados obtidos desconsiderando as distinções morfológicas, percebe-se um claro regionalismo cultural entre os diferentes contextos: ao passo que o unglado é diminuto na Coleção Itapiranga, presente em apenas 4,95% das amostras, se faz destacado no sítio do Litoral Norte do Rio Grande do Sul (31,96%). O corrugado-ungulado, por seu lado, é destacado na Coleção Itapiranga (41,58%) e recorrente no sítio Lagoa do Índio (20,62%). O corrugado (corrugado assimétrico, clássico, grosseiro,

¹⁰ Para registro, não consideramos como tratamento misto aqueles fragmentos cerâmicos com face interna alisada.

oblíquo, perpendicular e simples) é predominante nos dois cenários: 50,49% em Itapiranga e 39,18% no sítio RS-LN-64. Em resumo, nota-se que a grande presença do unglulado no sítio Lagoa do Índio é fruto da diminuição da recorrência das decorações corrugadas e corrugadas-unguladas:

Gráfico 62 - Expressões decorativas relativas aos contextos arqueológicos



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico acima vai de encontro das afirmações propostas por Noelli (1993), pois, para ele, a cultura material Guarani teria seguido as mesmas características durante mais de 3000 anos, sofrendo rupturas e ressignificações apenas com o advento do impacto da colonização europeia (1993, p. 18). Nesse contexto, Noelli entenderia as populações Guarani como difusoras e mantenedoras da ordem vigente (1993, p. 20-21). No caso específico da cultura material, isso seria constatado através da permanência de elementos decorativos, morfológicos e dimensionais característicos da cerâmica Guarani. Logo, o que poderia responder as quebras dos padrões normativos das expressões decorativas apontadas pelo gráfico?

Para Rogge (informação verbal)¹¹, as manifestas diferenças constatadas no presente estudo seriam fruto do longo processo de movimentação e expansão das populações Guarani no Brasil meridional. Para isso, utiliza-se dos estudos arqueológicos¹² que apontam que a ocupação dos Guaranis pré-coloniais, no atual estado do Rio Grande do Sul, dar-se-ia da bacia

¹¹ Informação obtida em conversa realizada com o professor Jairo Henrique Rogge, em São Leopoldo, em agosto de 2022.

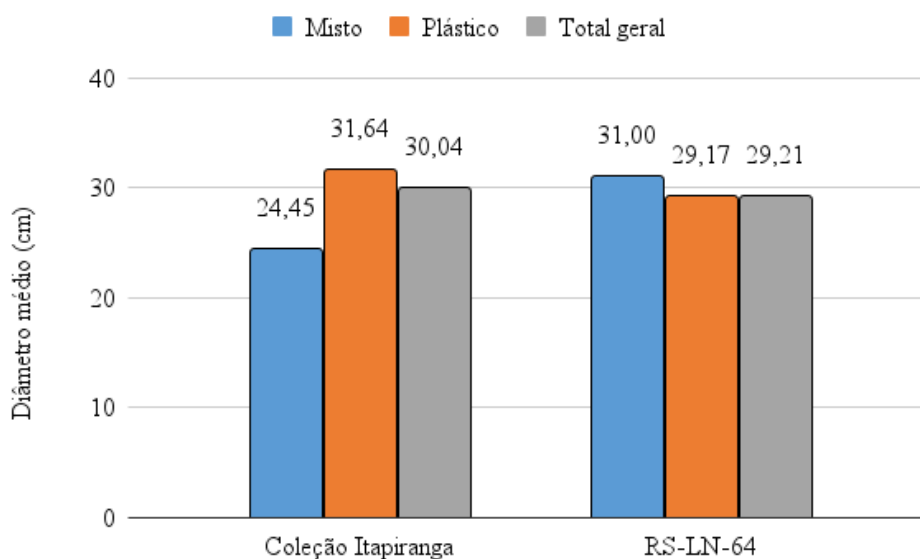
¹² Pesquisas apresentadas nos tópicos 2.3 e 2.4 da monografia.

do Rio do Prata em direção ao litoral gaúcho. Sendo assim, nos diferentes movimentos de colonização, a partir do contato com outros grupos indígenas, teria ocorrido a diminuição da expressão decorativa do corrugado – decoração característica da cerâmica guarani – e a adesão de outras técnicas, caso do unglado. Tal afirmação vai ao encontro do caráter mais performativo da cultura material guarani (SOARES, 1997), visto que, além de diminuir as amarras normativas e terminológicas cristalizadas pela academia brasileira, fomentaria a discussão e problematização das distintas possibilidades de manejo, relações de contato e trocas culturais protagonizadas pelas diferentes populações nativas, facilitando a compreensão dos regionalismos culturais (OLIVEIRA, 2008) existentes na indústria cerâmica das populações guarani.

Retomando o gráfico anterior, conforme apontado por La Salvia e Brochado (1989, p. 35-36), percebe-se a ausência, em ambos os cenários, de inúmeras expressões decorativas encontradas nas cerâmicas guaranis com tratamento plástico, caso do digitado, ponteadado, acanelado e beliscado. Portanto, é possível presumir que tais técnicas decorativas não possuíam grande aceitação entre as parciaisidades dos contextos arqueológicos averiguados.

Mesmo que pareça evidente, a discussão realizada, e os dados aqui compartilhados, nos ajudam a visualizar as diferentes historicidades dos grupos portadores da cerâmica guarani. No entanto, além das diferenças, devemos nos ater às persistências com o propósito de verificar a manutenção de padrões normativos e, conseqüentemente, do *ethos guarani* (SOARES, 1997) nos diferentes contextos arqueológicos estudados.

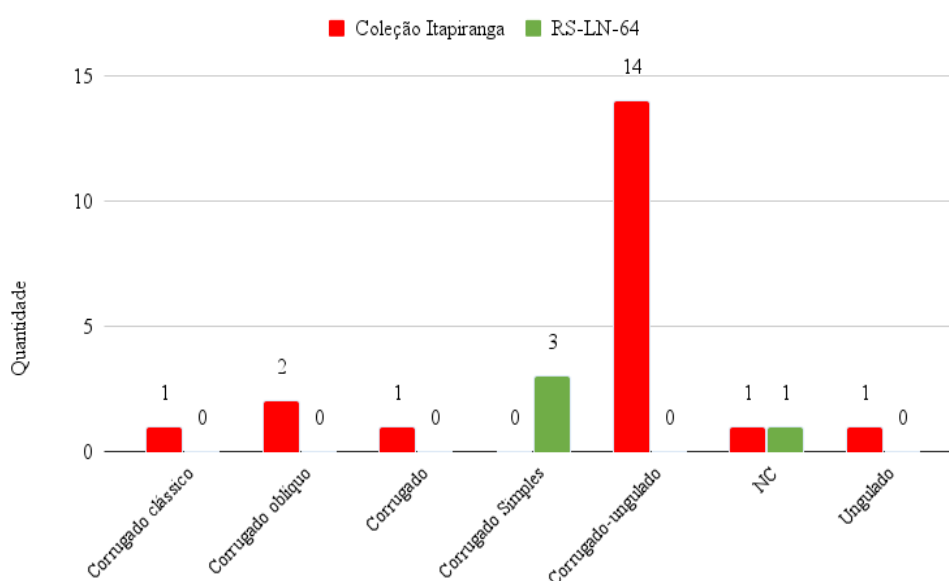
Gráfico 63 – Diâmetros médios relativos aos contextos arqueológicos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dentre as poucas distinções, muitas permanências. Nos dois cenários, as dimensões médias dos diâmetros de boca são, aproximadamente, de 30 cm, denotando a estabilidade desse parâmetro métrico. Ademais, verifica-se que aqueles fragmentos com decoração mista, oriundos de Itapiranga, apresentam dimensões bastante inferiores. Essa tendência, no entanto, não é constatada nas amostras oriundas do Litoral Norte gaúcho. Seria possível identificar alguma relação entre os parâmetros métricos e os atributos estéticos e morfológicos que nos auxiliem a entender essa diferença?

Gráfico 64 – Comparação das expressões decorativas relativa aos acabamentos mistos

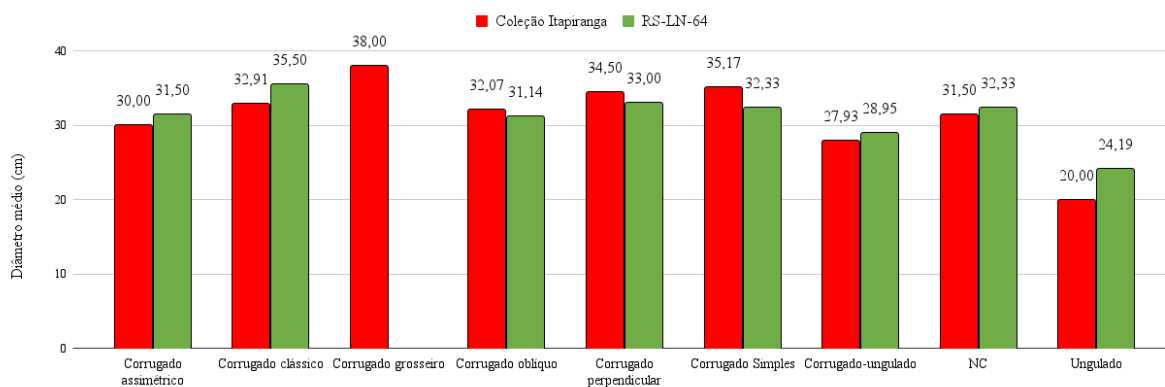


Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico anterior elucidava a grande recorrência do corrugado-ungulado entre as bordas com acabamento misto em Itapiranga; no sítio RS-LN-64, temos o predomínio do corrugado simples nas bordas com decoração interna. Ou seja, encontramos uma situação que notifica clara afinidade entre as dimensões e as técnicas decorativas empregadas pelas oleiras durante a confecção dos vasilhames com acabamento misto.

Ao expandirmos a discussão dos parâmetros métricos para todos os testemunhos cerâmicos avaliados no trabalho, constata-se importante constância presente nos dois contextos: os corrugados manifestam as maiores aberturas de boca, com diâmetros superiores aos 30 cm; o corrugado-ungulado denota diâmetros pouco inferiores aos 30 cm e o unguado manifesta as menores aberturas, com dimensões médias inferiores a 25 cm:

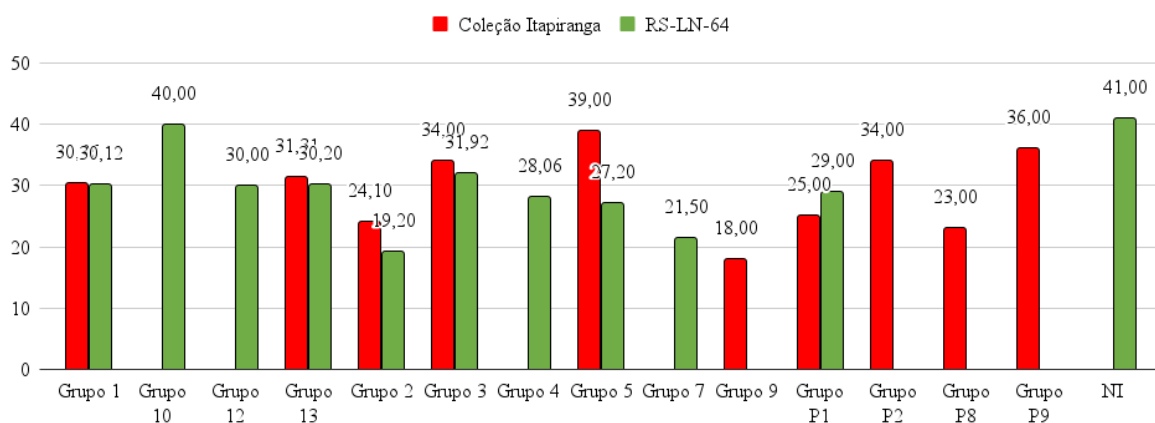
Gráfico 65 – Comparação dos diâmetros relativos às expressões decorativas



Fonte: Elaborado pelo autor.

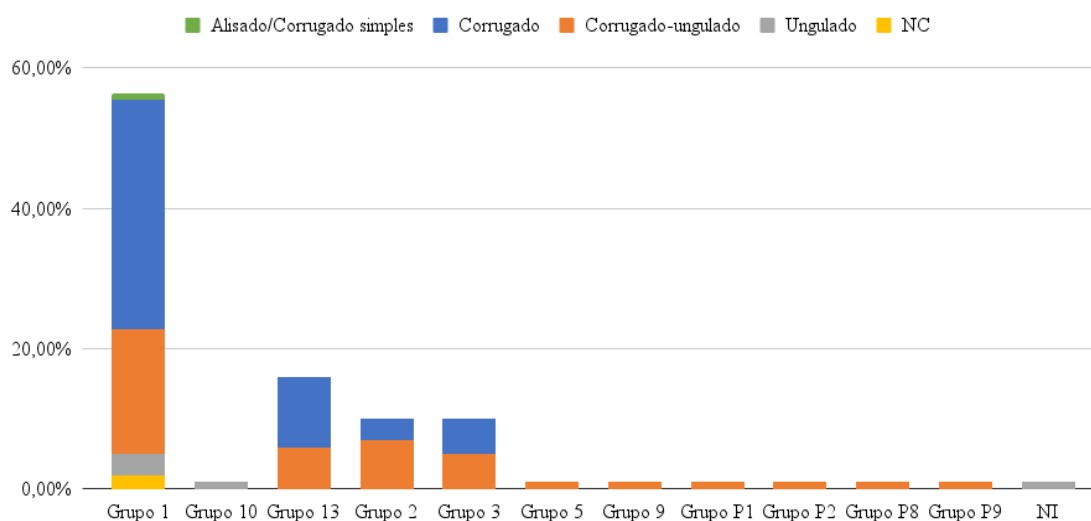
Outrossim, como percebe-se nas seguintes comparações, é possível identificar relação entre os parâmetros métricos, estéticos e morfológicos das bordas analisadas, pois as técnicas decorativas do unguido e do corrugado-ungulado são frequentes nas formas que apresentam as menores dimensões relativas aos diâmetros de boca (Grupo 02), enquanto os grupos com as maiores aberturas proporcionam grande recorrência do corrugado (Grupos 01, 03 e 13):

Gráfico 66 – Comparações da variação do diâmetro em relação aos grupos cerâmicos



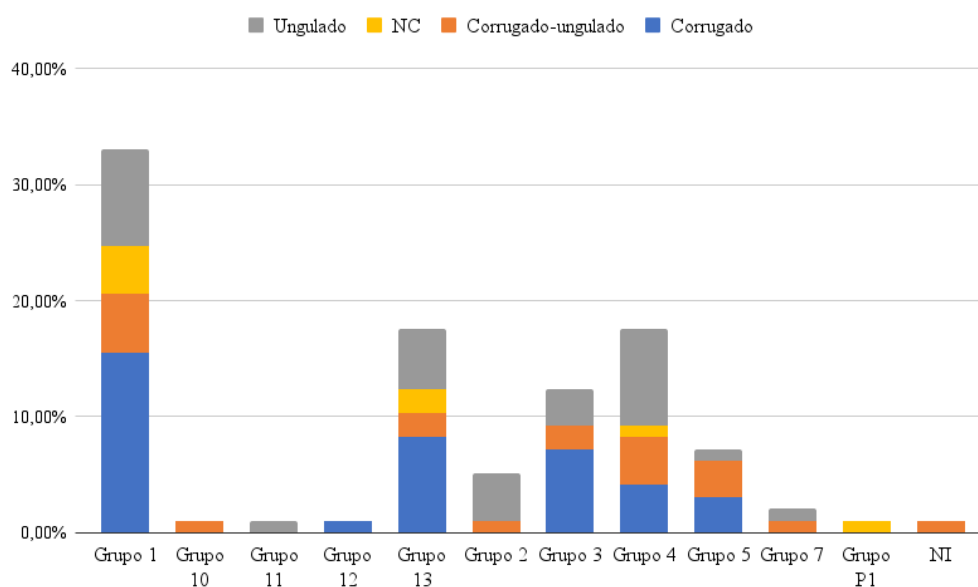
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 67 – Expressões decorativas relativas aos modelos cerâmicos – Coleção Itapiranga



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 68 – Expressões decorativas relativas aos modelos cerâmicos – RS-LN-64



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em linhas gerais, tal como apontado por Schmitz (2010), concluímos que, para os grupos portadores da indústria cerâmica guarani, as vasilhas destinadas para uso em contato com o fogo manifestam, majoritariamente, corrugações em suas paredes externas. O corrugado, dessa forma, teria a finalidade de captar mais calor para aquecer os alimentos dentro do recipiente (SCHMITZ, 2010, p. 10). Tal cenário fica evidente na Coleção Itapiranga, basta observarmos os gráficos pertinentes às caçarolas (*ñacetá*), caso dos grupos 01,

03 e 13. No sítio RS-LN-64, vemos um predomínio mais tímido do corrugado, haja vista a maior presença do unglado nos modelos relacionados aos grupos 01, 03 e 13.

No caso das panelas para cozinhar (*yapepó*) (grupos 04, 05 e 07) identificadas no sítio Lagoa do Índio, verifica-se a influência da dinâmica social das populações guaranis no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, pois temos o predomínio do unglado (grupos 04 e 07) e do corrugado-ungulado (grupos 05 e 07). Conforme descreve Schmitz (2010, p. 18), as panelas com formato bojudo seriam adequadas para cozinhar alimentos, sendo que as bordas extrovertidas facilitariam o acesso para o conteúdo do vasilhame. Além disso, tal qual às caçarolas, entrariam em contato com o fogo. Infelizmente, não identificamos muitas amostras com elementos característicos de panelas na Coleção Itapiranga, fator responsável por não efetuarmos maiores comparações entre os dois contextos.

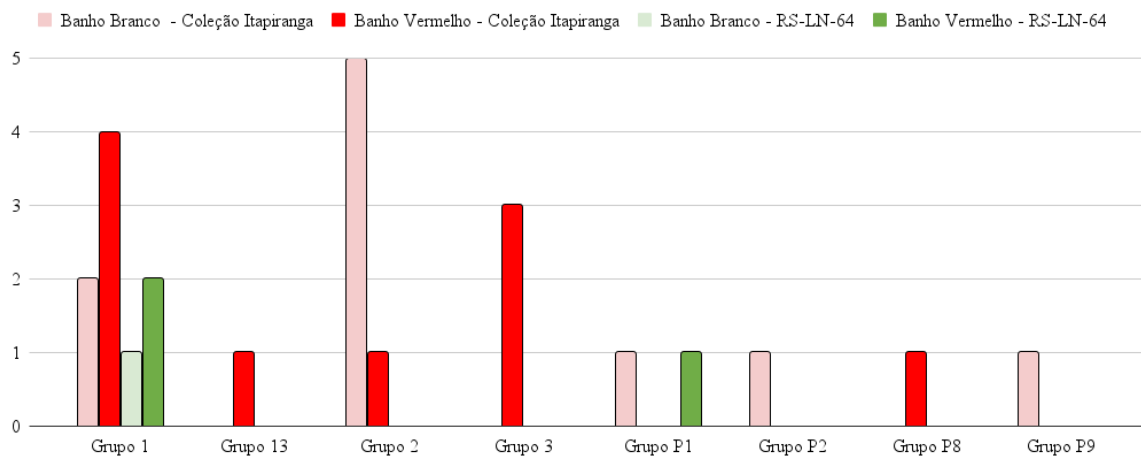
Em ambos os cenários, nas cerâmicas com funções de servir líquidos (*cambuchí caguâba*) ou alimentos (*tembiiru*), caso do “Grupo 02”, temos diminuta presença do corrugado, o que nos ajuda a entender as dimensões encontradas para modelo cerâmico. Em Itapiranga, há o predomínio do corrugado-ungulado, enquanto no sítio Lago do Índio há destaque para o unglado.

Não encontramos bordas que apresentassem elementos identitários de um *cambuchí* (talhas para armazenar líquidos). Conforme descreve Brochado e Monticelli (1994, p. 113), tais vasilhas, além de possuírem grandes dimensões, seriam frequentemente pintadas externamente, ou seja, estariam fora do escopo de análise proposto pelo presente trabalho.

Os *ñamôpyu* (tostadores/torradores) também não foram identificados durante as reconstituições gráficas. Com características semelhantes às caçarolas, porém, mais rasas (Brochado & Monticelli, 1994, p. 113), é possível imaginar que aquelas bordas diretas (Grupo 01) com ângulos externos mais próximos ao eixo horizontal sejam enquadradas nessa funcionalidade.

No que compete àqueles fragmentos com decoração interna, percebe-se que, para Itapiranga, as bordas com banho interno na coloração branca estão associadas aos grupos com funcionalidades de servir líquidos e alimentos (Grupo 02). Em contrapartida, os banhos com pigmentos avermelhados são recorrentes nas cerâmicas destinadas à preparação de alimentos (Grupos 01, 03 e 13). Embora com menor recorrência no sítio RS-LN-64, nota-se que o banho vermelho se fez superior no “Grupo 01”, destinado igualmente ao uso sobre o fogo:

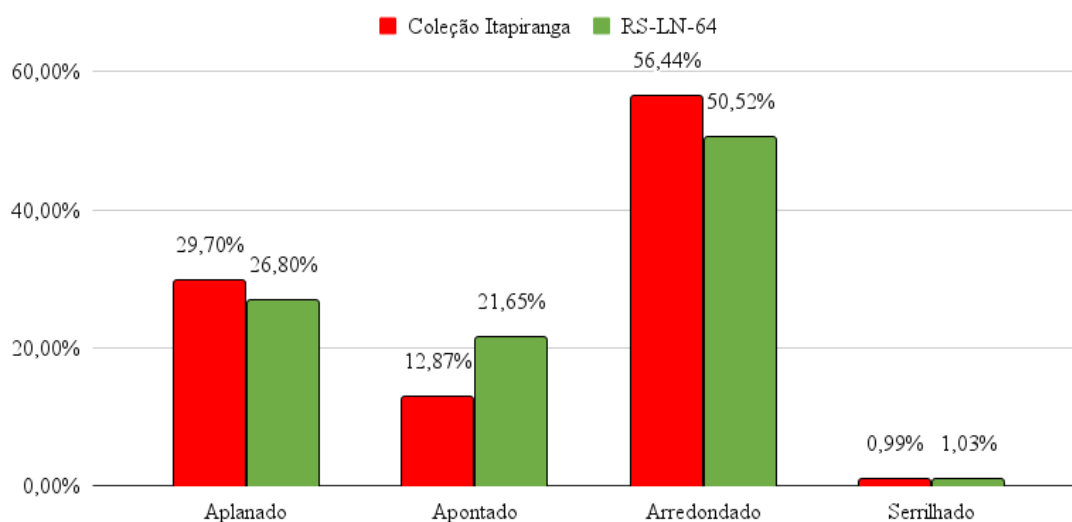
Gráfico 69 – Comparações da decoração interna em relação aos grupos cerâmicos



Fonte: Elaborado pelo autor.

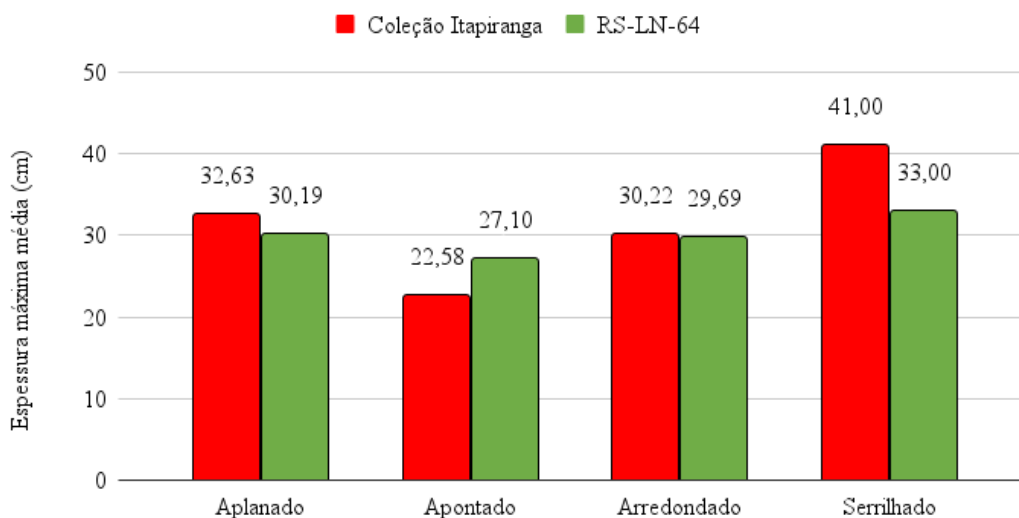
Quanto às extremidades das bordas, nota-se a estabilidade das recorrências dos diferentes tipos de lábios, visto que, em ambos os cenários, o arredondado mostrou-se presente em mais de 50% das amostras. As principais variações referem-se ao apontado, encontrado em 12,87% dos testemunhos da Coleção Itapiranga e em 21,65% dos vestígios do sítio Lagoa do Índio:

Gráfico 70 – Lábios relativos aos contextos arqueológicos



Fonte: Elaborado pelo autor.

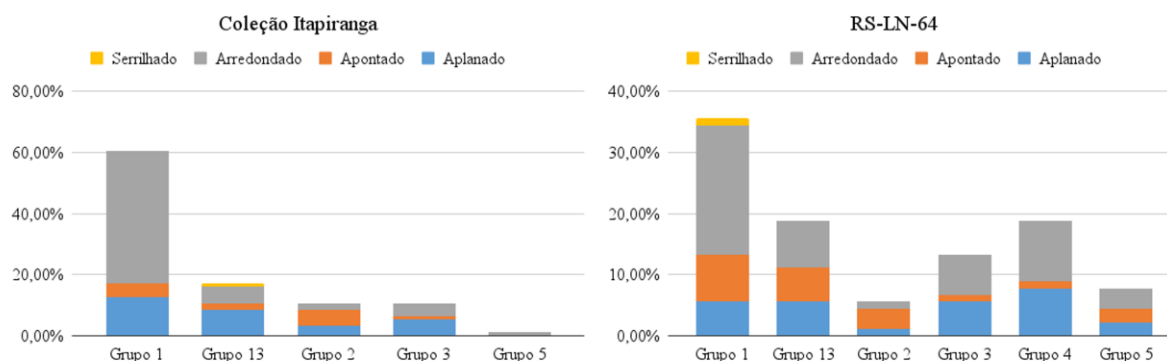
Gráfico 71 – Dimensões dos lábios relativos aos contextos arqueológicos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao concatenarmos os tipos de lábios com os modelos cerâmicos com maior reincidência, nota-se alguns padrões: nos grupos 01, 04, 05 e 13 (por acaso, todos com funções destinadas ao preparo de alimentos), as extremidades arredondadas são predominantes tanto na Coleção Itapiranga quanto no sítio RS-LN-64; no “Grupo 02” (modelo com funções destinadas para servir bebidas e alimentos), os lábios apontados são mais recorrentes em ambas as situações. Já no “Grupo 03” (modelo destinado ao preparo de alimentos) percebe-se uma distinção: ao passo que os aplanados são maioria na Coleção Itapiranga, os arredondados possuem maior presença no Litoral Norte. Em resumo, apura-se que os lábios apontados estão relacionados às vasilhas com os menores diâmetros ao passo que o serrilhado e o aplanado situam-se nas formas com as maiores aberturas de boca:

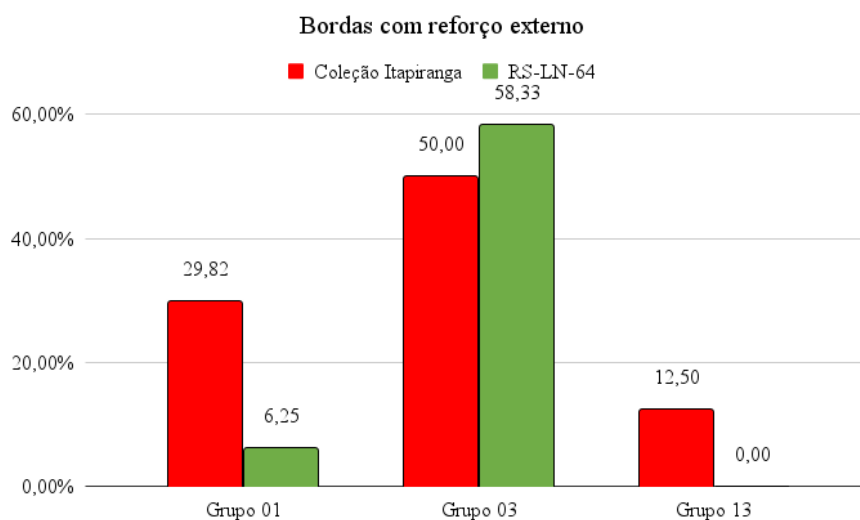
Gráfico 72 – Comparações das variações de lábios relativas aos grupos cerâmicos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre aquelas formas cerâmicas com maior repetição nos contextos arqueológicos analisados, chama-nos a atenção a grande divergência encontrada entre as amostras que denotam reforço externo: enquanto na Coleção Itapiranga cerca de 29,82% dos testemunhos pertencentes ao “Grupo 01” manifestam reforço externo, no sítio Lagoa do Índio apenas 6,25% dos fragmentos possuíam a extremidade reforçada. No “Grupo 03”, os resultados obtidos são mais semelhantes, haja vista que em ambos os casos mais de 50% das bordas classificadas denotavam tal atributo morfológico. No “Grupo 13”, há menor recorrência do reforço externo, sendo, inclusive, inexistente no sítio RS-LN-64:

Gráfico 73 – Percentual de bordas com reforço externo – Grupos 01, 03 e 13



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao realizarmos a comparação dos resultados obtidos nos diferentes contextos averiguados, torna-se notória a persistência de vários padrões normativos da indústria cerâmica guarani. Como acompanhamos nas últimas páginas, recorrentes são as afinidades entre os elementos métricos, estéticos e morfológicos das amostras estudadas. A manifesta estabilidade desses parâmetros corroboram com a noção empregada por Noelli (1993) acerca das populações guaranis serem altamente prescritivas e difusoras de padrões culturais socialmente aceitos pelas diferentes sociedades guarani. Entretanto, ao dirigirmos a análise às diferenças, ou seja, seguindo o horizonte apontado por Monticelli sobre a necessidade de entendermos a diversidade em meio a singularidade (2007, p. 113), percebe-se que as rupturas e adequações dos padrões normativos da cerâmica guarani fizeram-se presentes, possibilitando, assim o emprego da noção dos regionalismos culturais (OLIVEIRA, 2008).

Como apontado durante a monografia, entendemos que as divergências obtidas devem ser compreendidas como o resultado de um longo processo de ocupação, manejo e *guaranização* (BROCHADO, 1989; SOARES, 1997) do território. Nesse contexto, as diferentes historicidades dos grupos portadores da cultura material guarani possibilitaram a flexibilização das amarras dos padrões normativos, permitindo, portanto, a inserção – ou abandono – de determinados elementos, sejam eles técnicos ou estéticos.

Assim, verificamos que os testemunhos cerâmicos, com decoração plástica, da Coleção Itapiranga, caracterizam-se pela grande presença da técnica decorativa do corrugado e corrugado-ungulado, sendo diminuto o ungulado. Comum são as bordas reforçadas externamente nos modelos cerâmicos caracterizados pelas extremidades diretas contínuas com a parede, caso do “Grupo 01”. Outrossim, nota-se uma relação entre a coloração do banho interno e a funcionalidade da cerâmica: banho branco relacionado às cerâmicas menores, utilizadas para servir líquidos e alimentos; banho vermelho, nas cerâmicas maiores, utilizadas para cozinhar alimentos por fervura sobre o fogo.

Além disso, percebe-se a ausência de maior variedade das técnicas decorativas, visto que grande parte das expressões apontadas por La Salvia e Brochado (1989) não foram identificadas nas amostras.

Quanto às extremidades, os lábios serrilhados são raros; os apontados, em comparação com sítio Lagoa do Índio, ocorrem em menor quantidade.

Itapiranga distinguiu-se, também, por apresentar a única amostra com acabamento duplo, sendo, dessa maneira, o fragmento com maior singularidade dentre o universo de bordas analisadas. Devido não possuímos mais informações sobre o contexto original do testemunho, ficam questionamentos sobre as possíveis ações e relações da oleira e da sociedade que o confeccionaram, haja vista que manifestou elementos não corriqueiros da indústria cerâmica guarani dos contextos averiguados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias nunca morrem. As problemáticas outrora respondidas servem como base para a formulação de novos questionamentos com a finalidade de diminuir as discussões e dúvidas que cercam nossa humanidade. Nesse panorama, o estudo aqui proposto teve como intuito aprofundar o conhecimento acerca das populações Guaranis que ocuparam, manejaram e colonizaram o Brasil meridional. Para isso, realizamos um longo trajeto para conhecer a história da arqueologia brasileira, seus referenciais teórico-metodológicos, as principais hipóteses sobre a ocupação do território brasileiro e, por fim, as propriedades dos vestígios deixados por esses grupos à contemporaneidade.

No que se refere às populações pré-coloniais, a cultura material é o principal recurso que possuímos para desvendar suas formas de socialização. Aqui, faz-se necessário algumas ênfases: devemos compreender que esses vestígios foram produzidos por alguém (ou alguéms); que pertencia a um determinado grupo; que seguia certos costumes, ritos e diretrizes; que esse objeto produzido devia ser socialmente aceito e que possuía diferentes usos e finalidades. Em resumo, realço a necessidade de compreendermos que um vestígio cerâmico – como no caso aqui trabalhado – vai muito além de um simples caco.

Como visto, durante muitos anos, os estudos brasileiros voltados à análise da cultura material das populações pretéritas baseavam-se, majoritariamente, na classificação dos testemunhos em diferentes tradições cerâmicas, caso da tradição *Tupiguarani* discutida nos capítulos iniciais do presente trabalho. Nesse contexto, recorrentes foram os contextos arqueológicos, com distintas historicidades, espacialidades e temporalidades, enquadrados em uma mesma *caixa homogeneizadora*. Assim, muito conhecimento se produziu em relação aos fragmentos cerâmicos, porém, pouco se conhecia daqueles que os produziram. Tal cenário, fomentava perigosas conclusões: se temos uma manutenção das características da cultura material em uma longa extensão do território, seria possível afirmar que foram produzidas por um mesmo grupo étnico?

As décadas passariam e novas percepções voltaram-se para a compreensão dos vestígios cerâmicos. Com um olhar mais regionalizado, pesquisadores começaram a contrastar as *noções homogeneizadoras* consagradas na academia brasileira. Fazia-se necessário compreender a organização social das populações pretéritas, ater-se às diferenças, singularidades e rupturas dos padrões normativos das indústrias a fim de melhor entender as dinâmicas sociais protagonizadas por esses grupos.

Autores como Brochado (1984, 1989, 1990 e 1994), Schmitz (1990) e Noelli (1993), Soares (1997), Monticelli (2007), Oliveira (2008) e Zuse (2009), mostraram que há um mundo de informações a ser explorado sobre os Guaranis, e que seus trabalhos podem ser reaplicados e repensados conforme cada contexto analisado, haja vista que as populações pré-coloniais não são estaques, mas dinâmicas e com relações sociais muito mais profundas do que o simples enquadramento de suas culturas materiais em *caixas homogeneizantes* pode apontar. Nesse cenário, inspirada nos autores citados, a presente pesquisa propôs verificar a presença de quebras dos elementos característicos da indústria Guarani existentes na cerâmica plástica, pertencente à Coleção Itapiranga.

Como discorrido, temos ciência do limite de nossas fontes: que a Coleção Itapiranga é composta por testemunhos oriundos de distintos contextos arqueológicos, que não possuímos datações para as amostras e que não analisamos todos os fragmentos pertencentes às coleções. Todavia, seguimos exaustivo procedimento de seleção das bordas; análise dos parâmetros métricos e estéticos das amostras; desenho e reprodução gráfica dos fragmentos; alimentação de planilha e discussão, concatenação e crítica dos dados levantados em gráficos.

A partir da comparação de elementos estéticos, métricos e morfológicos de amostras cerâmicas oriundas de diferentes contextos arqueológicos, verificamos que é visível a persistência de padrões normativos da cerâmica Guarani, uma vez que encontramos a correspondência de diversas características presentes nos diferentes cenários analisados, caso da manutenção da relação das expressões decorativas com as funcionalidades dos vasilhames cerâmicos, da persistência dos padrões métricos relativos às técnicas decorativas e da paridade da presença dos diferentes tipos de lábios relativos aos diferentes grupos cerâmicos. Entretanto, constatou-se que a cerâmica Guarani não é feita apenas por padrões, mas, também, por regionalismos culturais. No caso da Coleção Itapiranga, percebemos a diminuta manifestação da técnica decorativa ungulada, a assinalada presença de bordas reforçadas externamente nos modelos cerâmicos caracterizadas pelas extremidades diretas e a relação intrínseca entre o banho interno branco com as cerâmicas com funcionalidades de beber líquidos e servir alimentos. Além disso, é oriunda das amostras de Itapiranga a borda com maior distinção entre aquelas analisadas no trabalho.

O recorte acima corrobora com algumas tendências: 1) que as tradições cerâmicas são caracterizadas por elementos e técnicas comuns, haja vista sua persistência temporal e geográfica (CHMYZ, 1976); 2) que devemos compreender essas tradições cerâmicas de maneira menos rígida, possibilitando o protagonismo das oleiras quando da confecção das cerâmicas; 3) que as diferentes historicidades dos grupos portadores das tradições cerâmicas

tendem a produzir regionalismos culturais, o que auxiliaria a compreensão das quebras e rupturas dos padrões encontrados em cada contexto arqueológico; 4) que há muito a se discutir, debater e conhecer sobre a cultura material, relações sociais e organização espacial das populações pré-coloniais.

Por fim, o trabalho procurou endossar o conhecimento produzido acerca das populações Guarani. Espera-se que possa servir como eventual referência para futuras pesquisas, seja através do referencial teórico-metodológico utilizado ou para novas indagações. Entre confirmações e contestações, ressalta-se que muitos são os vestígios cerâmicos que esperam por primeiras análises, outros, por novas. Afinal, para quaisquer que sejam nossas fontes, novos olhares e diferentes perguntas são sempre bem-vindos.

FONTES

Material Arqueológico:

- Coleção Itapiranga, Santa Catarina (material de superfície de diversas origens), catálogo IAP 86;
- Sítio RS-LN-64, Lagoa do Índio, catálogo IAP 1576-1587;
- Sítio RS-LN-64, Lagoa do Índio, catálogo IAP 1765-1777;

REFERÊNCIAS

ASÍ de Grandes Son las Ideas Intérprete: Calle 13. Compositores: Rene Perez e Eduardo Cabra. In: MULTI Viral. Intérprete: Calle 13. [S. l.]: El Abismo, 2014.

BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil. **Revista USP**, n. 44, p. 32-51, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BROCHADO, José Proenza. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica Amazônica. **Dédalo**. São Paulo, n. 27, p. 65-82, 1989.

_____. A Tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **Clio**. Recife, n. 3, p.47-60, 1980.

_____. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern south america**. Tese (doutorado em Filosofia e Antropologia) - University of Illinois at Urbana-Champaign, Carbondale, 1984.

_____. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. **Relaciones**, nueva serie, 7:7-39, 1973.

_____. Um modelo de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. **Clio**, Recife, n. 4, p. 85-8, 1991.

BROCHADO, José Proenza e MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-118, 1994.

BROCHADO, José Proenza *et al.* Arqueologia brasileira em 1968. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 12. Belém: MPEG, 1969.

BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas. **Veritas**. Porto Alegre, v.35, n.140, p. 727-743, 1990.

CHMYZ, Igor (Ed.). **Terminologia Arqueológica Brasileira Para a Cerâmica**. Paranaguá: Universidade Federal do Paraná, Museu de Arqueologia e Artes Populares, 1976, (Cadernos de Arqueologia, n. 1).

CORRÊA, Ângelo Alves. **Pindorama de mboîa e îakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi**. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

_____. **Tetama nas matas mineiras: sítios Tupi na microrregião de Juiz de Fora - MG**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DIAS, A. S.; Neumann, M. A.; Montero, R.; PASSOS, M. M.; Meirelles, P. M.; MARQUES, R. P. O Discurso dos Fragmentos: Sócio-Cosmologia e Alteridade na Cerâmica Guarani Pré-colonial. **Espaço Ameríndio** (UFRGS), v. 2, p. 5-34, 2008.

DIAS, Adriana Schmidt. Arqueologia Guarani: Territorialidade e Cultura Material. In: Walter Fagundes Morales e Flávia Prado Moi. (Org.). **Tempos Ancestrais**. 1ed. São Paulo: AnnaBlume, 2012, p. 119-158.

_____. Novas Perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices par o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 2, p. 59-76, 2007.

HILBERT, Klaus. 'Cave canem!': cuidado com os 'Pronapianos'! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 2, n. 1, p. 117-130, 2007.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989, 175p.

LATHRAP, Donald. **The Upper Amazon**. London, Thames & Hudson. 1970. Disponível em: <<https://archive.org/details/in.gov.ignca.49409/page/n81/mode/2up>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material, a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6(1), p. 11-23, 2011.

LOURES OLIVEIRA, A. P. P. Tradição, Identidade e Região: alguns apontamentos sobre os aspectos teóricos do Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata mineira. **Revista Ñanduty**, v. 1, n. 1, p. 101-115, 2012.

MARANCA, Silvia. A Arqueologia brasileira e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) dos anos 60. Arqueologia. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**, Curitiba, v. 4, p. 115-123, 2007.

MEGGERS, B. EVANS, C. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**. Manual para arqueólogos. Washington: Smithsonian Institution, 1970, 111p.

MELIÀ, Bartomeu. A terra sem mal dos Guarani. **Revista de Antropologia**, v. 33, p. 33-46, 1990. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111213>. Acesso em: 20 ago. 2022.

_____. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979, p. 91.

MERGEN, Natália Machado. Os pilares da arqueologia sul-rio-grandense (1870-1958). In: **Revista Pesquisas Antropologia**, São Leopoldo, nº 76, 2021, 5-80.

MILHEIRA, Rafael Guedes. **Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MONTICELLI, Gislene. O céu é o limite: como explorar as normas rígidas da cerâmica Guarani. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém v. 2, n. 1, p. 55-65, 2007.

NEUMANN, Mariana Araújo. 2008 **Ñande Rekó**: diferentes jeitos de ser Guarani. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. Distribuição das marcas de uso e especificidades funcionais para a Cerâmica Guarani pré-colonial. **Revista de Arqueologia** (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), v. 24, p. 52-65, 2011.

NOELLI, F. S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 2, p. 7-53, 1996.

_____. *José Proença Brochado, vida e obra*. In: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade. **Os Ceramistas Tupiguarani**. 1. ed. Belo Horizonte: Sigma / IPHAN, 2008, p. 7-38.

_____. **Sem Tekohá não há Tekó**. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí-RS. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

OLIVEIRA, Kelly de. **Estudando a cerâmica pintada da tradição Tupiguarani**: a coleção Itapiranga, Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

PROUS, André. A pintura em cerâmica Tupiguarani. **Revista Ciência Hoje**, v. 36, n. 213, p.22-28, 2005.

_____. A pintura tupiguarani em cerâmica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento**, n. supl.8, p. 11-20, 2009.

_____. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992, 613p.

_____. Pintar para os mortos? Um olhar sobre as mulheres Tupiguarani. In: **Anais do 3º Workshop Arqueológico do Xingó**, MAX/UFS/PETROBRÁS/CHESF, Sergipe, p. 35-54, 2004.

_____. Preto no Branco: as pinturas sobre cerâmica tupiguarani da Zona da Mata mineira. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de. (Org.) **Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira**: Juiz de Fora. Juiz de Fora: Editar, 2006 p. 157-168.

RAUPP, Ismael da Silva. Cerâmica Guarani - análise do processo construtivo na coleção de itapiranga, SC. **POIÉSIS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação** (Unisul), v. 1, p. 237-249, 2014.

RIZZARDO, Fabiane Maria; ROGGE, Jairo Henrique. Estudo sobre a individualidade da mulher indígena na produção de vasilhas cerâmicas da tradição Guarani. **Revista Memorare**, v. 1, p. 86-94, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. A classificação do tronco linguístico Tupí. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 3, n. 2, p. 197–203, 2013^a.

_____. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 3, n. 2, p. 233-252, 2013^b.

ROGGE, Jairo Henrique. Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. In **Revista Pesquisas Antropologia**, São Leopoldo, n. 62, 2005.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, 217p.

SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* Uma aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária, RS. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos 04**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1990, 135p.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. *A decoração plástica na Cerrâmica da tradição Tupiguarani*. In: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade. **Os Ceramistas Tupiguarani Vol. II**. Belo Horizonte: Superintendência do Iphan em Minas Gerais, 2010, p. 7-26.

_____. Painelas para o fogo. **Anais do XII Congresso de Arqueologia Brasileira**, São Paulo, 2003.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; SANDRIN, Camila. O Sítio Lagoa dos Índios e o povoamento guarani da planície costeira do Rio Grande do Sul. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos 11**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2009, p. 89-147.

SCHWARCZ, L. K.M. O Nascimento dos Museus Brasileiros, 1890-1910. In: Miceli, S. (ed.), **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice, 1989, p. 20-71.

SOARES, André L. R. **Guarani: organização social e arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, 256p.

SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay**. Assunción: Museo Etnográfico Andres Barbero, 1982, 240p.

TOCCHETTO, Fernanda B. 1996. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 6, São Paulo, p. 3-45, 1996.

ZUSE, Silvana. **Os Guarani e a Redução Jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

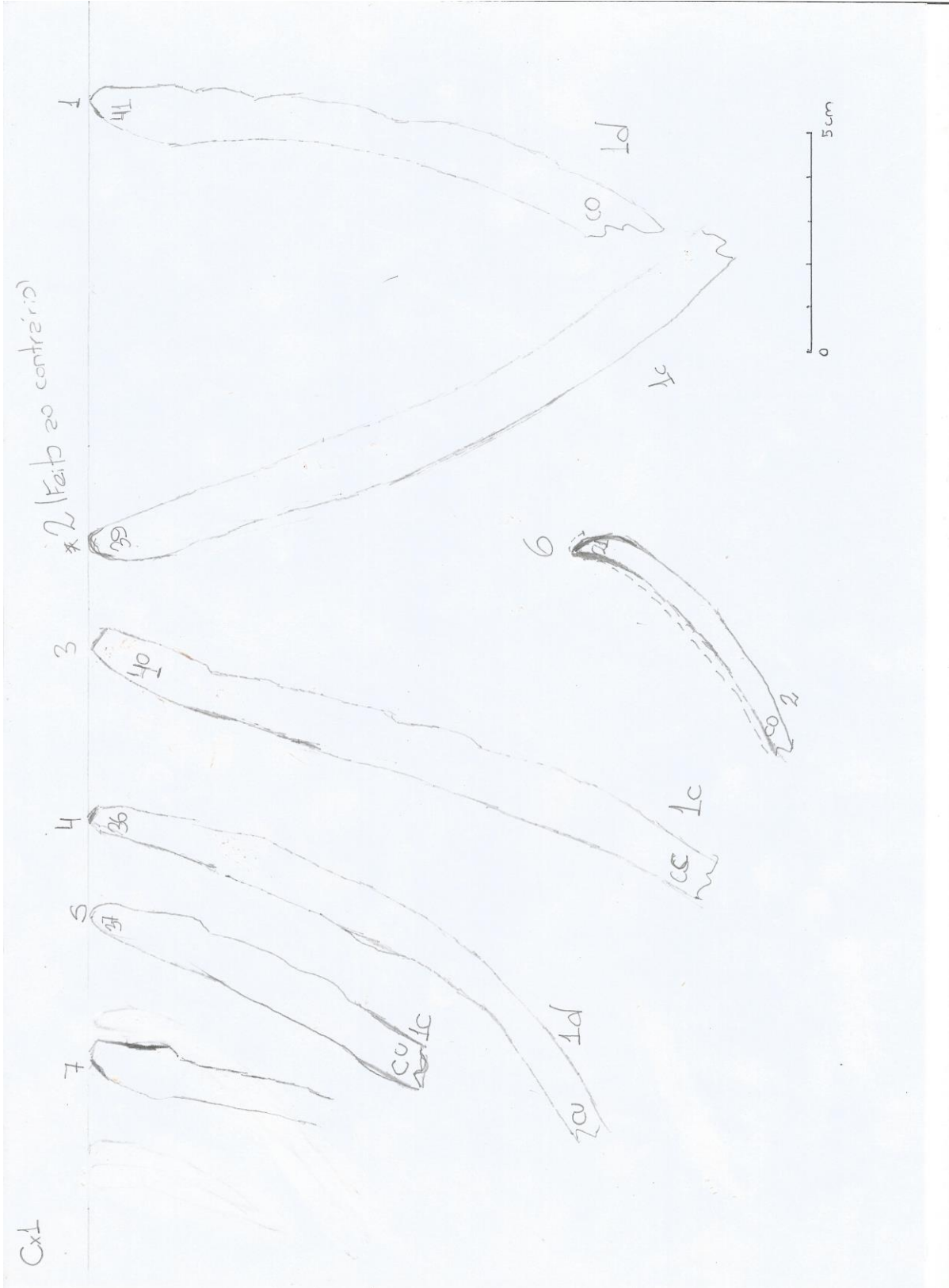
APÊNDICE A – PLANILHA COM AS ESPECIFICIDADES MÉTRICAS, ESTÉTICAS E MORFOLÓGICAS DOS FRAGMENTOS CERÂMICOS

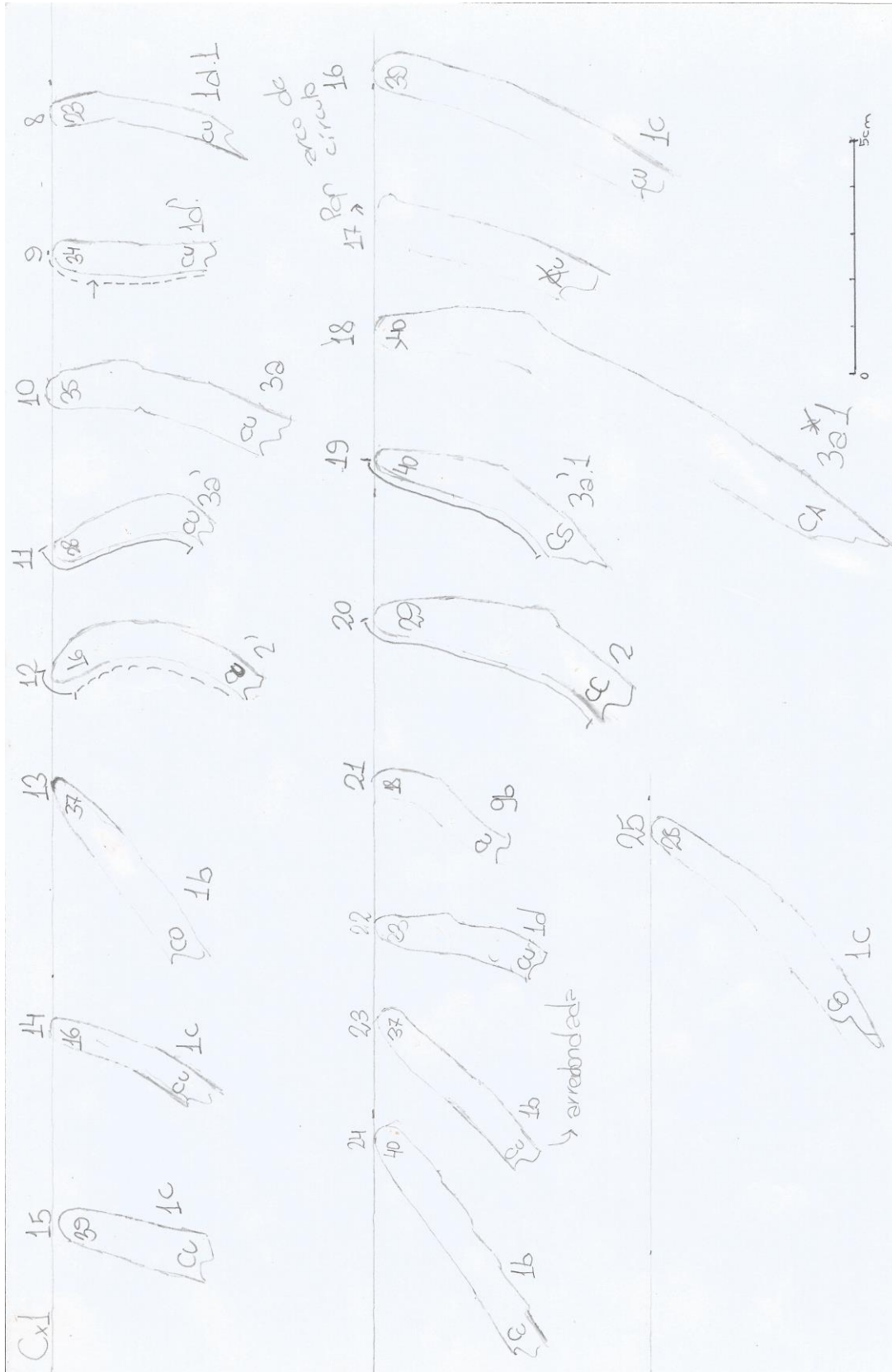
Coleção/Modelo	Coleção/Numeração	Quadrícula	Fotos	Parte	Reforço Interno	Reforço Externo	Direta	Extremidade	Intrínseca	Comandada	Lábrio	Diâmetro da boca (mm)	Espessura mínima (mm)	Espessura máxima (mm)	Ângulo Externo	Grupo (Schmied)	Acabamento	Tratamento de superfície Externo	Tratamento de superfície Interna	Modelo Cerâmico
Coleção Itapiranga	1	-	1 001.1, 001.2	Borda				x			Serrilhado	41	1	1,2	67-90	13c	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	2 002.1, 002.2	Borda			x				Arredondado	39	0,9	1,2	67-90	1d	Plástico	Corrugado clássico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	3 003.1, 003.2	Borda				x			Aplanado	40	0,7	1,3	67-90	13c	Plástico	Corrugado clássico		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	4 004.1, 004.2	Borda			x				Aplanado	36	0,7	0,9	67-90	1d	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	5 005.1, 005.2	Borda			x				Arredondado	37	0,9	1,1	45-67	1c.1	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	6 006.1, 006.2	Borda					x		Apontado	21	0,5	0,7		2'	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 2
Coleção Itapiranga	1	-	7 007.1, 007.2	Borda	x	x	x				Aplanado	35	0,8	1,3	67-90	1d.1	Plástico	Corrugado assimétrico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	8 008.1, 008.2	Borda			x	x			Aplanado	23	0,6	0,8	67-90	2.1	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 2
Coleção Itapiranga	1	-	9 009.1, 009.2	Borda			x	x			Arredondado	34	0,7	0,7	67-90	P2	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo P2
Coleção Itapiranga	1	-	10 010.1, 010.2	Borda			x				Arredondado	35	0,9	1,1		3a	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 3
Coleção Itapiranga	1	-	11 011.1, 011.2	Borda					x		Arredondado	28	0,7	0,7		3a'	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 3
Coleção Itapiranga	1	-	12 012.1, 012.2	Borda					x		Apontado	16	0,6	0,7		2'	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 2
Coleção Itapiranga	1	-	13 013.1, 013.2	Borda				x			Aplanado	37	0,4	0,8	45-67	13b	Plástico	Irregulado perpendicular		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	14 014.1, 014.2	Borda			x				Arredondado	16	0,6	0,8	45-67	1c	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	15 015.1, 015.2	Borda				x			Arredondado	39	0,6	1	67-90	5b	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 5
Coleção Itapiranga	1	-	16 016.1, 016.2	Borda			x				Arredondado	39	0,7	0,8	45-67	1c	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	17 017.1, 017.2	Borda			x				Arredondado	NI	0,8	0,9		NI	Plástico	Ungulado		NI
Coleção Itapiranga	1	-	18 018.1, 018.2	Borda			x				Arredondado	>41	1	1,1		3a	Plástico	Corrugado assimétrico		Grupo 3
Coleção Itapiranga	1	-	19 019.1, 019.2	Borda					x		Aplanado	40	0,8	0,9		3a'	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 3
Coleção Itapiranga	1	-	20 020.1, 020.2	Borda			x				Apontado	29	0,9	1	67-90	3a	Misto	Corrugado clássico	Banho Vermelho	Grupo 3
Coleção Itapiranga	1	-	21 021.1, 021.2	Borda					x		Arredondado	18	0,6	0,7		9b	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 9
Coleção Itapiranga	1	-	22 022.1, 022.2	Borda			x	x			Arredondado	33	0,7	0,9	67-60	1d.1	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	23 023.1, 023.2	Borda				x			Arredondado	37	0,6	0,6	45-67	13b	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	24 024.1, 024.2	Borda			x				Arredondado	40	0,7	0,8	23-45	1b	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	25 025.1, 025.2	Borda			x				Arredondado	28	0,5	0,8	45-67	1c	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	26 026.1, 026.2	Borda			x				Arredondado	21	0,4	0,5		2'	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 2
Coleção Itapiranga	1	-	27 027.1, 027.2	Borda			x	x			Arredondado	17	0,7	0,7	23-45	1b.1	Plástico	Corrugado clássico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	28 028.1, 028.2	Borda			x				Aplanado	15	0,5	0,6	45-67	1c	Plástico	Ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	29 029.1, 029.2	Borda			x	x			Arredondado	11	0,2	0,4	45-67	1c.1	Plástico	Corrugado clássico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	30 030.1, 030.2	Borda			x	x			Arredondado	21	0,4	0,5	45-67	1c.1	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	31 031.1, 031.2	Borda				x			Arredondado	NI	0,6	0,7	45-67	13b	Plástico	Corrugado clássico		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	32 032.1, 032.2	Borda			x		x		Arredondado	21	0,5	0,7	45-67	1c	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	33 033.1, 033.2	Borda			x				Arredondado	35	0,4	0,6	67-90	1d	Plástico	Corrugado Simples		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	34 034.1, 034.2	Borda			x				Apontado	15	0,4	0,5	45-67	1c	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	35 035.1, 035.2	Borda				x			Apontado	25	0,3	0,4		P1	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo P1
Coleção Itapiranga	1	-	36 036.1, 036.2	Borda			x	x			Apontado	32	0,2	1,2	23-45	13a.1	Misto	Corrugado oblíquo	Banho Vermelho	Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	37 037.1, 037.2	Borda			x				Arredondado	30	0,5	0,7	45-67	1c	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	38 038.1, 038.2	Borda				x			Aplanado	37	0,6	0,8		2	Plástico	Corrugado Simples		Grupo 2
Coleção Itapiranga	1	-	39 039.1, 039.2	Borda			x				Arredondado	35	0,7	0,7	67-90	1d	Plástico	Corrugado assimétrico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	40 040.1, 040.2	Borda			x				Arredondado	31	0,7	0,8	23-45	1b	Plástico	Irregulado perpendicular		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	41 041.1, 041.2	Borda			x				Arredondado	32	0,7	0,75	23-45	1b	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	42 042.1, 042.2	Borda			x				Arredondado	34	0,7	0,8	67-90	1d	Plástico	Corrugado Simples		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	43 043.1, 043.2	Borda			x				Arredondado	36	0,8	1,2	67-90	1d	Plástico	Corrugado clássico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	44 044.1, 044.2	Borda			x				Arredondado	41	0,9	1,2	67-90	1d	Plástico	Corrugado clássico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	45 045.1, 045.2	Borda			x	x			Arredondado	36	0,6	0,8	23-45	1b.1	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	46 046.1, 046.2	Borda			x	x			Arredondado	30	0,6	0,8	67-90	1d	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	47 047.1, 047.2	Borda			x		x		Arredondado	32	0,9	1		3a	Plástico	Corrugado clássico	Banho Branco	Grupo 3
Coleção Itapiranga	1	-	48 048.1, 048.2	Borda					x		Apontado	18	0,5	0,7		2'	Misto	Corrugado oblíquo		Grupo 2
Coleção Itapiranga	1	-	49 049.1, 049.2	Borda					x		Aplanado	37	0,8	1		3a'	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 3
Coleção Itapiranga	1	-	50 050.1, 050.2	Borda			x				Apontado	31	0,6	0,8	45-67	1c	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	51 051.1, 051.2	Borda				x			Aplanado	33	0,7	0,9	67-90	15c	Plástico	Corrugado assimétrico		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	52 052.1, 052.2	Borda			x		x		Aplanado	33	0,8	1		2	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 2
Coleção Itapiranga	1	-	53 053.1, 053.2	Borda				x			Arredondado	28	0,6	1,2		2	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 2
Coleção Itapiranga	1	-	54 054.1, 054.2	Borda			x				Arredondado	37	0,8	0,9	23-45	1b	Misto	Corrugado oblíquo		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	55 055.1, 055.2	Borda			x				Aplanado	36	0,6	0,6	67-90	P9	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo P9
Coleção Itapiranga	1	-	56 056.1, 056.2	Borda			x				Apontado	25	0,7	0,8	45-67	1c	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	57 057.1, 057.2	Borda				x			Apontado	26	0,6	0,7		2'	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 2
Coleção Itapiranga	1	-	58 058.1, 058.2	Borda			x		x		Aplanado	>41	0,9	1		3a	Plástico	Corrugado Simples		Grupo 3
Coleção Itapiranga	1	-	59 059.1, 059.2	Borda				x			Aplanado	>39	0,9	1	67-90	13c	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	60 060.1, 060.2	Borda			x		x		Aplanado	38	0,9	1,1	90-113	1e.1	Plástico	Corrugado grosseiro		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	61 061.1, 061.2	Borda			x				Arredondado	33	0,6	0,7	67-90	1d	Misto	Irregulado perpendicular	Banho Vermelho	Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	62 062.1, 062.2	Borda			x	x			Aplanado	23	0,6	0,65	67-90	1d.1	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	63 063.1, 063.2	Borda			x		x		Arredondado	41	0,9	0,9	45-67	1c	Plástico	Corrugado Simples		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	64 064.1, 064.2	Borda			x	x			Aplanado	>41	0,6	0,37		10b	Plástico	Ungulado		Grupo 10
Coleção Itapiranga	1	-	65 065.1, 065.2	Borda			x				Aplanado	35	0,65	0,7	45-67	1c.1	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	66 066.1, 066.2	Borda			x	x			Arredondado	33	0,9	1,1	23-45	1b.1	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	67 067.1, 067.2	Borda			x				Arredondado	31	0,8	0,95	23-45	1b	Plástico	Corrugado assimétrico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	68 068.1, 068.2	Borda			x				Aplanado	28	0,6	0,7	45-67	1c	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	69 069.1, 069.2	Borda			x				Aplanado	34	0,8	0,9	45-67	1c	Plástico	Corrugado Simples		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	70 070.1, 070.2	Borda			x				Aplanado	30	0,7	0,85	23-45	1b	Plástico	Corrugado assimétrico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	71 071.1, 071.2	Borda					x		Arredondado	34	0,7	0,8	45-67	13b	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	72 072.1, 072.2	Borda			x	x			Arredondado	30	0,6	0,7	67-90	1d.1	Plástico	Ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	73 073.1, 073.2	Borda			x				Arredondado	25	0,5	0,55	45-67	1c	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	74 074.1, 074.2	Borda				x			Aplanado	22	0,5	0,75	45-67	13b	Plástico	Corrugado assimétrico		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	75 075.1, 075.2	Borda				x			Aplanado	>41	0,9	1,3	45-67	13b.1	Plástico	Corrugado clássico		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	76 076.1, 076.2	Borda				x			Arredondado	34	0,6	0,8	45-67	13b	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	77 077.1, 077.2	Borda			x		x		Arredondado	38	1	1,2	13-131	1f	Plástico	Corrugado clássico		Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	78 078.1																	

Coleção Itapiranga	1	-	94	094.1, 094.2	Borda				Arredondado	30	0,7	0,8	45-67	1c	Plástico	Corrugado Simples	Banho Vermelho	Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	95	095.1, 095.2	Borda				Arredondado	10	0,5	0,5	23-45	1b	Misto	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	96	096.1, 096.2	Borda			x	Aplanado	21	0,8	1	67-90	13c	Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	97	097.1, 097.2	Borda			x	Arredondado	15	0,6	0,6	45-67	1c	Misto	Ungulado	Banho Vermelho	Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	98	098.1, 098.2	Borda			x	Arredondado	30	1	1,2	13b		Plástico	Corrugado assimétrico	Banho Vermelho	Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	99	099.1, 099.2	Borda			x	Arredondado	30	1	1,1	45-67	1c.1	Misto	NC	Banho Vermelho	Grupo 1
Coleção Itapiranga	1	-	100	100.1, 100.2	Borda			x	Apontado	15	0,45	0,5	45-67	13b	Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 13
Coleção Itapiranga	1	-	101	101.1, 101.2	Borda			x	Aplanado	37	0,7	0,8	23-45	1b	Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	102	102.1, 102.2	Borda			x	Aplanado	41	0,9	1,1	67-90	13c	Plástico	Corrugado clássico	Banho Vermelho	Grupo 13
RS-LN-64	1586	D17	103	103.1, 103.2	Borda			x	Apontado	37	0,8	0,9	67-90	1d	Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	104	104.1, 104.2	Borda			x	Arredondado	30	0,8	1	45-67	1c	Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	105	105.1, 105.2	Borda			x	Arredondado	31	0,8	1	45-67	1c	Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	106	106.1, 106.2	Borda			x	Arredondado	36	0,7	0,8	67-90	3a	Plástico	Corrugado Simples	Banho Vermelho	Grupo 3
RS-LN-64	1586	D17	107	107.1, 107.2	Borda			x	Arredondado	40	0,9	1,1	10a		Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 10
RS-LN-64	1586	D17	108	108.1, 108.2	Borda			x	Arredondado	33	0,8	0,8	67-90	1d	Misto	Corrugado Simples	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	109	109.1, 109.2	Borda			x	Apontado	33	0,7	0,8	67-90	1d.1	Plástico	Corrugado assimétrico	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	110	110.1, 110.2	Borda			x	Apontado	18	0,7	0,8	2		Plástico	Ungulado	Banho Branco	Grupo 2
RS-LN-64	1586	D17	111	111.1, 111.2	Borda			x	Arredondado	30	0,8	0,8	23-45	1b	Plástico	Corrugado assimétrico	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	112	112.1, 112.2	Borda			x	Arredondado	34	0,8	0,8	90-113	1e	Plástico	Corrugado Simples	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	113	113.1, 113.2	Borda			x	Apontado	36	0,75	0,8	67-90	1d	Plástico	NC	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	114	114.1, 114.2	Borda			x	Apontado	36	0,8	0,85	67-90	1d	Plástico	Corrugado oblíquo	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	115	115.1, 115.2	Borda			x	Apontado	36	0,8	0,9	67-90	1d	Plástico	NC	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1586	D17	116	116.1, 116.2	Borda			x	Arredondado	28	0,55	0,6	4a		Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 4
RS-LN-64	1586	D17	117	117.1, 117.2	Borda			x	Arredondado	28	0,55	0,6	4a		Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 4
RS-LN-64	1586	D17	118	118.1, 118.2	Borda			x	Arredondado	41	1	1	NI		Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Branco	NI
RS-LN-64	1586	D17	119	119.1, 119.2	Borda			x	Arredondado	31	0,7	0,8	67-90	P9	Pintado	Banho Branco	Banho Branco	Grupo P9
RS-LN-64	1586	D17	120	120.1, 120.2	Borda			x	Apontado	34	0,7	0,75	67-90	13c	Alisado	NC	Banho Branco	Grupo 13
RS-LN-64	1587	D18	121	121.1, 121.2	Borda			x	Arredondado	27	0,8	0,9	90-113	1e	Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1587	D18	122	122.1, 122.2	Borda			x	Apontado	19	0,4	0,5	2		Plástico	Ungulado	Banho Branco	Grupo 2
RS-LN-64	1587	D18	123	123.1, 123.2	Borda			x	Arredondado	25	0,8	0,9	5b		Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 5
RS-LN-64	1587	D18	124	124.1, 124.2	Borda			x	Arredondado	30	0,8	0,85	67-90	13c	Plástico	NC	Banho Branco	Grupo 13
RS-LN-64	1587	D18	125	125.1, 125.2	Borda			x	Arredondado	24	0,5	0,6	67-90	13c	Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 13
RS-LN-64	1580	D11	126	126.1, 126.2	Borda			x	Arredondado	41	1,1	1,1	67-90	13c	Plástico	Corrugado clássico	Banho Branco	Grupo 13
RS-LN-64	1580	D11	127	127.1, 127.2	Borda			x	Arredondado	41	1,1	1,2	45-67	1c	Plástico	Corrugado clássico	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1580	D11	128	128.1, 128.2	Borda			x	Arredondado	30	0,9	1	67-90	12	Plástico	Corrugado oblíquo	Banho Branco	Grupo 12
RS-LN-64	1580	D11	129	129.1, 129.2	Borda			x	Aplanado	28	1,15	1,45	45-67	1c	Plástico	Corrugado oblíquo	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1580	D11	130	130.1, 130.2	Borda			x	Aplanado	39	1	1,45	45-67	13b	Plástico	Corrugado clássico	Banho Branco	Grupo 13
RS-LN-64	1580	D11	131	131.1, 131.2	Borda			x	Aplanado	39	1	1,45	45-67	13b	Plástico	Corrugado clássico	Banho Branco	Grupo 13
RS-LN-64	1580	D11	132	132.1, 132.2	Borda			x	Aplanado	35	1	1,1	45-67	1c	Plástico	NC	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1583	D14	133	133.1, 133.2	Borda			x	Aplanado	35	0,9	1	5b		Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Branco	Grupo 5
RS-LN-64	1579	D10	134	134.1, 134.2	Borda			x	Apontado	30	0,6	0,7	5b		Plástico	Corrugado Simples	Banho Branco	Grupo 5
RS-LN-64	1579	D10	135	135.1, 135.2	Borda			x	Aplanado	30	0,8	0,9	5a		Plástico	Corrugado Simples	Banho Branco	Grupo 5
RS-LN-64	1579	D10	136	136.1, 136.2	Borda			x	Arredondado	25	0,7	0,8	67-90	1d	Alisado	Alisado	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1579	D10	137	137.1, 137.2	Borda			x	Aplanado	30	0,8	0,85	67-90	1d	Plástico	Ungulado	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1579	D10	138	138.1, 138.2	Borda			x	Aplanado	30	0,8	0,85	67-90	1d	Plástico	Ungulado	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1579	D10	139	139.1, 139.2	Borda			x	Arredondado	15	0,5	0,55	67-90	1d	Plástico	Corrugado clássico	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1578	D9	140	140.1, 140.2	Borda			x	Arredondado	29	0,85	0,9	45-67	13b	Plástico	NC	Banho Branco	Grupo 13
RS-LN-64	1578	D9	141	141.1, 141.2	Borda			x	Arredondado	22	0,4	0,5	4a		Plástico	Ungulado	Banho Branco	Grupo 4
RS-LN-64	1584	D15	142	142.1, 142.2	Borda			x	Arredondado	35	0,95	1,1	67-90	3a	Plástico	Corrugado oblíquo	Banho Branco	Grupo 3
RS-LN-64	1584	D15	143	143.1, 143.2	Borda			x	Arredondado	31	1,1	1,3	67-90	13c	Plástico	Corrugado oblíquo	Banho Branco	Grupo 13
RS-LN-64	1584	D15	144	144.1, 144.2	Borda			x	Serrilhado	33	0,6	0,6	45-67	1c	Plástico	Ungulado	Banho Branco	Grupo 1
RS-LN-64	1584	D15	145	145.1, 145.2	Borda			x	Aplanado	35	0,8	0,85	90-113	1f	Alisado-Pintado	Alisado	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1581	D12	146	146.1, 146.2	Borda			x	Aplanado	35	0,6	0,65	P4.2		Pintado	Banho Branco	Banho Vermelho	Grupo P4
RS-LN-64	1581	D12	147	147.1, 147.2	Borda			x	Arredondado	38	0,7	0,7	P6.1		Alisado-Pintado	Alisado	Banho Vermelho	Grupo P6
RS-LN-64	1577	D8	148	148.1, 148.2	Borda			x	Arredondado	40	0,8	0,9	67-90	3a'	Plástico	Corrugado Simples	Banho Vermelho	Grupo 3
RS-LN-64	1577	D8	149	149.1, 149.2	Borda			x	Arredondado	20	0,8	1	90-113	2.1	Alisado	Alisado	Banho Vermelho	Grupo 2
RS-LN-64	1577	D8	150	150.1, 150.2	Borda			x	Arredondado	>41	1,05	1,15	13-13f	1f	Misto	Corrugado Simples	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1577	D8	151	151.1, 151.2	Borda			x	Arredondado	>41	1,05	1,15	13-13f	1f	Misto	Corrugado Simples	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1577	D8	152	152.1, 152.2	Borda			x	Arredondado	24	0,65	0,65	67-90	1d	Plástico	Ungulado	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1582	D13	153	153.1, 153.2	Borda			x	Apontado	33	0,8	0,85	67-90	1d	Plástico	Corrugado Simples	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1582	D13	154	154.1, 154.2	Borda			x	Aplanado	24	0,5	0,6	4a		Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 4
RS-LN-64	1582	D13	155	155.1, 155.2	Borda			x	Aplanado	24	0,5	0,6	4a		Plástico	Corrugado-ungulado	Banho Vermelho	Grupo 4
RS-LN-64	1582	D13	156	156.1, 156.2	Borda			x	Apontado	26	0,8	0,8	4a		Plástico	Corrugado Simples	Banho Vermelho	Grupo 4
RS-LN-64	1582	D13	157	157.1, 157.2	Borda			x	Aplanado	30	0,6	0,65	P4.2		Pintado	Banho Branco	Banho Vermelho	Grupo P4
RS-LN-64	1582	D13	158	158.1, 158.2	Borda			x	Aplanado	27	0,55	0,6	P4.2		Pintado	Banho Vermelho	Banho Vermelho	Grupo P4
RS-LN-64	1585	D16	159	159.1, 159.2	Borda			x	Arredondado	40	1	1,05	4a		Plástico	Corrugado clássico	Banho Vermelho	Grupo 4
RS-LN-64	1585	D16	160	160.1, 160.2	Borda			x	Arredondado	30	0,8	0,8	67-90	1d	Plástico	Corrugado Simples	Banho Vermelho	Grupo 1
RS-LN-64	1585	D16	161	161.1, 161.2	Borda			x	Aplanado	29	0,8	0,85	4b		Plástico	Ungulado	Banho Vermelho	Grupo 4
RS-LN-64	1585	D16	162	162.1, 162.2	Borda			x	Aplanado	24	0,5	0,55	45-67	13b	Plástico	Ungulado	Banho Vermelho	Grupo 13
RS-LN-64	1585	D16	163	163.1, 163.2	Borda			x	Arredondado	>41	1,2	1,2	5b		Plástico	Corrugado Simples	Banho Vermelho	Grupo 5
RS-LN-64	1585	D16	164	164.														

RS-LN-64	1765	J33	201 201.1; 201.2	Borda				x			Arredondado	18	0,5	0,7	P1.1	Pintado	NC	Banho Branco	Grupo P1
RS-LN-64	1577	K8	202 202.1; 202.2	Borda				x			Apontado	33	0,8	1	23-45 13a	Plástico	Ungulado perpendicular		Grupo 13
RS-LN-64	1577	K8	203 203.1; 203.2	Borda					x		Arredondado	27	0,9	1,1	4a	Plástico	Ungulado		Grupo 4
RS-LN-64	1577	K8	204 204.1; 204.2	Borda		x				x	Aplanado	35	0,8	1,2	67-90 3a	Plástico	Corrugado Simples		Grupo 3
RS-LN-64	1577	K8	205 205.1; 205.2	Borda						x	Aplanado	30	0,5	1	3a'	Plástico	Ungulado		Grupo 3
RS-LN-64	1577	K8	206 206.1; 206.2	Borda						x	Arredondado	19	0,8	0,8	2,1	Plástico	Ungulado		Grupo 2
RS-LN-64	1577	K8	207 207.1; 207.2	Borda				x			Arredondado	21	0,6	0,7	67-90 1d	Plástico	Ungulado		Grupo 1
RS-LN-64	1577	K8	208 208.1; 208.2	Borda						x	Apontado	15	0,45	0,5	3a'	Plástico	Ungulado		Grupo 3
RS-LN-64	1577	K8	209 209.1; 209.2	Borda				x	x		Apontado	23	0,7	0,85	P1	Pintado	Banho Vermelho	Banho Vermelho	Grupo P1
RS-LN-64	1577	K8	210 210.1; 210.2	Borda					x		Apontado	18	0,7	0,7	5b	Plástico	Ungulado		Grupo 5
RS-LN-64	1577	K8	211 211.1; 211.2	Borda				x			Aplanado	19	0,6	0,7	45-67 1c	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 1
RS-LN-64	1775	K6	212 212.1; 212.2	Borda						x	Apontado	24	0,8	0,9	2	Plástico	Corrugado-ungulado		Grupo 2
RS-LN-64	1775	K6	213 213.1; 213.2	Borda					x		Arredondado	33	0,85	1	45-67 13b	Plástico	Ungulado		Grupo 13
RS-LN-64	1775	K6	214 214.1; 214.2	Borda					x		Apontado	30	0,5	0,7	45-67 13c	Plástico	Corrugado Simples		Grupo 13
RS-LN-64	1775	K6	215 215.1; 215.2	Borda				x			Apontado	27	0,6	0,7	67-90 1d	Plástico	Ungulado		Grupo 1
RS-LN-64	1775	K6	216 216.1; 216.2	Borda		x			x		Arredondado	32	0,55	0,6	P2	Pintado	Banho Branco		Grupo P2
RS-LN-64	1775	K6	217 217.1; 217.2	Borda						x	Aplanado	21	0,7	0,9	P5	Pintado	Banho Branco		Grupo P5
RS-LN-64	1768	J38	218 218.1; 218.2	Borda						x	Arredondado	29	1	1,1	3a'	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 3
RS-LN-64	1768	J38	219 219.1; 219.2	Borda				x			Apontado	23	0,7	0,7	P9	Alisado-Pintado	Alisado	Banho Branco	Grupo P9
RS-LN-64	1776	K7	220 220.1; 220.2	Borda				x			Arredondado	29	0,45	0,5	13-13' 1f	Plástico	Ungulado		Grupo 1
RS-LN-64	1776	K7	221 221.1; 221.2	Borda					x		Arredondado	27	0,7	0,85	67-90 1d	Plástico	Corrugado oblíquo		Grupo 1
RS-LN-64	1776	K7	222 222.1; 222.2	Borda						x	Aplanado	16	0,58	0,6	2,1	Plástico	Ungulado		Grupo 2
RS-LN-64	1766	J36	223 223.1; 223.2	Borda				x			Arredondado	27	0,8	0,9	67-90 1d	Plástico	Corrugado Simples		Grupo 1

APÊNDICE B – DESENHO DAS BORDAS ORIUNDAS DA COLEÇÃO
ITAPIRANGA





8
 10B
 Cu 1a.1

9
 24
 Cu 1a.

10
 35
 Cu 3a

11
 38
 Cu 3a

12
 16
 2

13
 37
 1b

14
 16
 Cu 1c

15
 39
 Cu 1c

de
 acc
 circump
 16

17
 17
 1c

18
 40
 1c

19
 40
 3a.1

20
 29
 2

21
 8
 9b

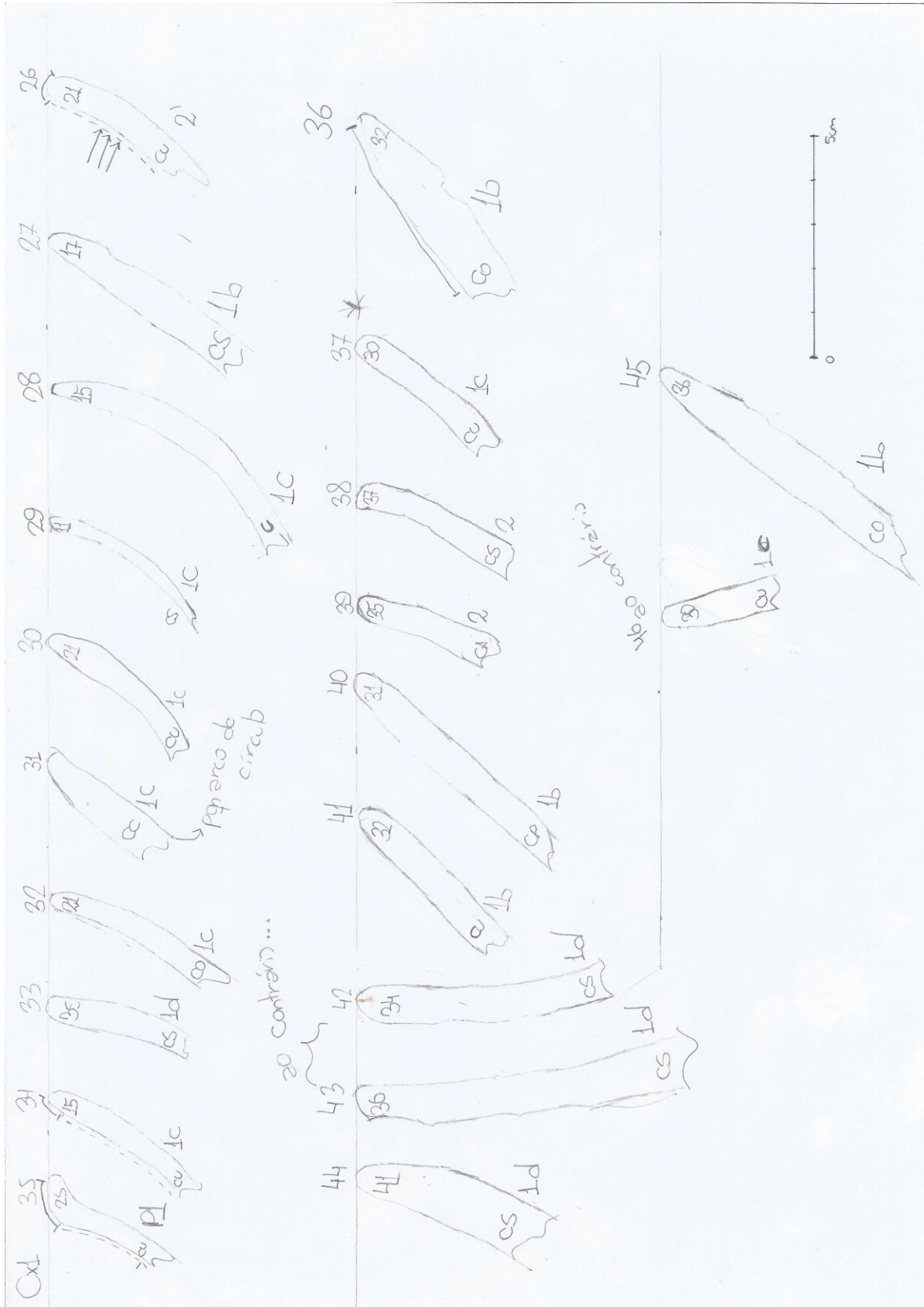
22
 23
 Cu 1d

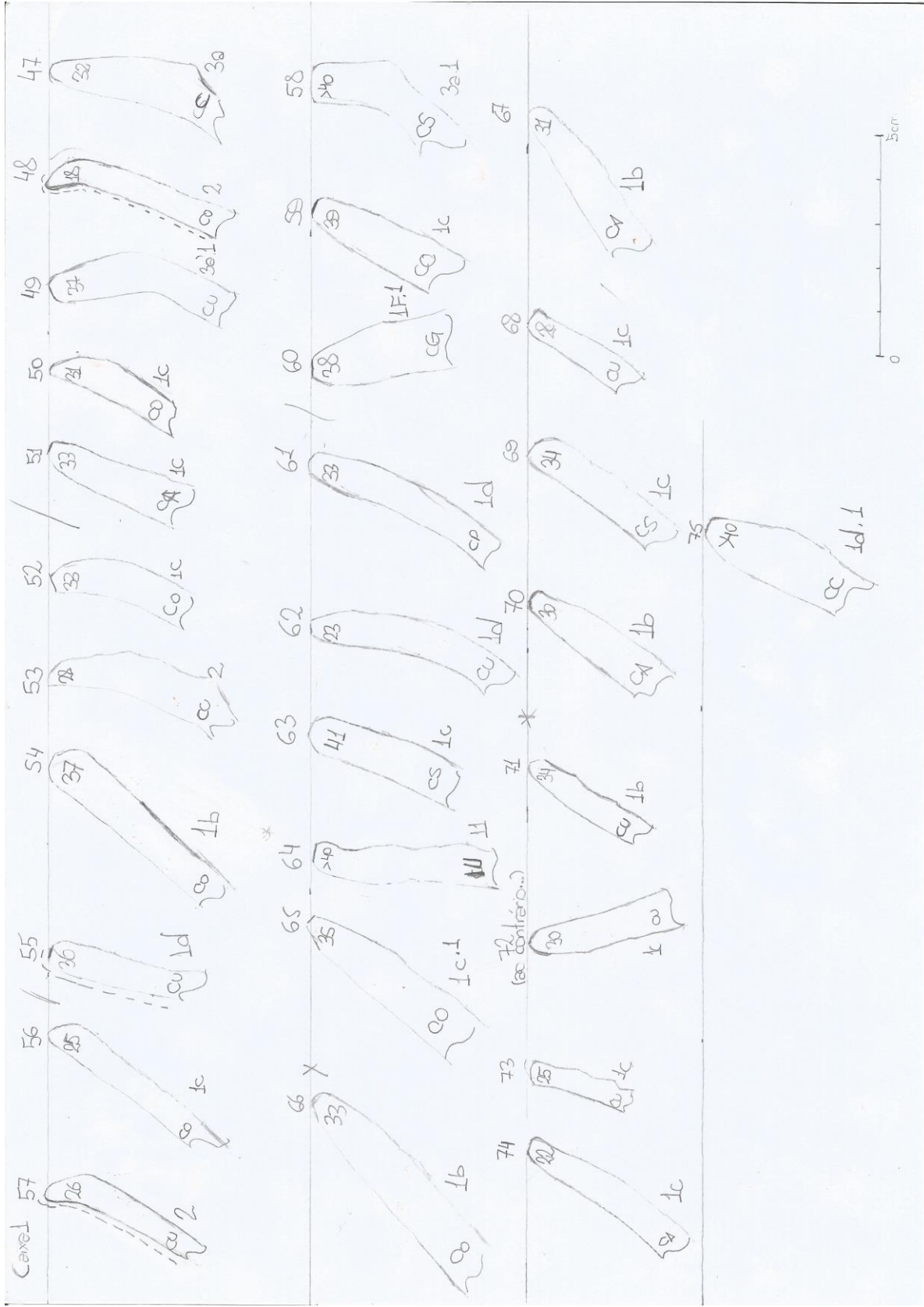
23
 37
 1b
 arredondada

24
 40
 1b

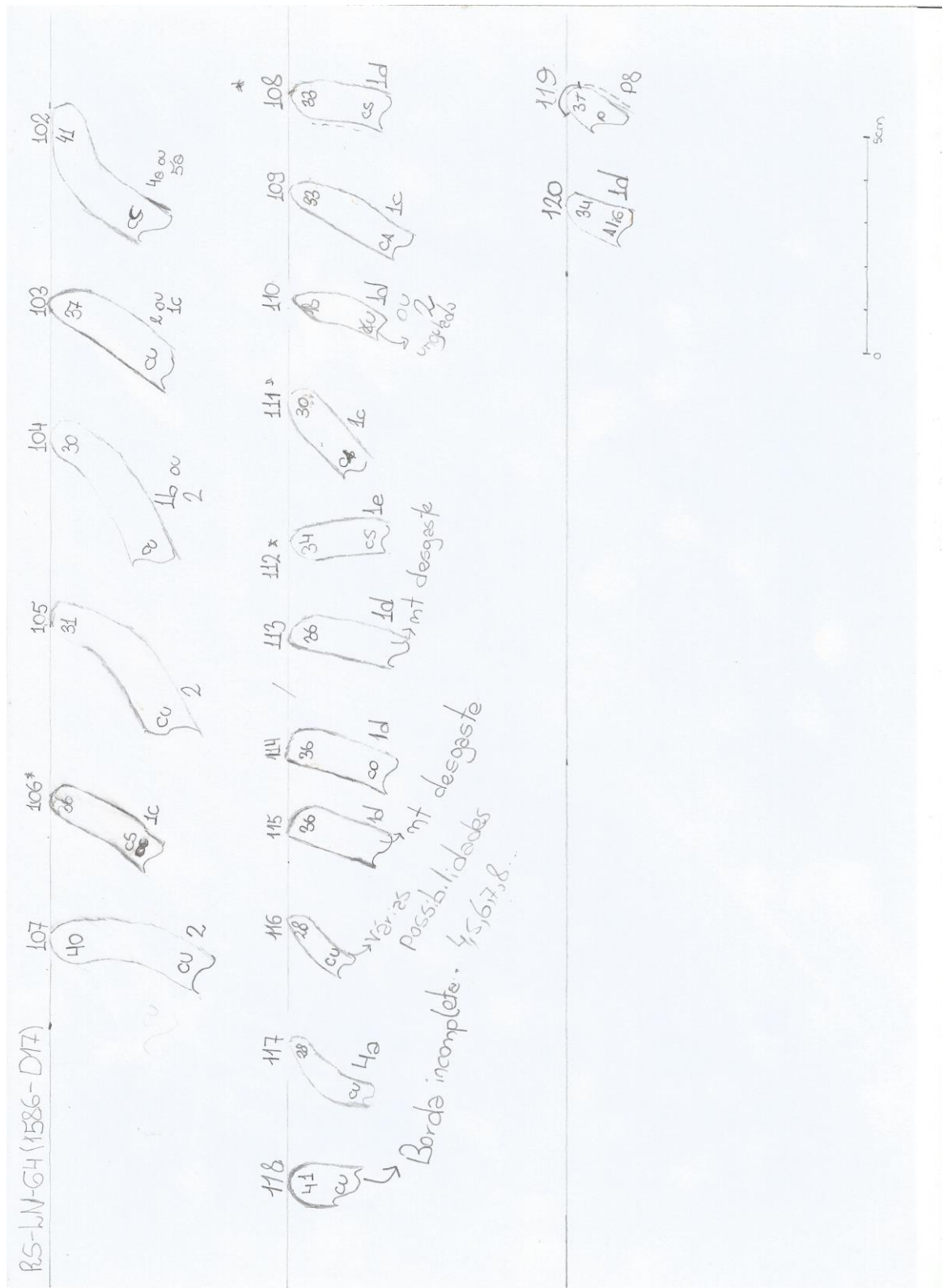
25
 38
 1c

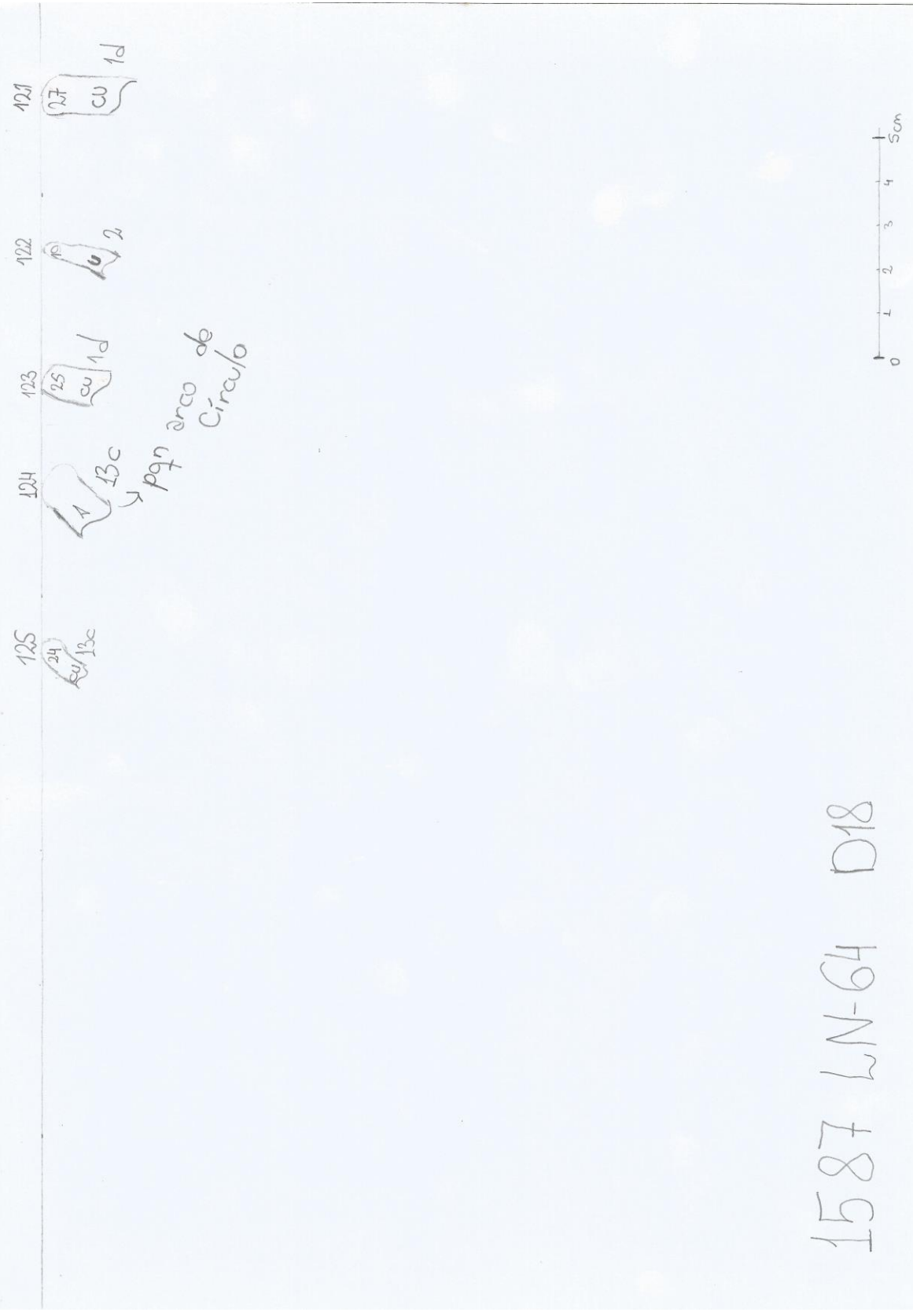






APÊNDICE C – DESENHO DAS BORDAS ORIUNDAS DO SÍTIO RS-LN-64





1587 LN-64 D18



1580 RSLN-64 D11

133



1583 RS-LN-64 D14

134 CS 4a

135 CS 10b

136 CS A 1d

137 U 10b

138 U 10b

139 (f) CC 1d

pgn
arco de
círculo



1579 RS-LN-64 D10

140

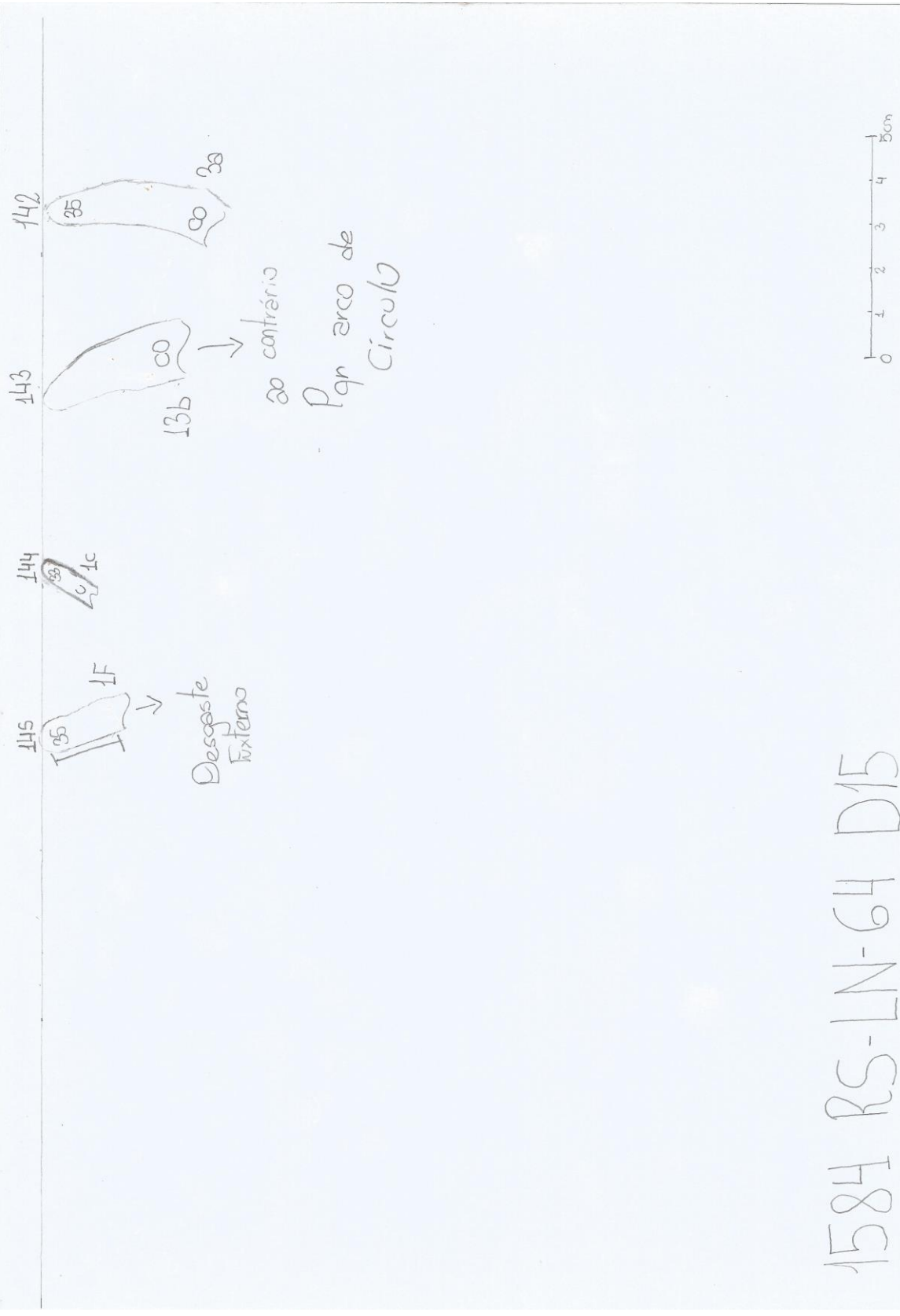


mt desgasta
externo

141



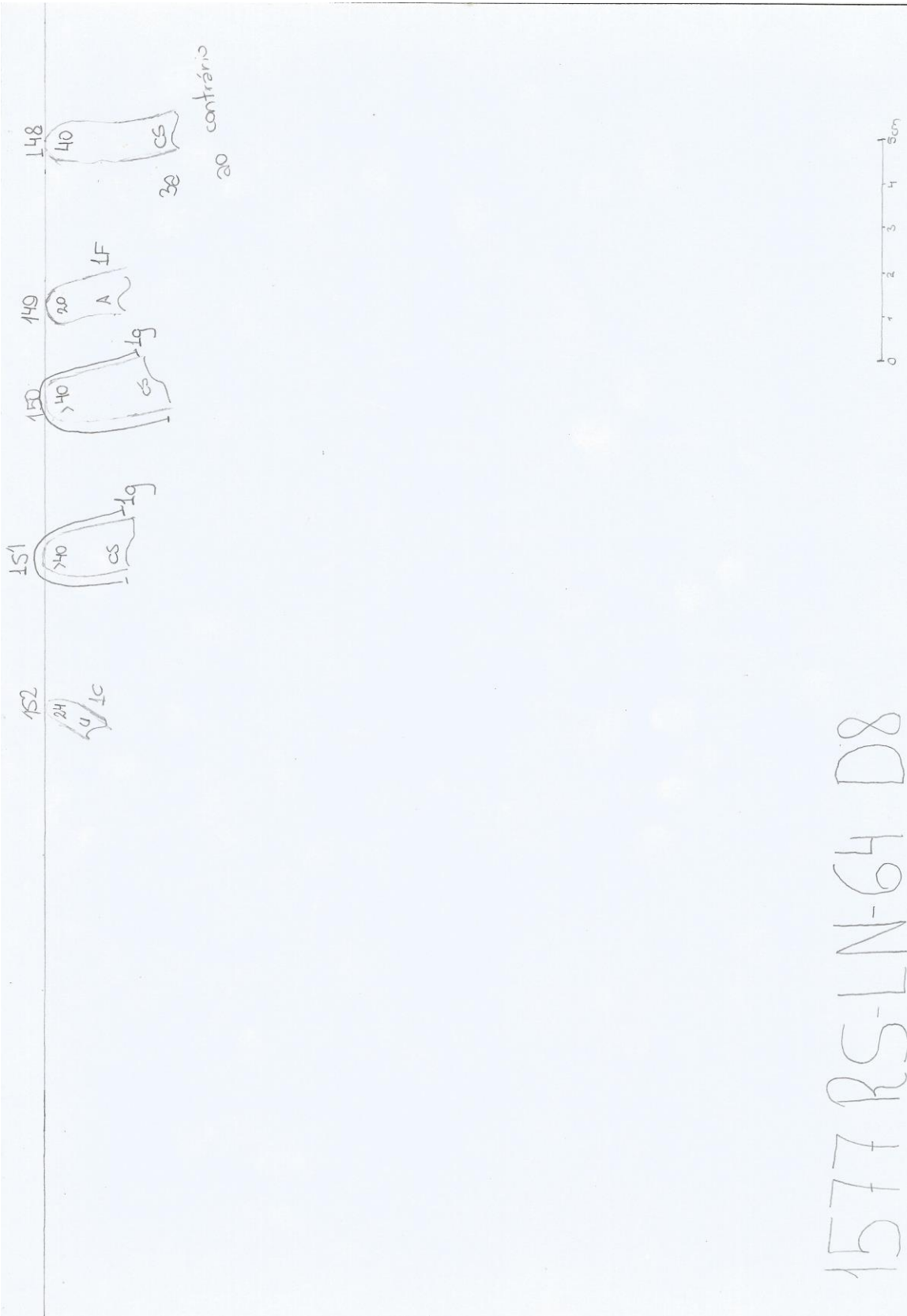
1578 RS-LN-64 D9

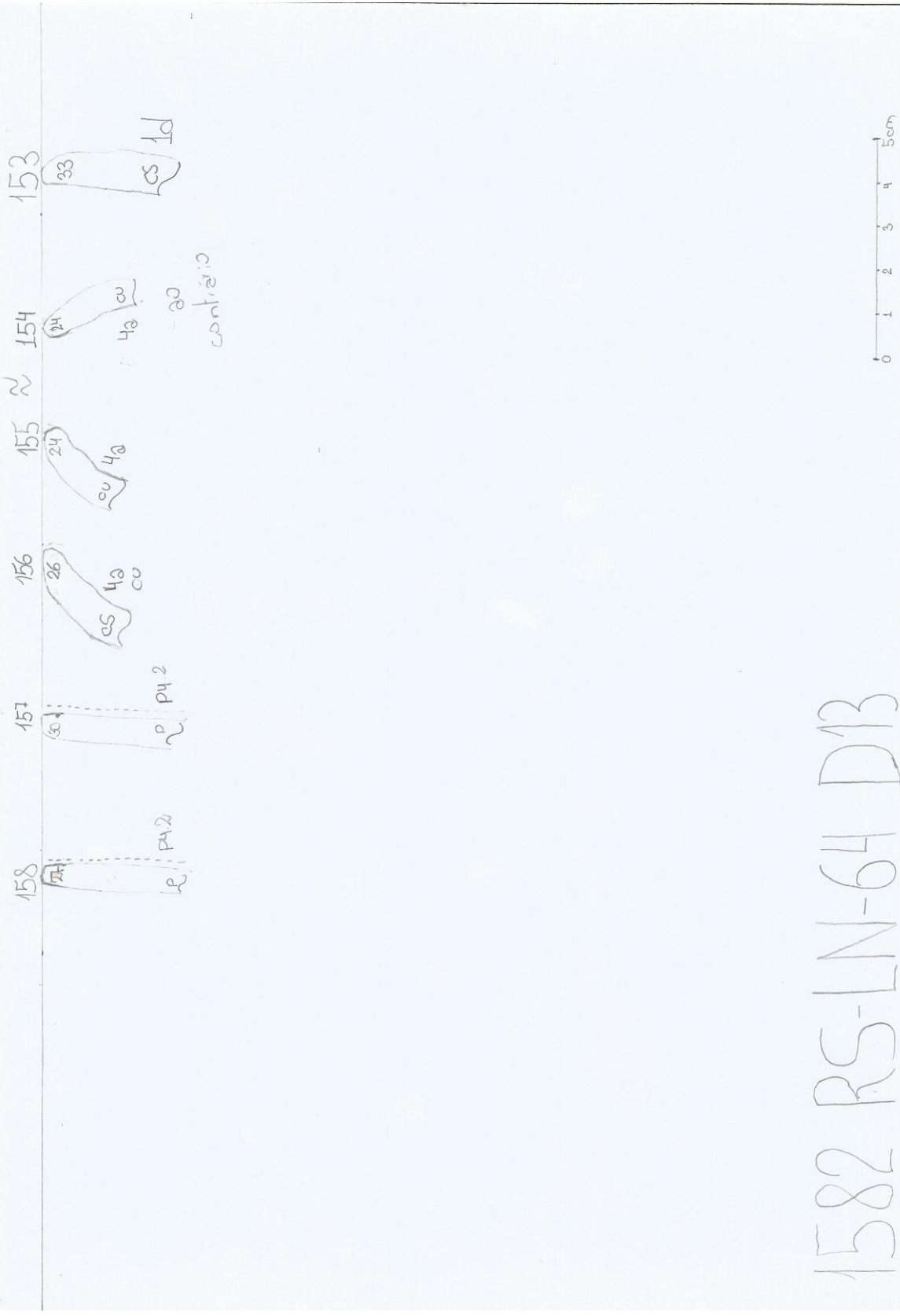


1584 RS-LN-64 D15

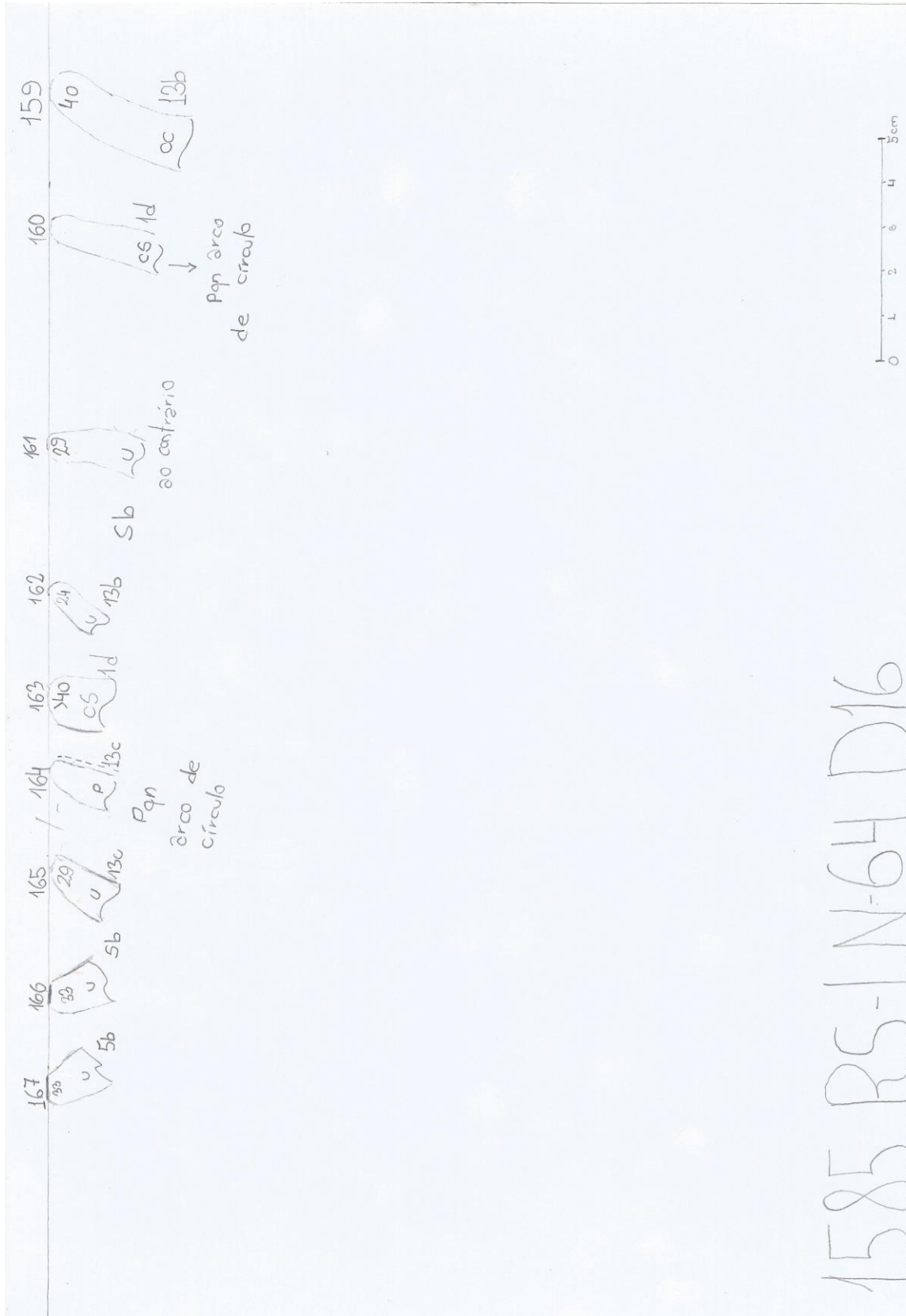


1581 RSLN-64 D12

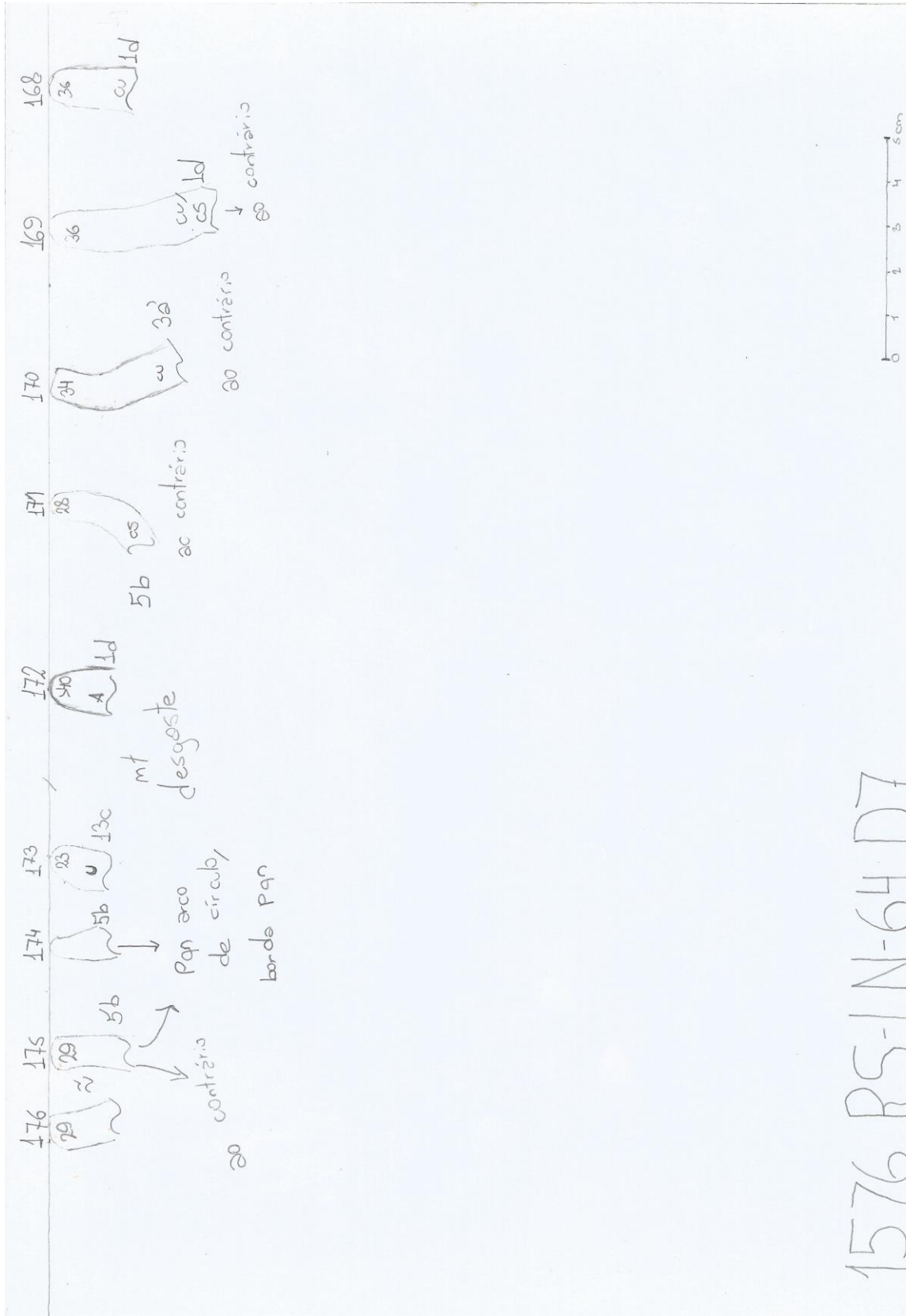




1582 RS-LN-64 D13



1585 RS-LN-64 D16



1576 RS-LN-64 D7

177



1773 RSLN-64 K3

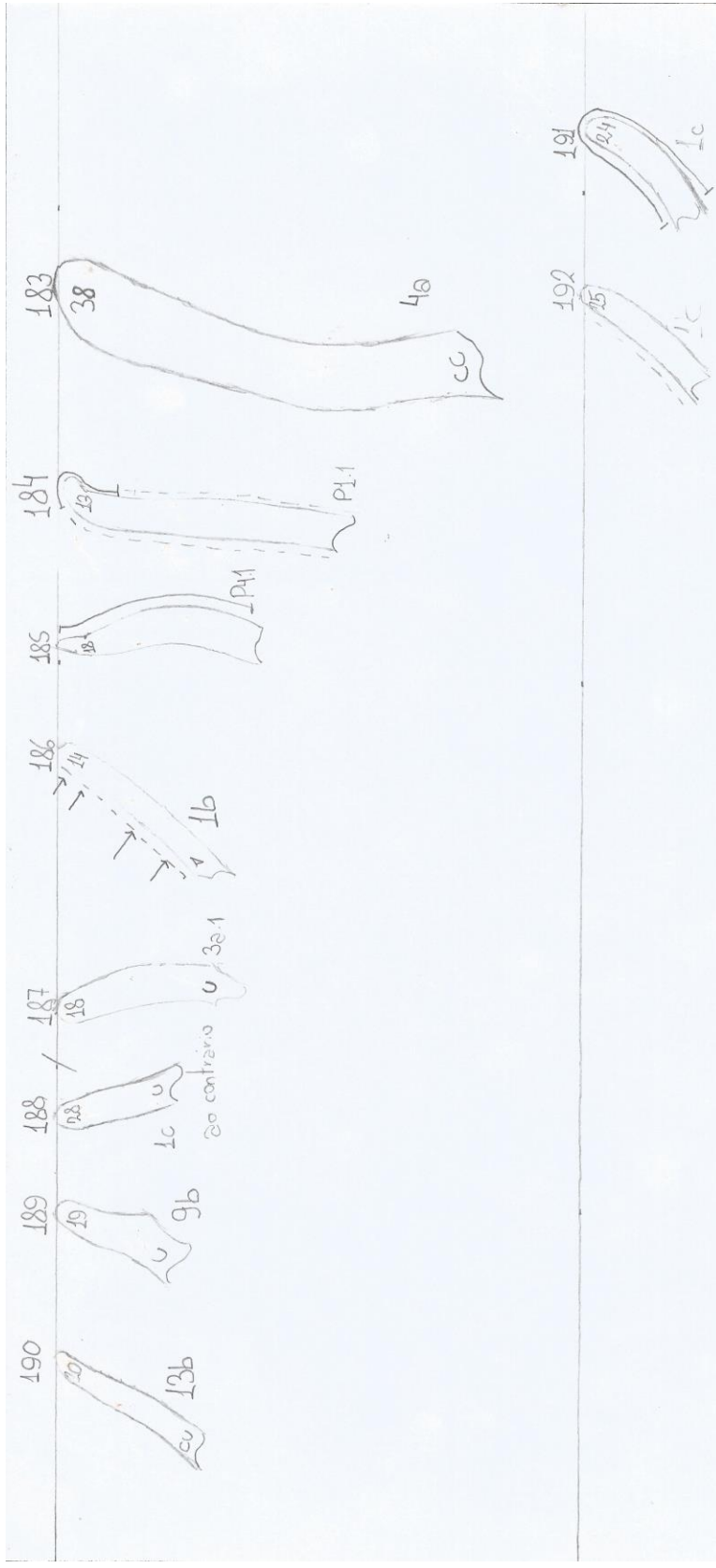
178
A 2



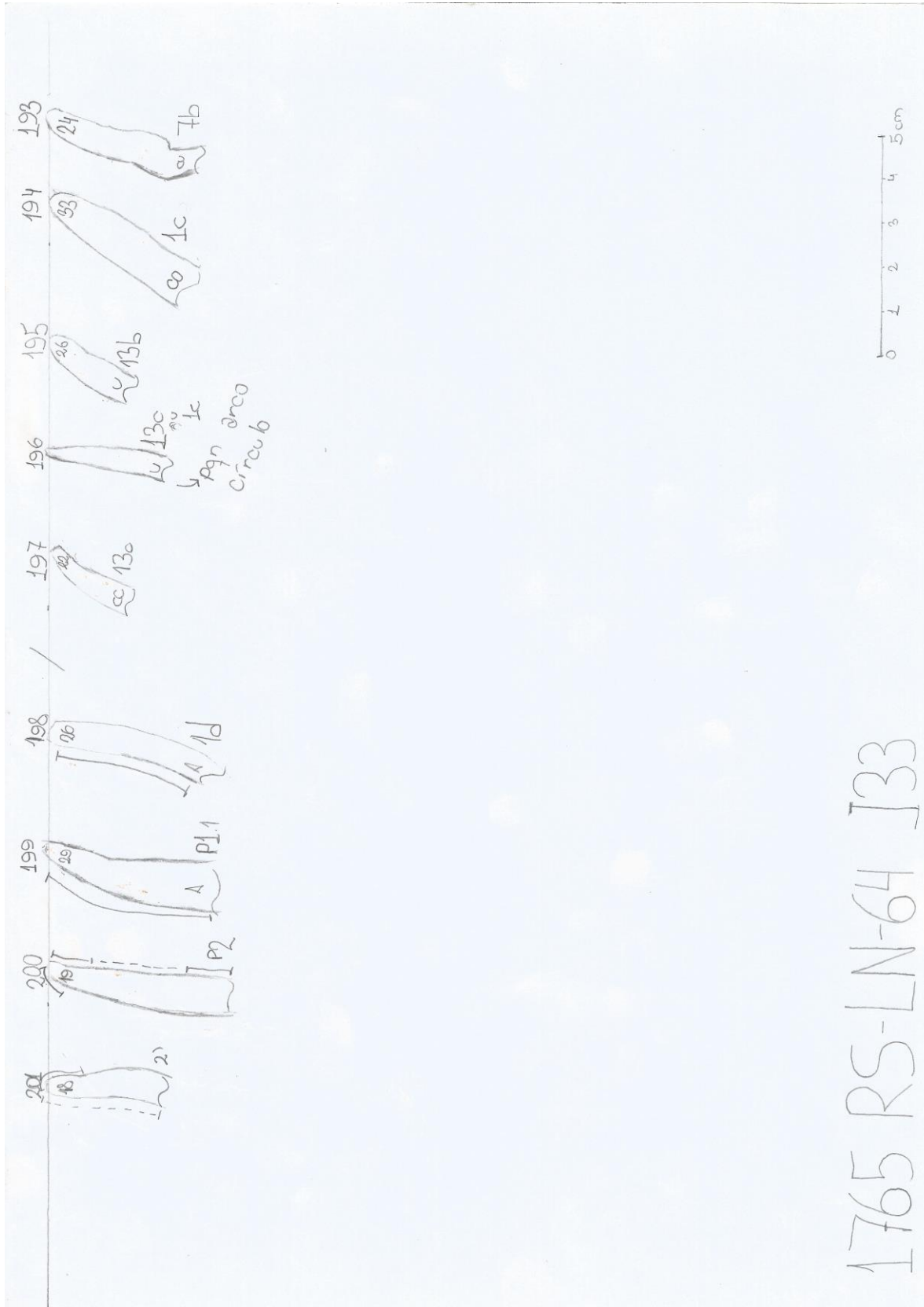
1774 RS-LN-64 K4



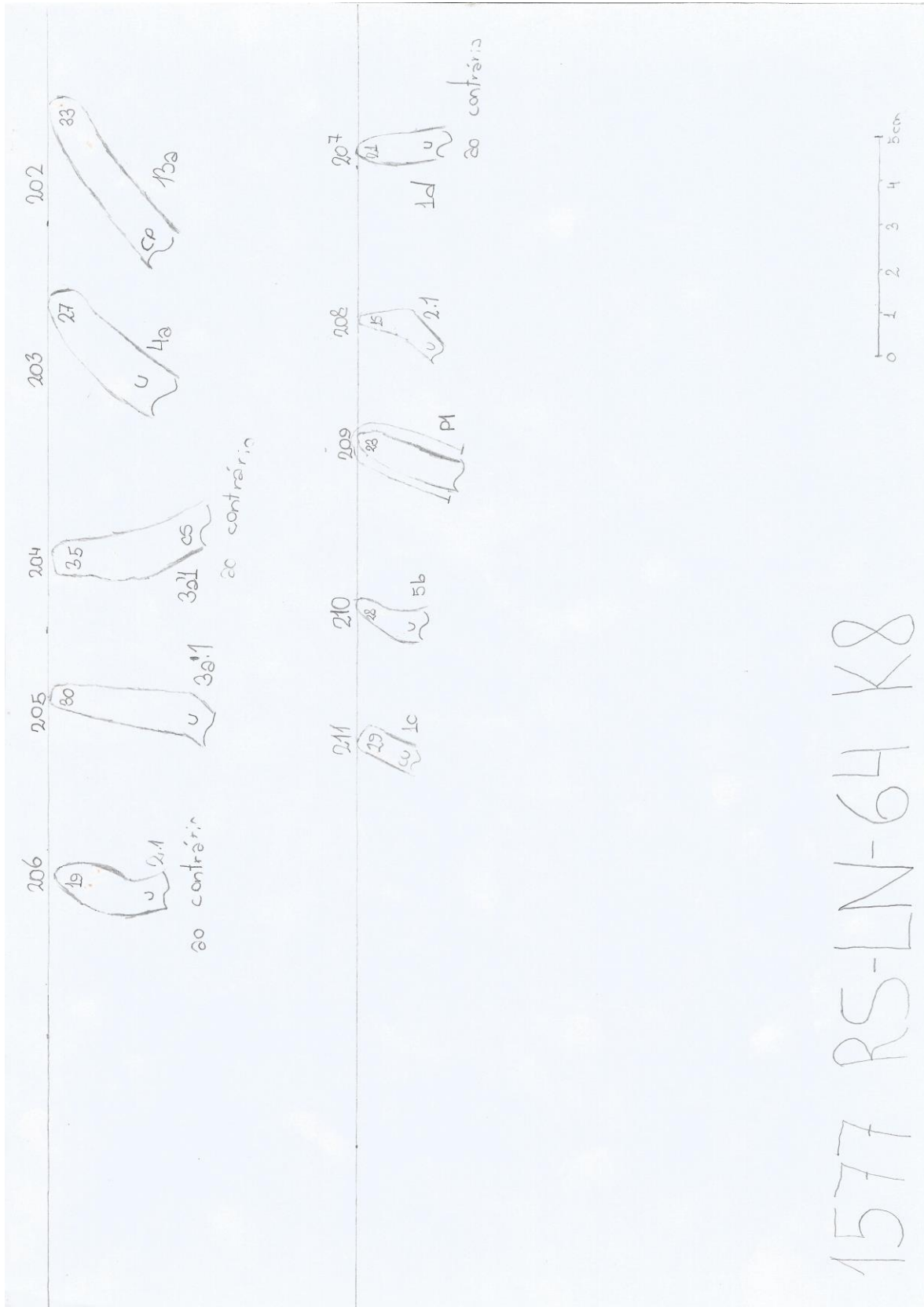
1771 RS-LN-64 J35



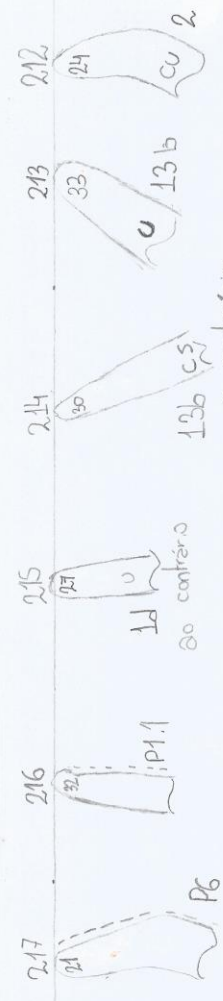
1770 RS-LN-64 J34



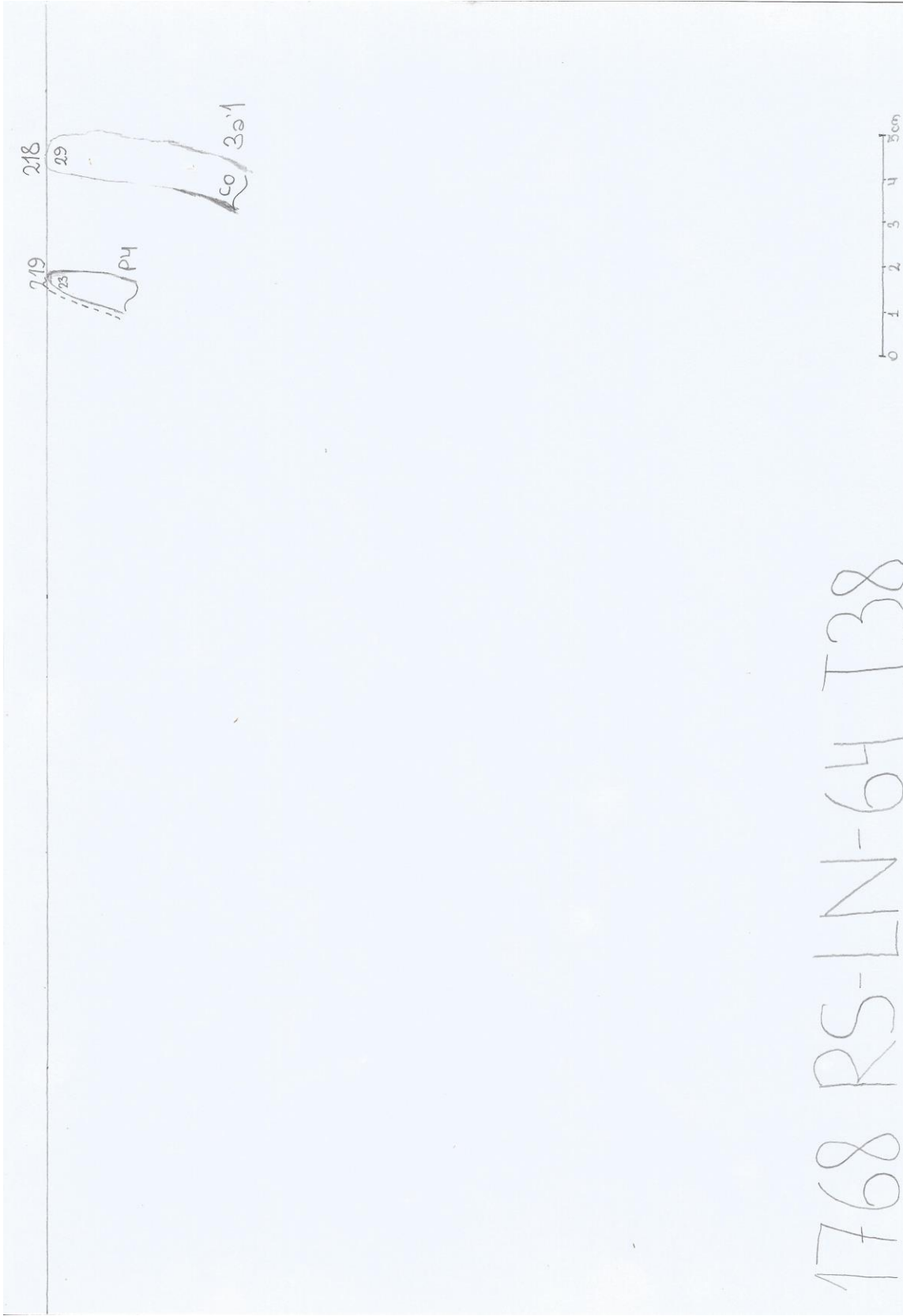
1765 RS-LN-64 J33



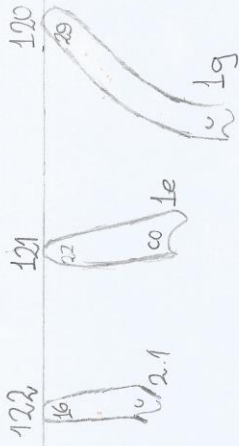
15777 RS-LN-64 K8



1775 RS-LN-64 K6



1768 RS-LN-64 J38



1776 RS-LN-64 K7

133



ao contrário



1766 RS-LN-64 I36

**ANEXO A – FICHA DE REGISTRO DO INSTITUTO ANCHIETANO DE
PESQUISAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO RS-LN-64**

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS Sítio nº 5

REGISTRO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO RIO GR. DO SUL

1 - Sítio arqueológico: Antônio Feliz - "LAGOA DOS ÍNDIOS" RS-LN-64

2 - Lugar: Extinta Lagoa dos Índios

3 - Estado: RS 4 - Município: Osório 5 - Distrito: _____

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico): Lagoa dos Índios

7 - Proprietário e endereço: Dr. Antônio Feliz

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços: Família do Dr. Antônio Feliz

9 - Arrendatário ou morador atual: Dr. Antônio Feliz

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa: Ótima

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: Num antiga margem de lagoa, hoje extinta pelo assoreamento, encontramos cacos de cerâmica Tupiguarani em uma extensão considerável, que totalizou 20 setores de coletas superficiais sistemáticas. Consideramos para este fim, somente os cacos

12 - Área (ver item 11) 13 - Espessura: superficial 14 - Altura 6m ao nível mar

15 - Vegetação: antiga: mata 16 - Água mais próxima: Lagoa extinta

17 - Tipo de solo do local: argiloso-arenoso

18 - Tipo de solo dos arredores: argiloso-arenoso

19 - Pesquisas ou escavações anteriores: não

20 - Bibliografia: -

21 - Possibilidade de destruição: destruído

22 - Tipo de cultivo atual: - 23 - Erosão: eólica e pluvial

24 - Construções, estradas, etc.: Jazida de areia p/comércio

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): Cerâmica Tupiguarani, lascas, dentes, coquinhos.

26 - Material recolhido a (Instituição): IAP

27 - Endereço: _____

28 - Fotos: sim 29 - Arquivo de: _____

30 - Desenhos ou material suplementar: croqui

31 - Método empregado na pesquisa: Coleta superficial sistemática e 1 corte-teste.

32 - Pesquisador(es): Jussara Louzada Ferrari e Maximiano Becker

33 - Registrado por: Jussara Louzada Ferrari 34 - Data: novembro de 1984

fevereiro de 1985

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

Sítio n.º 5

REGISTRO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO RIO GR. DO SUL

- 1 - Sítio arqueológico: Antônio Feliz - "LAGOA DOS ÍNDIOS" RS-IN-64
- 2 - Lugar: Extinta Lagoa dos Índios
- 3 - Estado: RS 4 - Município: Osório 5 - Distrito: _____
- 6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico): Lagoa dos Índios
- 7 - Proprietário e endereço: Dr. Antônio Feliz
- 8 - Proprietários anteriores, datas e endereços: Família do Dr. Antônio Feliz
- 9 - Arrendatário ou morador atual: Dr. Antônio Feliz
- 10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa: Ótima
- 11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: Num antiga margem de lagoa, hoje extinta pelo assoreamento, encontramos cacos de cerâmica Tupiguarani em uma extensão considerável, que totalizou 20 setores de coletas superficiais sistemáticas. Consideramos para este fim, somente os cacos
- 12 - Área: ver item 11 13 - Espessura: superficial 14 - Altura: 6m ao nível mar
- 15 - Vegetação: antiga: mata 16 - Água mais próxima: Lagoa extinta
- 17 - Tipo de solo do local: argiloso-arenoso
- 18 - Tipo de solo dos arredores: argiloso-arenoso
- 19 - Pesquisas ou escavações anteriores: não
- 20 - Bibliografia: -
- 21 - Possibilidade de destruição: destruído
- 22 - Tipo de cultivo atual: - 23 - Erosão: eólica e pluvial
- 24 - Construções, estradas, etc.: Jazida de areia p/comércio
- 25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): Cerâmica Tupiguarani, laccas, dentes, coquinhos.
- 26 - Material recolhido a (Instituição): IAP
- 27 - Endereço: _____
- 28 - Fotos: sim 29 - Arquivo de: _____
- 30 - Desenhos ou material suplementar: croqui
- 31 - Método empregado na pesquisa: Coleta superficial sistemática e 1 corte-teste.
- 32 - Pesquisador(es): Jussara Louzada Ferrari e Maximiano Becker
- 33 - Registrado por: Jussara Louzada Ferrari 34 - Data: novembro de 1984
- fevereiro de 1985